VIDA
DO
BEATO HENRIQUE SUSO,
DA ORDEM DOS PRÉGADORES,

Traduzida de Latim em Portuguez:

CONSIDERAÇÕES
DAS
LAGRIMAS DE N. SENHORA,

E outras obras em prosa, e em verso, que andavão dispersas.

COMPOSTAS
POR

Fr. Luiz de Sousa,

Religioso da dita Ordem.

A que se ajuntou a Vida do mesmo Autor, e o juizo sobre os seus Escritos.

COIMBRA:
NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1836.

VIDA

DO

Padre Fr. LUIZ DE SOUSA,

E JUIZO SOBRE OS SEUS ESCRITOS.

No Aviso, que pozémos ao principio da Vida do Veneravel Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, que saío impressa em Janeiro deste anno (1764), dissemos que logo depois determinavamos publicar a Vida do Beato Henrique Suso, e ajuntar-lhe as devotissimas Considerações das Lagrimas de Nossa Senhora, e algumas obras Latinas, que andavão soltas; tudo producção bem digna do insigne Autor da Vida do mesmo Veneravel Arcebispo: e que alli lhe ajuntariamos tambem uma breve noticia da Vida do mesmo Autor, e dos seus Escritos, e o juizo sobre elles. Agora vamos satisfazer esta promessa.

Fr. Luiz de Sousa, que no seculo se chamou Manoel de Sousa Coutinho(1), foi quinto filho de Lopo de Sousa Coutinho, Fidalgo illustrissimo do tempo do Senhor Rei D. João III, e que pelas suas virtudes, talento, e erudição mereceo lugares mui distinctos na vida militar, e conciliou universal respeito da Corte: e de D. Maria de Noronha, filha de D. Fernando de Noronha, Capitão de Azamor. Logo nos primeiros annos mostrou Manoel de Sousa grande viveza, e genio singular para os estudos, e muito em particular para as Bellas Letras, que cultivou maravilhosamente, e com tão prodigioso fructo, como o fazem ver os seus Escritos. Passou a estudar Direito á Universidade de Coimbra, como o tinhão feito todos seus irmãos, não dispensando seu pai nesta parte nem ainda o primogenito. E perguntando-se-lhe a razão de o querer assim? respondeo discretamente: *Que mal lhe tinha feito aquelle filho, para o deixar ignorante?*

Não proseguio os estudos na Universidade; antes deixando-os logo, entrou na Religião de Malta. E fazendo viagem para esta Ilha, ao saír da de Sardenha, aonde obri-

(1) Fr. Antonio da Encarnação na Vida de Fr. Luiz de Sousa, que vem ao principio do Segundo Tomo da Chronica.

gado de um grave temporal, e quasi derrotado de todo tinha ido arribado, foi cativo de um Corsario de Mouros, e juntamente seu irmaõ André de Sousa Coutinho, Cavalleiro tambem da mesma Religião. Levado a Argel, alli achou entre os cativos o illustre, e engenhosissimo Miguel de Cervantes, com quem logo contrahio estreita amizade. Em testemunho della o introduzio Cervantes em hum Episodio da sua celebre Novella dos *Trabalhos de Persiles, e Segismundo*. Ajustando-se Manoel de Sousa Coutinho com o Commandante do Corsario em que, ficando seu irmão André de Sousa retido no cativeiro, viesse elle á patria negocear o resgate de um, e outro, passou para Valença em Hespanha no anno de 1575, julgando que este lugar era commodo para dalli effeituar o a que viera. Aqui teve a triste noticia da infeliz morte de seu pai, que havia succedido em Janeiro deste anno. É successo admiravel, mas verdadeiro Indo a desmontar-se d'um cavallo (na Villa de Póvos) desembainhou-se-lhe a espada: com o movimento que fez ao caír, ficou de sorte, que forcejando ou para a desviar, ou para a ter mão; ella o ferio tão gravemente, que alli falleceo logo em 28 do dito mez. Jaz na Capella mór da Igreja Paroquial do Salvador

da Villa de Santarém, de que era Padroeira, e juntamente sua mulher D. Maria de Noronha.

Estabelecido Manoel de Sousa em Valença, procurou logo o celebre Jaime Falcão, cujos estudos erão de grande fama em toda a Hespanha, e cujo merecimento Manoel de Sousa affirma achára ainda maior do que a mesma fama. Dois annos, que alli se deteve, tratou sempre com grande amizade aquelle sabio homem; venerando-o como pai, e honrando-o como mestre. Elle lhe explicou para sua melhor instrucção a Arte Poetica d' Horacio; o que Manoel de Sousa confessa lhe servíra de estimulo para tornar ao estudo da Poesia, que havia deixado. Esta explicação se acha no fim das obras do mesmo Jaime Falcão, e nella se mostra clareza, e bom conhecimento do verdadeiro sentido do Poeta.

Negoceado em fim o seu resgate, e o de seu irmão, voltou para o Reino, e para a Côrte, sem que tivesse professado na Religião, que dissemos. Diz-se que tivera razões forçosas para assim o fazer. Então casou com D. Magdalena de Vilhena, filha de Francisco de Sousa Tavares, Senhora, que fòra mulher de D. João de Portugal, filho de D. Francisco de Portugal, primeiro Conde de Vimioso, o qual havia ficado na infeliz batalha de Al-

nacer. Assistia na Villa de Almada, vivendo como bom Cidadão, e cultivando os estudos das Bellas Letras com seus amigos, que tinhão o mesmo gosto, instituindo, para o fazer melhor, uma Sociedade Literaria: e era Coronel de 700 Infantes, e quasi 100 Cavallos naquelle districto.

Por causa do mal da peste, com que Deos ferio Lisboa no anno de 1577, passárão os Governadores, que então erão do Reino, a residir em Almada, por ser terreno mais desafogado, e limpo de toda a corrupção. Erão elles (1) D. Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa: D. João da Silva, quarto Conde de Portalegre, Mordomo Mór: D. Francisco Mascaranhas Conde de Santa Cruz: D. Duarte de Castello-Branco, primeiro Conde do Sabugal, Meirinho Mór do Reino: Miguel de Moura, Escrivão da Puridade. Repartirão entre si as casas da Villa, que lhe parecêrão mais commodas para cada um: e não obstante terem outras, que lhes podião servir igualmente bem, ordenárão a Manoel de Sousa Coutinho despejasse as suas. Assentou elle que a ordem era injusta; antes nascida de antigo odio, que agora querião satisfazer, abusando da autoridade pública, para

(1) Histor. Geneal. tom. 6, pag. 338.

vingança particular. Foi extraordinaria a paixão, que Manoel de Sousa concebeo vendo um tal procedimento; e deixando-se levar della, rompeo na arrojada determinação de lançar fogo ás casas: elle mesmo o diz assim (1): *Cum vehementer animo commotus essem, nova, et inaudita metamorphosi indignantes parietis injuriae subduxi; in fumum, et cineres abiere.* Partio logo para Madrid a informar o Principe do procedimento, de que se usára para com elle, e do modo porque elle mesmo, perdendo a paciencia, se havia desaggravado. Conhecendo-se a semrazão de quem o havia provocado, foi attendido.

No tempo, em que se deteve em Madrid, como verdadeiro amigo, cuidou em ajuntar as obras de Jaime Falcão, que seis annos antes havia fallecido nesta Côrte, aonde viera chamado de Valença; e as que pôde alcançar, as fez imprimir no anno de 1600 em um volume em oitavo. Dando occasião o seu inesperado desterro, como elle lhe chama, a não ficar em perpetuo esquecimento a memoria de um homem tão estimavel; pois não se póde duvidar que Jaime Falcão tinha grande engenho, e feliz imaginação; e se tivesse a fortuna de estudos mais bem dirigidos, seria hum escritor completo.

---

(1) Praefat. Oper. Jacob. Falc. de quib. infra.

Restituido á Patria, continuou Manoel de Sousa a mesma vida retirada, e estudiosa, que tinha antes. Persuadido então por seu irmão João Rodrigues Coutinho, que vivia em Panamá, na America Meridional, a que se passasse áquelle paiz, com a esperança de conseguir copiosos lucros pelo commercio, fazendo-o assim teve a noticia, de que lhe tinha fallecido huma filha unica, que havia sido fructo do seu matrimonio. Devia este golpe ser-lhe muito sensivel, muito mais, vendo elle a serie continuada de desgostos, e infelicidades, que a vida inquieta, e tumultuosa do seculo, a que se havia entregue, lhe tinha causado sempre. Meditava nisto largamente, e cada vez se desenganava mais de que não era aquelle o estado, em que Deos o queria. O successo seguinte creio foi quem acabou de o desenganar. Tinha Manoel de Sousa estreita, e fiel amizade com o Conde de Vimioso D. Luiz de Portugal. Alumiado este por uma luz, que os effeitos fizerão ver que era do Ceo, abraçou juntamente com sua mulher a vida religiosa. O Conde no reformado Convento de Bemfica, a Condessa D. Joanna de Mendonça no do Sacramento da Côrte. Fez este exemplo grande impressão no animo de Manoel de Sousa. Assentou que Deos lhe mandava que seguisse o amigo. Por

mutuo consentimento seu, e de sua esposa se recolheo elle tambem ao Convento de Bemfica, e ella ao do Sacramento, tomando elle o nome de Luiz, e ella o de Soror Magdalena das Chagas. Em quanto viverão não se virão mais, nem ainda se tratárão por escrito.

Professou Fr. Luiz em 8 de Setembro de 1614, nas mãos do Prior, que então era Fr. João de Portugal, Bispo, que depois foi de Viseu. Logo mostrou que a sua vocação era verdadeira, perdendo inteiramente todo o espirito do seculo, de que até alli vivêra occupado. Aquelle brio sem limites, aquelle animo altivo, e ardente, que o tinha obrigado a tantos excessos, se tornou em uma profunda, solida e constante abnegação propria. Vivia entre os Noviços como o menor de todos elles; e depois de professo sempre se tratou entre os Religiosos conforme o mesmo methodo. Tinha no seculo uma grossa tença, logo a renunciou, nem quiz jámais ter dinheiro algum, nem ainda no deposito da Religião. O habito que ella lhe dava, delle se servia, em quanto o podia remendar. As tunicas erão de lãa; nem admittio nunca outro vestido. De lãa era tambem a cama; duas mantas sobre duas taboas; uma banca pequena de pinho; e para se assentar um tanho.

Não se contentava com jejuar os sete mezes, e outros jejuns da Ordem no discurso do anno: ainda se adiantava mais; e além disto, do que se lhe dava no refeitorio sempre deixava metade para os pobres. Nas penitencias, disciplinas, cilicio seguia sempre a mesma maxima, accrescentar de mais ao que devia de obrigação.

Em quanto não teve a seu cargo escrever por ordem da Religião, tomou sobre si o officio de enfermeiro. Nelle mostrou tal desprezo proprio, tal abatimento, tão rara humildade que a todos confundia, e edificava. Não sómente cuidava, com a maior diligencia, dos medicamentos, fazer as camas, alimpar as cellas aos doentes; mas elle mesmo por suas mãos fazia os ministerios mais despreziveis, e mais servís. E de que consolação, e allivio não era com a sua pratica aos enfermos? toda era ou daquelle Senhor, que he saude, e vida, ou para honra delle: ociosa, nem uma só palavra se lhe ouvia.

Em seguir o Coro, e acodir á Oração era indefectivel. Não se satisfazia só com a da Communidade; sempre depois ficava continuando nella largo espaço; antes podemos dizer, que nunca deixava a Oração. Continuamente andava o seu espirito, e a sua bôca cheia de

Deos. De quanto via, e de quanto ouvia, fazia subir logo o entendimento, e o coração ao seu Creador. De Deos era tudo, arvores de Deos, bosques de Deos, aves de Deos, habito de Deos, casa de Deos.

Ao Rozario da Senhora tinha singular devoção. Todos os dias o rezava visitando o seu altar: e que affectos se não descobrirão nelle, vendo-o de joelhos, fallando com a Senhora todo humilde, todo cheio de respeito, e de piedade! Mas sobre tudo o que mais nelle edificava, era a cordeal devoção do Santissimo Sacramento do Altar: aqui he onde todo o seu coração se derramava em vivos actos de agradecimento, de Fé, e de amor: aqui se elevava, e submergia todo na profunda meditação deste mysterio sacrosanto, e ineffavel: e daqui lhe veio que nunca deixou de celebrar o sacrificio da Missa em toda a sua vida, por mais occupado que se visse: este era toda a sua dilicia, e toda a sua consolação.

Foi admiravel a obediencia do Padre Fr. Luiz de Sousa. Não só obedecia em tudo, mas sem allegações, nem replicas, ainda em casos, em que parece que o podia fazer com justiça. Até o seu mesmo juizo mostrou que queria ter sugeito agora em desaggravo do tempo, em que o tinha deixado guiar pelas maximas

enganosas do seculo. Esta foi a causa, porque acceitou o cargo de escrever, ainda obras, que não erão da Ordem. E bem se vê que a obediencia, e só a obediencia foi quem o obrigou a que escrevesse. Mandava-o um Rei; e a ese sempre se deve fazer a vontade. Nem menos se póde dizer que o escrever fpi no Padre Fr. Luiz ambição de honra. Tanto era livre della, que nem os estudos quiz seguir na Ordem, por se não obrigar a ser Prégador. E que excellente o seria elle, tendo dotes tão singulares para a Eloquencia sagrada, como se vê nos seus escritos! Deste modo evitou tambem occupar cargos, e ter alguma parte no governo: e conseguio o que desejava; pois sempre foi subdito. Mas consideremos a occupação, que tomou de escrever pelo lado, por onde parece que he justo; e melhor faremos juizo se foi ambição, ou se foi virtude.

Foi obrigado a revolver Cartorios, e papeis antigos, averiguar letras tão cegas, e apagadas, que farião perder a vista ainda em annos mais vigorosos, separar o verdadeiro do falso, ajustar tempos, combinar circumstancias, pesar attentamente os factos, escolhel-os, e lançal-os depois no papel com acerto; e isto sem faltar n'um só ponto ás obrigações de Religioso, ao Coro, á Oração,

ás penitencias, bem se póde dizer, que mais era de Santo, do que de homem.

Chegou em fim o prazo dos seus trabalhos: nem forão necessarias cautelas para lhe advertir que elle era chegado, e que a doença, que delle era correio, era de morte. Conheceo-o elle muito bem, como quem sempre se havia preparado para aquella hora; e a cada instante a esperava. Recebeo com grande piedade os Sacramentos, pedindo humildemente á Communidade perdão do seu máo exemplo; e consolando-se muito de acabar entre irmãos tão santos, fiado em que pelas suas orações entraria o Senhor em juizo com elle benignamente, não se lembrando do que elle fôra algum dia, e agora muito do coração sentia ter sido. Faleceo no mez de Maio de 1632. Jaz no antecoro do Convento de Bemfica, junto aos degráos, que sobem para o Coro.

Ainda no seculo escreveo várias obras, que temos impressas, e vão no fim deste volume quasi pela mesma ordem, por que sairão. Uma só não pudémos alcançar, intitulada *Navigatio Antartica ad Doctorem Franciscum Guidum, civem Panamensem*, de que faz menção na sua Bibliotheca o erudito Abbade Diogo Barbosa Machado, que informando-nos com elle do lugar, em que

a poderiamos descobrir, nos protestou ingenuamente se não lembrava, pois aquella memoria, de que se servíra na Bibliotheca, lhe não podia occorrer donde a havia conseguido. Além destas obras achámos mais um Soneto no principio do Livro intitulado *Casamento perfeito*, escrito por Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do insigne Theologo deste mesmo nome.

Na Religião escreveo primeiro a *Vida do Veneravel Arcebispo D. Fr. Bartholoméu dos Martyres*, que offereceo á Camera de Viana, que generosamente a fez imprimir na mesma Villa, em um volume em folio no anno de 1619, e nós publicámos agora segunda vez, como já dissemos acima. Esta obra saío traduzida em Francez no anno de 1664.

Escreveo mais a *Primeira parte da Historia de S. Domingos, particular do Reino, e Conquistas de Portugal*, que se imprimio em 1623, tendo sido composta das memorias, que deixára ainda informes o Padre Fr. Luiz de Cacegas. *A Segunda Parte da mesma Historia*, que se imprimio em 1662, já depois da morte do Autor, pelo Padre Fr. Antonio da Incarnação, que lhe ajuntou um Prologo, e Noticia da vida do Autor, donde tirámos muito do que temos dito, por

ser Autor coévo, e fidedigno. Só nos não pudémos determinar a seguil-o no que toca ao motivo, que refere tivera Manoel de Sousa para deixar o seculo. Não achamos na informação do peregrino, que se diz vir de Jerusalem, e mais circumstancias, motivo que baste para nos fazer este successo crivel. Esta foi a razão, porque assentámos em outra causa. *Terceira Parte da mesma Historia de S. Domingos*, impressa em Lisboa em 1678.

Tinhão-se impresso já duas obras do Padre Fr. Luiz de Sousa, uma no anno de 1645, e é a das *Considerações das Lagrimas, que a Virgem nossa Senhora derramou na Sagrada Paixão* repartidas em dez passos: para a devoção dos dez sabbados: outra em 1642, e é a *Vida do Beato Henrique Suso, Dominico, traduzida de Allemão em Latim por Fr. Lourenço Surio*, e de *Latim em Portuguez por Manoel de Sousa Coutinho*. Estas duas obras é esta a terceira vez, que se imprimem.

Deixou tambem escrita a *Vida do Senhor Rei D. João III*, a qual tendo adiantado quasi até o fim, lhe foi mandada pedir por Filippe IV, Rei de Hespanha, em uma carta escrita pelo Secretario Francisco de Lucena em 9 de Janeiro de 1632, e lhe não tornou a ser restituida. O Desembarga-

dor Ignacio Barbosa Machado, cujas letras são bem conhecidas neste Reino, que lhe deve o tel-o illustrado com os seus escritos, nos segurou que seu Irmão o Padre D. José Barbosa, sujeito de conhecida literatura, e talento, tinha visto esta obra do Padre Fr. Luiz de Sousa na livraria do ultimo Marquez de Gouvêa com este titulo: *Chronica do Frade;* mas infelizmente não pudéra ter meio de a fazer copiar.

Resta-nos agora satisfazer ao segundo ponto, a que nos obrigámos, e é, fazer juizo sobre o merecimento dos escritos do Padre Fr. Luiz de Sousa. Como não é tanta a nossa confiança, que descancemos sómente sobre o nosso conceito; encostaremos o que dissermos á grave autoridade de muitas pessoas de perfeito gosto, juizo solido, e ajustada critica, com quem temos muitas vezes conferido sobre a presente materia.

É sem duvida, que teve o Padre Fr. Luiz de Sousa as mais excellentes qualidades para escrever perfeitamente. Até para isso lhe servio o seu nascimento, pela acertada educação, que recebeo de seu pai. Os seus talentos naturaes erão um engenho vivo, e fertil, uma imaginação copiosa, e feliz, um juizo solido, e claro, um animo brioso, e amante da verdade. Estes talentos

aperfeiçoados com o trato continuado dos homens mais sabios, e polidos do seu tempo, o commercio das pessoas mais civís, e conhecimento do mundo, não podião deixar de produzir nelle um sugeito eminente. Assim succedeo: e o vemos nos seus escritos. E principiando pela Vida do Arcebispo Santo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres: que evidente prova do que temos dito não é esta escritura?

Creio que não necessito de fazer agora aqui um tratado methodico de como se deve escrever Historia, para ser perfeita, e completa: isto pareceria obra indiscreta, e intempestiva. Mas não posso escusar-me de apontar uns principios geraes, e certos, para desta sorte proceder sem engano. É certo que é necessario em quem escreve Historia *Juizo*, *Eloquencia*, *Probidade*: *Juizo* para averiguar, escolher, e dispôr os factos: *Eloquencia* para os explicar, e fazer sentir com toda a sua força, peso, formosura: *Probidade* para não faltar á verdade, e exprimir tudo de tal modo, que instrua, e aproveite aos costumes, sem declamar. Tudo isto parece que se acha nesta Vida do Santo Arcebispo. Não se escreve nella facto, que não seja digno da posteridade, ou para lhe fazer ver, como Deos previne, e dá anti-

cipadamente a conhecer os que tem destinado para obrar cousas grandes: desta natureza é o caso succedido ao Arcebispo, sendo ainda menino, com o pobre, que veio pedir esmola a sua mãi, que se achava no sitio da Torregem: e aquella inclinação aos Religiosos da Ordem de S. Domingos, a que depois honrou tanto. Isto a uma critica mais severa, e mais forte pareceria alheio da seriedade da Historia; mas quem olha pelo lado mais confórme á piedade, e filosofia Christãa, até aqui reconhece sábia mão de Mestre. Como tambem quando descrevendo a pobreza da sua mesa Archiepiscopal, o pouco commodo nas suas visitas, o parco tratamento da sua casa, a familiaridade, com que se entretinha, ainda com os mais humildes dos seus subditos, a escacez, com que se vestia: porque tudo isto ensina suavemente que é proprio de um Prelado perfeito viver pobremente, familiarizar-se com os pequeninos, seguindo o seu exemplar JESU Christo; e em fim confirma os homens no conceito de que a Providencia nunca deixa de assistir aos seus, entre os maiores perigos, como em o da serra de Barroso, e da casa, em que o Arcebispo se não quiz recolher, e logo depois se arruinou,

E que direi eu dos outros factos de maior vulto, e a que esses severos criticos só querem admittir? Como os escolhe sabiamente o Padre Fr. Luiz de Sousa, e como os dispõe? Quando representa o Arcebispo votando no Sagrado Concilio de Trento: nos Consistorios de Pio IV, advogando pela dignidade Episcopal; nas Côrtes de Filippe II, conservando toda a honra da sua Primazia, bem se vê em todas estas occasiões o Arcebispo, grande, generoso, nobre; mas Santo. E tanto nestes, como nos casos precedentes parece que bem mostra o Historiador o seu juizo.

Alguns successos ha, nos quaes parece que da parte do Arcebispo houve algum excesso no proceder: tal é, acaso, o modo, porque se houve na alçada de D. Pedro da Cunha, escrevendo a ElRei; o do Ouvidor de Chaves; o da revolução do povo de Braga na morte do Cardeal Rei. Estes successos era bem delicado referil-os sem offender ou a memoria do Santo Arcebispo, ou a autoridade do Principe. Mas o Padre Fr. Luiz de Sousa, a meu ver, procedeo com rara discrição, e acerto. Refere o que na verdade se passou; mas ou deixa a cada um, que lê, fazer juizo sobre o successo, ou se deixa entender sómente mostrando que o

zêlo forte, ainda que nascido de boa intenção, foi quem moveo o grande Prelado, e que taes acções são daquellas, que se devem admirar, sem que sirvão de exemplo para a imitação. E quem assim procede na escolha dos factos, no modo de os conceber, e de os exprimir, creio que dá boa prova do seu juizo. Deixo á parte fallar no bem arrimado, e bem assentado de cada um, que é com tal arte, que, observada bem attentamente toda a historia, se conhece que nenhuma das partes desmente do seu todo em cousa alguma. É certo que não póde acharse ordem mais bem regulada. Chega-se ao fim, e se d'alli, como de um lugar alto, se lanção os olhos por todos os agradaveis sitios, por onde se tem passado, tornados agora a ver enchem de nova alegria, e deixão conhecer toda a sua proporção, e formosura.

Passemos á *Eloquencia*. Se é eloquente aquelle, que não só concebe as cousas clara, e solidamente, mas com certo modo grave, e polido; e depois as exprime com uma dignidade sãa, nobre, viva, e natural; certamente foi eloquente o Padre Fr. Luiz de Sousa. Mas isto ainda se prova melhor pelos effeitos, que o coração experimenta no que ouve, ou lè. Ninguem (se lê attentamente o

Padre Fr. Luiz de Sousa) deixa de sentir que aquella é a linguagem, que o coração falla, e que o seu proprio coração desejára ter fallado assim, ou que lhe não fallassem de outro modo. Isto experimento eu em mim: isto mesmo confessão as pessoas de mais puro gosto, que experimentão tambem: e daqui infiro que me não engano. Devo confessar, que isto mesmo me succede na lição do nosso Barros, e do Padre João de Lucena. Oxalá que depois de bem estudadas as verdadeiras regras da Rhetorica, e da Critica, se averiguasse, e pezasse bem quanto valem estes grandes homens! Nelle se veria que, ou descrevão lugares, ou refirão batalhas, ou representem caracteres, ou ponhão alguem fallando, nunca degenerão dos Antigos Mestres. Agora podia produzir largamente bons testemunhos para prova do que digo; mas receio ser extenso. A cada passo se encontrão tanto na Vida do Arcebispo, como na Chronica de S. Domingos. E não posso concluir melhor o que respeita a esta parte, do que trasladando aqui, para prova do que tenho dito, o juizo de um homem sabio, e bem eloquente (1): *Que*

---

(1) O Padre Antonio Vieira na Approvação do *Terceiro Tomo da Chronica.*

aqui se vêm juntamente praticadas todas as leis da Historia . . . . . que o estilo é claro com brevidade, discreto sem affectação, copioso sem redundancia, e tão corrente, facil, e notavel, que enriquecendo a memoria, e affeiçoando a vontade, não cansa o entendimento. . . .

Que, ainda que faltão aquelles casos, e nomes estrondosos, que por si mesmos levantão a penna, e dão grandeza, e pompa á narração . . . . é admiravel o juizo, discrição, e eloquencia do Autor; porque fallando em materias domesticas, e familiares . . . . . todas refere com termos tão iguaes, e decentes, que nem nas mais avultadas se remonta, nem nas miudas se abate: dizendo o commum com singularidade, o similhante sem repetição, o sabido, e vulgar com novidade, e mostrando as cousas, como faz a luz, cada uma como é, e todas com lustre.

A linguagem tanto nas palavras, como na frase, é puramente da lingua, em que professou escrever, sem mistura, ou corrupção de vocabulos estrangeiros, os quaes só mendigão de outras linguas os que são pobres de cabedaes da nossa tão rica, e bem dotada, como filha primogenita da Latina. Sendo tanto mais de louvar esta pureza no Padre Fr. Luiz, quanto a sua lição em diversos

idiomas, e as suas largas peregrinações em ambos os mundos o não poderão apartar das fontes naturaes da lingua materna; como acontece aos rios, que vem de longe, que sempre tomão a côr, e sabôr das terras, por onde passão.

A propriedade, com que falla em todas as materias, é como de quem as aprendeo na eschola dos olhos. Nas do mar, e navegação falla como quem o passou muitas vezes: nas da guerra como quem exercitou as armas: nas das Côrtes, e Paço como Cortezão, e desenganado: e nas da perfeição, e virtudes religiosas, como Religioso perfeito. Até aqui aquelle sabio, e eloquente homem. E com isto julgamos ter abonado bastantemente a eloquencia do Padre Fr. Luiz de Sousa.

Quanto á *Probidade* parecia escusado mostrarmol-a em o Padre Fr. Luiz de Sousa, depois de ter dito que elle foi eloquente (1), e que praticou a vida que deixamos escrita. Mas o certo é que quando lemos os seus escritos, logo alli vemos um Historiador prudente, bom, verdadeiro, Christão, o que é mais que tudo, e que nunca perde de vista a Religião Sacrosanta, que professa. Alli estamos vendo um Christão cheio do

(1) Vid. Quinctil. lib. 12. Instit. Orat. cap. 1.

espirito, que o Evangelho imprime a quem o medita; aquelle espirito manso, humilde, caritativo, mas ao mesmo passo nobre, generoso, grande; o qual está contando á posteridade, para seu bem, o que elle presenceou. E daqui nasce no coração um gosto singular, que ao mesmo tempo, que o recrea, o excita para se aperfeiçoar. É esta uma falta, que se acha em alguns modernos, aliás sabios, e judiciosos, e lhe não posso desculpar. Escrevem nobremente, mas respirão uma filosofia humana, um ar profano, de sorte que, lendo-os, mais me parece que tenho nas mãos um Gentio creado nas trevas da Infidelidade, do que um homem, que teve a felicidade incomparavel de professar a Religião verdadeira.

Temos satisfeito ao que pertence á Historia, que o Padre Fr. Luiz de Sousa escreveo como sua propria. A *Vida do Beato Henrique Suso* é um perfeito exemplar da traducção, quanto á substancia, e verdade da materia; mas no estilo, e fraze excede grandemente o original.

As *Meditações das Dores da Senhora* são obra perfeitissima. Não se póde escrever nada mais cheio de ternura, e de piedade para com a Mãi de Deos. O coração, que ama fielmente, descobre alli os affectos mais

puros, e mais vivos; até a linguagem é simples, e devotissima; parece do Ceo.

Quanto ás composições Latinas. Bem se vê que o Padre Fr. Luiz de Sousa soube a lingua Latina com perfeição bastante. Aquelles Criticos, que unicamente podem julgar de uma palavra só per si (como já a respeito de algum disse o engenhoso Pope), acharáõ que lhe notar; mas os que tem bom gosto conheceráõ, que o ha nas composições Latinas do Padre Fr. Luiz, ainda quanto ao que é rigorosamente latinidade. Uma, ou outra palavra de idade menos nobre é defeito, com que o bom Critico se não offende (1). Em fim os versos Portuguezes, e Hespanhoes parece-nos que sem escrupulo podemos dizer nos não satisfazem quanto desejariamos.

E aqui nos occorre naturalmente que quem tiver lido, o que deixamos escrito, póde dizer que talvez temos parecido um pouco encarecidos a respeito do merecimento do Padre Fr. Luiz de Sousa, e que apenas agora lhe queremos confessar algumas venialidades nos seus escritos, havendo aliás nelles defeitos notaveis. Que mostra

---

(1) Non ego paucis offendar maculis, quas aut incuria fudit, aut humana parum cavit natura. Horat. Poet.

paixão peló Arcebispo; que na Chronica a não mostra menos pela sua Ordem; que ás vezes se detém em fazer descripções com desejo de parecer elegante, e mais como Poeta, do que como Historiador; que mistura autoridades Latinas de permeio, que são alheias do bom estilo. Que no corpo da obra ajunta documentos, que provão os factos; o que só era proprio de uma Dissertação, ou de umas Memorias; pois taes documentos, como diz um Historiador bem celebre (1) são como os andames nos edificios, e os esteios, e formas nas abobedas, que se tirão feita a obra, ficando bem claro, que sobre ellas é que se fundou. Além disto que parece mais crédulo, do que a judiciosa Critica o permitte; nem se regulou sempre pelo preceito do Apostolo: *Omnia probate*: que referio visões, e apparições provadas talvez com o dito de pessoas, cuja imaginação viva lhe faz acreditar o que apenas se lhe representou; que deu por milagres, ou obras sobre-naturaes cousas, que bem cabião dentro nas forças ordinarias da natureza: que se distráe para escrever cousas, em que só parece quiz ostentar que sabia fallar nellas:

---

(1) Fleur. Discurs. primeiro sobre a Historia Ecclesiastica.

que o seu estilo ás vezes é diffuso, e redundante, e tem demaziada simplicidade, e talvez falta de elegancia: e com estes defeitos como se póde ajustar o que dissemos do seu *juizo*, da sua *eloquencia*, e da sua *probidade*?

Confesso que estes defeitos são graves, e que por si só deslustrarião grandemente um Escritor; mas eu hei de mostrar que muitos delles não os ha no Padre Fr. Luiz de Sousa; e esses, que ha, não diminuem a excellencia dos dotes, que eu apontei, e fiz ver nelle, e que sempre fica salva a sua autoridade, e merecimento.

Quanto ao dizer-se que parece ter paixão pelo Santo Arcebispo: tel-a-hia o Padre Fr. Luiz de Sousa, se ou lhe occultasse os defeitos, ou lhe amplificasse as virtudes. Quem lhe confessa genio ardente, e forte, e severo, quem mostra que elle se enganou algumas vezes, não merece nome de apaixonado. Em abono da sua Ordem é necessario que refira o que acha provado; e tambem é justo que assim o faça; e se alguma vez parece que lhe não devia ter sido bastante a prova, está culpa *ab honestissima sane causa profecta*, como disse um sabio Critico a respeito de Tito Livio. A origem da Inquisição, que attribue á sua Ordem; S. Gonçalo d'Amarante, que conta entre os Santos della; Fr.

Soeiro Mendes, que dá por Portuguez, são cousas, que prova com documentos.

Assim é que se detém em descrever lugares como Poeta, por exemplo, o Convento de Bemfica; mas além de que nesta parte é boa satisfação o exemplar que imitou, e o affecto, que lhe merecia uma Casa, onde tinha recebido do Ceo graças especiaes; é certo que isto não é improprio na Historia, a qual *est . . . . proxima poetis, et quodammodo carmen solutum*, como diz um grande Mestre (1). As autoridades Latinas são muito raras, e muito breves, e nesta parte condescendeo com o seu seculo: e assim ao menos, não desmerece perdão. Os documentos, que metteo na Chronica, podia escusal-os, assim he; mas ou julgou que a natureza desta escritura lh'o permittia, ou que alli se conservarião mais seguros para todo o tempo.

Quanto a dizer-se, que parece ser um tanto credulo, e menos critico em alguns factos: o Padre Fr. Luiz de Sousa era homem de piedade, e prudencia singular: creio que vendo os seus documentos, ao tempo de escrever dizia comsigo com melhor razão, do que Livio (2): *Mihi vetustas res scribenti*,

(1) Quint. l. 10. Cap. 1.
(2) Liv. 43 Cap. 13.

nescio quo pacto, antiquus fit animus; et quaedam Religio est, quae prudentissimi viri... suscipienda censuerunt, ea pro indignis habere, quae in meos annales referam. Listo mesmo podiamos responder ácerca das visões, e dos milagres; a sua piedade certamente foi causa de se inclinar mais a referil-os.

Se parece que se desvia do seu caminho para descrever ou o sitio de Mazagão, ou as festas da Trasladação do corpo do Santo Arcebispo: no primeiro caso o amor da patria o justifica: no segundo o agradecimento ás finezas, que a Villa de Viana tinha obrado em obsequio do mesmo Santo Arcebispo, e da sua Ordem. Se o estilo parece alguma vez diffuso, não é com excesso; e a clareza singular, e a graça maravilhosa, com que sempre propõe o que diz, faz que possamos dizer, que a brevidade tão estimavel no Historiador *diversis virtutibus consecutus est,* como Quintiliano diz de Tito Livio a respeito de Salustio. A simplicidade, que Fr. Luiz tem, sempre é nobre, ainda em os casos, em que parece seria difficultoso que assim fosse. O successo acontecido á comitiva do Arcebispo nas alturas de Barroso, sendo cousa em si humilde, conserva em a narração todo o decoro, que se podia desejar. E deste modo concluimos a respeito do Padre Fr.

Luiz de Sousa, como um dos mais sabios, e eruditos professores da Eloquencia, que a Europa vio neste seculo, conclue a respeito de Tito Livio (1): *Ita praestitit . . . ut si minus, ceteris omnibus dicendus est praeripuisse palmam, certe nulli secundus haberi possit: ac si Historiarum scriptori utile dulci miscere sufficeret, frustra quidquam perfectius inveniretur . . . paullulum claudicavit, et humani aliquid passus est; sed ita, ut culpam causa culpae elevare plerumque videatur.*

Tenho satisfeito o a que me obriguei no Prologo que fiz á Vida do Santo Arcebispo: e á vista do que até aqui tenho escrito parece, que não comecei desacertadamente a resuscitar os nossos primeiros Escritores pelo Padre Fr. Luiz de Sousa, para delle passar a outros, que nos restão, e são em maior numero do que communmente se julga. Espero conseguir o meu projecto pela protecção do nosso Augusto Soberano, e pessoas, que amão o bem publico dos seus naturaes. Pois devo confessar o que experimento: ainda ha aquelles briosos animos antigos, bons compatriotas, que estimão a honra, e as letras, e desejão ou imitar, ou igualar os que mais patrocinárão os estudiosos. Quanto a

(1) In Praefat. ad liv. Histor. prop. fin.

dizer-se, que só entre nós é proprio o criticar malignamente, é grande erro. Não succede entre nós nesta parte nada mais do que succede entre as outras nações: se há invejosos, e malignos, ha muito quem estime o estudo, e a applicação. Ao bom Cidadão toca o consolar-se com o bem que faz, amar a quem o patrocina, e a quem lhe inveja, olhar para elle conforme a Lei da Religião verdadeira. A benigna acceitação, que experimento, fará que desattenda qualquer critica menos judiciosa. Esta he a minha resolução, e continuar em servir a patria quanto eu puder.

Resta agora trasladar aqui as autoridades dos homens sabios, que fallárão sobre o merecimento do Padre Fr. Luiz de Sousa, ou o honrárão pelos seus talentos. Primeiramente:

O eruditissimo, e sabio Critico D. Nicoláo Antonio Tom. 2. Bibliot. Hisp. pag. 52.

Ingenium elegans, excultumque etiam Rhetoricis, atque Humanitatis artibus, judicium in paucis maturum, miraque, ac exquisita Lusitani sermonis facundia.

João Soares de Brito Theatro Lusit. lit. L num. 47.

Praeclarum Lusitanae eloquentiae specimen.

Manoel de Faria e Sousa Tom. 1. dos Commentos das Rim. de Cam. Juizo das Rim.

Fué un Cavallero de mucho ingenio, y tan instruido en las letras humanas, que bien pudo jusgar de ingenios superiormente ornados dellas... Escritor nó menos cuerdo, que elegante.

Fr. Agostinho de Sousa na sua Censura dada em 16 de Setembro de 1622.

Estilo grave, e elegante, sentencioso, com brevidade, e clareza juntamente, que em poucos se acha. Linguagem natural, corrente, e cortezãa, com termos tão proprios, significativos, e efficazes, e longe de affeites, e artificios viciosos, que sem encarecimento podemos affirmar, que dos livros, que até o presente são escritos em Portuguez, nenhum se achará de mais policia, e perfeição.

Manoel Severim de Faria: Disc. var. Disc. 2. da ling. Portug. *Esta parte*... (falla da Historia) *tão estimada, da eloquencia, se vê perfeitamente exercitada em varias historias, compostas em nosso vulgar... Baste-nos por ora tres, que são João de Barros, e os Padres João de Lucena, e Fr. Luiz de Sousa: dos quaes João de Barros é tido por varão consummado naquelle genero de escritura... O mesmo podemos dizer do Padre João d*

Lucena . . . E das obras do Padre Fr. Luiz de Sousa se não podem esperar menores louvores, que o tempo qualificador dos engenhos lhe concederá brevemente nas outras provincias, como já lhos tem começado a dar neste Reino.

O erudito Abbade Diogo Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana pag. 145. Tom. 3.

Toda a pureza do idioma Portuguez, toda a elegancia do estilo Romano, e toda a pompa do artificio Rhetorico se tem religiosamente observado nesta historia, em cujo theatro apparecem diversas figuras mais ornadas, quando mais despidas de pomposos epithetos, explicando altos conceitos com termos humildes.

PROLOGO AO LEITOR

Tirado parte da Carta dedicatoria, que Lourenço Surio *fez no principio das obras deste Santo Varão, traduzidas do mesmo Surio de Allemão em Latim; parte do Prologo, que o mesmo Autor fez ante o principio da vida, que aqui vai tresladada em vulgar, e de outros Autores.*

A Vida (diz Surio) do Beato Henrique Suso, ainda que diffusa, não contém todos os seus feitos dignos de memoria, mas só uns poucos dos muitos, que obrou: aquelles, que lhe pareceo manifestar debaixo de nome alheio. Porém no livro, que nos veio á mão escrito na lingua vulgar Tudesca (de que traduzimos alguns trabalhos, e estudos seus) se contão algumas cousas ainda que sem nome de Autor, as quaes não se achão nesta sua vida mais larga; mas pareceo bem propol-as aqui, por evitar prolixidade, se as accrescentassemos á mesma vida. No baptismo lhe foi post[illegible] o nome de Henrique, porém tanto [illegible]o ao admiravel gráo de santidade, a

que chegou, Deos lhe mudou o nome de Henrique em Amando, o qual elle em quanto viveo não quiz manifestar por humildade; mas achou-se depois de sua morte entre as revelações, que o Senhor lhe tinha feito em vida, como o mesmo Deos lhe puzera este nome para declarar o singular amor divino, em que seu coração andava abrazado. O sobrenome não quiz tomar do pai, posto que fosse de nobre, e conhecida geração, mas tomou o appellido da mãi, matrona santissima, para se estimular a seguir suas pisadas, e imitar suas virtudes, e assi não se chamou Henrique Montense, como seu pai, mas Henrique Suso, como sua mãi. Tanto que tomou o habito de S. Domingos no Mosteiro de Constancia, logo aproveitou muito na virtude: e sendo mandado aos estudos a Colonia, fez taes progressos nas letras, que estava já para receber o gráo de Doutor em Theologia, quando lh'o prohibio o Espirito do Senhor JESU, dizendo que assás estava ensinado para se aproveitar a si, e aos outros na prégação, e por tanto, que deixasse de tomar o titulo de honra. Logo que começou a prégar o fazia com tanto fervor e efficacia de espirito, que veio a ter grande nome de prégador Evangelico. No prégar tinha este modo de dizer, quando queria persuadir alguma cousa,

e fazer attentos os ouvintes: Ouvi, dizia, vos rogo que dá brado Suso, que confórme o seu nome sôa, o mesmo que levantar com seu dizer o auditorio para o alto Ceo (porque Suso em Tudesco é o mesmo que *sursum* em Latim, que quer dizer no Portuguez para acima). Destas, e outras similhantes fórmas de dizer usava na prégação mui vivas, as quaes se não podem bem declarar no Latim, e por conseguinte, nem no Portuguez. Os seus escritos teve muitos annos escondidos com proposito de que ninguem os visse se não depois de sua morte, e isto por sua modestia, e recolhimento grande, até que o começou a espertar um escrupulo, que em quanto vivia os désse a lêr ao seu Prelado, para que podesse facilmente dar razão das dúvidas, que nelles se achassem, porque podia succeder que alguns idiotas (de cujos juizos se não deve fazer muito caso) com animo danado não pondo os olhos na pia attenção do Autor, antes por sua rudeza, e falta de letras não penetrando a substancia dos escritos, os quizessem morder, e o que mais era para temer, podião vir depois delle morto a mãos de alguns frios na virtude, e faltos de espirito, que não porião cuidado algum pelos tirar á luz, e communicar aos pios, e desejosos de os ver, para

louvor do Senhor, antes os poderião mostrar primeiro aos faltos de discurso, e razão natural, e mal acustumados, os quaes por sua malevolencia os sepultarião como muitas vezes acontece. Tomando pois disto confiança, tirou de seus escritos as proposições mais principaes, e mais difficultosas, e deu-as a rever a um Doutor em Theologia grandemente alumiado no espirito do Senhor, dotado de grandes partes, e dotes d'alma, que então era Provincial dos Frades Prégadores em Allemanha, por nome Bartholomeu, o qual as leu com muita attenção, e cuidado, e deu sobre ellas seu parecer, approvando-as por todas as vias, e modos que se requerem, declarando serem pontualmente confórmes ás Sagradas Letras. E como apoz isto quizesse entregar ao mesmo Doutor Bartholomeu todas as outras suas obras de menos difficuldade para que as examinasse, fallecendo o Doutor neste meio tempo, não pòde ter effeito o seu bom desejo, de que se começou a entristecer, e magoar muito, não sabendo que fizesse: mas orando por isso mui de véras a Nosso Senhor, para que fosse servido manifestar-lhe o que mais convinha, appareceo-lhe o dito Theologo cercado de grande luz, e disse-lhe, que a Deos era mui agradavel o divulgar elle seus escritos, e communical-os

a todos os pios; o que fez muito de coração. Dos quaes escritos (diz o mesmo Surio no Prologo citado pouco depois do principio) a estimação, que se deve fazer, poderá só conhecer, quem os lêr não de passagem, e cumprimento, nem só por curiosidade de achar cousas novas, mas com observação religiosa, e pia attenção, porque creio não haverá coração tão de pedra, que pondo boa diligencia, e cuidado nesta lição, não haja de sentir em si nova luz da divina graça, e tal mudança, qual nunca experimentou, porque de proposito em todos os seus escritos o que mais procurou he dar luz aos cegos corações, trazendo-os ao devido conhecimento de seu Creador, desprezo do mundo, e amor de Deos.

O mesmo Surio no prologo antes da vida de Santo Henrique Suso.

O Santo Henrique Suso foi varão de grande Santidade, esclarecido com muitos milagres, quasi da primeira idade fez uma vida a poucos imitavel. Teve uma filha espiritual illustre em sangue, porém mais illustre na virtude; a qual escondidamente foi tirando delle muitas cousas secretas de sua vida, que poz em memoria por escrito: mas sendo sentida do servo de Deos, mandou-lhe por obediencia, que lhe entregasse os papeis, e logo queimou quantos recebêra daquella vez: porém querendo queimar a outra parte, que depois lhe deu a Religiosa obediente, foi prohibido por divina revelação: donde os que escapárão do fogo, tirou a luz em nome alheio, sem fazer menção alguma de si proprio, mas nomeando-se em todo o lugar só por Ministro da Sapiencia, por fugir da vangloria. É pois certo que nesta suavidade se achão muitas cousas, as quaes sem dúvida são as mais efficazes que póde haver para inflammar os corações ainda mais frios, e enre-

gelados no amor de Deos. Alguns que vivem nesta vida como brutos, dados ás cousas do mundo, soem enfastiar-se destas cousas: porém não deve de ser esse máo exemplo parte para que os que desejão contentar a Deos, e não ao mundo, deixem de abraçar esta lição, porque o Senhor Deos ordenou que se nos escrevessem as vidas, e feitos dos Santos, a fim de que aquelles, a que não movião as palavras, abalassem os exemplos das obras. Por tanto, ó pio Leitor, eu te peço affectuosamente, que sejas contínuo, e diligente em resolver esta vida, porque o não farás sem grande proveito teu: até aqui Surio.

Nasceo o Beato Henrique Suso de pais nobres na Suevia, provincia de Allemanha alta, ao que se cre, na Cidade de Constancia a 20 de Março, dia assinalado do Patriarcha S. Bento, mas não se sabe o anno. Seu pai se chamava do appellido de Montense, nobre e conhecido, e sua mãi do de Suso, ou Sizo, como outros escrevem. Não temos os nomes proprios pelo muito que o Beato Henrique encobrio sempre suas cousas. O pai foi dado ás cousas do mundo, sendo pelo contrario a mãi tão virtuosa e devota, que passando muitas tribulações por causa dos encontrados costumes do marido, todas as levava bem com a meditação da Paixão do Senhor JESU,

na qual era tão contínua e favorecida, que em todos os 30 annos antes de sua morte, não ouvio Missa em que não tivesse particular, e intensa compaixão das dôres do Senhor JESU Crucificado.

Em Constancia tomou o Beato Henrique o habito dos Prégadores, sendo de pouca idade; porque como consta da sua vida, cap. XX., aos 18 annos foi alumiado com particular graça do Senhor a melhorar a vida, havendo já passado alguns tempos na Ordem com floxidão. Depois de sua conversão esteve obrando só comsigo primeiro a sua vida em silencio 8 annos contínuos, sem se communicar aos proximos, no fim dos quaes lhe foi mandado por Deos que saísse a prégar. Discorrendo então por toda Allemanha alta, e baixa fez grande fructo nas almas, mas com esta differença em seu tratamento, que dos 18 annos de sua idade, que foi o primeiro de sua conversão, até os 40 não afrouxou nunca nas suas penitencias asperissimas, em que se passárão 22 annos: porém depois por amoestação do Ceo remittido o rigor das extraordinarias penitencias, mas nunca o da regular observancia, continuou muitos annos no aproveitamento das almas, com raro exemplo de paciencia nos trabalhos, e perigos da vida, e honra em que Nosso Senhor

o exercitou, não menos extraordinariamente do que elle se tratava na penitencia corporal. Destes exercicios, que forão muitos, ainda que não se escrevem todos, como se vê do Capitulo XX. de sua vida, se collige, que a sua idade foi larga: posto que se não saiba o periodo certo della, por nos faltar a memoria do anno em que nasceo, com tudo sabemos que não passou de 25 de Janeiro da era do Senhor de mil e trezentos e sessenta e cinco, em que deixou esta vida presente pela eterna no Convento de Vlona, onde viveo muitos annos.

As obras, que compoz, forão muitas, e todas de edificação, mas só temos as seguintes: *O Dialogo da Sapiencia*, em que falla a Sapiencia com o Ministro. *Quatro Sermões*, dos quaes vai aqui traduzido o primeiro para remedio, e consolação dos escrupulosos. *Doze Epistolas*, das quaes se poz aqui tambem a quinta, traduzida em nosso vulgar, como em protestação do animo, que fez saír á luz esta vida do Beato Henrique nesta impressão. A's Epistolas se segue o *Tratado das Rochas*, que já anda traduzido em vulgar Castelhano. Logo a vida que aqui se põe; depois *Cem Meditações da Paixão*. E no fim um *Exercicio dos Ministros da Sapiencia*, que aqui ajuntamos por ser devoto, e facil. Compoz mais o *Officio quotidiano da Sa-*

piencia, que trazem as Horas de Nossa Senhora, segundo o rito dos Frades Prégadores, e a *Missa propria da mesma Sapiencia.* Outras obras suas, e sermões se achão entre os escritos de João Taulero, Varão tambem de grande vida, e doutrina da mesma Ordem dos Prégadores, insigne prégador em Allemanha, donde foi natural, e falleceo com opinião de santidade.

O Beato Henrique não é Canonisado pela Sé Apostolica, mas intitula-se Beato de tempo immemoriavel nas Horas de Nossa Senhora, segundo o rito dos Frades Prégadores no principio do Officio da Sapiencia, as quaes Horas sempre são, e forão especialmente approvadas pela Sé Apostolica, e outrosi é contado entre os Beatos Confessores da Ordem dos Prégadores, que traz o Calendario Dominicano no fim. Além disto nas Provincias de Allemanha alta, e baixa, que é Frandes, se reza do Beato Henrique pelos Frades Prégadores com o Officio proprio; venerando sua Imagem com altares levantados em seu nome, e não é muito que se nos communique aos Frades de S. Domingos deste Reino, porque tambem elles lá não rezão de S. Gonçalo, sendo para com nosco tão conhecido, faltando-lhe ainda a Canonisação, de quem rezamos só por huma licença, que alcançou

ElRei D. Sebastião. Ajunta-se a tudo isto ser o nosso Beato Henrique celebrado por Santo tambem de tempo immemoravel nos escritos dos Varões pios, e doctos, como é Surio, que tanto apregôa sua santidade, e milagres nos prologos acima, e em outros muitos lugares, escrevendo no anno do Senhor de 1555, que fazem hoje perto de cem annos, suppondo a mesma tradição deduzida até seus tempos, não fazendo aqui menção de nossos Escritores, e Chronicas, que de sua santidade, e milagres tratão largamente, como é Fr. Miguel Pio em Toscano, e Fr. Fernando de Castilho, e o Bispo de Monopoli, aquelle na segunda parte, e este na sexta. Bzovio no Tom. 14 dos Annaes Ecclesiasticos, Anno do Senhor 1368, onde diz que em vida, e depois da morte floreceo em grandes milagres. O mesmo diz Fr. Antonio de Sena no seu Chronicon ad an. 1340, onde lhe dá tit. de Beato. Molano nas addições ao Martyrol. de Usuardo die 25 Jan. Fr. Estevão de S. Paio *in Stemmat. Ordinis.* pag. 251. Fr. Leandro Alberto *de viis illustr. Ord. Praed.* liv. 5. Belarm. *de Script. Eccl.* pag. 384.

EPISTOLA

Em ordem V. das Obras do Beato Henrique Suso, da Ordem dos Prégadores, traduzida de Latim em vulgar por um Religioso da mesma Ordem.

ALegre-se altamente a multidão dos Santos Anjos habitadores das moradas celestiaes. É testemunho do Senhor JESU no Evangelho, que faz o Ceo grande festa na conversão de um peccador á verdadeira penitencia. Veio á noticia do Ministro da Eterna Sapiencia, que havia uma mulher de tão rara formosura, e graça nos olhos dos homens, que muitos erão feridos do seu amor lascivo. Doía isto muito ao Ministro da Sapiencia, e desejava cortar as raizes de tamanhos escandalos, e perdições de tantas almas, trazendo aquella perdida a Deos, paraque nella fosse o Senhor louvado, e o Anjo da sua guarda della tivesse particular gloia, e todos os mais Anjos com sua conversão gozo espiritual: e os homens tomasem exemplo de emenda. Pelo que com todas as forças de seu

espirito se applicou a rogar a Deos pela conversão daquella alma, e mui em particular importunava muitas vezes a Virgem Sacratissima Mãi de Deos Estrella do mar resplandecente, pedindo-lhe com grande affecto, e contínua oração, que alcançasse de seu Unigenito Fiho luz áquelle coração tão entregue ás coisas do mundo, cego, e escurecido com as espessas trevas dos muitos peccados, para que apartando-o delles o trouxesse a Deos. Ouvo a Senhora os rogos de seu servo, e foi dada tal graça áquella alma mundana, que subitamente se converteo a Deos mui de véras, do que recebeo o Ministro tamanha alegria na sua alma, que, como fòra de si bebado de jubilos espirituaes, lhe escreveo esta carta. Porém como dahi a muitos tempos fizesse escolha de seus papeis, e de muitos separasse estes poucos, deixando todos os mais por forrar tempo, chegou a esta carta, e vendo que não continha mais outra cousa senão um jubilo, e excesso de alegria espiritual, temo que vindo á mão dos homens de duros e sêccos corações, lhes pareceria sem sabòr, e de nenhum fruto: por tanto a poz de parte. Porém logo na madrugada do dia seguinte, que era a oitava dos Anjos, em visão espiritual lhe apparecèrão muitos espiritos Angelicos em fórma de mancebos

formosissimos, os quaes o reprehenderão de haver posta de parte, e riscada aquella carta, exhortando-o a que de novo a escrevesse; o que fez começando-a com as palavras do principio. Alegra-se grandemente a multidão dos Anjos habitadores das moradas Celestiaes. etc. E sendo-me então communicados raios de luz, e claridade espiritual pela resplandecente Estrella do mar a Virgem Santissima Mãi de Deos, com os quaes desapparecendo todas as nevoas de meu coração, ledo e prestes saudei a mesma Senhora com todas minhas forças, logo na propria hora para mim saborosissima rompi com a fortaleza em vozes de grande contentamento, que chegavão ao Ceo, dizendo: Sejais Estrella excellentissima do mar saudada com affectos de amor sem limite dos que muito vos querem. Convidava aos Santos Anjos que me havião apparecido, áquelles mancebos formosissimos vindos do Ceo, para que comigo á competencia com melhores e mais esforçadas vozes saudassem a Dulcissima, e Esclarecidissima Rainha dos Ceos por haver com grandes, e formosos raios de sua luz illustrado o coração daquella mulher, depois que por ella ouvio meus rogo, e petições. O meu espirito exaltado com tanto gozo dava altos louvores áquella Celestial Jerusalem.

Rogava sem cessar áquellas filomelas singulares, áquelles matinetes suavissimos dos campos da gloria, que me ajudassem a cantar em vozes altissimos louvores ao Senhor em reconhecimento de sua grande magnificencia. Tornava logo a levantar o rostro, e olhos ao Ceo, e tresbordando o coração de contentamento dizia: Alegre-se grandemente a multidão dos espiritos angelicos habitadores das moradas celestiaes: ó como á vista de tanto gozo desapparece tudo o que ñesta vida padeci de magoa, e contrariedade. Parecia-me que estava então na idade de Nero, representava-se-me, que andava passeando pelos prados, e jardins da gloria, e tornava a dizer: Alegrai-vos nobilissimas Jerarchias dos espiritos Angelicos, que viveis nos pastos celestiaes, haja festas, dai vivas, entoai musicas por tão alegre nova. Ponderai, vos rogo, com a devida admiração como a filha perdida tornou á casa de seu pai, a filha da condenação foi recuperada, a que já era morta veio á vida, e resuscitou, aquelle prado e jardim da natureza, ornado de flores, não menos formosas que apraziveis, o qual á sua vontade pastavão as bestas, vêde como é renovado em sobrenatural formosura, já forão lançadas delle as bestas féras, já brotão novas flores de graça á competencia. As en-

tradas, e portaes, d'antes tão devassos, já são fechados, e seguros. O campo alheado d'antes a seu possuidor lhe é restituido. Pelo que, vós ó orgãos dos Ceos, ó dextros na cithara, ó mestres insignes das harpas, e laudes da gloria, entoai novos motettes, sôe a melodia por todos os assentos, e retretes da Celestial Jerusalem. Peço-vos com todo o encarecimento da minha alma, que por isto mais se engrandeça vosso gozo, por quanto á deshonestissima Venus, deusa da lascivia gentilica, foi arrancado o seu coração. A grinalda mais prima lhe foi arrebatada da cabeça. Aquella bôca tão sua amiga mais dextra em conciliar amores profanos emmudeceo de todo para elles. O mundo enganoso, o amor caduco, immundo, e falso abaixa já o pescoço entonado: e quem haverá, que de hoje em diante apregoe mais teus louvores? quem se deixará prender de teus enredos? quem finalmente haverá que queira neste mundo ser-te amigo, guardar-te cortezia, ou dar-se a tuas vãs occupações, e serviço? Já aquelle verde ramo para ti seccou, e reverdecendo florece só para Deos: do que todos os que de véras amão ao Senhor, gozosos o engrandecem, dando-lhe altos louvores por esta admiravel mudança, dizendo: A vós Senhor seja dada toda a gloria, por quanto só vós

fazeis estas grandes maravilhas nos maiores, e mais desesperados peccadores; que ainda que em todas vossas obras, ó dulcissimo, e todo poderoso Senhor, sejaes amavel, e digno de infinito louvor, com tudo por muitos mais modos sois amavel, e digno de louvor sem comparação maior nas misericordias, que usaes com os miseraveis peccadores; áquelles, que tão longe estão do que merecem, só por vossa bondade, e misericordia sois servido de attraír a vós. Este, Senhor Santissimo, é na verdade o timbre de vossas obras, este é a formosura de vossa benignidade, este o enfeite de todos vossos feitos mais illustres. Nesta obra, Senhor, o monte de ferro de vossa exactissima justiça se deixou romper e partir para dar lugar á misericordia, e bondade. Vinde pois a mim todos os que tendes recebido do Senhor outro tal beneficio, e juntos todos em um tratemos mui de véras o como poderemos engrandecer a sempre bondade do Amantissimo Senhor e Pai nosso tão perdoador de nossas culpas. Eia pois, ó Amantissimo Senhor, não vêdes a cousa mais digna de admiração? Aquelles, que andavão em braços com os monturos, já hoje com ferventissimos affectos de seu coração amorosamente se abração comvosco. Aquellas almas, que hontem erão a si

mesmas, e a outras occasião de ruina, e perdição, já hoje são prégadoras da suavidade de vosso amor, não sabendo fallar de outra cousa. Caso he de grande admiração na verdade, aquellas que hontem quebrando de mimo, e delicias se não podião ter em seus pés, lá hoje se tirem a si mesmas tantas cousas ainda das necessarias para a vida, e inventão novos modos de rigores, e asperezas corporaes, e de exercicios para honra, e gloria vossa, só a fim de vos poderem, Senhor, agradar pura, e inteiramente; e aquellas que estavão cativas de demasiado amor de si mesmas, já se tem a si em lugar de hospede estranho, e peregrino. Aquellas, que sohião concertar-se com tanto cuidado, para mostrar o como davão de mão a vosso amor, agora é já toda sua occupação como possão, Senhor, e devão agradar só a vós. Aquellas, que d'antes como lobos raivosos erão estimulados de iras, e furias contínuas, agora como ovelhinhas mansas não abrem bôca ás injurias, e móres afrontas. Aquellas, que dantes erão atormentadas com as rigorosissimas accusações de suas, e preversas consciencias cheias sempre de profundas tristezas, feridas de agudas settas de magoas infernaes, presas com cadêas não menos rigorosas, que as de ferro, indisso-

luveis laços dos proprios peccados, já agora desembaraçadas, e prestes passando além de tudo o que o mundo póde dar com uma firme confiança, e solta liberdade se levantão tanto sobre si, já mudadas, que ousão, e podem dar vozes, que chegão á patria celestial: em fim trocados de todo, não se espantão senão de como foi possivel que algum dia estiverão presas do amor do mundo, e de como viverão algum tempo nas trevas da obscura noite dos peccados. Na verdade, Senhor, aqui venho a vêr por experiencia ser certo o que se diz, que o corpo se acommoda ao espirito, e um bom natural se applica ás cousas eternas, logo alli se accende um grande incendio de vosso amor. Esta é na verdade, Senhor, a mudança só de vossa mão poderosa. Estas são, Senhora, e Rainha dos Ceos, as obras de vossa piedade sem limite.

Mas comtigo fallo agora filha minha em Christo muito amada, dá-me attenção, e adverte tu, e eu, e todos os que a nós são similhantes, como nos devemos haver com o Senhor Omnipotente. Assi somos obrigados compôr daqui em diante nossa vida, que não haja quem nos possa nunca jámais furtar a Deos: da mesma sorte nos havemos de haver como uma escrava da cosinha, a qual o Rei illustre, e poderoso preferisse á pro-

pria Rainha. Não ha duvida senão que essa escrava mimosa faria extremos por se mostrar agradecida ao Rei, seria fidelissima em o amar, louval-o-hia sempre de todo seu coração, e quanto se visse mais indigna de favores tão altos, tanto se esforçaria mais no amor de seu Senhor. Não de outra sorte pois, nós peccadores devemos procurar vencer aos innocentes, e puros, que nunca errárão; e se elles só n'um exercicio se empregão por serviço de Deos, nós devemos dobrar o trabalho, e serviço do Senhor; se elles amão a Deos singelamente, nós temos obrigação de redobrar o amor milhares de milhares de vezes, para que assim como antigamente nos não ficou cousa por fazer no emprego do mundo, e para grangearmos as vontades profanas, assim agora recompensemos estes damnos, procurando com dobrado cuidado trazer todos a Deos, e sobre todas as cousas tratemos de agradar ao Senhor, não menos diligentes no bem, do que o fomos antigamente para o mal.

Torna, filha, á memoria te rogo quanto nos era agradavel nos annos, em que andavamos dados ao mundo; achar quem antepozesse nosso amor aos demais, quem nos louvasse, e gabasse mais que os outros, e com particular affecto e tenção nos seguisse,

cómo nós então nos persuadiamos; quanto pois sem comparação alguma será agora melhor a nossa sorte, e boa ventura, se o Summo Bem, o Senhor Deos todo poderoso nos amar, não de qualquer maneira, mas empregando em nós seu cuidado? Considéra, filha, quanto trabalho custou muitas vezes chegar a poder lograr uma hora um amigo da terra, da qual se pesares as cousas, e ainda as palavras, pouco, ou nada se tirou de allivio, e recreação. Quanto será pois mais acertado sofrer tambem agora algum trabalho por grangear o ser amado de Deos? Por sem duvida tenho, ó Eterna Sapiencia, que se todos chegárão a ver-vos com os olhos interiores, como eu vos vejo, que logo ao mesmo ponto se apagaria nelles todo o amor das cousas terrenas. Não posso, Senhor, acabar de declarar o espanto de minha alma, ainda que já o meu juizo foi bem differente nesta parte, de como possa haver coração, que se empregue, e assocegue em amar outra cousa fóra de vós, ó abysmo de toda a bondade; e outrosi, não menos me admira o porque vos não manifestaes, Senhor, aos taes miseraveis. E sobre isso ver o cuidado, com que os amadores do mundo andão cobrindo, e dourando tudo o que nelle lhe póde desagradar, tudo o que é disforme, e defe-

ctuoso? e pelo contrario se alguma cousa tem que possa parecer bem dessa pintada, e mentirosa formosura, com que diligencia atirão á praça, e quanto sentem se não é bem sabida, e vista do seu amado qualquer apparencia de lustre seu proprio, e quando vém á experiencia (para que diga tudo n'uma palavra) não achão outra cousa mais que sacos de esterco: dos quaes com razão se pudera dizer, ó quem vos tirára a pelle de fóra? então se vira claramente, quão medonho monstro é a apparencia. Porém vós, ó Esclarecidissima Sapiencia, agora encobrís o que em vós é amavel, e só manifestais o que é de pena, e molestia. Descobrís o que é aspero, retendo em segredo o que é suave. Mas porque o fazeis assi ó Benignissimo JESU? Seja-me, Senhor, licito com licença vossa dizer uma só palavra, porque não me posso conter. O' se vós, Senhor, me quizesseis! ó se vós me amasseis JESU dulcissimo! ó se eu Senhor vosso mimoso fosse! Haverá alguem que creia que eu sou amado do Senhor JESU? A isto só aspira, Senhor, a minha alma; o meu coração, Senhor, se engrandece de gozo, 'e salta de prazer só em cuidar que sou de vós amado. Tanto que me vém, Senhor, isto á memoria, tamanho é o gozo que recebo, que quem quizer attentar bem

m'o poderá de fóra conhecer, porque tudo o que ha em mim se derrete, e empapa com alegria. Se me derão a escolher, não podéra desejar cousa mais sublime, nem mais agradavel, nem mais saborosa, do que ser de vós querido com singularidade, e que pozesseis, Senhor, com particular affecto os olhos de vossa benignidade em mim, porque isto, Senhor, quem haverá que duvide que é o Reino dos Ceos? os vossos olhos resplandecentes, Senhor, vencem os raios do Sol sem comparação: a vossa bôca é suavissima a quem se manifesta; o encarnado sobre a mesma alvura de vossa face, assim da divina, como da humana natureza: finalmente a sem par compostura de vossa pessoa sem comparação excede tudo quanto o desejo mais levantado póde alcançar nesta vida corporal. Quanto mais, e mais se apura vossa grandeza sobre toda a materia corporal, tanto sois, Senhor, mais amavel e aprazivel, e com tanto mais immenso gozo se se logra vossa presença. Tudo o que se póde imaginar de formoso, amavel e de lustre em vós, ó suavissimo Deos, e Senhor, sobre todo o encarecimento se encerra com inestimavel perfeição. Não é possivel achar-se em alguma creatura cousa agradavel, e de saber, ou estimação, que por modo purissimo com infinito excesso

se não veja em vós, o Senhor de tudo. Por tanto vós outros mortaes, não vos passe por alto, antes com muita consideração adverti que tal, e tão excellente é o meu amado! E sendo este, vêde que me quer a mim bem, ó filhas de Jerusalem! O' Senhor, e quão de véras será ditoso aquelle, a quem vós quereis bem, e que nesta vossa amisade for eternamente confirmado! Deos vos guarde, ó filha minha, para sempre. Amen.

VIDA

DO

Beato Fr. HENRIQUE SUSO,

DA ORDEM DOS PRÉGADORES.

CAPITULO I.

Em que se dá conta donde era natural o B. Fr. Henrique Suso, e do tempo e idade, em que entrou na Religião, e começou a seguir o caminho da vida perfeita, e de como se escreveo esta historia.

NA grande, e estendida provincia de Allemanha houve um Religioso da Ordem do nosso glorioso P. S. Domingos, natural de Suevia, cujo nome era Fr. Henrique Suso. Vivia nelle, em quanto morou na terra, um ardente desejo de ser servo do Senhor, e não sómente se contentava com a obra, mas desejava ser havido, e conhecido por tal. Aconteceo por discurso de tempo, que veio a ter conheci-

mento, e pratica de uma santa mulher, que tendo particulares favores no Ceo, tinha da terra contínuos trabalhos e afflicções: e como tal desejava consolar-se com este religioso, e esforçar seu cançado espirito, ouvindo delle algumas lições sobre a materia do padecer, tiradas da muita experiencia, que longamente tinha feita em casos proprios: e isto fez muito tempo todas as vezes que o via, e assim veio justamente a tirar delle com encubertas, e dissimuladas perguntas, que lhe fazia, a ordem, e principio de sua vida, e processo della, e alguns exercicios, e maneiras de padecer, porque passára: o que tudo lhe descobria o religioso em segredo em santa, e espiritual conversação. Mas ella vendo que manifestamente lhe resultava daqui consolação para os trabalhos, e doutrina para a alma, foi pondo por escrito tudo o que lhe ouvia para se aproveitar a si, e a outros: mas isto tanto a furto, e ás escondidas de seu mestre, que não entendia elle o roubo espiritual, que se lhe fazia. Com tudo tanto que pelo tempo adiante o veio a sentir, reprehendeo-a, e obrigou-a a lhe entregar o que tinha escrito, que logo queimou. E tornando-lhe a dar outro dia alguns papeis, que lhe ficárão na mão, tambem os quizera pôr no fogo. Mas foi-lhe tolhida a

obra com uma revelação divina: e assim ficárão livres estes ultimos escritos, que quasi todos erão de mão da santa, aos quaes ella depois de seu fallecimento ajuntou, e a Religião em nome della muitos outros documentos espirituaes. Começou Fr. Henrique sua conversão ou os mais determinados principios della, sendo em idade de dezoito annos: porque sem embargo que neste tempo havia já cinco que estava na Religião, tinha ainda o espirito inquieto, e desasocegado. E se bem com o favor divino se guardava de peccados mais feios, e dos que o podião desacreditar, todavia nas culpas leves, e commuas era descuidado. Mas neste tempo tinha o Senhor tal cuidado de sua guarda, que a toda a parte que se deixava levar das cousas, a que seus sentidos com natural gosto, e deleitação se inclinavão, em nenhuma achava quietação, nem repouso. E parecia-lhe que alguma cousa outra tinha por descobrir, que só podia dar paz, e verdadeiro descanço a seu vigoroso espirito, e assim vivia com trabalho, andando nas ondas destas alterações, e desassocegos: atromentava-o interiormente uma continua guerra da consciencia, e com tudo não era poderoso para se ajudar de si mesmo, até que o piedosissimo Deos foi servido li-

vral-o com uma conversão divina. Enxergouse logo nelle uma subita mudança, que a todos causava espanto, imaginando no que poderia ser, que assim o trocára, e todos davão seu parecer no caso; mas ninguem por então acertou com a verdade, que em fim foi obra do Senhor. O qual por meio de um arrebatamento secreto, e cheio de luz do Ceo obrou subitamente em Fr. Henrique esta divina mudança, cujo effeito foi dar de mão a todas as cousas do mundo, e entregar-se todo a Deos.

CAPITULO II.

De algumas tentações, que o B. Fr. Henrique padeceo no principio de sua conversão.

TEndo Fr. Henrique recebido do Ceo esta divina graça, logo começou a sentir em si uma guerra de tentações, e repugnancias interiores, com que o diabo trabalhava por lhe estorvar os meios de sua salvação. E foi desta maneira. As inspirações, com que Deos lhe batia nas portas da alma, obrigavão-no a voltar as costas com uma expedida e solta retirada a tudo aquillo, que o podia embaraçar no caminho da verdade. Contra

isto porfiava a tentação, que procedesse com bom conselho, e que se não determinasse de pressa, porque era facil começar, e muito difficultoso levar as cousas ao cabo. A inspiração celestial representava-lhe o grande poder e obras do Espirito Santo. Da outra parte a tentação não fazia duvidas na grandeza, e omnipotencia de Deos quando quizesse ajudar, mas duvidava de seu querer. No cabo de tudo mostrava-se-lhe na alma com clareza certissima, que não podia Deos faltar naquella branda e amorosa promessa sua, que era soccorrer, e ajudar a todos aquelles, que, fiados em seu santo nome, commettessem este caminho. Ficando nesta contenda a victoria da parte de Deos, logo o commettia outro pensamento, que, disfarçado com brandura, e com capa de amizade, se lhe ía assentando na alma, e o aconselhava desta maneira: Bem póde ser que seja acertado isto que tentaes, e razão é emendar a vida, mas não vos mateis muito: antes começai tão attento, que possaes chegar ao fim com o que começardes. Comei, e bebei á vontade, e tratai-vos bem, e entretanto não haja peccar. Cá dentro de vós, e para com vosco sede santo quanto quizerdes, mas seja com tal temperança, que no exterior não se assombre ninguem com vosco; e

andai com o dito commum: Haja pureza na alma, que tudo o mais vai bem. Poder-vos-heis dar bons dias, e viver entre os homens alegremente, e com tudo não deixar de cumprir com as obrigações da virtude. Tambem a outra gente espera de se salvar, e mais não se mette em tantas fadigas. Mas a sabedoria eterna desbaratava tão falsos conselhos com esta só razão. Quem cuida de ter uma enguia pelo rabo, e começar vida santa tibiamente, tanto se engana em uma cousa, como na outra; porque quando lhe parece que está bem empolgado em ambas, escoa-se das mãos, e acha-se sem nada. Assim tambem quem quer sopear, e ter sujeita a carne altiva, e mal habituada vivendo vida mimosa e descançada, póde-se-lhe dizer, que não é de juizo bem assentado, porque querer gozar mundo, e juntamente servir a Deos com perfeição, é fabricar impossibilidades, é falsificar as Escripturas Sagradas, é danar a Doutrina de Christo. Assim que se queres despedir-te de tudo, convém fazel-o com animo varonil, e determinado. Andando muitos dias ás voltas com estas imaginações, em fim cobrou ousadia, e armado de confiança apartou-se esforçadamente de tudo. Entre as cousas a que fugio foi uma a companhia ociosa dos amigos,

mo que seu vigoroso animo passou tanto trabalho nos principios, que posso affirmar, que padeceo muitas mortes. Buscava-os primeiro algumas vezes para se desmelancolizar com elles vencido da fraqueza natural: mas as mais dellas lhe acontecia tornar triste donde fòra alegre; porque as praticas, e recreações dos amigos, não erão nada de seu gosto, e as suas erão odiosas aos mesmos. Outras vezes succedeo, e não forão poucas, tratarem-no com palavras, e ditos pesados, tanto que se chegava a elles. Um lhe perguntava que ordem de vida era aquella que emprendera, em que queria ser só, e desviar-se do commum: Outro lhe dizia, que o mais seguro modo de viver era o ordinario, por onde todos corrião: Outro que taes invenções de vida sempre paravão em máo fim. Assim o agasalhavão um traz outro, e elle sem lhes responder palavra, fallando comsigo dizia: O' piedosissimo Deos não ha conselho mais acertado, que fugir á companhia dos homens; que na verdade, se eu não fòra buscar taes praticas, não tivera agora de que me queixar. Esta Cruz o trouxe naquelle tempo gravissimamente atormentado, porque não tinha ninguem com quem podesse desabafar descubrindo-lhe suas afflicções, que fosse pessoa, que seguisse a mesma

ordem, e estilo de vida. E assim vivia descontente, e triste. Em fim á viva força se acabou de furtar aos homens, e sendo para elle cousa tão penosa esta absencia, o costume lha veio a fazer depois saborosissima.

CAPITULO III.

De um rapto sobrenatural, que teve o Beato Fr. Henrique.

AContececo ao B. Fr. Henrique no principio de sua conversão, que entrando um dia depois de comer no Côro na Festa da Virgem e Martyr Santa Ignez se deixou ficar só, e em pé nas cadeiras mais baixas do Côro direito. Andava elle neste tempo mui carregado de melancolia causada de uma grande tribulação, que padecia. E estando assim desamparado de todo o allivio, e consolação humana, não sendo ninguem presente, foi arrebatada sua alma, ou fosse no corpo, ou fóra delle, e vio, e ouvio cousas, que nem todas quantas linguas ha no mundo serão bastantes para as contar. Era o que vio uma cousa sem figura, e sem distincta feição, e todavia tinha em si todos os gostos, e deleites, que se podem imaginar em todas as figuras, e feições de cousas. O coração junta-

mente lhe ardia em desejos, e juntamente se satisfazia, o espirito estava de todo desassombrado, e aprazivel, o appetite, e eleição não obravão, antes jazião como sepultados em profundo sono, sómente applicava com cuidado os olhos da alma empregando-os naquelle raio resplandecente, e clarissimo onde de si, e de tudo o da vida perdia a memoria. De maneira que não sabia se era dia, se noite. Foi isto sem duvida um gosto, que brotou da eterna vida segundo a experiencia, que Fr. Henrique depois teve em tempos de mais paz, e quietação, e assim dizia elle depois: Se aquillo não é a gloria do Reino dos Ceos, eu me resolvo que não sei que cousa he *Reino dos Ceos*. Porque tudo quanto um homem póde padecer de trabalho nesta vida não basta de razão, nem de justiça para merecer uma tal gloria havendo-a de lograr para sempre. Durou-lhe este extasis uma hora, e meia, sem saber atinar se tivera neste espaço a alma no corpo, ou fóra delle. Mas tornando em si andava tal, que parecia homem, que vinha do outro mundo, e saío dalli tão quebrantado, e cheio de dôres, que lhe parecia que não podia ninguem passar tantas em termo tão breve, ainda que fosse na hora da morte. E tanto que foi estando mais em si, e co-

brando forças dava uns suspiros, que se lhe arrancavão do mais profundo da alma, e sem se poder ajudar caía por terra, como acontece áquelles, que por falta de forças se desmaião. Gemia lastimosamente, e dando ais que arrancava das entranhas, dizia desta maneira: O' meu Deos, onde estava eu, e onde me acho agora. O' summo bem meu, meu bem principal não haverá jámais cousa que possa levar de minha alma a memoria desta hora. No corpo estava, e nelle vivia, e andava, e todavia não houve ninguem que de fóra visse, ou entendesse delle cousa alguma destas, com andar tal, que trazia a alma cheia de visões celestiaes, e no mais secreto della se lhe abrião resplandores divinos. que a penetravão por toda a parte, de maneira que lhe parecia, que andava pelos ares: finalmente em todas as partes principaes da alma lhe ficou aquelle bom sabòr, e gosto celestial (como vemos em um vaso, que servio de licòres cheirosos, que não perde o cheiro ainda depois de vazio) e durando-lhe depois muito tempo foi meio de espertar em seu espirito uma celestial sede, e saudade de Deos.

CAPITULO IV.

Como o Beato Fr. Henrique celebrou Esposorio espiritual com a Sabedoria eterna.

A ordem de vida que Fr. Henrique costumou por grande discurso de tempo nos exercicios espirituaes, que usava, era um aturado desejo de gozar perpetuamente da vista, e presença de Deos, e juntamente tratal-o, e conversal-o com familiar communicação. O principio que teve este desejo se achará nos livros, que elle mesmo compoz da Sabedoria eterna em Allemão. Era o Santo de sua natureza mui affeiçoado, e desde sua mocidade teve esta inclinação: e Deos na Sagrada Scriptura, onde falla de si com nome de Sabedoria eterna, não se offerece menos que por uma amiga muito vencida de amores, que se enfeita, e atavia ricamente para agradar a todos, usa de palavras e gestos amorosos, para levar traz si as almas, logo aponta os enganos, e pouca firmeza de outras amigas, representando de sua parte grande constancia, e lealdade em amar. Estas cousas tiravão pelo animo juvenil, como dizem da onça, que com a suavidade

do cheiro, que naturalmente de si lança, obriga os outros animaes a buscarem-na. Os livros em que mais se usa deste termo, cujo intento é com brandura, e suavidade levantar nossa alma ao amor divino, são os de Salomão, e da Sapiencia, e do Ecclesiastico: os quaes lendo-se no Refeitorio, e ouvindo o Santo um dia as palavras brandas, e namoradas da Sapiencia, encheo-se todo de alegria em sua alma, e começou-a a namorar, e perder-se por ella; e ardendo neste cuidado fallava desta maneira comsigo: Eu sem duvida provarei minha ventura, e verei se a tenho com esta formosa Senhora, de que se contão cousas tão soberanas, para merecer seu amor, e gozar de tão nobre companhia, pois Deos foi servido dar-me um coração vivo, esperto, e rigoroso. E nesta idade não é possivel que viva eu sem o empregar em algum amor. Com estes pensamentos andava-se traz ella espreitando-a por toda a parte, e buscando-a muitas vezes, e outras tantas se communicava o Senhor a sua alma, e lhe fazia assaz favores. Estando uma vez na mesa ouvio que se lião estas palavras da Sapiencia: *A sabedoria é mais formosa que o Sol, e comparada sobre toda a ordem das estrellas com a luz, inda se acha que lhe tem vantagem, esta amei, e busquei com cuidado*

desde minha mocidade, e busquei-a para a tomar por esposa, e fiz-me amante de seu gosto. Por esta terei nome no povo, e honra entre os mais velhos; por esta serei immortal, e deixarei memoria perpetua aos que hão de vir depois de mim. Entrando em minha casa descansarei com ella; porque sua conversação não é pesada, nem sua companhia enfada, antes dá gosto, e alegria. Com sabedoria fundou o Senhor a terra, com prudencia fortaleceo os Ceos, de seu saber sairão os abysmos, e as nuvens se congelão com orvalho. Quem a alcançou passou confiadamente seu caminho, e o seu pé não tropeçará; se dormir não haverá medo, e o seu sono será descansado. Ouvindo estas palavras, e outras a este modo todas cheias de doçura, ficou com o coração abrasado, e revolvendo-as no pensamento fallava desta maneira comsigo: O' verdadeiramente nobre, e escolhida amiga. O' se por dita pudera acontecer querer ella sel-o minha: que bem andante, que ditoso seria! Mas logo o espantavão imaginações contrarias, que lastimando-o interiormente lhe dizião: Como vos ha de caber no pensamento amar o que nunca vistes? Como podereis querer bem a quem nunca conhecestes? Não sabeis vós que melhor é um pequeno punhado certo, e desembaraçado,

que a casa cheia com duvidas? quem fabrica edificio alto, e grangea amizade de grande Senhor, estando longe de ser seu igual, este tal as mais das vezes se acha enganado em sua esperança, e cheio de miseria, e fome, larga o negocio. Bem confesso que não fôra para engeitar o amor desta dama, se ella consentíra a seus servidores tratarem-se bem, e levarem boa vida; mas ella esta-vos dizendo: Quem folga com vinho, e com grossura não será sabio. E diz mais: Até quando dormirás preguiçoso, quando has de acabar de te levantar desse sono? Pouco dormirás, pouco estarás sonorento, menos tempo juntarás as mãos para descançar, e dará comtigo a miseria como um correio, e a pobreza como homem armado. Vêde pois se houve alguma hora quem pozesse tão rigorosas leis a seus amantes? Aqui lhe acudio um pensamento do Ceo todo em seu favor lembrando-lhe, que era lei antiga, e condição do amor penar, e padeser quem ama. Nenhum amante, lhe dizia, vive sem cruz, e tormentos, e é bem de veras martyr todo aquelle, que frequenta a eschola do amor. Quanto mais razão é logo que sofra, e que trabalhe quem pretende uma tão alta, e tão insigne Senhora por esposa e por amiga? Vêde a que desastres, a que enfadamen-

tos, e contrastes se sujeitão, e a seu pezar esses amadores do mundo. Com estas, e outras inspirações similhantes cobrava esforço para perseverar, e vinhão-lhe a miude. E assim ora estava de bom animo, ora tornava a abater a affeição ás cousas transitorias. Andando nestas voltas sempre topava com alguma cousa, que contradizia sua perfeita conversão, e por esta razão variava pendendo ora a uma parte, ora a outra. Um dia estando á mesa ouvio lêr um passo da Escriptura Sagrada, que falla da Sabedoria, com que se abrazou vehementissimamente, era o passo este: Eu estendi meus ramos como theribintho, e os meus ramos são de honra, e de graça; como libano não cortado perfumei minha morada, e como balsamo sem mistura é o meu cheiro; quem me achar, achará paz, e alcançará saude do Senhor. Isto fallava da Sabedoria: e do amor sensual e deshonesto dizia o seguinte: Achei uma mulher mais amargosa que a morte, que é laço de caçadores, seu coração rede, e suas mãos grilhões, quem agrada a Deos escapará; mas quem é peccador, será por ella cativado. A isto levantava entre si um grande brado, e dizia: Claramente são isto verdades. Ora de todo em todo me resolvo de tomar por Esposa a Sa-

bedoria. Já tenho assentado de me cativar de seu amor, e entregar-me todo a seu serviço. Ah quem tivera lugar de a ver, e fallar-lhe, inda que não fôra mais que uma só vez. Ah quem soubera, que cousa é, ou que feição tem, quem pregoa de si cousas tão maravilhosas! quem tantas cousas, e tamanhas permitte? É por ventura Deos, ou é homem? É homem, ou é mulher? É sciencia, ou é sagacidade? Ah quem soubera o que é. Ardendo nestes desejos mostrou-lhe o Senhor uma visão, que quanto aos sinaes, e ao que da eterna Sabedoria se escreve nos passos, que temos referido, e n'outros da Sagrada Scriptura, ficou-lhe facil de conhecer ser ella. A visão era esta: Passava por cima delle ao longe em uma columna de uma nuvem, ía sentada em um throno de marfim, resplandecia como a estrella da alva, e como o Sol quando está em sua força; por corôa tinha a eternidade; por manto, bemaventurança; por pratica, suavidade; por braços para abraçar, enchentes de todo o bem. Estava perto, e andava longe, era soberana, e humilde, estava presente, e escondida, mostrava-se conversavel, e todavia não se podia travar della. Era mais alta, que os mais altos cumes do Ceo, e mais profunda que o abysmo. Chegava de cabo a cabo com

fortaleza, e ordenava tudo com suavidade. Quando lhe parecia, que estava todo enlevado na belleza de uma formosa donzella, mostrava-se-lhe em figura de um bellissimo mancebo, algumas vezes se lhe offerecia como mestra dextrissima em todas as artes; amiga, e graciosa para todos; em fim voltando-se a elle aprazivelmente, e agazalhando-o com a bôca cheia de riso, mas não desacompanhada de uma magestade celestial, fallou-lhe amorosamente estas palavras: Dá-me, filho, teu coração. Então elle derribado a seus pés com toda a humildade, e entranhavel affecto lhe rendeo as graças. Este favor lhe foi concedido por esta vez, e nunca mais o pôde alcançar outra. Depois disto andando pensativo, e com todo o entendimento embebido, como tinha de costume, nesta divina Sapiencia, como era de sua natureza affeiçoado, ventilava entre si esta questão amorosa: Donde, ou de que fonte saío o amor, e a graça de ser amado? Donde nasce a formosura, a belleza, a boa sombra? Donde vem toda a outra perfeição? É possivel que tudo isto mana daquelle principio fertilissimo da divindade? A vós me vou logo ó abysmo immenso, e inexhausto de tudo o que merece ser amado. A vós amo com o coração, c'os sentidos, e com alma.

A vós abraço, que ninguem m'o tolhe, com entranhavel affecto deste meu abrazado espirito. No meio destes pensamentos lhe acontecia algumas vezes communicar-se-lhe o mesmo Senhor, que é fonte, e corrente de todo o bem; no qual juntamente achava toda a formosura, e tudo aquillo que só merecesse ser amado, e desejado, e tudo alli estava junto por modo, que não ha palavras com que se possa contar. Daqui lhe ficou em costume que todas as vezes, que ouvia referir, ou cantar versos amorosos, logo corria c'o alma, e c'o coração á sua amada, de quem procede tudo o que é digno de ser amado: e furtando de certo modo a vista do que tinha presente, se recolhia dentro em si, ou se arrebatava. E não se póde dizer quantas vezes com os olhos cheios de lagrimas largando sem termo a capacidade de seu coração a abraçou, e apertou comsigo. Muitas vezes se havia com elle neste tempo a Eterna Sabedoria, como se ha uma mãi com um filho menino pedindo-lhe o peito todo sumido entre seus braços: ella abraçando-o amorosamente. E como o menino com a cabeça, e os meneios do corpo trabalha por chegar aos peitos da mãi, e com risinhos, e geitos graciosos lhe está significando o gosto, que tem naquelle lugar:

nem mais nem menos voava a alma do B. Fr. Henrique para aquella presença, gloriosissima com uma enchente de alegria, que lhe tresbordava por todos os sentidos. Logo em seu pensamento dizia: Bom Senhor, bom JESU, alegre fòra eu, se chegára a tal ventura, que se me déra por Esposa uma Poderosa Rainha. Pois logo, que me falta? Eu vos tenho agora eterna Sapiencia por Senhora Rainha, e Imperatriz de minha alma. Vós sois mãi de todas as graças; comvosco sou tão rico, que me sobeja fazenda, honra, e poder. Não cobiço, nem quero mais de tudo quanto o mundo póde dar. Traz estas imaginações ficando com o semblante risonho, e alegre, os olhos acesos, o coração e todos os sentidos interiores saltando de prazer, rebentava nestas palavras: Mais que a mesma saude, e mais que toda a formosura amei a Sabedoria, e propuz tel-a por minha luz, e daqui nasceo virem-me todos os bens juntos com ella.

CAPITULO V.

Da maneira, com que o Santo escreveo sobre seu coração o Santissimo nome de JESU.

NO mesmo tempo se levantou em sua alma um grande fogo, que ateado nella, e crescendo sem termo lha abrazou toda em efficacissimo amor divino, e sentindo um dia este ardor causado da caridade, com que sobremaneira amava a Christo, recolheo-se á sua cella, em um lugar apartado, e entrando em uma contemplação saborosissima fallava como o Senhor, e dizia-lhe: Prouvera a vós formosissimo Deos, que tivera eu poder para inventar algum sinal de amor, que fôra um perpetuo penhor, e lembrança de amizade entre mim e vós, e déra testemunho do muito, que me vós quereis, e do que vos eu quero a vós, e fôra tal, que nenhum esquecimento pudéra ser parte para se perder. Com este fervor de espirito tão grande levantou o escapulario, e descuberto o peito tomando na mão um agudo ponteiro de ferro olhava para o coração, e dizia: Deos Omnipotente, dai-me vós hoje forças, e licença para satisfazer a meus desejos, pois já agora

ne convém não me contentar com menos que com vos metter dentro nas entranhas deste coração. Dizendo isto começou a ferir-se com o ponteiro sobre o coração, e cortara carne de cima para baixo até que deixou escrito nella o Nome de JESU. Entretanto corria o sangue de maneira, que lhe banhava o corpo todo, e olhando para elle com uma alegria da alma não estimava as dôres pela força do amor, que era causa delas. Acabada a obra assim como estava envolto em seu sangue foi-se á Igreja, e posto de giolhos diante de hum Crucificio disse: Já Senhor meu, unico amor desta alma minha, ponde os olhos na forvorosa vontade com que vos busco. Bem vêdes que não tenho poder para vos imprimir em mim tão deveras como eu quizera, sede vós logo servido, Senhor meu, de condescender agora com meus rogos, acabai o que falta, imprimi-vos no profundo deste coração, e esculpi vosso Santo Nome em mim, de maneira que jámais possaes esquecer-vos, ou apartar-vos de minha alma. Durárão-lhe muito tempo abertas estas feridas de amor. Em fim sendo são, ficou-lhe o Nome de JESU escrito, e expresso no coração como pedíra. Erão as letras de grossura de uma cana de trigo verde, e tinhão de comprimento quanto ha de um nó a

outro no dedo minimo da mão. Este nome trouxe em seu peito até á hora da morte. Todas as vezes, que lhe palpitava o coração fazia o nome o mesmo movimento, e nos principios lançava de si um estremado resplandor. Mas o Santo teve sempre tamanho cuidado de o esconder, que já nunca mais o descobrio a ninguem, senão foi a um de seus companheiros, a quem o deixou ver em segredo, por ter com elle amizade particular e espiritual. Dalli em diante quando lhe succedião trabalhos, punha os olhos neste sinal de amor, e passava-os melhor. Algumas vezes fallando com o Senhor familiarmente soía a dizer-lhe. Os amantes do mundo costumão trazer os retratos das suas damas nas roupas que vestem, e eu, Senhor, com muito avantejada affeição escrevi-vos em meu coração, e em meu sangue. Um dia recolhendo-se para a cella, acabada a oração, que tinha depois de Matinas, encostou-se sobre um banco tomando por cabeceira o livro, que chamão *Vitas patrum*. Aqui teve um rapto, e parecia-lhe que se lhe levantava do coração alguma claridade, e pondo os olhos nelle vio sobre o mesmo lugar uma Cruz de ouro guarnecida de muita pedraria, entre a qual resplandecia com maravilhosa obra o Nome de JESU. Acudio logo com o capello a cobrir

o coração, trabalhando por esconder tão espantosa luz, para que de ninguem fosse vista, mas quando mais se cansava, então se esforçavão estremadamente os ardentes raios, que della saião, lançando de si tamanho resplandor, que por nenhuma via pôde encobrir, nem reprimir sua força.

CAPITULO VI.

De alguns ensaios de consolações divinas, com que Deos favorecia o B. Fr. Henrique em seus principios.

SAíndo o Santo um dia de Matinas, e recolhendo-se como costumava em seu Oratorio, deitou-se sobre o seu banco para repousar um pouco. Foi o sono breve, e não durou mais, que até os espertadores darem sinal do dia, a cujas vozes acordou, e derribando-se logo por terra saudava a estrella d'alva, digo, a Soberana Rainha dos Ceos, parecendo-lhe, que assim como as avesinhas pelo Estio sáem alegremente a receber o dia quando amanhece, assim era razão levantar-se elle tambem a adorar a mãi do Eterno Sol com alegre, e devoto affecto. As palavras que dizia de saudação não erão rezadas só-

mente, mas entoadas com uma musica da alma calada, e suave. Antes do Santo acordar do sono, que digo, ouvia um espantoso estrondo, que lhe retumbava dentro n'alma, com que todo estremecia. O som era por estremo agudo, e foi sentido delle no mesmo tempo, que costuma a nascer a estrella d'alva, e daquelle som saía uma voz intelligivel, que dizia: *Maria estrella do mar subio hoje no Oriente.* Soou-lhe este verso nas orelhas com tal melodia, e tanto sobre o natural, que todo se alegrou em sua alma, e começou juntamente a cantar. Passado o som, e juntamente a sua musica, sentia-se abraçado sem saber com quem, por um modo, qual nenhuma linguagem alcança a declarar, e logo ouvio esta voz: Quanto mais amorosamente me abraças, e quanto mais puramente sem mistura corporal juntas tua face com a minha, tanto com mais gosto, e maior amor serás abraçado no reino de minha eterna luz. No fim destas palavras acordou, e lembrando-lhe o que passára, desfazia-se todo em lagrimas de devoção. E logo seguindo seu costume saudava a estrella d'alva pelo modo, que temos dito. Depois desta saudação começava outra na mesma hora em reverencia da Sabedoria eterna beijando o chão, e dizendo uma oração devotissima, que elle

compoz, e anda nos livrinhos, que fez de devoção, que começa: *Desejou minha alma, etc.* A estas duas ajuntava a terceira beijando tambem o chão em honra do mais alto, e mais abrazado Seraphim do Ceo, que com maior fervor arde em amor divino. O que lhe pedia era, que inflammasse sua alma no mesmo amor, de maneira, que não só se abrazasse todo até ás entranhas neste santo fogo, mas fizesse arder nelle ao mundo todo com suas fervorosas amoestações, e doutrina. E taes erão as devoções, que usava todas as manhans quando se levantava. No tempo do entrudo, em que o mundo anda todo devasso, e descomposto, estendeo o Santo Varão huma noite tanto a oração, que os espertadores já fazião sinal, que amanhecia: elle então fallava comsigo, e dizia: Repousa agora um pouco corpo cansado antes que vamos a receber a formosa estrella d'alva, e deixando vencer os sentidos de um breve sono, começárão os Anjos a cantar aquelle brando, e suavissimo Responsorio: *Surge illuminare Jerusalem, etc.* E a musica soava dentro em sua alma com estremada suavidade. A cabo de um pequeno espaço enlevava-se-lhe o espirito naquella celestial harmonia, de maneira, que já não podia sopportar o peso do corpo mortal, e terreno,

e assim acordava tresbordando-lhe pelos olhos a gloria do coração em ardentes arrojos de lagrimas, que delles vertia. Pelo mesmo tempo encostando-se algumas vezes para repousar, parecia-lhe, que era levado a uma região estranha, e logo via o seu Anjo da guarda, que posto á sua mão direita com semblante alegre e risonho o acompanhava: em vendo o Anjo abraçava-se com elle, liando-o com seus braços, e mettendo-o todo em sua alma, o mais apertada e amorosamente, que podia, de maneira, que lhe parecia, que entre elle, e aquelle celestial espirito não havia nada de permeio. Então soltando uma voz magoada, e os olhos arrasados de agua, e com uma perfeita devação da alma, dizia-lhe estas palavras: O' amorosissimo espirito, que por Deos me fostes assinado para guarda, e remedio de minha vida, peço-vos pelo ardentissimo amor, que tendes a esse mesmo Senhor, que me não desampareis. A isto respondeo o Anjo: Como? E não ousastes a fiar-vos de Deos? Pois crede-me, que tamanha é a caridade com que ab eterno vos amou, que vos não desampara jámais por sua vontade. Outra vez começando a esclarecer a manhãa depois de ter descansado um pouco de suas contínuas penitencias conversando familiarmente com os Anjos em

extasi, pedio a um delles que lhe declarasse, porque modo morava Deos escondidamente em sua alma. Tornou-lhe o Anjo: Ora sus, quero-vos mostrar o que desejais. Ponde alegremente os olhos em vós mesmo, e vereis como se ha Deos com uma alma, que o ama, como a vossa. Attentando logo para si, vio, que sobre o sitio do coração se lhe tornava a carne transparente como um cristal, e via sentado quietissimamente no centro delle ao eterno Deos em uma figura cheia de amor, e benignidade: e junto delle conhecia, que estava sua alma confiada nas benções, e amor do Ceo, e brandamente encostada a um lado do Senhor, mas da parte delle apertada com estreitos abraços, e mettida toda em seu divino coração, e assim a via estar como em um extasi, e roubados os sentidos, sumida toda, e adormecida entre os braços do Salvador.

CAPITULO VII.

De algumas consolações, que o Santo Varão teve do Ceo.

TRazia o B. Fr. Henrique neste tempo um modo de cilicio feito por suas mãos tão duro, e aspero, que a toda a hora lhe dava grande

afflicção. Estando assim atormentado uma noite precedente á festa, que a Igreja celebra dos Anjos, foi arrebatado em extasi, e parecia-lhe que ouvia uma musica do Ceo, e vozes angelicas, com que ficou tão alliviado, que de todo perdeo a memoria das dôres, que passava, e dizia-lhe um dos Anjos: Assim como ati te recreia ouvir de nós os canticos da Eternidade, que entoamos, assim nos alegra a nós ouvir-te as cantigas da eterna, e altissima Sapiencia, que compões, e logo ajuntou: Este que ouvistes he aquelle cantico, com que hão de saír todos os escolhidos do Senhor no dia ultimo do mundo, tanto que se virem confirmados na posse da eterna bemaventurança. Muitas outras horas teve o servo de Deos no mesmo dia esta celestial conversação vendo, e contemplando as festas, e passatempos dos Anjos. Primeiramente começando já de amanhecer veio-se a elle um mancebo, que no geito, e na presença parecia ser um musico do Ceo, que Deos lhe enviava. Acompanhavão-no muitos outros mancebos de gentil disposição na mesma postura, e traje, salvo que aquelle era de meu respeito como Archanjo. Chegou-se ao Santo com brio grande, e disse-lhe, que elle e seus companheiros erão alli mandados por ordem divina para o alegrarem, e

entreterem, e lhe alliviarem as penas, que padecia. Pelo que, dizia o Archanjo, é necessario, que posta de parte toda a melancolia, entreis nesta companhia, e danceis comnosco as danças do Ceo. Isto dito chegárão-se todos a elles, tirando-o pelas mãos, mettêrão-no entre si. E o Archanjo começou logo a entoar um hymno do Menino JESU, que diz: *In dulci jubilo, etc.* Tanto que o Santo vio, e ouvio solemnizar com tão acordada, e desenvolta harmonia o Nome de JESU, ficou tão alliviado do coração, e de todos os sentidos, que despedindo n'um momento toda a tristeza, parecia-lhe que nunca tivera trabalho, e estava com grande gosto d'alma todo embebido na destreza, e admiravel concerto, com que aquelles espiritos bemaventurados dançavão. O mestre desta angelica capella sabía mui bem ordenar tudo. Elle começava os versos com graça celestial, os outros proseguião cantando, e juntamente dançando com alegria entranhavel. E elle no fim repetia tres vezes a clausula: *Ergo merito, etc.* Não erão estas danças como as que se usão cá na terra. Erão umas marés celestiaes, que se estendião até o immenso abysmo da divindade. Muitas outras consolações do Ceo teve o B. Fr. Henrique a este modo, que por alguns annos forão quasi sem

numero, principalmente quando se achava mais afligido de suas penitencias, e assim as passava melhor. Um servo de Deos teve uma revelação, em que o vio ao tempo, que sobia ao altar para dizer Missa cercado de um resplendor, e via descer sobre sua alma a graça de Deos a modo de orvalho, e logo unir-se o Santo com elle de maneira, que ficavão Deos, e elle uma só cousa. Vio mais estarem por detraz delle muitos meninos de lindo e gracioso parecer, com cirios acesos nas mãos, que rodeavão o altar, e postos em ordem huns traz outros, e todos um, e um se ião chegando ao Santo, e estendendo os bracinhos, o abraçavão amorosissimamente, e o apertavão comsigo. Em fim espantado Fr. Henrique da visão, perguntava-lhes quem erão, ou que querião significar naquella obra. E respondião-lhe os meninos, que erão companheiros do Santo, e participantes de seus gostos na gloria eterna, e por isso o acompanhavão perpetuamente, e o guardavão. Replicou o Santo Varão: E que quer dizer abraçardes todos com tanto amor a este Frade?, Queremos-lhe muito, responderão elles, e temos com elle grande conversação, e amizade, e haveis de saber que obra o Senhor Deos em sua alma grandes maravilhas, e taes, que senão podem declarar. E tudo o

que elle quizer pedir de proposito a Deos nunca lhe será negado.

CAPITULO VIII.

De algumas revelações, que o Servo de Deos teve.

NO mesmo tempo teve o Varão muitas revelações de cousas secretas, e de outras que estavão por vir. E foi o Senhor servido dar-lhe uma certa noticia, e experiencia do que passava no Ceo, Inferno, e Purgatorio. Apparecião-lhe a miude muitas almas quando passavão desta vida, e contavão-lhe seus successos. Ora por que peccados estavão penando, e como podião ter remedio, ora que gráos de gloria tinhão alcançado. Entre outros lhe apparecerão o Santo Eckardo de gloriosa memoria, e o Santo Fr. João Fucrerio de Argentina. O Santo Eckardo lhe contou, que estava cercado de enchentes de uma gloria tal, que se não podia dar a entender com palavras, e que de todo estava trasformado em Deos. E Fr. Henrique propoz-lhe duas questões. A primeira era, em que estado estavão com Deos aquelles, que com verdadeira resignação desejavão de o contentar sem mistura de erro, nem falsidade. Ao que lhe

foi respondido, que não havia palavras, nem termos humanos, que pudessem significar o como se sumia uma alma naquelle abysmo immenso, e sem limite da divindade. A segunda questão era qual seria o mais proveitoso exercicio para uma alma poder chegar a este estado? Respondeo-lhe o Santo Eckardo, que o mais seguro meio era fugir-se um homem a si mesmo, e desapropriar-se de si com uma humilde resignação, e não querer nada das creaturas, e tomar tudo o que vier da mão de Deos, e com isto saber-se governar com mansidão, e paciencia com toda a sorte de máos homens. O Santo Fr. João lhe mostrou tambem uma especial formosura, de que sua alma estava ataviada na Gloria. E Fr. Henrique lhe perguntou qual era entre todos o mais proveitoso exercicio para a salvação, e mais custoso de pôr por obra. Respondeo, que nenhuma cousa podia dar maior trabalho a uma alma, nem aproveitar-lhe mais, que sofrer com paciencia ser desamparada de Deos, e assim folgar de carecer de Deos por amor do mesmo Deos. Tambem appareceo ao B. Fr. Henrique seu pai depois de morto, que como na vida se deixou levar todo das vaidades do mundo, manifestou-lhe com representação lastimosa o cruel tormento, que tinha no Purgatorio, e decla-

rou-lhe a culpa principal porque o padecia, e o modo, que podia haver para o Santo filho lhe dar remedio nelle, o que o Santo Varão cumprio. E elle lhe tornou apparecer, e lhe deu conta como estava já livre da pena. A mãi de Fr. Henrique ficando viuva por morte de seu marido, foi mulher de abalisada virtude; e mostrou Deos em seu corpo e coração depois de morta sinaes maravilhosos. Sendo fallecida appareceo ao filho em revelação, e contou-lhe grandissimas mercês, que tinha recebido do Senhor. Por este modo vio, e fallou a muitas almas, que foi cousa, que por então lhe deu algum allivio, e muito tempo o ajudou a perseverar naquella aspereza de vida, que seguia.

CAPITULO IX.

De como se havia o B. Fr. Henrique quando havia de ir ao refeitorio, e quando comia nelle.

Todas as vezes que este Santo Varão havia de ír ao refeitorio tinha por costume sentar-se primeiro de joelhos diante de Deos, e entregue a uma profunda meditação da alma, pedia-lhe efficazmente quizesse acompanhal-o, e comer com elle. Suavissimo JESU,

dizia, com grande gosto e vontade d'alma vos convido agora. Peço-vos Senhor, que assim como misericordiosamente me dais de comer, assim queirais hoje acompanhar-me com vossa presença. Tanto que se assentava á meza figurava defronte de si, como em objecto aquelle amorosissimo hospede das almas puras, e fazendo conta, que o tinha alli comsigo, punha nelle os olhos branda e alegremente, outras vezes reclinava-se a seu lado. Cada prato, que lhe trazião offerecia a este pai de familias celestial, e pedia-lhe, que lhe deitasse sua benção, usando de palavras familiares, que as mais das vezes erão estas: Amantissimo Senhor peço-vos que comais comigo. Meu Senhor JESU benzei, rogo-vos, este comer, e tomai delle juntamente com este pobre servo vosso. Taes erão os amores, que tinha neste lugar com a Eterna Sabedoria. Quando havia de beber primeiro lhe offerecia o copo, rogando-lhe que bebesse. Tinha por costume beber á meza cinco tragos sómente, e estes fazia conta, que os bebia das cinco chagas de seu amado JESU. E porque do sagrado lado saío juntamente sangue, e agua, repartia este trago em dous. O primeiro bocado, e o derradeiro tomava po[illegible] do mais abrazado coração, que podia haver na terra para com

Deos, e pol-a mais inflammada caridade do mais alto Serafim do Ceo, com desejo de alcançar para sua alma perfeita communicação destes dous amores. Se lhe davão algum comer, que não era de seu gosto, servia-lhe de sal para o levar o coração de Christo banhado em sangue, e assim o passava sem duvidar, e sem receio de lhe fazer dano. Era o Santo muito amigo de maçãs, e o Senhor mandava-lhe que as não comesse. Em uma visão, que teve, parecia-lhe que lhe davão uma maçã, e que quem lha dava lhe dizia: Toma, e farta a vontade, que estas são as miserias, em que tu andas buscando gostos. Respondendo o Santo que em nenhuma cousa tinha gosto se não na Eterna Sabedoria: disse-lhe o outro que mentia, porque o certo era que folgava mais do necessario com maçãs. Ficou daqui o Santo tão corrido, que em dous annos depois não sómente não comeo maçãs, mas nem ainda as tomou na mão. Tendo passado os dous annos não sem asaz saudades desta fruta, succedeo haver no terceiro tão fraca novidade della, que se não dava aos religiosos em communidade, e elle ainda que tinha acabado comsigo, apezar de trabalhosas contendas, e varias contradicções do espirito não procurar na meza, nem desejar para si em particular nenhuma cousa principalmente de

fruta; pedio a nosso Senhor, que se fosse seu serviço tornar elle a comer maçãs, ordenasse de maneira, que as houvesse para toda a communidade. Despachou-lhe o Senhor esta petição á medida de seu desejo, e aconteceo, que amanhecendo o dia seguinte, chegou um homem não conhecido ao Convento com uma boa quantidade de moeda feita de novo, que lhe deixou com condição, que se empregasse toda em maçãs; fizerão-no assim os Frades, e por muito tempo tiverão maças contínuas no refeitorio, e desde então começou Fr. Henrique a comel-as com gosto. As maçãs maiores fazia em quatro quartos, destes comia tres em nome da Santissima Trindade, e o outro em reverencia do amor com que a Virgem Sacratissima dava as maçãs a seu precioso filho sendo menino, e este quarto comia sem o aparar, porque assim as comem os meninos. Do Natal por diante até alguns dias depois não tocava neste quarto, offerecendo-o em seu pensamento á Virgem purissima, para que ella de sua mão o désse ao menino JESU, por cujo amor folgava de o deixar. Se alguma hora lhe acontecia sentir-se muito appetitoso de comer ou beber, pejava-se e havia vergonha da sua veneravel esposa a eterna Sabedoria, que fazia conta, que tinha presente, e se por esqueci-

mento passava por qualquer cousa destas, elle mesmo se dava o castigo. Chegou-se uma vez um peregrino a elle, e disse-lhe, que em uma visão lhe fòra mandado do Ceo, que se queria guardar a ordem devida no comer se fosse a elle, e lhe pedisse quizesse ensinar-lhe as regras e exercicios, que neste particular usava.

CAPITULO X.

De como se aparelhou Fr. Henrique para entrar no anno novo.

EM Suevia, donde Fr. Henrique era natural, é costume em algumas terras entre mancebos leves, e ociosos, quando chega o primeiro dia de Janeiro arruarem toda a noite, e procurar cada um haver uma Capella da mão de suas damas, e a este fim compoem trovas, e dão musicas, e finalmente usão de todo artificio, e industria para obrigarem ás damas. Vindo o Santo Varão a saber isto foi a cousa, que mais lhe caío em graça, e melhor lhe pareceo a sua arte. E logo na mesma noite se determinou elle tambem visitar sua Senhora, e pedir-lhe uma capella. E assim antes de nascer o Sol foi-se aonde estava uma imagem de Nossa Senhora, que tinha

entre seus braços o Menino JESU brandamente apertado nos peitos, e posto de joelhos diante della com uma musica d'alma calada, e suave começou a cantar uma Sequencia da Virgem, pedindo-lhe por mercê abrisse caminho para elle alcançar de seu bento filho uma capella, e o que faltasse em seu merecimento, supprisse ella com sua misericordia. Fez isto por muitas vezes tão de véras, e acudio-lhe tamanha força de choro, que todo se banhava em fervorosas lagrimas. Acabada esta musica voltava-se para aquella, que unicamente amava, digo a Eterna Sapiencia: e prostrado a seus pés, adorava-a do mais intimo de sua alma, e engrandecia com muitos louvores sua formosura, seu valor, suas virtudes, sua brandura, e liberdade junta com eterna autoridade, e respeito, e affirmava, que em nenhuma dama do mundo, por formosa que fosse, estavão tambem estas partes como nella. Isto fazia com o canto, com as palavras, c'os pensamentos, e c'os desejos como melhor podia, e juntamente estava desejando de poder ser por modo espiritual como um messageiro de todos os corações namorados, e como um golfo, e amontoamento de todos os pensamentos, palavras, e sentidos, que nascem do amor, para que assim pudesse dar louvores á Sapiencia iguaes com

seu merecimento, pois por outra parte se sentia indigno de a poder louvar. Em fim fallando com ella lhe dizia: Vós sois, ó amada minha, minha alegre paschoa, vós estio florido de meu coração, vós minha hora de gosto, vós sois aquella a quem só ama, e de quem só faz conta esta alma minha, e por cuja causa tem dado de mão a todo o amor mundano. Peço-vos, Senhora, que me valhais nisto, e que mereça eu hoje alcançar de vós uma grinalda. Fazei-me, rogo-vos Senhora benignissima, esta mercê pol-a vossa liberalidade divina, pol-a vossa natural bondade, e não permittaes, que neste principio de anno me aparte eu de vós com as mãos vazias, que não estará isso bem a quem vós sois, ó doçura da vida. Lembre-vos Senhora, que testemunha de vós um leal servo vosso; que não se acha em vossa casa, sim, e não, senão, sim, e mais sim. Eia pois alegria de meu coração dai-me por favor celestial uma aprazivel, e graciosa capella, para que assim como a recebem esses desatinados amadores do mundo feita por mãos humanas, assim a minha alma receba neste dia por meio das vossas clementissimas, ó Sabedoria suavissima, alguma graça particular, ou nova luz em lugar de Janeiras. A este modo costumava o Santo fazer suas orações, e nunca jámais lhe

acontecia enganal-o a esperança, com que entrava nellas.

CAPITULO XI.

Das considerações com que o Beato Fr. Henrique cantava as palavras do Prefacio: Sursum Corda.

UMa hora perguntavão a Fr. Henrique seus amigos, que tenção tinha quando cantando a Missa começava a entoar aquellas palavras do Prefacio *Sursum corda* (cuja significação é, que se levantem, e suspirem a Deos os corações de todos), porque as dizia com tanta efficacia, e sentimento, que espertava nos ouvintes um particular movimento de piedade, e devação. Aos quaes o Santo Padre com facilidade respondeo desta maneira: Quando na Missa pronunciava estas palavras as mais das vezes me acontecia derreter-se-me a alma e o coração com ardentes saudades, que naquelle ponto sentia de Deos, que erão taes, que me roubavão o coração, e m'o fazião saír de si. Era a causa tres soberanos e poderosos pensamentos, ou discursos, que em meu entendimento se movião, dos quaes naquella hora se me offerecião ora um, ora dous, e ás vezes todos tres, e tinhão força para me en-

levar, e arrebatar todo em Deos, e por meu meio a todas as creaturas. O primeiro, que interiormente me occorria era este. Propunha-me a mim mesmo diante dos olhos d'alma todo tamanho sou com alma, e corpo, e todos meus sentidos, e ao redor de mim assentava todas quantas creaturas ha por toda a parte feitas por Deos, lá nos Ceos, cá na terra, e nos elementos, e cada uma por si nomeadamente como as aves do Ceo, as féras dos bosques, os peixes das aguas, e todas as cousas, que a terra produz té a mais pequena hervinha do campo, as arêas do mar sem conto, e todos os argueiros que se descobrem nos raios do Sol, juntamente todas as gotas de agua, que procedem, e hão de proceder do orvalho, da neve, das chuvas, e estava notando como cada cousa destas, do mais intimo centro de meu coração ía levantando em alto com uma suave harmonia como de uma bem tocada viola, todo de cabo a cabo cantavão novos, e altissimos louvores ao amantissimo, e suavissimo Deos. Então com um crescido alvoroço se estendião os braços de minha alma contra aquelle concurso infinito de creaturas com tal tenção, que todos por meu meio brotassem louvores Divinos: como faz, nem mais, nem menos um dextro e entendido mestre de capella, quando

convida seus companheiros, que cantem alegremente, e levantem os corações a Deos, dizendo: *Sursum corda.* O outro discurso era este: Representava em minha memoria meu coração, e os corações de todos os viventes, e imaginava, que de gosto e alegria, que de paz e amor possuem aquelles, que só a Deos rendem seus corações! E pelo contrario quanto mal, e quanto trabalho, quantos tormentos, e alterações causa o amor das cousas transitorias a quem se vai traz ellas! E assi com grande fervor, e affecto da vontade fallava com meu coração, e com todos os mais do mundo por onde quer que vivem, dizendo: Eia sus cativos corações, entregues a um triste cativeiro, acabai já de resuscitar da morte dos vicios. Eia sus corações vãos, e dissolutos, sahi já da frouxidão e tibieza desta vida torpe, e descuidada. Alto, alto levantar a Deos com uma conversão perfeita, e desembaraçada de todas as cousas da vida: *Sursum corda.* A terceira consideração era uma caritativa compaixão, e lastima de todos aquelles que, tendo bons desejos, todavia não acabão de estar resignados, e entregues nas mãos de Deos, e estando em si levão o caminho perdido, e andão enredados em erros, e a causa é porque trazem o coração repartido em varias partes e andão derrama-

dos nas cousas temporaes. A estes todos, e a mim com elles provocava eu a tentarmos uma confiada, e desassombrada experiencia de nossas forças, e do que nos cumpre para a salvação com uma perfeita renunciação de nós mesmos, e de todas as creaturas, dizendo: *Sursum corda.*

CAPITULO XII.

Do modo com que o Santo solemnizava a festa da Purificação de Nossa Senhora.

TRes dias antes do em que a Igreja celebra a festa da Purificação da Virgem gloriosissima lhe fabricava o Santo com suas orações uma candeia, a qual fazia de tres pavios. O primeiro á honra de sua inteirissima pureza. O segundo em reverencia de sua immensa humildade. O terceiro em veneração da dignidade de mãi de Deos, que são as tres excellencias, em que esta Senhora é avantajada a todos os mortaes. Esta candeia espiritual, que digo começava tres dias antes da festa, rezando cada dia tres vezes a *Magnificat*, e quando chegava o dia da festa ia-se pela manhãa á Igreja antes que ninguem viesse, e pegado com o altar mór esperava alli em meditação até a Santa parida entrar

com seu divino penhor. Considerando que chegava á primeira porta da cidade, fazia conta que saía a recebel-a em companhia de todos os corações, que amão a Deos, mas levando a todos a dianteira em affecto, e devação d'alma. Na praça chegava-se a ella, e pedia-lhe quizesse alli parar um pouco com seu acompanhamento, em quanto a servia com um Cantico, e logo começava á pressa *Inviolata*, *etc.* com uma harmonia espiritual, e calada de maneira, que se lhe vião mover os beiços, mas não se lhe ouvia a voz. Isto cantava com a maior devação e amor, que podia, e quando dizia, ó benigna, ó bènigna, abaixava-lhe a cabeça em sinal de reverencia, pedindo-lhe mostrasse sua clementissima benignidade para com o peccador miseravel. Dalli passando seguia a Senhora com seu cirio espiritual aceso, desejando que não consentisse ella jámais que se apagassem em sua alma as chammas do divino fogo. Depois chegando-se á companhia dos servos de Deos, que a acompanhavão entoava aquelle cantico *Adorna thalamum*, *etc.* e lembrava-lhes, que recebessem dignamente o Salvador, e festejassem com alvoroço a Virgem sua mãi. E assim os levava todos ao templo com hymnos, e louvores. Antes da Virgem entrar dentro, e entregar o Redemptor ao Santo Simeão, chegava-se de novo

a ella com um afervorado desejo, e com os joelhos em terra, e as mãos e olhos levantados pedia-lhe, que lhe mostrasse o menino, e lhe desse licença para lhe beijar os pés, o que consentindo a Senhora estendia o Santo seus braços, e com elles juntamente toda a machina do mundo, e tomava no collo o amado Esposo de sua alma, e n'um breve espaço o abraçava cem mil vezes, contemplava aquelles olhos formosissimos, e aquellas mãos de neve, beijava com humildade todos aquelles divinos membros, tenros, e pueris. Em fim contemplando tudo, e levantando os olhos para o Ceo com espanto, chorava em seu coração, todo pasmado de ver o autor do Ceo tão immenso, e aqui tão pequeno, tão formoso nos Ceos, e menino na terra. Alli se occupava todo com o bom JESU, ora cantando, ora desfazendo-se em lagrimas, entregue a toda a sorte de exercicios espirituaes. Ultimamente entregava-o a sua mãi, e entrava com ella no templo até se acabar toda a solemnidade.

CAPITULO XIII.

De como se havia o B. Fr. Henrique nos dias do entrudo.

AO sabbado antes da Dominga da Septuagesima, em que a Igreja deixa de cantar a alleluia, que é o tempo em que os homens mundanos andão mais soltos, e dados a desatinos e vicios com a visinhança do entrudo, ordenou Fr. Henrique de fazer para si em sua alma um entrudo celestial, por esta maneira: Considerava primeiro quão momentaneo, e prejudicial era o gosto do entrudo carnal, e como os mais dos homens por um breve passatempo comprão desaventuras, e miserias prolongadas, e rezava o Psalmo do *Miserere mei Deus* em honra do Senhor, e por todos os peccados, injurias, e affrontas, que se lhe fazião naquelle devasso tempo, e a este chamava elle entrudo de villãos, como de gentes, que por ignorantes não alcanção cousas mais altas. Depois meditava nos ensaios da vida celestial, considerando como Deos honra a seus servos ainda vivendo na carne mortal, e corruptivel, quasi como passando tempo com elles por meio de divinas consolações. Logo passava pela memoria tudo o que neste genero tinha experimentado em si,

acompanhando-o com muitas graças, e louvores ao Senhor. Ainda no tempo de sua conversão teve o Santo um espiritual entrudo do Ceo, que passou desta maneira: No mesmo dia de entrudo antes de Completas tinha-se recolhido o Santo a uma estufa, para se aquentar, porque se perdia de frio, e de fome, mas muito mór trabalho lhe dava a sede, que juntamente padecia. E vendo alli muitos que se fartavão de carne, e vinho quando elle morria de fome e sede, sentio-se mover interiormente, e foi-se logo fugindo pol-a porta fóra arrancando grandes suspiros d'alma com dó, e compaixão de si mesmo, mas na mesma noite teve uma visão, em que lhe parecia que se achava em uma enfermaria, e da banda de fóra ouvia cantar um hymno celestial com tanta melodia, e concerto, que não se lhe podia comparar nenhuma bem acordada viola, e era a voz como de um moço de eschola de idade de doze annos. Ficou logo Fr. Henrique esquecido da pena que lhe davão a fome, e a sede, e estava mui attento, e com as orelhas promptas ouvindo a musica. E dizia com o fervor da alma quem é o que canta alli fóra? Eu não ouvi jámais na terra tão acordada harmonia. Respondia-lhe um mancebo de gentil disposição, que naquella hora chegava: Sabereis

que aquelle moço não vem cantar a outrem, senão a vós, e por vosso respeito dá esta musica. Replicava o Santo: O' se Deos se lembrasse de mim? Peço-vos celestial mancebo, que lhe mandeis que torne a cantar. Tornou então o moço a começar de novo a musica com um tiple altissimo, e não parou até dar fim a tres canticos celestiaes. Os quaes acabados, parecia-lhe a Fr. Henrique que o moço se sobia pelos ares ás janellas da enfermaria, e lhe offerecia um ramo apinhoado de uns fructos vermelhos como morangãos, que o mancebo lhe tomava das mãos, e alegremente lh'o appresentava com estas palavras: Tomai irmão e companheiro meu esta fructa de que vos faz merce aquelle Senhor, que vos mais ama, filho delRei Eterno, que é o lindo moço, que ouvistes cantar. O' se soubesseis bem quanto vos quer! Ouvindo isto Fr. Henrique era tal o prazer que sentia, que se lhe acendia todo o rosto em cór de sangue, e recebendo alegremente o ramo dizia: O' venturoso homem, que pôde alcançar deste divino Senhor uma tão alta mercê com que não é possivel deixar de ser alegre esta alma perpetuamente. E voltando para o mancebo, que lh'o déra, e para outros espiritos bemaventurados, que tambem erão presentes: Charissimos amigos, dizia, não vos parece

razão, que ame eu de todas minhas forças este gracioso, e soberano menino? Merecedor é de verdade que o ame. E se a mim me constára qual he sua vontade, fizera-lha eu em todas as maneiras. Logo tornava para o mancebo, que lhe déra o ramo, e dizia-lhe: Dizei-me por vida vossa, amado mancebo, parece-vos que faço nisto o que devo? Ao que elle sorrindo-se respondia, mui bem o entendeis. Justo e devido é, que queirais muito a quem com mais affeição vos olha, e quer, que a muitos outros. Pelo que vos lembro que façais pelo amar de todo coração, e que estejais apercebido, porque sabeis que cumpre padecerdes muito, e mais do que muitos outros padecerão. Tudo farei quanto dizeis, disse o Santo, de mui boa vontade, mas peço-vos que façais, que possa eu vel-o para lhe agradecer este rico presente. Chegai á janella, tornou o mancebo, e olhai. Abrio Fr. Henrique a janella, e vio um moço como estudante de tão acabada formosura, qual nunca vira outro; e querendo-se lançar a elle pela janella, fez-lhe o moço uma amorosa inclinação, e deitou-lhe uma benção, e subitamente desappareceo. E por aqui acabou a visão. Tornando o Santo em si rendeo as graças ao Senhor por este divino entrudo, que de sua mão recebêra.

CAPITULO XIV.

De como festejava o Beato Fr. Henrique a entrada de Maio.

NA noite do primeiro dia de Maio costumava o Santo colher espiritualmente, e guardar para si um ramo verde, ao qual venerava alguns dias com oraçoens quotidianas. E como para haver este ramo não pôde nunca achar arvore mais fresca entre todas as que florecem na terra por mais bellas, e bem assombradas, que fossem, que o lenho excellente da Sagrada Cruz, que em graça, e virtudes, e em todo o genero de perfeição é mais nobre, e mais fresca arvore de todas as arvores; debaixo dos ramos desta divina arvore, e á sombra della se debruçava no chão seis vezes desejando a cada uma dellas em sua contemplação de lhe enramar, e entertecer as folhas misticas das mais bellas, e mais cheirosas boninas, que produz o florido Verão, e dizia cantando entre sí o hymno: *Salve Crux sancta etc.* ajuntando mais estas palavras: Deos te salve arvore celestial de saude perpetua onde cresceo o fructo da eterna Sabedoria. Primeiramente em lugar de todas as rosas encarnadas para teu ornamento, e atavio continuo, te offereço um amor en-

tranhavel. Em segundo lugar te offereço por todas as violas, que nascem á face do chão uma humilde sujeição. Em terceiro por todos os cheirosos lirios um abraço de pureza. Em quarto um espiritual osculo d'alma por toda a sorte de lindas, e agraciadas flores tanto em frescura, como em côres, que neste Verão criarem ou tenhão criado d'antes ou hajão de criar depois os matos, os prados, os bosques, as arvores, os jardins, e os campos. Em quinto lugar te offereço louvores infinitos de minha alma pel-a musica, que todas as aves, que alegremente voão por estes ares, derem daqui té o fim do mundo sobre quaesquer raminhos de arvores. Em sexto por toda a sorte de graça, e frescura, que o Verão póde communicar a uma planta, te engrandece hoje meu coração com espiritual armonia rogando-te, que me soccorras, arvore bendita, para que de tal maneira mereça eu louvar-te no transe desta breve vida, que na outra seja digno de gozar eternamente de ti, que és fructo de vida. Desta maneira festejava S. Santo a entrada de Maio.

CAPITULO XV.

Da maneira, que o B. Fr. Henrique acompanhava a Christo em todos os passos de sua sagrada Paixão.

TEve o Beato Fr. Henrique no principio de sua conversão muitas consolações, e mimos do Ceo, com que Deos o recreou por muito tempo, dos quaes vivia tão satisfeito, que tudo o que era tratar da gloria, e divindade do Senhor era para elle suave, e deleitoso. Mas se queria lembrar-se de sua paixão, ou pôr-se em ordem de a imitar em alguma parte, nenhuma cousa sentia mais desabrida, nem mais aspera de levar ao cabo. Donde nasceo, que o Senhor o reprehendeo; um dia asperamente lhe disse: Tão mal sabes tu que sou eu a porta, pela qual é forçado entrarem e passarem todos os verdadeiros amigos de Deos, que pretenderem alcançar gloria? Convem, sem duvida, que passes pelas afflicções de minha atribulada humanidade conformando-te com ella se queres de verdade chegar á divindade nua e perfeita. Ficou Fr. Henrique temeroso desta pratica, e trabalhava por se applicar ao que o Senhor lhe dissera, ainda que com grande repugnancia

de seu gosto. E assim começou a apprender uma sciencia, em que d'antes estava rude, entregando-se todo com o animo rendido nas mãos de Deos. Dahi em diante todas as noites depois de Matinas recolhendo-se no Capitulo, costumava exercitar-se em uma representação ao vivo da Paixão de Christo fazendo conta, que o acompanhava, e padecia juntamente, assim nos passos, que andou, como em tudo o mais que por nós padeceo. Passeava de canto a canto para deitar de si o sono, e a preguiça, e estar mais prompto, e mais esperto na meditação, e sentimento da sagrada Paixão. O lugar donde começava era o da ultima cêa. Daqui saía com Christo, e corria com elle todos aquelles lugares sagrados sem deixar nenhum té o trazer diante de Pilatos. Em fim recebia-o sentenciado á morte d'ante o tribunal, e passava com elle aquelle lastimoso caminho, que o bom JESU fez com a Cruz ás costas desd'o mesmo lugar té o monte Calvario. A ordem que levava neste caminho da Cruz era a seguinte: Chegando á porta do Capitulo para saír, primeiro que tudo com os joelhos em terra beijava as pisadas do Senhor, que fazia conta que saía por alli já condemnado á morte, e caminhava para o lugar della, e aqui rezava o Psalmo: *Deus Deus meus respice in me, etc.* E

assim saía pela porta fóra, e lá dando volta pela crasta, onde tinha formado em sua imaginação quatro praças, pelas quaes havia de passar em companhia do Senhor, e chegando á primeira passava-a com desejo, e determinação de largar todos os bens temporaes, amigos, e fazenda, e padecer em honra, e louvor de Christo um desterro desamparado de todo allivio, e uma pobreza voluntaria. Na segunda propunha dar de mão a todas as honras, e dignidades da terra, e fazer diligencia por chegar a um voluntario desprezo do mundo: considerando como o mesmo Senhor chegou a estado de bicho, e não de homem, e foi havido por afronta dos homens, e desprezo do povo. Na entrada da terceira praça tornava a pôr os joelhos em terra, e beijar o chão, e alli com animo livre, e resoluto engeitava todo o descanso, e repouso desnecessario, e todo o refrigerio, e recreação corporal á honra daquelle delicadissimo corpo de seu bom JESU, espedaçado com tormentos: pondo naquelle passo diante dos olhos, o que está escrito, que se seccou sua força como telha, e que foi tornado em pó de morte. E tendo presente na imaginação a crueza, com que aquelles algozes o empuxavão, considerava que com muita razão não haveria olhos, nem corações tão duros donde

a lastima disto não arrancasse lagrimas, e gemidos de compaixão. Chegando á quarta e ultima praça lançava-se de joelhos no meio della, fazendo conta que o fazia diante da porta da cidade, por onde o Senhor havia de saír, e posto diante, beijando primeiro o chão, pedia-lhe efficazmente, que não quizesse ír a morrer se elle antes consentisse, que acabasse juntamente em sua companhia, pois de força havia de passar o Senhor por junto delle. Estas cousas todas retratava o Santo o melhor que podia em sua alma, e tanto ao vivo como se na verdade passárão assim em sua presença, e dizia aquella oração: *Ave Rex noster fili David, etc.* E assim deixava passar o Senhor. Depois tornando-se a pôr em joelhos contra a porta, recebia tambem a Cruz com este verso: *O Crux ave spes unica, etc.* e deixava-a tambem passar diante. Então fazia outra grande reverencia com os joelhos em terra á Virgem gloriosissima Rainha dos Ceos, que passava por junto delle, e ía traz seu filho trespassada de dôres mortaes. Alli estava considerando os gestos, e meneos lastimosos da Senhora, os rios de suas ardentes lagrimas, seus profundos e magoados suspiros, e a tristeza immensa de seu Divino rosto, e rezava-lhe uma *Salva Regine, etc.* E beijava com grande devação suas pizadas,

Logo se levantava, e tornava a caminhar traz o Senhor até o alcançar, e se pôr á sua ilharga. E isto ainda que imaginado, tinha-o algumas vezes tão presente, como se corporalmente o acompanhára. E vendo-o tão só considerava como fugindo ElRei David de seu filho Absalão, nunca lhe faltárão soldados valorosos, que o acompanhavão, e familiarmente lhe assistião a um, e a outro lado. Aqui rendia, e renunciava todo seu querer, e vontade nas mãos divinas, resoluto em não engeitar nada de tudo quanto Deos quizesse ordenar delle. Depois trazia á memoria aquella lição do Propheta Isaias, que se lê na Sexta feira da Semana Santa, e começa: *Domine quis credidit auditui nostro, etc;* na qual se pinta ao vivo esta saída do Senhor para o monte Calvario. Com esta consideração entrava pela porta do choro, e subia-se ao presbyterio do altar, e alli lançando-se por terra diante de uma Cruz pedia ao bom JESU, que não quizesse consentir vel-o apartado de si em tempo algum, nem na morte, nem na vida, nem nas boas venturas, nem nas adversidades. Costumava tambem o Santo fazer outro caminho espiritual da Cruz por esta ordem: Quando se cantava a *Salve Regina* ás Completas, contemplava em sua alma a Virgem sagrada encostada sobre o se-

pulchro de seu Filho, cercada de um mar de dôres, e imaginava que erão horas de a recolher para casa, e que este officio estava a sua conta. E assim fazia tres venias em espirito, e a cada uma dellas beijava o chão, e desta maneira a acompanhava até casa. A primeira venia fazia junto do Sepulchro; porque tanto que se começava a *Salve* inclinava sua alma aos pés da Senhora, e tomava-a em seus braços espiritualmente, e alli chorava a desconsolação daquelle peito maternal cheio de amargura, de desprezos, de afrontas, e de mui amargosa tristeza, e consolava-a com lhe lembrar, que em recompensa destes trabalhos era agora Rainha poderosa, Rainha de misericordia, vida, doçura, e esperança nossa. Chegando ás portas de Jerusalem adiantava-se um pouco, e virando para traz punha os olhos nella, vendo quão lastimosa vinha, tinta, e banhada do sangue, que sobre ella estillarão os rasgados membros de seu precioso Filho, e que desamparada de toda consolação. Aqui tornava a beijar o chão com grande devação, e recebendo-a com as palavras: *Eia ergo advocata nostra*, *etc.* encommendava-lhe que estivesse de bom animo, pois já era de todo o genero humano advogada dignissima, e rogava-lhe que puzesse nelle

os seus piedosos olhos pelo amor daquelle lastimoso, e magoado aspeito, que trazia, e lhe mostrasse brando, e benigno, depois do desterro desta vida, a JESU fruito bemdito de seu ventre. A terceira venia fazia ás portas da casa de Santa Anna, mãi da Senhora, aonde entrava desfazendo-se em lagrimas, e encommendava-se em sua brandissima misericordia, e em sua brandura misericordiosissima com as devotas palavras: *O clemens, o pia, o dulcis Maria,* e pedia-lhe que na hora da morte recebesse sua alma pobre, e desterrada, e a levasse, e a defendesse dos inimigos infernaes, e encaminhasse pelas portas do Ceo á porta da eterna bemaventurança.

CAPITULO XVI.

Do cuidado com que o B. Fr. Henrique guardou a virtude utilissima do silencio.

TInha o B. Fr. Henrique grandes impulsos interiores que o obrigavão a procurar, e buscar a paz verdadeira d'alma: para o que entendia, que era como fundamento principal o silencio. Pelo que teve tal guarda na bôca, que em trinta annos nunca na mesa

quebrou o silencio senão foi uma vez comendo em uma náo com muitos Frades, com que vinha de Capitulo. E para se fazer mais senhor da lingua, e não ser arremessado no fallar tomou em sua imaginação tres mestres sem cuja licença particular não fallava. Estes erão os Padres S. Domingos, Santo Arsenio, S. Bernardo. Havendo de dizer alguma cousa logo em seu pensamento os corria todos, pedindo licença a cada um, e dizendo: *Jube Domine benedicere.* E se o que queria dizer se podia fazer em tempo, e lugar acommodado, fazia conta que tinha licença do primeiro. E se estava certo que da pratica lhe não nasceria nenhum inconveniente, ou embaraço de fóra, tinha tambem licença do segundo, e se sentia que o que queria fallar lhe não causaria desassocego algum, ou alteração interior, já então havia que todos tres lhe davão licença, e assim acabava de soltar o que queria dizer. Mas se lhe acontecia entender outra cousa neste exame, parava, e não saía dos limites do silencio. Quaudo acodia á portaria chamado por alguem, procurava guardar quatro cousas: A primeira atalhar a todos com beniguidade. A segunda concluir em poucas palavras. A terceira não deixar ir ninguem desconsolado. A quarta tornar para a sua cella sem

levar nenhum damno da conversação ou lhe ficar preso nella algum affecto da vontade.

CAPITULO XVII.

Das asperas penitencias com que o B. Fr. Henrique mortificava sua carne.

ERa Fr. Henrique em sua mocidade de uma natureza depravada, e lasciva, e como ía entrando na idade começavão os vicios a fazer nella grande abalo: do que o Santo recebia assaz desgosto conhecendo quão pesada era a carga da humanidade mal mortificada, quanto mais de seu proprio corpo. Por esta rasão inventava muitas cousas sagazmente traçadas, e affligia seu corpo com crueis penitencias, trabalhando pelo trazer sujeito ao espirito. Primeiramente trouxe muito tempo um cilicio, e uma cadêa de ferro cingida no corpo, até que pelo muito sangue, que lhe saía das chagas, que lhe causava, foi forçado a tiral-a. Mandou secretamente fazer umas ciroulas de aspero cilicio, e nellas umas fitas para se atar, em que havia cento e cincoenta agulhas de metal adelgaçadas á lima, cujas pontas trazia sempre viradas para a carne. Estas ciroulas erão muito justas, e pela dianteira apertadas para se

chegarem mais ao corpo, e assim entrarem as agulhas mais pela carne, e chegavão-lhe até o embigo, e dormia com ellas de noite. Neste tormento passava as calmas do Estio, quando vinha de fóra afrontado do caminho, e desfalecido de forças, e alento; ou quando acabava de lêr sendo mestre; e de maneira jazia apertado, que tambem os bichos lhe fazião guerra, e assim forçado da necessidade, ora se encolhia, ora se torcia, ora se revolvia de uma banda para outra, como faz um bicho, se o picão com uma agulha. Muitas vezes ficava tal da guerra, que lhe fazião os piolhos, como se estivera rodeado de muitas formigas; porque ou quizesse cerrar os olhos, ou estivesse já dormindo saltavão nelle, e mordião-no, e bebendo-lhe o sangue o atormentavão cruelmente. Nestas occasiões costumava algumas vezes dizer a Deos de todo coração: O' meu Deos, e quão penosa morte é esta, quem é morto por salteadores, espedaçado de féras alimarias acaba de uma morte abbreviada: mas eu jazendo entre bichos, e cercado delles, vejo-me morrer de contínuo, e vejo que não posso acabar, e todavia consentir tantas penas: nunca pôde acabar comsigo afrouxar nada deste rigor; nem nas compridas noites do Inverno, nem no fervor do Estio.

Antes para ter menos allivio accrescentou outra cousa de novo. Lançou ao pescoço um pedaço de cinto, que lhe ficava como colar, e nelle pegou artificiosamente duas manilhas feitas de couro, nas quaes mettia as mãos, e as fechava, como em algemas, com dous cadeados, e as chaves delles punha sobre um banco, diante do leito, em que jazia, e não se soltava senão quando erão horas de se levantar para as Matinas. Ficavão-lhe os braços pegados na garganta, e estendidos para cima, e era a prisão tão firme, que bem se lhe podia queimar a cella, e o Mosteiro todo sem elle ser poderoso para se remedear em nada como não usasse das chaves. Continuou neste martyrio tanto tempo, que lhe começárão a tremer as mãos e braços em grande maneira por se apertar tanto. Então buscou outra invenção. Fez fazer umas luvas de couro como as de que usão os trabalhadores em officios perigosos para as mãos, e os lavradores para arrancar cardos, e espinhos, e mandou-as semear todas de preguinhos de bronze de pontas agudas, e calçava-as de noite para que assim se ferisse, e magoasse se acaso dormindo quizesse afastar de si, ou afrouxar as ceroulas de cilicio, ou valer-se de alguma maneira das mãos contra os bichos, quando o comessem, e assim lhe aconteceo, que

querendo-se ajudar das mãos quando dormia, e coçando-se nos peitos com os pregos, abria as carnes tão crua, e feamente, que parecião rasgadas das unhas de alguin usso, e chegava a estado que lhe inchavão os braços, e os peitos. E sendo as feridas taes, que não sarava dellas senão a cabo de muitos dias, com tudo, em sendo são logo tornava de novo ao mesmo tratamento. Neste penoso exercicio, ou por melhor dizer martyrio, continúou o Santo dezeseis annos: no cabo dos quaes refriando-se-lhe já a natureza, e sentindo muitas contrariedades e miserias della, teve uma visão de Anjos, em um dia de Pentecoste, que lhe certificárão ser Deos servido, que não padecesse mais tal trabalho, e elle obedecendo logo, e desistindo de tudo lançou n'um rio todos aquelles instrumentos.

CAPITULO XVIII.

De uma aspera Cruz, que o Beato Fr. Henrique trouxe entre as espadoas.

SObre todos os outros exercicios de penitencia, que o B. Fr. Henrique continuou, levava-se com grande gosto daquelles que lhe fazião trazer em seu cor-

po algum sínal de compaixão experimental, e sensivel dos crueis tormentos que o Senhor padeceo na Cruz. E a este fim fabricou por suas mãos uma Cruz de páo de comprimento de um palmo, e de largura proporcionada, e pregou nella trinta cravos em honra, e memoria de todas as chagas com que Christo testemunhou o grande amor que teve ao genero humano. Esta Cruz assentou nas costas sobre a carne núa estendida entre as espadoas, e trouxe-a oito annos contínuos de dia e de noite, em louvor de Christo seu Senhor crucificado. No derradeiro anno accrescentou mais sete agulhas, cujas pontas fuguravão a Cruz pelo meio, e saíão a outra parte, ficando nella bem refirmadas, e cortadas pela parte de cima. O sangue e dôres, que estas lhe causavão recebia á honra daquella dôr penetrante, e agudissima, com que foi trespassado o coração e alma da Virgem sagrada na morte de seu filho. A primeira vez que poz esta Cruz, e a apertou comsigo, assombrou-se-lhe a natureza como delicada que era, e ficou cheia de pavor. Pelo que com uma pedra embotou um pouco as pontas dos cravos. Mas logo sentindo ver-se vencido de tal pusillanimidade, tornou-os a apontar todos com uma lima, e pol-os sobre a carne, Em todas as partes das costas, onde

ha ossos, que sáem para fóra, a Cruz lhe fazia sangue, e chaga. Quando quer que andava ou se deitava parecia-lhe que andava vestido em uma pelle de ouriço. Se alguem desattentadamente lhe tocava naquella parte ou o empuxava, magoava-o. Com um só remedio lhe pareceo que faria toleravel tão trabalhosa Cruz, e foi entalhar como entalhou nas costas della o salutifero nome de JESU. Além das afflicções ordinarias, que o Santo padecia com esta Cruz, duas vezes cada dia se disciplinava com ella por este modo: Dava-lhe punhadas em cima, e os cravos entrados pela carne, pegavão-se de maneira, que era necessario para os tirar despir-se primeiro. Isto sabia fazer tão encobertamente, e com tal aviso, que ninguem lh'o podia entender. Este modo de disciplina tomava quando nas meditações, que tinha da Paixão, chegava a contemplar a columna, em que seu Deos, e Senhor, aquelle mais formoso, e mais perfeito que todos os filhos dos homens, foi tão deshumanamente açoutado com varas, e azorragues, e pedia-lhe que com aquellas divinas chagas sarasse as suas. Outra vez se disciplinava quando chegava com o Senhor ao lugar da Cruz, e o considerava pregado nella com cravos, então se apertava elle tambem com cravos de sua Cruz

com tenção e animo de se não apartar nunca de Christo crucificado. Em outras occasiões se mal tratava tambem da mesma maneira, mas isto não era senão quando lhe acontecia ter gosto demasiado no comer, ou no beber, ou em cousas similhantes. Aconteceo um dia, que estando sentadas com elle duas donzellas em lugar púbico, e diante de muita gente, por discuido lhes tomou as mãos sem pretenção, nem pensamento máo; mas bem depressa lhe pesou assaz, entendendo que não era razão passar tal cousa sem castigo. E assim em se apartando dalli foi-se ao seu oratorio, e deitando-se sobre a Cruz ferio-se de maneira nella por aquelle descuido, que comettera, que lhe ficárão por todas as costas encravadas, e não contente com esta pena, tomou outra de não entrar, como se fôra escommungado, no capitulo á sua oração costumada, tendo pejo de ir a elle, como sohia depois de Matinas, e juntar-se com os espiritos angelicos, que sempre vinhão acompanhalo em suas meditações. Depois querendo já reconciliar-se com o Senhor, e absolver-se de todo desta culpa, castigou-se primeiro horrendamente com muitos tormentos. Primeiramente lançado por terra aos pés do Juiz, que imaginava presente, ferio-se diante delle com a Cruz, e logo posto no meio

da casa, e correndo particularmente os Santos, que fazia conta estavão á roda, ferio-se da mesma maneira trinta vezes de modo, que lhe corria o sangue pelos hombros abaixo em abundançia. Assim purgou cruelmente aquella deleitação, que lhe pareceo recebera desordenada. Acabadas as Matinas, recolhido no oratorio do Capitulo em um lugar apartado, que costumava, prostava-se cem vezes com o rosto em terra, e beijava o chão, e outras tantas fazia o mesmo posto de joelhos, e para cada vez que beijava o chão de uma maneira, e de outra, tinha suas particulares meditações. Daqui saía sempre mui trabalhado; porque como trazia a Cruz fortemente apertada no corpo, e muito mais chegada, e cosida com a carne, do que andão as cordas que se atão em vasos para servir, e como andando desta maneira se debruçava cem vezes para beijar a terra; ao dobrar-se mettião-selhe todos os cravos pela carne, e os mesmos ao levantar tornavão a saír, e logo á outra inclinação fazião novas feridas, dando em outros lugares, que era cousa que na verdade lhe causava intoleravel dòr e martyrio, que fòra mais sofrivel quando não ferirão nunca mais que n'um só lugar. Antes desta penitencia fazia outra primeiro. Tinha feito por suas mãos um azorrague, e man-

dou-o cobrir de uma parte e d'outra de umas pontas de bronze agudas como de furador, e do meio do azorrague para diante saíão mais duas pontas, que ficavão pegadas com cada uma das primeiras, de maneira que vinha a ser cada uma de tres bicos, quando dava a pancada, e feria. Com esta disciplina, levantando-se antes de começarem Matinas, se ía ao Coro diante do Santissimo Sacramento, e diciplinava-se asperamente por um bom espaço, e isto fez atè que soube que todos os Frades o tinhão já sentido, porque desde então cessou. Em dia de S. Clemente, quando começa já a entrar o Inverno, lhe aconteceo uma vez fazer uma confissão geral, e como foi noite, que tudo estava calado, fechou-se na cella, e despindo-se de todos os vestidos, ficando com as ceroulas de cilicio, que trazia, açoutou-se de maneira até nas pernas, e braços, que o sangue que delle corria não èra menos que se fôra de cutiladas de uma espada. Tinha o azorrague uma das pontas revolta, como gancho, ou anzol, que tudo o em que pegava da carne arrancava fóra. Foi tal, e tão aturada a força desta disciplina, que lhe quebrou o azorrague, e feito em tres pedaços foi dar nas paredes da cella, ficando-lhe outro pedaço nas mãos. Estando pois assim todo envolto em sangue, e

olhando para si considerava a miseravel figura de seu corpo, e muitas vezes cuidava que arremedava bem ao vivo ao mesmo Christo quando foi açoutado na columna. Logo começou a chorar agramente de uma compaixão de si mesmo. E assim como estava nú, e banhando em sangue, e por aquelle frio do Inverno, pondo os joelhos em terra, pedia a Deos, que lhe perdoasse todos seus peccados. Depois disto outra vez em um Domingo da Quinquagesima (que erão dias em que costumava tomar disciplina) estando os Frades na meza, mettido na cella, e as roupas fóra, se açoutou com a mesma deshumanidade, ficando todo lavado em sangue; e querendo apertar de novo comsigo com mais aspereza, acudio um Frade aos som dos golpes, que dava com a disciplina, e assim parou por então, mas para sentir mais tormento lavou as chagas com sal e vinagre. Em dia de S. Bento, que foi o em que Fr Henrique nasceo a horas de jantar, recolheo-se em seu oratorio, e fechando-se por dentro, despio-se, e tomando nas mãos o azorrague, que temos dito, começou a disciplinar-se. No principio desta disciplina deu com o açoute no braço esquerdo, e tocando a vêa delle, que chamão mediana, ou outra visinha, rompeo-a, e arrebentou-lhe o sangue com tanta furia,

e abundancia, que lhe corria até os pés, e alagava o sobrado. Logo lhe inchou o braço, e se lhe fez negro: do que ficando o Santo atemorizado não se atreveo a ir por diante. No mesmo tempo, e hora que assim se açoutava, uma santa donzella por nome Anna, que estava em oração em outra cidade, foi levada em visão ao mesmo lugar, e vistos os temerosos golpes, que se dava, cheia de compaixão, chegou-se perto, e indo o Santo uma vez com o braço estendido para se ferir, ella se atravessou ao azorrague, de maneira que lhe pareceo que tomára todo o golpe em um braço, e em fim tornando em si achou a pancada sinalada no braço, e a carne alli picada, e negra, e este sinal evidente por argumento certo e verdadeiro das asperas penitencias de Fr. Henrique lhe ficou bem de verdade impresso nas carnes por muito tempo.

CAPITULO XIX.

Da cama, que o Beato Fr. Henrique usava.

NEste mesmo tempo houve Fr. Henrique ás mãos uma porta velha, que ja não servia, e metteo-a na sua cella junto da cama, e costumava a dormir nella sem nenhum modo de cobertor: sómente tecco por suas mãos uma esteira de junco bem delgada, que tinha posta sobre a porta, e não lhe chegava mais que até os joelhos; para a cabeça em lugar de cabeceira poz um saquinho de palha de avea, e sobre elle outra almofadinha bem pequena. Nenhuma cousa totalmente tinha das que servem, e se usão na cama, e deitava-se, e dormia de noite assim como andava de dia descalçando sómente os sapatos, e cobrindo-os com uma capa grossa, e assi era cousa mui piedosa ver o como jazia, porque a palha dura depois de amassada fazia-se-lhe em novellos debaixo da cabeça. A Cruz com os agudos cravos passava-lhe as costas, os braços estavão amarrados, e fechados com chave em duas algemas, os lombos lastimados dos pannos de cilicio. A capa cançava-o com o peso, a porta moía-o com sua dureza, e frieldade, em fim jazia triste, e miseravel-

mente atribulado, e como um cepo não se podia mover sem muito tormento, e se lhe acontecia virar-se com força sobre a Cruz vencido do sono encravava-se nos pregos, e agulhas até os ossos. Entre tanto tudo era gemer, e dar ais ao Ceo. No Inverno passava muito mal por razão do frio. Porque estendendo os pés, como era costumado, punha-os nús na porta núa, e quando os queria encolher por estarem enregelados com frio, e chegal-os ao corpo, levantando para cima os joelhos davão-lhe caimbras nas pernas com alteração do sangue, que o atormentavão bravamente, e os mesmos pés se enchião do sangue pisado, que a elles descia, e as pernas lhe inchavão como a um hydropico, os joelhos trazia sempre pisados, e ensanguentados, os lombos dos pannos de cilicio feridos, e apostemados. A Cruz feria-o nas costas, o frio demasiado gastava-lhe a natureza, a sede seccava-lhe a garganta, e as entranhas, as mãos tremião-lhe de falta já de forças, e nestas afflicções passava as noites, e os dias. Mas tudo isto sofria obrigado do immenso, e entranhavel amor que tinha á Eterna Sapiencia, que he JESU Christo Deos, e Senhor nosso, com cuja Paixão penosissima queria conformar-se em alguma cousa. Depois deixando este modo de cama, passou-se a uma muito pequena

cella, onde tomou por cama o banco, que nella servia de assento, que era tão estreito e curto, que se não podia estender nelle, e neste modo de prisão tão apertada, e na porta, que temos dito, se deitou oito annos contínuos as vezes que havia de dormir, sem alliviar nenhuma cousa de todos os outros instrumentos de penitencia, que usava e tinha então por costume, quando se achava no Mosteiro, não entrar em estufa depois de Completas, nem se chegar á fogueira do Frades para se aquentar por mais incomportavel que o frio fosse. E isto guardou vinte e cinco annos, se não era quando acaso lhe compria ir aos ditos lugares por outra occasião. Nunca nos ditos vinte cinco annos entrou em banho, nunca lavou os pés por recreação, ou por evitar desabrimentos de corpo delicado, qual era o seu. Além disto foi tão abstinente, que nem em Verão, nem Inverno comeo mais de uma só vez ao dia, e não sómente não comia carne, mas nem peixe, nem ovos. Muitos annos teve tal cuidado de seguir a pobreza, que nem com licença, nem sem ella quiz tomar dinheiro, nem tocal-o. Por muito tempo teve tal guarda na pureza espiritual, e corporal, que se não coçava, nem tocava em nenhuma parte do corpo, mais que nos pés, e mãos.

CAPITULO XX.

Da temperança, que o B. Fr. Henrique usava no beber.

UM tempo se aprestava o Santo a fazer um modo de penitencia a mais pesada, e rigorosa, que podia ser: e foi limitar-se a quantidade certa de bebida por cada dia, e esta por extremo pequena, e para a não accrescentar nem diminuir, estando no Convento, ou fóra delle, fez um copinho daquella medida, que levava comsigo quando ía fóra. E era tão pequena a quantidade, que para sede grande não ficava mais que como um trago, para remediar a muita seccura da bôca, como se pudéra dar de agua, para refrescar um pouco a um enfermo de febres ardentes, a quem se tolhe o beber. Além disto deixou muito tempo de beber vinho, tirando dia de Paschoa, que por honra de tamanha solemnidade o sofria então. Havendo já muitos dias, que vivia neste trabalho, e não querendo, como era rigoroso para si, alliviar-se delle, nem com agua, nem com vinho, levantava os olhos ao Ceo n'um modo triste, e lastimoso. E aconteceo que, fazendo isto,

um dia sentio dentro de si uma inspiração ou voz de Deos, que lhe fallava desta maneira: Lembra-te, e considera como no ultimo fim de minha vida, estando eu affligido com as ancias da morte, passei uma seccura, e sêde ardentissima, com um pouco de vinagre, e fel, sendo minhas todas as fontes das aguas, como feitas por mim, com tudo o mais que serve para uso, e sustentação. Assim pois convém, se queres seguir minhas pisadas, que sofras, leve e desassombradamente as necessidades, e faltas, em que vives. Um tempo antes do Natal, dando o Santo de mão a todo o genero de allivio, e descanso corporal, alem de suas ordinarias, e costumadas penitencias, de muito tempo, emprendeo outras tres. Primeiramente todas as noites depois de Matinas se punha em pé diante do altar mór com os pés descalços sobre as lageas, e assim estava até amanhecer, e isto fazia quando as noites são mais compridas, e os Frades se espertão mais cedo para os officios nocturnos do Côro. A segunda penitencia era não entrar, nem chegar a estufas, nem a outros lugares quentes, nem de dia, nem de noite, nem ainda a aquentar as mãos ao fogo indo para o altar, com quanto então as trazia cruelmente inchadas do frio, que fazia rigo-

rosissimo: assim todo enregelado com frio se ía depois de Completas deitar a dormir sobre o seu banco, e logo depois de Matinas ficava em pé diante do Altar Mór sobre as lageas frias, e descalço até pela manhãa, como temos dito. A terceira penitencia foi determinar-se de não beber, totalmente em todo o dia, ainda que se visse demasiadamente apertado da sede, tirando ao jantar, que para então tinha sua medida taixada, que bebia, e assim quando vinha a tarde apertava-o a sede tão cruelmente, que todos seus sentidos estavão ardendo em desejos de beber. O que todavia o Santo reprimia porfiando contra si, não sem muitas, e mui rigorosas dôres. A bôca se lhe seccava por fóra, e por dentro da mesma maneira, que acontece a um enfermo de febre ardente. A lingua se lhe gretava tanto, que depois andou mais de um anno sem poder acabar de sarar della. Quando desta maneira se achava ás Completas, e se lançava a agua benta, como é costume, virava-se com grande desejo com a bôca aberta para o hysope a vèr se lhe caía acaso uma gotinha de agua naquella sêca lingua, com que tivesse algum pouco de refrigerio. Quando ía ao refeitorio fazer collação, em se assentando na mesa, ainda

que estava morto de sêde, afastava de si o vinho, e algumas vezes levantando os olhos ao Ceo: Recebei, dizia, Pai celestial este licôr como em sacrificio de sangue de meu coração, e dai-o a vosso Filho Unigenito, que está para espirar na Cruz, affligido de mui rigorosa sêde. Outras vezes, assim sequioso como andava, ía-se á fonte, e pondo-se a contemplar aquella agua, que corria com um suave roído, e caía em um vaso estanhado por dentro, que a fazia mais clara e formosa, levantava os olhos a Deos com lastimosos suspiros arrancados das entranhas. Outras vezes chegando a estado que já não podia mais sofrer dizia a Deos do intimo de seu coração: O' bondade eterna, quão secretos são vossos juizos, que é possivel que vivo tão perto desse espaçoso lago de Constancia, e passão diante de meus olhos as cristalinas aguas do Danubio, e com tudo não ha de haver para mim um só trago de agua? Grandissima miseria é esta! Esta ordem de vida continuou até Dominga, em que se canta o Evangelho, que trata como o Senhor converteo a agua em vinho. Estando este dia á tarde na mesa consumido de seus trabalhos não podia comer de pura sede. Tanto que se derão as graças recolheo-se de pressa para o seu oratorio, porque era

tão intoleravel a vehemencia do mal, que passava, que já não tinha forças para se poder ter, e começou a chorar derramando muitas lagrimas, fallando com Deos, e dizendo: O' Deos immortal, que só conheceis os trabalhos, e as dôres, que elles causão, quão desaventurado nasci neste mundo, pois sobejando-me tudo quanto é necessario para a sustentação da vida, com tudo é forçado, que padeça uma tamanha, e tão terrivel falta. No meio destas queixas pareceo-lhe que dentro em sua alma ouvia uma voz que lhe dizia: Animo, animo, que cedo serás alegre e consolado por Deos. Acabem-se as lagrimas, valoroso lutador, e soldado de Deos. Não desmaes, nem te trates mal. Com estas palavras cobrou tanto esforço, que deixou de chorar por um pouco espaço: e com tudo não se podia alegrar perfeitamente, mas estava de maneira, que no mesmo tempo, que lhe corrião dos olhos as lagrimas, sentia interiormente uma cousa, que o forçava a rir-se com esperanças de um grande bem, e gosto, que do Senhor muito depressa lhe havia de vir, desta maneira se foi a Completas: a bôca cantava, mas o coração tremia, e entre tanto lhe parecia, que cada vez estava mais perto a hora de se ver livre desta Cruz, como aconteceo pouco de-

pois, e ainda na mesma noite teve em parte principio, e foi desta maneira: Vio o Santo em revelação vir-se para elle a Virgem Nossa Senhora com o menino JESU naquella figura, que representava quando era de sete annos, e vio, que o menino JESU trazia um copo cheio de agua maior alguma cousa, que os copos ordinarios, que servião no Mosteiro, e que a Virgem gloriosissima o tomava em suas mãos, e lh'o vinha offerecer, para que bebesse, e elle acceitando-o bebia com grande gosto, e matava a sede á vontade. Aconteceo naquelle tempo ir o Santo um dia caminhando pelo campo, e entrando por uma vereda estreita vio, que pela mesma se vinha encontrar com elle uma mulher pobre, mas honesta em seu parecer. Tanto que chegou perto della, deixou-lhe o caminho enchuto, e metteo-se pela lama até que passou. A honrada mulher voltando-se para elle, que quer dizer isto, dizia, Reverendo Senhor, que sendo vós Sacerdote, e illustre por tal dignidade, me largastes com tanta humildade o caminho sendo eu uma pobre mulher, que com mais razão estava obrigada a fazer o que vós fizestes? Eu, respondeo o Santo, tenho por costume fazer cortezia a todas as mulheres em reverencia da Soberanissima Mãi de Deos, e Rainha

do Ceo. Replicou a mulher levantando os olhos, e as mãos ao Ceo: Peço eu, e rogo a esta mesma Senhora, a quem vós tão de verdade reverenciaes em todas nós outras as mulheres, que não passeis desta vida sem alcançardes della alguma particular mercê. Assim o queira, e faça, tornou elle, aquella Serenissima Senhora, e Imperatriz do Ceo. Depois da visão dita, ainda que se lhe punhão diante licôres de toda a sorte para poder beber, com tudo seguindo seu costume, levantava-se da mesa morto de sede. Aconteceo pois, que na noite seguinte teve uma visão, em que lhe appareceo uma pessoa celestial de maravilhosa formosura, que lhe disse: Eu sou a Virgem Mãi de Deos, que a noite passada te dei de beber por um pucaro de barro, e todas as vezes que padeceres similhante sede, eu mesma te acudirei, e haverei piedade de ti. Aqui o Santo cheio de grande confiança disse: Todavia Virgem pura não vos vejo nada nessas mãos, com que possaes temperar-me esta sede. A bebida, replicava a Senhora, que vos eu hei de dar ha de ser aquella mui salutifera, que procede, e mana de meu proprio coração. De ouvir estas palavras ficava o Santo tão espantado, que não podia responder como quem se tinha por indigno de tamanho favor. Mas a

Virgem sacratissima consolava-o amorosamente, e dizia-lhe: Pois meu Senhor e meu filho JESU se tem entranhado tão amorosamente em teu coração, e tu o tens merecido, sofrendo com tanto tormento a seccura de tua bôca, terás de mim uma particular consolação, que será recrear-te não com bebida corporal, mas com um licôr salutifero, excellente, e espiritual de perfeita pureza. Consentia o Santo então como quem tinha por verdadeiras as palavras, que ouvia, e entre tanto revolvia no pensamento, que já sem duvida poderia beber á sua vontade, e acabar de vencer, e matar a sede, que o consummia. Mas tanto que se fartou, e refrescou a vontade com aquelle celestial licôr, que a Senhora lhe deu, ficou-lhe na bôca uma cousa como um grão molle, alvo como neve, como se escreve que era o maná, e este grão trouxe depois muito tempo na bôca em testemunho do que verdadeiramente passou nesta visão. Passada ella derretido o Santo todo em fervorosas lagrimas, deu graças de todo o coração a Deos, e a sua Mãi sacratissima por tão alta mercê, como de ambos recebêra. Na mesma noite, que isto aconteceo, se mostrou Nossa Senhora visivelmente a um Santo Varão, que vivia em outro lugar, e lhe declarou por

que maneira déra de beber ao Santo Fr. Henrique, e disse-lhe mais estas palavras: Vai-te ter com o servo de meu Filho Fr. Henrique, e dize-lhe de minha parte o aviso, que assim como se escreve, que aconteceo ao insigne Doutor da Igreja S. João Chrysostomo, que sendo moço, e estudante, estando de joelhos diante de um altar, onde estava a minha Imagem fabricada de madeira, e a de meu Filho mamando a meus peitos, pela mesma imagem disse a meu Filho, que me largasse um pouco o peito, e consentisse, que mamasse aquelle moço, digo, que a mesma graça, e favor lhe fiz eu tambem a elle. E em fé desta verdade, se attentares, verás daqui em diante que a doutrina e prégação, que sáe de sua bôca santa, tem muito mais graça, e é mais afervorada, e mais deleitosa de ouvir do que atégora foi. Quando ao Santo Fr. Henrique derão este recado, levantou as mãos em alto, e com ellas os olhos, e o coração, e disse: Bemdita, e louvada seja aquella fonte de divindadde, que perennalmente está manando. E bemdita seja a Mãi suavissima de todas as graças pela mercê, que recebi sem nenhum merecimento meu. Uma cousa similhante a esta achará o leitor na primeira parte do livro, que se intitula: Espelho de

Vicente. Accrescentou mais o Santo Varão o seguinte: Ainda tenho mais que vos dizer: Sabereis, que esta noite me appareceo a Virgem com seu Filho, e ella tinha na mão um formoso copo cheio de agua, e praticando ambos sobre vossas cousas tratarão-vos com honra, e com amor. Logo a Mãi offereceo o copo ao Filho, pedindo que lhe lançasse a benção. Fez o Senhor o que sua Mãi lhe pedia, e no mesmo instante se converteo a agua em vinho, e disse o Senhor: Basta já o que é passado, não quero que o meu servo continue mais este modo de penitencia de não beber vinho, antes hei por bem que use delle daqui em diante, que assim o pede já sua desbaratada, e consummida natureza. Com esta licença, que o Senhor lhe deu, começou outra vez a beber vinho como primeiro fazia. Neste tempo andava já o Santo mui quebrado da continuação demasiada dos exercicios, e penitencias, que temos referido, com que tantos annos se affligíra. Mas Christo Nosso Senhor, que não se descuida dos seus, appareceo a um virtuoso servo seu com uma boceta de unguento nas mãos, e sendo perguntado pelo Santo homem, que queria fazer com aquelle vaso. Com este unguento, disse, quero curar o meu ministro Henrique, e logo se

chegava a Fr. Henrique, e descoberto o vaso, que vinha cheio de sangue fresco, untava-lhe com elle o coração de maneira que ficava todo tinto em sangue. Então o Santo homem, que isto estava vendo em revelação: A que fim, Senhor, disse, o sinalais assim com sangue? quereis por ventura retratar nelle a similhança das vossas cinco Chagas? Respondeo o Senhor, isso é o que quero fazer, e para tal effeito lhe hei de imprimir no coração, e em todas as partes da alma, e do corpo sinaes de Cruz e tribulações, e logo applicando mezinhas o sararei, e farei delle um homem segundo minha condição. Tendo pois o Santo Fr. Henrique passado uma tão cansada vida, e cheia de tantas penitencias, como em parte temos contado, desde idade de dezoito annos até os quarenta: como aquella natureza estivesse já absolutamente gastada, e reduzida a um extremo de fraqueza, e parecendo que lhe não faltava já mais que morrer, se não mudava o estilo de vida tão rigorosa, que levava, em fim deixou aquelle genero de penitencias. Mas significou-lhe logo o Senhor, que aquelle rigor, e aspereza com que se tratára, e as regras e exercicios, que continuára, não era tudo mais que um bom principio, e um amansar, e mortificar a carne desenfreada,

e furiosa, e que era ainda necessario exercitar-se, e trabalhar por outros modos, se queria que se fizesse bem com elle.

CAPITULO XXI.

De como o Santo foi levado em revelação a uma eschola de verdadeira resignação.

PAssadas estas cousas, estando o Santo depois de Matinas assentado na sua cadeira, e posto em meditação no meio della, foi arrebatado em extasi, e parecia-lhe que via vir do alto naquella visão interior um gentil mancebo, que chegando-se a elle lhe fallava desta maneira: Assaz tempo tendes continuado as escholas baixas, e ordinarias, e bem exercitado estaes nellas, já é tempo de sobirdes a cousas mais altas. Eia pois vinde comigo, e levar-vos-hei á primeira, e principal eschola de toda a vida temporal, onde estudareis uma sciencia excellentissima, a qual vos communicará verdadeira paz, e dará prospero fim aos bons principios que tendes. Ficando o Santo cheio de alegria, parecia-lhe que se levantava, e que o mancebo, tirando-lhe da mão, o levava a uma certa região especial, onde havia uma casa insigne, que no

trato, e feição parecia um Mosteiro, em que vivia gente espiritual. Nesta casa moravão os que andavão no estudo da sciencia, que temos dito, e entrando Fr. Henrique, recebêrão-no todos com gazalhado, e cortezia, e logo forão correndo ao Superior, ou Reitor do Collegio, dando-lhe novas da chegada de um estudante, que vinha determinado a entregar-se á sua doutrina, e apprender a arte que alli se ensinava. Disse o Reitor, que queria ver-lhe o rosto, e julgar que esperança se podia ter delle. Depois que o vio rio-se-lhe brandamente, e disse: Discipulo é este que poderá dar por certo um insigne mestre desta esclarecida sciencia, se com animo socegado quizer offerecer-se a uma estreita prisão, onde convém ser lançado. Não caíndo Fr. Henrique no entendimento destas palavras, que assim escuramente lhe forão ditas, voltava para o mancebo, que alli o guiára, e dizia-lhe: Carissimo companheiro, declarai-me que nobre Universidade é esta, e qual é a doutrina que nella se lê, de que já me começastes a dar conta. A doutrina desta casa, respondeo o mancebo Angelico, não é outra se não uma perfeita renunciação, e resignação propria, com a qual se determine um homem levantar-se contra si mesmo, e dar-se por tão morto a tudo, que de qualquer

maneira que Deos o tratar ou por sua mão, ou por mão das creaturas assim nos trabalhos, como nas prosperidades, faça força por mostrar sempre um mesmo rosto, e um mesmo animo igual, e sem mudança em todo o estado com renunciação de si, e de tudo o que cabe em sua alçada tanto, quanto póde sofrer, e dar de si a fraqueza humana, e só tenha postos os olhos, e tenção no que cumpre á honra, e louvor de Deos, imitando-o como se houve Christo JESU com seu Pai Celestial em quanto andou na terra. Agradava isto a Fr. Henrique, e affirmava que em todo o caso queria estudar esta sciencia, e que se lhe não poderia offerecer cousa tanto contra seu gosto, que o tirasse desta determinação, e já começava a entender em edificar um aposento, e occupou-se em muitos negocios de pouca quietação, mas o mancebo indo-lhe á mão dizia-lhe, que aquella arte requeria uma ociosidade assocegada, e religiosa, e quanto cada um se occupava, e obrava menos, tanto na verdade fazia mais, entendendo daquella occupação, com que uma alma se embaraça, e não tem puramente os olhos na honra de Deos. No fim desta pratica tornou Fr. Henrique em seu acordo, e deixando-se estar assentado, e calado começou a passar pela memoria o

que ouvira com uma profunda consideração, e assentou, que em tudo era confórme á razão e verdade, e á doutrina, que o mesmo Christo ensinou. Em fim fallando comsigo interiormente dizia assim: Olha Henrique para dentro de ti, e vê como hoje foi o primeiro dia, em que na verdade te entendeste com todos os exercicios e penitencias exteriores, que por tua vontade fizeste, ainda não estás rendido a sofrer um trabalho, que te venha de fóra, ou te seja dado por outrem. Ainda te assombras cada dia com qualquer desgosto, que te succede, como se fôras uma lebre despavorida, que se vai escondendo entre as ramas de cada mouta, e treme do movimento de qualquer folha: perdes a côr á vista dos que não são teus amigos: quando tinhas obrigação de te fazer morto, e dareste por vencido, foges quando singelamente te havias de offerecer, e mostrar aparelhado para sofrer todos os trabalhos, andas escondido, se te louvão, folgas, se te praguejão, peza-te. Por onde creio que has mister aprender, e exercitar-te em escholas mais altas. Logo levantando os olhos a Deos com um sentido suspiro: O' Deos eterno, disse, quão claramente se me deu hoje a entender a mesma verdade. Ai de mim quando chegarei alguma hora a ser resignado de verdade.

CAPITULO XXII.

De algumas penosas mortificações, em que o Santo se exercitava.

DEpois que Deos nosso Senhor mandou a Fr. Henrique que deixasse as penitencias exteriores, que em parte temos contado, que lhe houverão de custar a vida se as não deixára, tanto se alegrou aquella natureza debilitada e consumida, que chorava de prazer, tornando á memoria a grande aspereza dos cilicios e prisões, e d'outras cousas, que com trabalho, e martyrio experimentára. Entrava então em pensamentos, que o fazião dizer entre si desta maneira: Já agora, Deos e Senhor meu, vivirei daqui em diante uma vida folgada, e tratar-me-hei bem, matarei a sede com agua e vinho, deitar-me-hei livre de prisões, e em enxergão de palha, que foi a recreação, que muitas vezes cobicei, se quer antes de acabar a vida. Assaz e demaziado quebrantei minhas forças, tempo é já de descançar. Estes atrevidos pensamentos se lhe ião assentando brandamente na alma, como a quem sabia mal o que Deos tinha determinado delle: e havendo já algumas semanas, que seus sentidos andavão com-

batidos de similhantes imaginações, e quasi deleitando-se nellas, aconteceo um dia que, estando sentado na sua cadeira segundo seu costume, meditava aquella tão acertada sentença do Santo Job, que diz: *Milicia é a vida do homem sobre a terra.* E neste meio ficou enlevado em extasi, e parecia-lhe que se vinha a elle um mancebo de formoso rosto, e disposição varonil, e que lhe trazia dous borseguins a uso de guerra, e outras roupas e peças, que a gente de cavallo usa na guerra, e logo se lhe chegava perto vestido nellas, e fallava-lhe desta maneira: Sabereis, soldado, que atégora fostes pião, e como tal continuastes a guerra, mas agora quer-vos Deos fazer homem de cavallo. Olhava o Santo para os borseguins, e cheio de grande admiração: É possivel, dizia, que me hei de pôr a cavallo eu, que atégora me dei com muito gosto a viver ocioso, e descançado? E dizia para o mancebo: Pois Deos assim é servido, e quer que seja eu cavalleiro, estimára mais esta honra se com valor a tivera ganhado em alguma batalha, e com esse titulo m'a derão. Aqui o mancebo torcendo um pouco o rosto, e sorrindo-se disse: Não vos agasteis por esse particular, que assaz occasiões e demasiadas tereis de pelejar; porque quem pertende ser soldado espiritual, e valoroso de Christo

muitas mais, e mais crueis batalhas e afrontas ha de vencer, e passar do que vencêrão, e passárão esses illustres, e famosos capitães, cujos feitos em armas, e triunfos insignes trazem os homens do mundo sempre na bôca, para os celebrarem fallando, e escrevendo. Vós cuidais que vos tem já Deos tirado o jugo, e que estais livre da prisão, e que haveis de tratar só de recreações, e vida descançada? Pois affirmo-vos que vai o negocio muito ao revez. Não quer Deos soltar-vos da prisão: trocal-a sim, e fazel-a mais trabalhosa do que nunca atégora foi. Atemorizado grandemente o Santo Fr. Henrique do que ouvíra, dizia a Deos: Que é isto Senhor, que determinais fazer de mim? Cuidava eu que tinha já passado por todas as batalhas, e segundo vejo agora querem começar de novo? E já me parece que me acho em maiores apertos, e angustias, que d'antes. Que quer dizer isto meu Deos? sou eu só por ventura peccador, e todos os outros são Santos, para que só no triste de mim carregueis a mão tão rigorosamente, e perdoeis aos mais? Assim me tratais desde que me comecei a entender, e sempre me attribulastes com fortes, e compridas doenças quando era moço, e pareciame que tinha já padecido bem, e assaz. Não passa assim, lhe respondeo o Senhor, antes

ainda não estás exercitado quanto baste, se queres que se faça bem comtigo convém seres provado de raiz em todo o genero de trabalhos. Então Fr. Henrique, peço-vos Senhor, replicou, que não vos seja penoso declarar-me quantas cruzes tenho ainda por passar, e o Senhor, levanta, disse, os olhos ao Ceo, e se pódes contar estas estrellas sem conto poderás tambem alcançar o numero das tribulações, que te estão guardadas. E assim como as estrellas ainda que são mui grandes todavia parecem pequenas, assim as tuas cruzes pareceráõ leves aos homens, que nunca padecêrão, mas tu as acharás bem asperas, e pesadas. Tornou Fr. Henrique, peço-vos Senhor, que me signifiqueis a qualidade dellas, para que tenha já noticia alguma quando chegarem. Ao que o Senhor, não convém isso, disse, antes é melhor que não saibas parte dellas, porque não esmoreças. Todavia do numero infinito das que tens por padecer, só de tres te quero advirtir. A primeira é, que atégora tu mesmo te castigavas por tuas mãos, e havendo piedade de ti cessavas quando querias. Mas agora tirar-te-hei de tuas mãos, e entregar-te-hei nas alheias, que te maltratem sem te poderes valer, onde será forçado padeceres grande detrimento na fama e reputação para com

alguma gente de entendimentos errados; o que terás por mais agro e duro de sofrer, do que era para tuas espaldas a Cruz abrolhada de cravos, que na verdade os trabalhos passados rendião-te gloria e louvor diante dos homens, mas nestes has de ser abatido, e chegar a estado que te não tenhão em conta. A outra é que ainda que te affligiste com muitas e terriveis penas, que por taes podião ter nome de mortes, com tudo ficou-te ainda por ordem divina uma condição branda, e que folga de ser amada; mas agora acontecer-te-ha, que nas mesmas partes, em que andares grangeando uma fé verdadeira, e uma amisade especial, ahi acharás grandes enganos e mentiras, e serás cruelmente avexado, e isto por tantas vias que até aquelles, que com fé e amor puro te amarem por haverem dó de ti, viráõ a ser participantes em tuas mesmas tribulações. A terceira será que atégora te criaste com leite de peitos como menino, que ainda não é desmamado, quero dizer, que nadaste como em um mar largo de contentamentos divinos, e daqui em diante não te farei mais taes favores, antes te deixarei seccar, e mirrhar de pura pobreza de espirito, e serás desamparado de Deos, e dos homens; e amigos e inimigos juntamente te perseguiráõ com deshumanidade, e para concluir

em poucas palavras, quanto tiveres traçado para consolação, e quietação tua, tudo te sairá totalmente ao revez. Ficou Fr. Henrique tão cortado de medo com estas palavras, que todo tremia. E arremeçando-se impetuosamente ao chão, estendeo-se nelle em fórma de crucificado, e bradando a Deos com coração triste, e voz chorosa pedia-lhe por sua paternal brandura, que se fosse possivel não consentisse que viessem sobre elle tantos males, mas quando não pudesse tal ser, era contente que se cumprisse nelle sua divina vontade. E estando assim um espaço apertado de angustias, fazendo a mesma petição, ouvio dentro de si uma voz que lhe fallava desta maneira: Tem bom animo, que eu serei comtigo, e farei que venças, e passes por tudo, honrada e prosperamente. Com isto se levantou entregue todo nas mãos de Deos. Mas o dia seguinte amanhecendo tendo dito Missa, e estando recolhido na cella, e melancolisado com a imaginação destas cousas, que tinha presentes, e morto de frio pela aspereza do inverno, que fazia, ouvio uma voz, que lhe fallava dentro na alma, e lhe mandava que abrisse a janella, e olhasse, e notasse. Abrio-a elle, e poz-se a olhar, e vio que vinha um cão correndo pelo meio da crasta, e trazia na bôca uma servilha de

panno velha e rota, com que fazia grande festa, ora deitando-a para o ar, ora pondo-lhe as mãos em cima, e rasgando-a com as unhas, e mordendo-a com os dentes. Levantou o Santo os olhos ao Ceo, e dando um grande ai! sentio que dentro na alma lhe soavão estas palavras: Desta mesma maneira serás tratado da bôca dos teus Frades. Ao que o Santo cuidando um pouco comsigo, dizia desta maneira: Pois al não póde ser, entrega-te nas mãos de Deos. E assim como aquelle panno sofre, sem fallar palavras, todas as voltas, que o cão lhe dá, faze tu tambem o mesmo. Logo desceo a baixo, e tomou o panno, guardou-o muitos annos estimando-o como cousa de preço, e se alguma hora tentado de impaciencia ía para arrebentar em palavras, ou indignação, tirava-o fóra, e punha os olhos nelle para tornar em si, e se conhecer, e não largar palavras contra ninguem; se algumas vezes lhe acontecia fugir com o rosto com desdem aos que o perseguião reprehendia-se interiormente com estas palavras: Lembra-te peccador, que o mesmo Senhor teu não virou aquelle formosissimo rosto, nem quando o injuriavão com mui asperas palavras, nem quando o cuspião. E logo por extremo sentido voltava para os mesmos com brandura, e semblante alegre.

Antes disto quando lhe acontecia algum trabalho imaginando comsigo, dizia: Ah bom Deos, quem se vira livre desta Cruz. E appareceo-lhe em revelação o Menino JESU em um dia da Purificação, e depois de o reprehender disse-lhe: Inda não sabes padecer como convém. Mas eu t'o ensinarei; quando tens algum trabalho não deves tratar do fim delle, nem procural-o, como que então hajas de viver descançado, mas em quanto te dura humilha-te, e apercebe-te para receberes outro de novo sem nenhuma alteração. E isto é o que em todo o caso convém que faças. Has de arremedar uma donzella, que apanha rosas, que não fica satisfeita em colhendo uma d'entre as espinhas, mas colhe muitas mais. Digo que assim o faças tu tambem. Anda com o peito aparelhado para tomares logo outra Cruz ás costas tanto que te faltar a presente. Entre outros servos de Deos, que profetizavão ao Santo as tribulações, que lhe havião de succeder, foi uma donzella de abalisada virtude, a qual visitando-o lhe disse, que na festa dos Anjos depois de Matinas fizera oração por elle muito de proposito, e que em revelação lhe parecêra que a levarão a um lugar, onde o Santo estava, e vira crescer sobre elle um rosal grande de largura e comprimento, e muito deleitoso, cheio de frescas

rosas, e todas encarnadas. Logo levantando os olhos vira nascer o Sól com admiravel claridade, e sem nenhum impedimento de nuvens, e vira estar em pé no meio de seus raios um menino de singular formosura em figura de crucificado, e do mesmo Sol saír um raio, que ía dar no coração do Santo com tanta força e efficacia, que todos seus membros, e todas as veias se lhe abrasavão. Aqui o rosal com sua espessura e abundancia de rosas porfiava por tomar em si a força do Sol, e desvial-o do seu peito, mas não fazia nada, porque os raios ardentes penetrando pela rama, ião ferir no coração do Santo. Traz isto via o Menino saír-se do Sol, e ella dizia-lhe: Para onde ides bom Menino? Vou-me, disse-lhe, para o meu amado servo. E que quer dizer, amorosissimo Menino, replicava ella, aquelle raio do Sol, que arde em seu peito? Saberás, respondeo o Menino, que lhe enchi o coração de tanta luz e claridade, porque uma reverberação, que della ha de saír de seu peito me ha de ganhar, e reduzir a meu serviço muitas almas. Nem ha de ser parte este espesso rosal, que significa um grande numero de tribulações, que lhe estão guardadas, para estorvar que se effeitue por elle o que digo com grande perfeição, e excellencia. Como sobre todas as

cousas que servem para os principiantes na virtude seja mais proveitosa de todas a vida solitaria, pareceo ao Santo que seria conselho mui acertado não saír do Mosteiro por tempo de dez annos, ou mais, e viver assim apartado do mundo, e de todo o commercio e trato das gentes. E assim em saindo do refeitorio fechava-se em seu oratorio, e ahi se deixava estâr sem chegar nunca á portaria, nem querer fallar com mulheres, nem conversar com homens, nem ainda ver-lhes o rosto. Tinha limitado aos olhos um termo certo, e esse bem estreito donde não havião de passar com a vista, e era espaço de cinco pés. Sempre estava em casa, não saíndo, nem á villa, nem aos lugares visinhos, tratando só de si naquella quietação solitaria, mas não lhe valerão tamanhas cautelas para deixar de ser commettido no mesmo anno de tão fortes preseguições, que todos lhe havião lastima, e elle mesmo a tinha de si, e para passar melhor a soidade daquelle oratorio, em que se tinha voluntariamente encarcerado sem grilhões, como em uma prisão, rogou a um pintor, que lhe debuxasse pelas paredes os Padres antigos com letreiros de algumas sentenças suas, e outras historias pias, que pudessem espertar, e obrigar a sofrimento um espirito atribulado. E nisto permittio

Deos tambem que se lhe não cumprissem logo seus desejos. Porque começando o pintor a obra, e não tendo lançado mais que o primeiro rescunho de carvão em algumas figuras dos Padres, adoeceo dos olhos de maneira que não pôde ir por diante: e assim se despedio; affirmando que era forçado largar a obra no estado em que estava, até convalecer. E sendo perguntado quanto tempo havia mister para cobrar saude, e poder tornar ao trabalho? Respondeo, que tres mezes. Então o Santo mandou-lhe que tornasse a levantar a escada, e sobindo nella poz as mãos pelas imagens dos Santos, e tocando com ellas os olhos enfermos do pintor disse-lhe: Eu te mando pintor em virtude de Deos, e da santidade destes Padres, que tornes aqui á manhãa com os olhos de todo sãos, e salvos. Quando amanheceo tornou o pintor ao Mosteiro são, e alegre dando graças a Deos e ao Santo pela mercè, e restituição da vista, que tinha perdida: mas o Santo attribuío este milagre aos Santos Padres em que primeiro poz as mãos, e não a si. Parecia naquelle tempo que tinha Deos dado licença a todos os demonios, e a todos os homens para o perseguirem. As vexações que padeceo dos demonios forão innumeraveis, porque o atormentavão de dia, e de

noite, acordado, e dormindo, com insolencia, e importunação grandissima, e apertavão com elle terrivelmente por modos asperos, e extraordinarios. Aconteceo uma vez que desejou de comer carne, que muitos annos havia não tinha comido, tanto que satisfez a vontade teve uma visão, na qual vio um feissimo demonio, que posto diante delle referio um verso dos Psalmos, que diz: Ainda estavão com o comer na bôca, e a ira de Deos veio sobre elles. E ladrando feamente disse para os circunstantes. Este Frade é digno da morte, que eu agora lhe darei, e acudindo-lhe todos e não consentindo tal, arrancou de uma grande verruma, e disse ao Santo: Já que me não deixão fazer-te outro dano, eu te atormentarei o corpo com esta verruma, e furando-te com ella essa bôca, far-te-hei tanto mal, e causar-te-hei tamanhas dôres, que igualem o gosto que te deu a carne que comeste. E logo lhe metteo a verruma pela bôca, com que n'um momento lhe inchárão as queixadas, e gengivas, e toda a bôca de maneira que em tres dias nem carne, nem outra comida nenhuma pôde levar, nem ainda um caldo, nem outra cousa liquida.

CAPITULO XXIII.

De algumas tribulações, que o Santo padeceô interiormente.

ENtre outros trabalhos, que o Santo teve, tres interiores o affligirão penosissimamente. Um destes era pensamentos de infidelidade. A toda a hora lhe combatia a alma uma contínua imaginação, que secretamente lhe dizia, que como podia ser, ou se podia crer fazer-se Deos homem? ajuntando outras blasfemias muitas similhantes a esta, as quaes quanto mais o Santo queria rebater com argumentos, tanto mais se embaraçava. Esta tentação o martyrizou nove annos chorando sempre dos olhos, e suspirando d'alma a Deos, e a todos os Santos por soccorro do Ceo. Em fim tanto que ao Senhor lhe pareceo tempo livrou-o totalmente della, e deu-lhe uma grande firmeza de fé clara, e alumiada. O outro trabalho foi uma extraordinaria tristeza; quasi continuamente o apertava com tamanho peso de melancolia, que parecia que trazia sobre o coração um monte inteiro. Este mal lhe ficou em parte da grande vehemencia, com que se converteo a Deos, que como sua conversão foi repentina e efficacissima, ficou-lhe dahi uma ancia, que por extremo o afa-

digava. Oito annos viveo o Santo neste tormento. A terceira afflicção, que teve, foi uma tentação, que pretendia persuadil-o, que não era possivel salvar-se, mas que o certo era que havia de ser condenado ás penas do Inferno, que por mais boas obras, que fizesse, e por mais penitencias que em si executasse, nenhuma cousa lhe havia de aproveitar para chegar a ser do numero dos escolhidos, antes perdia o trabalho e o tempo, que nelle empregava. Estes pensamentos, como afiados punhaes lhe atravessavão o coração de dia e de noite. Se entrava na Igreja ou entendia em algum outro acto de virtude, logo o combatia esta tentação, e apertava-o miseravelmente, dizendo: Que te aproveita, dize, servir a Deos se já es maldito, se já eternamente não podes ter remedio? Acaba já, deixa-te com tempo de trabalhos, que de qualquer maneira que viveres a sentença de tua perdição está dada. Conhecendo o Santo a força que lhe fazião, chegava algumas vezes a estar fantesiando assim comsigo: Ai de mim desaventurado, aonde me irei? se deixo a Religião tenho a condenação certa; se persevero nesta vida, tambem me não hei de salvar. O' Deos eterno, quem houve nunca no mundo mais desditoso que eu? Outras vezes ficava como pasmado, sem fazer mais

que dar muitos ais arrancados das entranhas, correndo-lhe as lagrimas em fio pelo rosto abaixo. Algumas vezes batia nos peitos dizendo: Que em fim Senhor Deos é forçado, e sem remedio perder-me eu? Que miseria póde haver maior que esta? Tanto vai em não possuir eu nenhum bem nesta vida, nem na outra: pobre de mim, para que nasci no mundo? Esta tentação lhe procedeo de um medo desordenado, que tomou por lhe dizerem, que fòra recebido no Mosteiro por razão de certos bens temporaes, e que era peccado de simonia, quando se negociavão bens espirituaes com emprego de fazenda temporal; isto lhe ficou assentado na memoria até vir a dar nesta tentação. Mas no cabo de dez annos de martyrio, em todos os quaes não fazia conta de si, senão como de homem condemnado, foi ter com o santissimo Varão Echardo, Doutor em a Sagrada Theologia, com cujo conselho, dandolhe conta de sua afflicção ficou livre e quieto, saíndo de um carcere infernal, em que tantos annos estivera preso.

CAPITULO XXIV.

De como o Santo começou a entender no remedio, e salvação dos proximos.

SEndo passados muitos annos, que o Santo não tratava em mais, que em purificar sua alma, e viver em silencio e soidade, foi depois movido por Deos, e obrigado por meio de muitas revelações a tomar cuidado de salvar outras almas. Mas não tem fim, nem conto os grandes trabalhos, que neste serviço de caridade se lhe offerecêrão, e menos o tem de outra parte a infinidade de almas, que ganhou para o Senhor; o que tudo foi mostrado uma vez em revelação a uma donzella de grande virtude, que tambem era sua filha espiritual: estando em oração esta Santa Virgem, foi arrebatada em espirito, e vio ao Santo, que sobre um alto monte estava celebrando o sagrado sacrificio da Missa; e vio, que estavão pegados com elle uma infinidade de homens, e todos differentes entre si; dos quaes os que estavão melhor, e mais unidos com Deos, estavão tambem mais perto do Santo, e quanto estavão mais chegados a elle, tam-

bem o Senhor os chegava para si com mais amor, e via ao Santo rogar por todos de proposito ao Senhor, que tinha nas mãos. Pedio a Santa Virgem a Deos, que fosse servido declarar-lhe esta visão; o que o Senhor lhe concedeo, dizendo-lhe assim: Ves aquelle concurso de homens sem conto, que estão pegados nelle? estes saberás, que signifição os seus confessados, que vivem entregues a seus conselhos, e santa doutrina; e aquelle que fóra disto com particular fé, e boa vontade o amão, aos quaes todos me tem encommendado com tal efficacia, que não hei de consentir, que nenhum delles se aparte de mim jámais, antes farei que acabem a vida santa e bemaventuradamente, e a elle pagarei largamente com consolações minhas o trabalho, que por esta causa passar, ou seja tomado por suas mãos, ou negociado por poder alheio. Antes que a santa donzella, que na virtude era sinalada como temos dito, conhecesse a Fr. Henrique foi interiormente movida por Deos, a que procurasse vel-o. E aconteceo que, estando um dia arrebatada em extasi, ouvio em revelação, que lhe dizião, que chegasse alli, onde estava Fr. Henrique, e que o visse E como ella respondesse, que o não podia differenciar, nem conhecer pelo grande nu-

mero de Frades, que via juntos, ouvio logo que lhe tornavão a dizer o seguinte: Sem muito trabalho se póde conhecer entre todos, porque traz na cabeça uma bem fresca capella de boninas tecida de rosas brancas, e encarnadas. E as rosas brancas significão sua castidade, as vermelhas sua paciencia, no meio de muitas e contínuas tribulações. E assim como aquelle circulo d'ouro, que se costuma pintar sobre as cabeças dos Santos, é signal da bemaventurança eterna, que gozão no Senhor, assim esta grinalda de rosas significa muitas e diversas tribulações, que os amigos de Deos padecem em quanto nesta vida exercitão valorosamente a milicia de seu Deos, e Senhor. Passado isto levou um Anjo em revelação a mesma donzella ao lugar, onde Fr. Henrique vivia, e logo o conheceo pela capella de rosas, que tinha posta. Nestes tempos, em que o Santo era por muitas maneiras e rigorosamente atribulado, a cousa, que mais o confortava e interiormente lhe dava animo para tudo, era uma contínua conversação e trato, que tinha com os Anjos. E uma vez lhe aconteceo que, ficando alheio de todos os sentidos exteriores, vio, que o levavão em espirito a um lugar, que estava coberto de um numero infinito de Anjos, dos quaes um, que lhe

ficava mais perto, disse para elle: Estendei essas mãos, e olhai para ellas. Estendeo elle uma mão, e olhando-a vio, que do meio della lhe saía uma formosissima rosa encarnada, cercada de folhas muito frescas, a qual crescia tanto, que lhe vinha a cobriar toda a mão até os dedos, e fazia-se tão bella e graciosa, que em extremo alegrava e deleitava os olhos. Virava o Santo as mãos de uma parte e da outra, e de todas era a vista das rosas deleitosissima, e assim muito espantado dizia: Santo mancebo declarai-me, que quer dizer esta visão? Ao que o Anjo respondia: A significação é Cruzes e mais Cruzes, e outras Cruzes e mais outras Cruzes, porque Deos quer que passeis, e isto se dá a entender nas duas rosas, que tendes nas mãos, e nas outras duas, que tambem vos cobrem os pés. Suspirou o Santo, e disse: O'amorosissimo Deos, é possivel, que é tão penosa a tribulação para os homens; e todavia lhe poem tanta formosura na alma? Não ha duvida serão que é isto uma notavel dispensação, e mercê vossa digna de ser reconhecida com espanto.

CAPITULO XXV.

De muitos trabalhos, que o Santo Fr. Henrique padeceo.

CHegou um dia Fr. Henrique a uma Villeta, não longe da qual estava um Crucifixo de madeira posto em uma pequena Ermida, que os moradores lhe tinhão edificado, como é costume em muitas terras, e havia fama, que se fazião alli muitos milagres; pelo que a gente devota trazia a offerecer grande copia de cera lavrada em figuras, e em pão, que penduravão, e deixavão em louvor de Deos. Chegando o Santo ao Crucifixo poz-se de joelhos, e esteve um espaço fazendo oração, e foi-se com seu companheiro á pousada; e esteve presente uma menina de sete annos, que o vio, e notou. A noite seguinte derão ladrões na Ermida, e quebrando as fechaduras roubárão a cera toda. Quando amanheceo encheo-se todo o lugar de alvoroço, e chegou a nova do successo a um homem honrado, que tinha cuidado do Crucifixo, o qual começando logo a fazer inquirição sobre o autor do sacrilegio, acudio a moça, que temos dito, e affirmou, que ella o conhecia, e sendo aper-

tada que dissesse o nome, deu os indicios de como no dia atraz vira alli a Fr. Henrique estar fazendo oração já muito tarde, e dahi se recolhêra para o lugar. A esta informação da menina deu o bom visinho credito tão ligeiramente como se fôra verdadeira, e de maneira estendeo e publicou a mentira, que andava divulgada por toda a Villa, e os mais tinhão ao Santo por culpado em tamanha maldade. Entretanto tudo era lançar juizos sobre que morte lhe darião, e com que genero de tormentos o tirarião do mundo, como a homem abominavel. Mas tanto que o Santo teve noticia do que passava, temeo grandemente, sem embargo, que conhecia sua innocencia, e com um profundo suspiro do coração disse a Deos: Pois, Senhor, é forçado que eu padeça, tudo sofrêra levemente, e de boa vontade, se foreis servido dar-me tal sorte de trabalhos, que me não tocárão na honra; mas vejo, Senhor, que os que permittís, que me succedão são taes, que de todo me desacreditão; e estes são os que eu sinto n'alma. Com este medo deixou-se ficar no lugar até se apaziguar o povo, e o motim. Em outra Cidade aconteceo ao Santo outra cousa quasi similhante a esta, com que sua fama foi mal tratada da bôca de muitos, não só

na mesma terra, mas por todo seu districto. E foi o negocio assim: Havia naquella Cidade um Mosteiro, em que estava um Crucifixo de marmore da mesma estatura, segundo se dizia, de que foi Christo nosso Senhor. Aconteceo que uma Quaresma se vio, que tinha a imagem sangue fresco em lugar da chaga do lado. E correndo muita gente a ver o milagre, acudio tambem o Santo Fr. Henrique, e vendo o sangue, chegou-se de mais perto, e tomou-o n'um dedo á vista de todos os que estavão presentes. Ajuntou-se logo sobre elle um numero infinito de povo, e constrangerão-no a declarar publicamente o que víra e tocára, o que o Santo fez contando simplesmente e na verdade o que passára, não se resolvendo em nada, nem determinando se era aquillo mysterio do Ceo, ou obra da terra, mas deixando a determinação disso para outro juizo, n'um momento se publicou o caso por toda a terra, e cada um accrescentava o que lhe vinha á vontade, e chegou a cousa a termos, que affirmavão que o Santo se picára no dedo, e puzera o sangue, que lhe saíra, na imagem, para que se cuidasse que manára della milagrosamente, e que não procurára aquelle ajuntamento do povo a outro fim, senão para fazer muito dinheiro,

e fartar sua cobiça. Este genero de praga corria do Santo em outros lugares, e andava nas linguas de todos. Mas tanto que chegou ás orelhas dos moradores da Cidade, foi-lhe necessario saír-se della fogindo. E comtudo ainda o forão seguindo com determinação de o matarem, se senão acolhêra; mas como escapou, fizerão promessas de muito dinheiro a quem quer que lh'o désse ás mãos vivo, ou morto. Muitas outras falsidades a este modo se assacavão a Fr. Henrique; aonde quer que chegavão erão tidas por verdadeiras, de que nasceo ter-se por maldito, e abominavel seu nome entre muita gente, e lançarem-se a cada passo muitos juizos temerarios, e cheios de maldade sobre sua vida, e obras. Algumas vezes achando-se presentes homens mais attentados, e que bem conhecião o Santo, acudião por sua innocencia. Mas erão rebatidos com tanta força de razões, e porfias, que lhes era forçado calar-se, e sofrer as infamias, que do Santo se dizião. Vendo esta tão desarrazoada vexação uma honrada matrona daquella Cidade, foi-se ao affligido Santo, e aconselhou-o, que tomasse certidões dos governadores da Cidade selladas com o sello público, que servissem de testemunho de sua innocencia quando se achasse em outras

terras, principalmente porque os mais dos homens honrados della o tinhão por innocente da culpa, que se lhes dava, mas elle respondeo-lhe nesta fórma: Se Deos fòra servido que só esta Cruz me opprimira, facil cousa fòra valer-me desse remedio, mas vejo cada dia tantos males similhantes a este sobre mim, que entendo que me convém deixar tudo a Deos, e não fazer força, nem porfiar em contrario. Aconteceo que foi uma vez a Allemanha a Baixa a um Capitulo, que se fazia, e já lá lhe estava armada d'antemão a perseguição; porque dous Religiosos dos principaes da sua Ordem erão idos ao mesmo Capitulo mui apostados a lhe fazerem todo o mal, que pudessem: foi o Santo mandado apparecer em juizo, e veio a elle cheio de tremor, e medo, e entre outras muitas culpas, que lhe derão, foi accusado por falsa informação de seus emulos, que nos livros, que compunha, misturava heregias, com que se viria a perder a pureza da Fé por toda aquella terra, por isso o repreenderão os Padres Capitulares asperamente com ameaças de maiores castigos, sem embargo que diante de Deos, e dos homens estava livre de tal culpa. E comtudo não se deu o Senhor por satisfeito em permittir, que fosse esta Cruz singela, antes lhe

aggravou o mal atormentando-o com umas crueis febres, e sobre ellas com uma perigosa postema, que se lhe fez nas entranhas não longe do coração; e destes trabalhos, que assim de dentro, como de fóra o angustiavão, chegou a estado, que todos desconfiavão de sua vida. E seu companheiro o vigiava esperando a cada passo o termo em que havia de espirar. Assim estava o Santo Fr. Henrique em terra estranha, e em Mosteiro alheio lançado na cama, e desamparado de toda a consolação, quando uma noite não podendo tomar sono com a força da dôr, começou a entrar em contas com Deos, e fallar-lhe assim: Ah Justissimo Deos, pois vós, Senhor, houvestes por bem de atormentar com tão intoleravel dôr este corpo consummido de trabalhos, e ferir-me no intimo d'alma com uma vergonha, e afronta grandissima de maneira, que não ha parte em mim, que esteja livre de magoas, nem interior, nem exteriormente: quando chegarei a ver uma hora, Piedosissimo Pai, em que me deis por bem castigado? quando chegarei a ver tempo, em que levanteis a mão de me affligir? Acabadas estas palavras, começou a meditar as angustias mortaes, que Christo nosso Salvador passou no monte Olivete, e entre a meditação passou-se do

leito para uma cadeira, que tinha perto, e sentou-se nella, porque da grande dôr, que a postema lhe causava, não podia jazer. Estando assim assentado e carregado de dôres, e miseria, pareceo-lhe que via em espirito um grande numero de Anjos, que lhe entravão pela cella a consolal-o, e cantavão com agradaveis vozes uns versos celestiaes, cuja melodia lhe enchia as orelhas de tamanha deleitação, que de todo ficava outro. Finalmente continuando os Anjos com sua musica, e o Santo em seu assento entre o martyrio da febre, e das dôres, um dos Anjos se chegou a elle, e tirando-lhe brandamente do braço, porque razão, disse, estais meu irmão tão calado? Porque não cantais juntamente comnosco? Pois bem sei eu que sois vós bom mestre de musicas do Ceo. A isto respondeo o Santo acompanhando o que dizia com magoa dos suspiros saídos da alma. Não vedes vós, disse, ou não notais, o estado de minha vida? Qual foi o homem que se pôde alguma hora alegrar estando em braços com a morte? É possivel que em tal conjuncção me convidais vós para cantar? O que eu cantarei serão tristezas, e magoas. Porque se alguma hora em tempos passados cantei com alegria, tudo isso é hoje acabado, que já agora

não espero mais que a hora da morte. Disse-lhe então o Anjo com grande alegria: Tende animo, e coração varonil, que nenhuma cousa dessas vos ha de acontecer. Antes vos certifico, e crêde-me, que tal canção haveis de entoar ainda em vossos dias, que a Deos todo poderoso ha de dar honra, e a muitos attribulados consolação. Logo se lhe abrírão os olhos acordando, e começou a chorar com grande abundancia de lagrimas, e na mesma hora lhe arrebentou a postema, e cobrou perfeita saude. Tanto que o Santo tornou para o seu Mosteiro, foi visitado de um varão abalisado no serviço de Deos, o qual lhe disse o seguinte: Ainda, Senhor, que nesta vossa jornada tinhamos no meio de ambos mais de cem milhas de distancia, com tudo cá vi, e tive presente a Cruz, que lá padecestes; porque haveis de saber, que eu vi um dia com os olhos d'alma o grão Juiz Soberano assentado em seu throno, e com sua licença se soltárão dous demonios, que vos atormentárão; e o meio, que tomárão, foi o daquelles dous Prelados, que forão auctores da perseguição que padecestes. Mas eu dava vozes ao Senhor, e dizia-lhe: Como póde ser, Deos misericordiosissimo, que sofrais ser tão mal tratado um amigo vosso? Res-

pondia-me o Senhor: Eu o tenho escolhido para mim, para que pelo meio das tribulações se pareça e confórme com meu Unigenito Filho; mas todavia a inteireza de minha justiça está pedindo, que se vingue tamanha injuria, como recebeo, com a morte dos dous, que lha negociárão. E assim succedeo em effeito pouco tempo depois; e foi cousa notoria, e sabida de muitos.

CAPITULO XXVI.

De um grande desgosto, que o Santo teve por causa de uma Irmãa sua.

Tinha o Santo uma Irmãa Freira, que sendo elle absente se começou a dar a conversações, e companhias prejudiciaes de homens, e saíndo um dia fóra do Mosteiro (o que não era defeso naquelle tempo) em companhia de certos homens veio a perder-se. E como os peccados não parão tão de pressa, chegou a sua desaventura a estado que fugio do Mosteiro, e foi-se pelo mundo sem que o irmão soubesse parte della. Quando o Santo tornou ao Convento andava já o negocio público, e corria a nova por toda a terra, não sem murmuração. Veio-se logo a elle certo

homem, e contou-lhe o que passava; o que o Santo ouvindo, ficou pasmado. E enfinquecendo-lhe o coração com a força da dor andava como homem tolo, e que perdêra todos os sentidos. Perguntando onde acharia a perdida irmãa? ninguem lhe sabia dizer cousa certa. Então fazendo discursos fallava só comsigo, e dizia: Eisaqui he entrada nova tribulação, mas não haja desmaiar. Esforça-te faze diligencia, e vê se por alguma via pódes remediar esta alma perdida, e desaventurada. Offerece a Deos piedosissimo a quebra, que este caso traz á tua honra, e crédito. Ponha-se de parte todo o pejo da humanidade, arrisca-te a entrar n'um profundo lago a ver se pódes tirar delle essa miseravel. Quando passava pelo Côro por meio dos Frades perdia as côres, esfriava, arrepiava-se todo, e tremia. Não se atrevia ajuntar com ninguem, porque todos se pejavão delle; os que d'antes erão seus companheiros e familiares, em o vendo fogião. Se queria aconselhar-se com os amigos, viravão-lhe o rosto, e não o tinhão em conta. No meio deste trabalho lembrava-se do Santo Job, e dizia: Pois todo o mundo me desampara, haja por bem de me acudir o benignissimo Deos com seu divino remedio. E não deixava de perguntar, onde quer que se achava, por onde iria, para

valer mais depressa á desaventurada irmãa. Em fim dando-lhe novas de certo lugar onde a poderia achar, logo se poz ao caminho. Era isto em dia da Virgem Santa Ignez, e fazia grande frio; e na mesma noite tinha passado hum rijo chuveiro, com que ião cheios todos os ribeiros. Querendo o Santo passar de salto hum pequeno regato, era tal sua fraqueza, que caío no meio delle, e ficou merguthado. Saío-se todavia o melhor que pôde. E como o sentimento, que lhe captiva a alma, era excessivo, não lhe deu muito pelo que só fazia no roto corpo. Caminhando adiante mostrarão-lhe uma casa, onde a irmãa estava. Entrou o Santo pela porta todo trespassado de dôr, e achou-a dentro assentada, e quando a vio, caío sobre um banco onde ella estava, e por duas vezes ficou desmaiado. Mas tornando em si arrebentou em piedosas lagrimas e começou a encher o ar de gritos e queixas lastimosas, e batendo as mãos sobre a cabeça, e dizia: Deos Deos meu, como me desamparastes assim? logo viravão-se-lhe os olhos, a lingoa pegava-se-lhe no ceo da bôca, apertavão-se-lhe as mãos, e ficava assim um espaço desamparado de todo uso dos sentidos. Quando tornou outra vez em acordo abraçou-se com a irmãa, e dizia: Ai ai filha minha, ai ai irmãa minha, a que estado tão

miseravel tendes chegado! Ah Santa Ignez Virgem Santissima quão triste, e quão penoso dia foi este vosso para mim! No cabo de todas estas palavras tornava a caír desmaiado, e fóra de si: o que vendo a pobre irmãa lançou-se-lhe aos pés derramando de seus olhos rios de lagrimas, e dizendo muitas lastimas, fallava com elle desta maneira: O' senhor, e pai meu, mal aventurado foi o dia, em que eu nasci no mundo, pois por uma parte tenho perdido a Deos, e por outra vos causei tanto mal, e tantos tormentos. Com razão mereço viver sempre em trabalhos. Com razão me devem perpetuamente caír as faces com vergonha, e desfazer-se-me o coração em gemidos. O' fidelissimo remidor de minha triste alma. Ainda que não sou digna de me fallardes, nem responderdes, peço vos todavia que haja memoria nesse piedoso coração, que em nenhuma cousa podeis melhor cumprir com a palavra que a Deos tendes dado, nem imital-o mais ao vivo, que reduzindo a seu serviço uma peccadora miseravel, e abatida, e dando a mão a uma alma opprimida de gravissimo peso; que este é o fim para que Deos vos deu condição piedosa acompanhada de promptidão, e brandura para com todos os afligidos. Pois como ha de haver no mundo que

só para a triste de mim peccadora , de todos desprezada e aborrecida haveis de serrar as entranhas de misericordia ? A mim que já diante de Deos e dos homens estou perdida depois que minha maldade me fez caír em desgraça de todos? Mas tal sois vós que aquella, que todos desprezão, e a que todos dão de mão , essa buscais : e aquella de quem todos com muita razão se envorgonhão , e pejão , essa chamais , não sem grande abatimento de vossa autoridade, e magoa deste coração. Abraçada a esses pés vos peço senhor com um sentimento eterno de minha alma, que por honra de Deos perdoeis a esta desditosa este homicidio que commetti (ah mofina mulher) contra vós , e contra minha alma. E lembre-vos que ainda que fui occasião de receberdes perda na honra , e no gosto da vida temporal, haveis de ter no Ceo por este respeito uma particular gloria , e contentamento eterno. Havei lastima da mais abatida e miseravel peccadora do mundo ; que eu mesma me lancei na rede para padecer eternamente no corpo e na alma o mal, que tenho presente , e ser abominavel , e odiosa tanto a mim , como a quantos me conhecerem : tomai-me de hoje em diante á vossa conta para remedio desta vida , e da outra , e não vos dê pena cuidar que quero tornar

ao estado honrado de irmãa vossa, que antes nenhuma cousa desejo mais, que perder para toda a vida este nome, que não mereço. O que só queria he que de mercê me soffresseis ter lugar diante de vós de irmãa perdida, e de direito nenhum outro se não de escrava achada de novo, e cóbrada á custa de muito tormento vosso. E esta determinação tenho tão assentada comigo, que se houver quem me chame vossa irmãa, ou por essa queira fazer-me alguma bôa obra, será a cousa que na alma mais sentirei. Antes terei dó de vós, se estiverdes em parte onde vos eu possa apparecer diante dos olhos, e hajais de sofrer tamanha afronta como é naturalmente, e com razão para todo o homem, uma tal irmãa, e como eu creio, que o é para vós, segundo conheço de vossa condição. Nem quero, que em nenhum tempo tenhais comigo trato, nem conversação; que bem entendo que não podem deixar de se assombrar comigo vossas orelhas, e quebrarem-se-vos os olhos com vergonha. Cousas são estas para mim muito de sentir. Mas ainda que sejão duras e intoleraveis, com tudo passarei por todas de boa vontade, e offerecel-as-hei ao poderoso Deos em desconto do afrontoso peccado com que o offendi: para que assim movendo-vos vós a piedade de mim por quem

sois, hajais por bem de satisfazer fielmente por minha culpa, e tornar-me a pôr em graça com Deos. A estas lamentações, e pranto acudio o Santo Fr. Henrique, livre já do accidente, e respondeo desta maneira: Eia sus ardentes lagrimas arrebentai já deste coração fertilissimo dellas, que de dôr, e magoas não lhe cabe lá em si. Ai de mim filha minha, unico allivio desta alma desd'o principio de minha vida. Deixai os pés, chegai-vos a mim, e a este peito já defuncto de vosso desaventurado irmão. Deixai-me banhar com as descansoladas e saudosas lagrimas de meus olhos o rosto de minha irmãa. Deixai-me chorar, e prantear minha filha morta. O' que pequena dôr é padecer mil mortes no corpo. Mas que grande, e deshumana dôr é estragar a alma, e perder a honra! O' magoa! O' desaventura de meu attribulado coração! Ai de mim bom Deos, que é isto que me aconteceo? Chegai-vos a mim filha minha, que pois achei, e cobrei minha filha, quero já enxugar as lagrimas, e quero hoje admittir-vos com a mesma brandura, e piedade com que eu pobre peccador desejo ser recebido no derradeiro passo de minha vida, e com promptissima vontade vos largarei o merecimento do nojo, e ancias mortaes desta alma, e de todo o ou-

tro mal, que me causastes, e de força haveis de causar já até o fim de meus dias. E não duvideis que vos hei de ajudar sempre, satisfazendo por vossa culpa quanto puder, assim diante de Deos, como dos homens. Alguns homens, que acaso se achárão presentes a este acto, vendo os prantos d'ambas as partes, e aquelles effeitos de tristeza, forão tão movidos de compaixão, que nenhum podia ter as lagrimas. Desta maneira abrandou o Santo aquelle coração, primeiro com os effeitos de sentimento, e logo com a consolação amorosa, e ficou tal, que no mesmo ponto se offereceo promptamente a tornar ao habito penitente da Religião, que tinha deixado. E foi o Senhor servido, que tanto que esta ovelha perdida tornou para o rebanho de Christo á custa de tanta vergonha e abatimento, e trabalho do Santo, foi recebida n'outro Mosteiro melhor accommodado e mais a seu proposito. Onde cresceo depois de maneira em fervor, e obras do serviço de Deos, e procedeo na guarda de sua alma tão santa e acauteladamente, armando-se de muitas virtudes até a morte, que seu irmão se houve por largamente satisfeito, e contente dos enfadamentos, e trabalhos, que diante de Deos, e dos homens passou por sua causa. Antes vendo que o

que por ella padecera lhe tinha rendido tanto, sentia grande gosto, e alegrava-se muito, e considerava os occultos juizos de Deos, e como aos que o amão tudo lhes torna em bem. Daqui levantava os olhos ao Ceo, e dava-lhe infinitas graças, e toda sua alma se derretia em louvores Divinos.

CAPITULO XXVII.

De um grande perigo, que Fr. Henrique passou por causa de um Frade seu companheiro.

PArtindo o Santo um dia para fóra, foi-lhe dado por companheiro um Frade leigo, que logo acceitou de má vontade, porque era homem de juizo pouco assentado: lembravão-lhe quantos desgostos lhe tinhão succedido com outros companheiros, que sem respeito se lhe tinhão descomposto; e todavia sogeitando-se por obediencia á vontade alheia, levou-o comsigo. Aconteceo chegarem antes de comer a uma aldêa, aonde corria grande numero de gente por razão de de certa feira, que alli se fazia. Vinha o leigo molhado da chuva, que trouxerão pela manhãa; pelo que mettendo-se em uma casa chegou-se ao fogo, e disse ao Santo,

que se não sentia em disposição para passar adiante, que se tinha alguma cousa que negocear, fosse embora só, que elle o queria alli esperar. E tanto que o Santo poz os pés fóra da porta, largou o fogo, e foi-se á mesa, onde comia muita gente dissoluta, e devassa, que vinha negocear na feira, e porcurar ganho de suas mercadorias. Vendo alguns destes, que o Frade leigo se levantára da mesa, e estava á porta bocèjando, e ocioso, voltando os olhos com liviandade a uma parte, e a outra, e dando fé de tudo, lançárão mão delle, levantando-lhe que lhes tomára um queijo. Em quanto estes máos homens maltratavão o pobre Frade por esta via, sobrevierão outros, que erão cinco, e vinhão armados, e cheios de furia, que tambem pegárão delle dizendo a grandes vozes, que era homem, que trazia peçonha comsigo, e a punha, e lançava por toda a parte. Corria fama naquelle tempo, que havia homens, que com atrevida maldade inficionavão as aguas. Em fim tomárão-no entre si, e tal era a tragedia, que representavão, que corria a elles todo o povo. Vendo-se o Frade preso, e desejando livrar-se, voltou-se para os circunstantes, e disse-lhes estas palavras: Peço-vos, Senhores, que me deis uma breve audiencia, e descu-

brir-vos-hei chãomente tudo o que é passado nesta materia. Ficando todos attentos, e calados, começou a fallar desta maneira: Bem vedes, e conheceis todos em meu aspeito, que sou homem de fraco juizo, e por isso ninguem faz de mim conta. Mas tenho um companheiro homem sisudo, e de grande ser, a quem nossa Ordem tem dado o cargo de empeçonhentar todas as fontes, que ha daqui até os Tribunos, ou Alsacia, e a esse fim caminha para lá. Pelo que não haja detença em o colherdes; que, se tardais, porá em execução este danado intento. E já lançou na fonte deste lugar um saquinho de veneno para que morrão quantos aqui vierem, e beberem della. E esta é a razão porque me deixei aqui ficar, e não fui com elle, visto como já o acompanhal-o me faz mal. E para que vos assegureis, que fallo verdade, será testemunha do que digo um alforge grande, que serve de trazer livros, no qual traz muitas bocetas atestadas de peçonha, e de muitas moedas d'ouro, que os Judeos lhe derão a elle, e á nossa Ordem para que ponha em obra tamanha maldade. Tanto que tal ouvirão os cinco, e outros tão desatinados, e preversos como elles, que se lhe tinhão ajuntado, davão bramidos como bestas feras, e a grandes

vozes dizião, vamos de pressa traz elle, sigamol-o. E logo arrebatando cada um o que primeiro achava, quem lança, quem machado, quem outra cousa, ião correndo como doudos, e quebrando portas, e abrindo casas, onde cuidavão de achar o Santo: com as espadas nuas fazião guerra ás camas, e á palha dos enxergões, dando-lhes de estocadas, e era o alvoroço, e o ruido tal, que quantos andavão na feira ião traz elle. Acharão-se alli alguns forasteiros, homens de bem, que conhecião ao Santo Fr. Henrique. Estes ouvindo-o nomear metterão-se no meio, e affirmavão que fazião o que não devião em o buscarem, porque era tal Pessoa, e de tanta virtude, que não era possivel entrar-lhe na vontade, nem no pensamento um tamanho peccado. Com tudo não se quietárão senão depois que não podérão dar com elle, mas levárão preso o leigo ao Governador da terra, que o mandou encarcerar em uma casa. O Santo Fr. Henrique não sabia nada do que passava; e parecendo-lhe hora de comer, e que seu companheiro teria já o habito enxuto, veio-se para a pousada donde o deixára para jantar. Tanto que entrou, contárão-lhe tudo o que era passado. O que entendido, ficou mui atemorizado, e no mesmo ponto sem parar voltou para fóra, e

foi-se com pressa a casa do Governador, e pedia-lhe que lhe soltasse seu companheiro. Respondeo-lhe o Governador, que por nenhum caso podia tal fazer, antes o havia de metter em uma torre pelos males, que tinha feito. Sentio Fr. Henrique por estremo esta resolução, e não cansava de sobir, e descer escadas, e andar de huma parte para a outra por ver se podia remediar o seu preso. E em fim depois de ter gastado nisto muitas horas, não sem grandes enfadamentos e afrontas, acabou que lh'o soltassem. Parecia-lhe já então a Fr. Henrique que era acabada toda a tempestade. Mas na verdade d'aqui começou a refrescar mais asperamente, porque quando acabou de se desembaraçar dos que mandavão no lugar, então entrou em perigo de perder a vida. E o negocio passou desta maneira: Tinha-se divulgado aquella tarde no povo miudo, e entre a gente baixa, que o Santo trazia comsigo peçonha para corromper as aguas, e assim em o vendo saír de casa do Governador davão todos traz elle, como se fòra um ladrão, e de maneira que não ousava apparecer no lugar. Todos o mostravão com o dedo, e dizião: Eis alli o mestre da peçonha; mas elle não nos escapará das mãos, que sem falta morrerá, e não lhe valerá comnosco o seu dinheiro como fez com

o Governador. Vendo-se o Santo apertado, quiz acolher-se a uma quinta: então levantárão a voz com mais furia, e uns dizião: Afoguemol-o no Danubio (estava assentado o lugar ao longo delle), outros gritavão: Isso não, que nos danará a agua esse ladrão, que é sujo, e torpe; melhor será queimal-o. Um villão deshumano e furioso envolto em um tabardo, trazia uma lança nas mãos, e atravessando por meio da gente onde estava mais apinhada, poz-se diante de todos, e soltou estas palavras: Ouvi-me senhores, e todos os que aqui sois presentes. Nenhuma morte poderemos dar a este herege mais afrontosa, do que será se o eu espetar nesta lança como se faz aos sapos. Desta maneira ficando nú, e aspado nesta lança, e levantado no ar com a bôca para baixo amarral-o-hei a esta sebe de maneira, que não possa caír. Mirrhe-se no ar o corpo malvado, e fique este ladrão á vista de quantos passarem, para que o maldigão, e abominem vendo tão feio genero de morte, e assim seja maior sua desventura no tempo presente, e no por vir, que tudo tem bem merecido tão pestilencial homem. Ouvia isto o Santo com assaz pavor, e apertados suspiros, e era tal a ancia, que lhe fazia saltar as lagrimas dos olhos. Vendo-o neste estado alguns homens honrados, que estavão á roda,

choravão agramente, outros com magoa batião nos peitos, e torcião as mãos sobre a cabeça. Mas não ousava nenhum fallar palavra com medo do povo furioso, porque não lançassem mão delle. Assim passou Fr. Henrique o dia, e sendo já tarde andava de casa em casa pedindo gazalhado com lagrimas, e em toda a parte foi esquivamente despedido. Umas devotas mulheres desejárão agazalhal-o; mas de medo o deixárão de fazer: finalmente sentindo-se apertado de mortais angustias, e desamparado de todo o socorro humano, como aquella gente não esperava mais que vel-o preso para o acabarem, caío de pura tristeza, e medo da morte ao longo de um valado; e dalli levantando os olhos, inchados do muito que tinha chorado, ao pai celestial dizia: O' pai amorosissimo, quando valereis já a este miseravel mettido em tamanho aperto? O' pai piedosissimo, porque vos esqueceis tanto de mim? O' pai, ó fidelissimo, ó clementissimo pai ajudai-me nesta minha ultima necessidade, que já este coração defunto não tem esperança de vida. Na morte não ha duvida. Nem posso escapar de afogado no rio, ou queimado, ou passado de uma lança. Encommendo-vos hoje meu desconsolado espirito, e peço que hajais piedade desta desaventurada morte, que não

estão longe os que me querem matar. Sendo informado um Sacerdote do lugar destas piedosas lastimas, foi de pressa aonde o Santo jazia, e usando de força tirou-o das mãos daquelles inimigos, e mettendo-o em casa teve-o aquella noite em paz, e ao outro dia em amanhecendo mandou-o embora, e assim o livrou do perigo da morte, que tão certa, e tão presente teve.

CAPITULO XXVIII.

Do que aconteceo ao Santo com um ladrão.

Tornava o Santo uma vez para Allemanha, onde tinha sua morada, das partes de Frandes, onde o mandara a obediencia, e vinha caminhando pela ribeiras do Danubio com um companheiro mancebo, e despachado no andar. Aconteceo que achando-se um dia o Santo mal disposto, e cansado, não lhe pòde aturar o passo, que levava, e ficou-se por detraz espaço quasi de meia milha. Ia-se pondo o Sol, e tinha por passar um grande bosque mal assombrado, e perigoso por muitos ladrões, que nelle continuavão. Olhou então para traz a ver se acaso vinha algum viandante, em cuja companhia passasse o bosque, e parou-se um pouco antes de entrar nelle es-

perando alguem. Entretanto vio assomar duas pessoas, que vinhão caminhando á pressa, das quaes uma era mulher moça, e formosa; a outra um homem temoroso com uma lança ao hombro, e uma espada comprida á ilharga, cuberto com um tabardo negro. Assombrado o Santo da feia catadura deste, tornou a estender os olhos por tudo por ver se acaso veria outra companhia; mas não vendo ninguem, fallava comsigo, e dizia: Senhor Deos, que sorte de homens são estes! que feição tão espantosa? Como hei de passar assim tão grande bosque? E que será de mim? Dizendo isto fez o sinal da Cruz sobre os peitos, e metteo-se a caminho pela floresta adiante. Tendo caminhado um bom pedaço todos tres, travou a mulher pratica com elle, perguntando-lhe quem era, e como se chamava? Satisfez o Santo á pergunta. E ella: Bem vos conheço senhor meu, disse, pelo nome. Peçovos que me queirais ouvir de confissão. Começou logo a ir-se confessando, e disse: Ai de mim, Reverendo Padre, quero-me queixar comvosco de minha triste ventura. Haveis de saber que este homem, que nos acompanha é ladrão, e matador, e usa este officio neste bosque e n'outras partes, e toma a todos as bolsas, e vestidos, sem perdoar a ninguem. Elle me enganou, e me tirou d'ca-

tre minhas amigas, e por força sou sua mulher. Ouvindo isto Fr. Henrique faltou pouco para lhe dar um acidente de medo, e virando para traz olhava para todas as partes por ver se podia ver, ou ouvir alguem. Mas como a floresta era espessa, e sombria, nunca vio, nem ouvio ninguem, mais que o ladrão, que os vinha seguindo. Neste meio fazia discursos comsigo, e dizia: se fujo assim cançado como vou, logo me alcança, e me mata; se brado, não ha de haver quem me ouça neste tão espaçoso ermo, e da mesma maneira sou perdido. Então levantando os olhos ao Ceo tristes, e arrasados de agua: Ah Senhor Deos, dizia, que ha de ser hoje de mim! O' morte, quão perto me estás. Tanto que a mulher concluio sua confissão, foi-se para o ladrão, e pedia-lhe em segredo, que se confessasse com o Santo, e dizia-lhe, sabei bom senhor, que na minha terra temos tanta fé neste homem, que é opinião que ninguem se confessa com elle, ainda que muito máo e peccador, que seja desamparado de Deos. Ora fazei o que vos rogo, que bem póde ser que por amor delle se lembre Deos de vós, e vos queira acudir nestas ultimas angustias, que vos cercão. Indo assim ambos fallando em voz baixa, foi o Santo tão apertado de medo, que se dava por traido. O

ladrão começava a vir-se para elle. Quando o Santo o vio junto de si, e lhe vio a lança nas mãos, tremeo todo, e arrepiarão-se-lhe os cabellos, e deu-se por acabado, porque não sabia o que ambos tinhão passado entre si. O sitio do lugar, por onde caminhavão, era de si medonho, porque o Danubio corria ao longo do bosque, e a estrada ía sobre a borda do rio. O ladrão deixou ir o Santo parte da agua, e poz-se da banda da terra. Indo assim o Santo cheio de medo, começou o ladrão sua confissão declarando todos quantos males, e roubos tinha feito, e em particular contou um horrendissimo homicidio que fez ficar o Santo attonito. Entrei um dia, contava o ladrão, neste bosque a saltear como tambem agora venho, encontrei com um Sacerdote honrado e veneravel, confessei-me com elle, indo caminhando ambos como agora vamos vós, e eu. Acabada a confissão, levei desta mesma espada, que aqui vedes, e dei-lhe de estocadas, e lancei-o no rio. Desta historia junta com os gestos, que o ladrão fazia contando-a, e de seu aspecto ficou Fr. Henrique tão attonito e perdido de animo, que lhe corrião suores frios, e mortais todos os membros, e o sangue se lhe congelou no corpo, e perdeo a falla, e ficou de maneira, que quasi estava falto de todos

os sentidos, só tinha os olhos postos na espada do ladrão, esperando a hora, em que o havia de atravessar com ella, como fizera ao outro Sacerdote, e lançal-o de cabeça no rio: e começando com esta agonia a desmaiar, e não tendo já forças para se ter em pé, ficou-lhe o rosto desfigurado e mortal, como de homem, que estava para perder a vida logo, e desejava salval-a. Notava estes effeitos a companheira do ladrão, e tanto que caío no que era, acudio de pressa a abraçar-se com elle, que ia caindo ja desfalecido, e trabalhava pelo alentar, e tornar em acordo, dizendo-lhe: Não temais, bom Padre, que não se vos fará nenhum mal. Tambem o ladrão o animava, e dizia-lhe: Eu Senhor tenho ouvido muitos bens de vós, e por isso quero deixar-vos a vida. Rogai a Deos por mim, e pedi-lhe que por amor de vos me acuda, e haja misericordia comigo, que sou um ladrão, e ando para morrer cada dia. Quando dizia estas ultimas palavras acabavão de saír do bosque, e eis que appareceo o companheiro de Fr. Henrique, que estava assentado ao pé de uma arvore esperando por elle. O ladrão adiantou-se com sua companheira; mas o Santo chegando como pôde aonde estava o seu Frade, deixou-se cair em terra com um grande tremor do coração,

e do corpo todo. Depois de estar assim um espaço deitado cobrando alento, levantou-se, e acabou seu caminho. E sempre pedia a Deos mui de proposito, e com grandes suspiros, fosse servido que aproveitasse áquelle ladrão a fé, que tivera nelle, e a esperança, que puzera em sua intercessão, e orações, e não permittisse que depois da morte se condemnasse. E mostrou-lhe o Senhor uma visão, pela qual ficou certificado de sua salvação por maneira que nenhuma duvida tinha, que se havia de salvar.

CAPITULO XXIX.

De alguns perigos, que o Santo passou por agua.

TInha o Santo por costume ir algumas vezes á Cidade de Argentina, que vulgarmente se chama Straburg. Tornando uma vez della para o Convento, caío n'um temeroso pego do Danubio, e juntamente com elle foi um livro, que tinha composto havia pouco, a quem o diabo tinha grande odio. E sendo levado da força da corrente sem haver quem lhe acodisse, e andando já em braços com a morte, ora indo-se ao fundo, ora tornando-se em cima da agua, acontecco por divina provi-

dencia, que no mesmo tempo chegou alli um soldado da Prussia, que vinha de Argentina, o qual se lançou á agua, e o tirou della com seu companheiro são e salvo, livrando-os de tão triste genero de morte. Outra vez foi fóra da casa por ordem dos superiores, e era no Inverno, e tendo caminhado em coche o dia todo até vesperas sem comer, pelo vento que corria frio e desabrido, chegou a um passo de agua turva e alta, que com a força das chuvas levava grande corrente. O criado, que governava o coche, deixou-se chegar tanto á borda d'agua por descuido, que caíndo as rodas em vazio daquella banda, revirou em claro sobre a corrente. Caíndo o coche caío tambem o Santo de cabeça, e ficou de costas sobre a agua, e logo foi o coche sobre elle, de maneira que se não podia tirar debaixo, nem revolver-se com o peso para nenhuma parte, nem ajudar-se; e assim foi um grande pedaço pela agua abaixo junto com o coche até darem n'um moinho. Aqui o cocheiro acudio com outros, e ferrou nelle; mas era tal o peso do coche, que por muito que trabalhavão, e fazião pelo tirar, não n'o podião levantar, antes tornava a baixo. Em fim levantando primeiro o coche, não sem grande trabalho, tirarão-no a terra bem molhado. E como o frio era grandissimo, logo se lhe con-

gelárão os fatos no corpo de maneira, que batia os dentes de frio. Nesta afflicção esteve o Santo por grande espaço sem se poder valer, e levantando os olhos a Deos dizia: Que farei, Senhor, ou que intentarei primeiro? vem-se a noite, e não vejo lugar, nem aldèa por aqui onde me possa aquentar, ou remediar. Se quereis que acabe aqui assim tristemente, he bem miseravel genero de morte. Todavia estendendo a vista por tudo enxergou ao longe uma aldêa ao pé de um monte. Foi-se lá como pôde todo molhado, e intirissado com frio e era já noite, rodeava as casas, pedia gazalhado por amor de Deos, mas de toda a parte o despedião, não se doendo ninguem de seu trabalho. Em fim arreceando de acabar alli, bradou ao Senhor em voz alta dizendo: Melhor fôra Senhor deixardes-me afogar naquella agua. Acabára lá mais de pressa, e com mais gosto, do que me vejo aqui perecer com frio. Estas palavras ouvio acaso um villão, que primeiro lhe negára pousada, e havendo lastima delle tomou-o nos braços, e metteo-o em sua casa; e alli passou uma bem cansada noite.

CAPITULO XXX.

De como se houve o Santo n'um breve tempo, que teve vago de tribulações.

Tinha já Deos nosso Senhor posto em tal costume o seu servo Fr. Henrique, que em lhe afroxando uma tribulação, determinadamente esperava logo outra. E assim sem ter um momento de refrigerio, andava sempre affligido: só de uma vez lhe deu o Senhor algum repouso, e este foi ainda de bem pouca dura; no qual tempo entrando um dia n'um Mosteiro de Freiras, umas filhas espirituais, que nelle tinha, lhe perguntárão como andava. Ao que o Santo respondeo, que receava que lhe não ía bem, e que Deos se esquecia delle, porque era passado um mez inteiro sem receber offensa de ninguem, nem no corpo, nem na fama, cousa fóra do costume em que estava de muito tempo atraz. Pouco espaço havia que o Santo estava assentado ás grades, quando um Frade de sua Ordem, que se alli achou, o chamou á parte, e lhe disse o seguinte: Não ha muitos dias que me achei n'um castello, onde ouvi o Senhor delle perguntar efficazmente por vós, e por donde andaveis, e jurar com as mãos levantadas diante de muita gente, que se vos achava, em qualquer lu-

gar que fosse, vos havia de dar de punhaladas. O mesmo juramento fizerão tambem alguns fidalgos seus parentes, os quaes a esta conta vos buscárão já em alguns Mosteiros, para executarem esta danada vontade, que vos tem. Por onde vede o que vos cumpre. Andai acautelado, e olhai por vós, se estimais a vida. Ouvindo isto Fr. Henrique ficou cheio de medo, e disse ao Frade, que tomára saber, que razão havia para o terem por merecedor de tal morte. O Frade lhe respondeo desta maneira: Haveis de saber que contárão a este senhor, que vós ensinaveis a uma filha sua um modo de vida particular, e novo, que se chama espiritual, e os professores delle espirituais, e que a mettestes nella como fizestes a outra muita gente. E está persuadido que entre todos os nascidos não ha peiores homens, que os que seguem esta doutrina. Tambem estava presente nesta junta um homem atrevido, e feroz, que affirmava que vós o tinheis descasado de sua mulher, que muito amava de tal maneira, que tapava o rosto, e não queria olhar para elle, e dizia que queria só olhar para dentro de si, e por sua alma. Tanto que o Santo soube estas novas, deu graças a Deos, e tornou logo para as Religiosas, e disse-lhes: Amadas filhas, servi a Deos varonilmente, que já se lembrou de

mim. E logo lhes contou as temerosas novas que o Frade lhe déra, e como o mundo andava traçando pagar-lhe com males os serviços, que lhe fazia.

CAPITULO XXXI.

De como o Santo entrou um dia em contas com Deos, e do que lhe resultou dellas.

NO mesmo tempo, que Fr. Henrique padecia os trabalhos, que vamos contando, entrou uma vez na enfermaria da casa, em que morava, para dar alguma recreação a seus cansados membros. Estando sentado á mesa, e calado, segundo seu costume, molestavão-no com algumas zombarias e palavras, que elle sentia muito, e lhe causavão tanta compaixão de si mesmo vendo-se assim mal tratar, que muitas vezes lhe corrião as lagrimas pelo rosto abaixo, e lhe entravão pela bôca envoltas com o que comia, e bebia. Então punha os olhos no Ceo, e chamando por Deos com entranhaveis suspiros fallava-lhe assim: Piedosissimo Deos, não bastão as miserias e desventuras, que continuamente padeço de dia e de noite, senão que ainda esta pequena refeição, que tómo, se me ha de tornar fel e amargura? Isto lhe aconteceo

muitas vezes, e de uma levantando-se da mesa, não se pôde mais reprimir, e foi-se correndo ao seu Oratorio, e posto diante de Deos começou a queixar-se desta maneira: Suavissimo Deos, Senhor do mundo todo, peço-vos que useis comigo de brandura, e piedade, que hoje é o dia, em que determino entrar em contas comvosco, e não posso al fazer. E ainda que a ninguem deveis nada, nem estejais obrigado a nada, por serdes, como sois, Deos soberano, e immenso em magestade: sem embargo de tudo á vossa bondade infinita compete sofrerdes, que possa desabafar comvosco, e tomar algum allivio de vossos divinos favores, um espirito afogado em tribulações, maiormente quando não tem outrem ninguem, a quem se possa queixar, ou quem o console. E começando, a vós mesmo Senhor, a quem nada se esconde, tómo eu por testemunha, que desde que nasci tive sempre um coração brando, e compassivo; porque nunca me lembra que visse ninguem attribulado, ou triste, que me não compadecesse delle entranhavelmente. Nunca pude ouvir cousa que podesse fazer nojo ao proximo, nem em presença, nem em absencia sua. De uma cousa me serão testemunhas meus companheiros todos, que mui raras vezes me ouvirião torcer com

minha linguagem, ou dar entendimento á peior parte aos feitos alheios, nem de Frade, nem de outrem ninguem, assim diante dos superiores como de toda a outra pessoa. Antes em quanto pude julguei sempre o melhor das obras de todos, e quando mais não pude, ou me calei, ou me desviei por não ouvir o contrario; e daquelles me dava por mais particular amigo, que eu sentia terem recebido detrimento algum na fama, ou na reputação; o que fazia de piedade, porque lhes custasse menos tornar a cobrar seu credito. O meu nome era verdadeiro pai de tristes. De todos os amigos de Deos era particular amigo. Todos os que se chegavão a mim tristes, ou trabalhados, ao menos dava algum conselho, com que se tornavão alegres, e animados: chorava com os que choravão, desconsolava-me com os tristes até que quietava uns e outros com amor de mãi. Nunca ninguem me anojou tanto, que logo lhe não perdoasse tudo como se nunca me offendera, se só uma vez me mostrasse bom rosto. De que serve fallar dos homens, se as faltas, e trabalhos de quaesquer animaes, ou avezinhas me apertavão o coração de maneira, que quando as via, ou ouvia, chegava a pedir-vos remedio para elles? Tudo quanto vive sobre a terra acha em

mim entranhas de amor e brandura: e vós, Deos piedosissimo, permittis que haja homens (estes são os que o Apostolo chama irmãos falsos) que me tratem com muita esquivança, e desabrimento, como vós, Senhor, bem sabeis, e a todos he bem notorio. Peço-vos, Senhor, que vejais isto, e vós mesmo me deis algum allivio de vossa mão. Depois que o Santo desabafou largamente com Deos nestas contas, ficou n'um repouso mui assocegado, e sentio por meio de uma luz divina esta resposta em sua alma: Estas tuas contas são contas de minino, e nascem-te de não advirtires sempre, como deves, nas palavras, e nas obras de Christo paciente. Has de entender, que não é só bastante para Deos esta tua condição caritativa e branda, de que tu te contentas, mas sabe que quer de ti outra cousa mais subida, e mais perfeita, quero dizer, que quando alguem te aggravar com obras, ou com palavras, não sómente passes por isso levemente, mas inda estejas tão morto á tua paixão, e a ti mesmo, que não ouses deitar-te a dormir sem primeiro buscares esse que te aggravou, e com gesto desassombrado e palavras de cortezia, e com a bôca cheia de rizo abrandares quanto em ti for, e assocegares sua colera, e furia: porque com esta moderação e humildade lhe arrancas

la mão a espada, e fazes que aquella raiva em a vontade lhe fique fraca, e sem forças, e totalmente desarmada. E este he aquelle antigo caminho de perfeição que Christo JESU ensinou a seus discipulos quando lhes dizia: Eis que eu vos mando como cordeiros entre lobos. Depois que o Santo tornou em si pareceo-lhe este caminho de perfeição muito mais agro, e trabalhoso, e não podia cuidar nelle sem grande desabrimento, e muito maior o sentia se queria acommettel-o. Mas com tudo como estava resignado nas mãos do Senhor, começou a provar suas forças, e aprender os passos desta estrada. Aconteceo dalli a alguns dias, que um Frade leigo o tratou mal de palavra, e o injuriou notavelmente Sofreo tudo o Santo sem fallar palavra; e havendo que isto bastava, não queria passar adiante. Mas interiormente sentia um remordimento, que o obrigava a fazer mais. E assim no mesmo dia á tarde estando o Frade ceando na enfermaria, esperou á porta, e em saíndo deitou-se-lhe aos pés, e pedio-lhe humildemente perdão dizendo: Charissimo e Religioso Padre, peço-vos por reverencia de Deos, que se em alguma cousa vos molestei, ou offendi, me perdoeis por amor de Deos. Vendo o leigo um tal acto, primeiramente ficou parado, e mudo, e logo er-

guendo os olhos disse em voz alta: Valha-me Deos, que maravilha é esta? que fazeis? Nunca me offendestes mais que aos outros, antes eu fui o que notavelmente vos escandalizei, e que com a soltura demasiada desta lingua vos fiz crueis afrontas; e disto eu sou, meu Padre, o que houvera e devia pedir-vos perdão, e importunar-vos uma, e muitas vezes por elle. E assim ficou o Santo quieto. Um dia estando Fr. Henrique á mesa na enfermaria, disse-lhe um Frade muitas palavras pesadas, e malditas, e elle lhas pagou com se virar para elle com um semblante tão risonho e alegre, como se nellas recebêra alguma amizade mui signalada. Mas isto teve poder para tornar o Frade tanto sobre si compungindo-o interiormente, que não sómente se calou, mas tambem se lhe mostrou alegre e bem assombrado. Depois de jantarem contou o mesmo Frade este successo na cidade com estas palavras: Hoje foi o dia, em que me vi tão cheio de vergonha e afrontado estando comendo, que cuido que nunca outra tal me aconteceo. Porque fallando eu mui solta, e desarazoadamente contra Fr. Henrique, elle me ouvio com um gesto tão aprazivel, e desapaixonado, que me fez ficar corrido. E espero em nosso Senhor que me ha de aproveitar sempre este seu exemplo.

CAPITULO XXXII.

De como o Santo chegou algumas vezes a risco de perder a vida de demasiada afflicção.

AConteceo a Fr. Henrique em certo tempo, que as mais das noites no meio do sono acordava cheio de pavor. E começando a rezar sem saber o que, logo começava o Psalmo da Paixão, que começa: *Deus Deus meus respice in me,* que é o mesmo, que contão, que Christo nosso Senhor disse na Cruz vendo-se naquelle ultimo trabalho desamparado do Padre Eterno, e de todas as creaturas. A contínua repetição deste Psalmo, que sem querer se lhe vinha á bôca, e a lembrança do principio dele trazião-no mui assombrado quando estava acordado, como quem se receava sempre de tribulações. E assim um dia posto diante de um Crucifixo fallava com elle em voz alta e com desconsoladas lagrimas, dizendo: ai de mim, Senhor Deos, é isto por ventura quererdes vós que de novo leve eu outra Cruz comvosco, ou seja crucificado nella? se asim é, acabai já, rogo-vos, de satisfazer nese triste corpo os tormentos de vossa innocente, e santissima Morte, mas sede comigo e fazei que com fe, e confiança em vossa ajuda possa vencer todo o ge-

nero de trabalho. Não tardou muito a cruz que claramente lhe representára aquelle assombramento nocturno, com a qual lhe acudirão extraordinarios trabalhos, de que não convem fazer-se menção nesta historia, os quaes indo-se augmentando cada dia vierão a crescer tanto, e ser tão intoleraveis, que o chegavão, como de seu natural era fraco, ao derradeiro estremo da vida, e uma vez lhe succedeo estando fóra do Mosteiro, e querendo-se recolher a dormir já tarde, dar-lhe um desmaio, e cortamento de forças tal, que entendia de si que a demasiada fraqueza o havía de fazer desfalecer, e acabar logo. E assim jazia sem bulir, e tão mortal, que em nenhuma veia do corpo tinha pulso. Vendo-o tal um homem virtuoso seu devoto, que era presente (que o Santo tirára de graves peccados, não sem grande custo, e trabalho seu) acudio de pressa lançando muitas lagrimas, e saltando-lhe o coração de dôr, por ver se tinha ainda algum alento de vida. Mas achou-lhe o coração tão adormecido, que não parecia fazer mais movimento quese fòra de um homem morto. Então vencido de dôr caíndo sobre elle com lagrimas en fio e pranto em grita: O' Deos, dizia, vede como é acabado hoje aquelle excellente coração, que vos hospedou, e trouxe em si tão longos

annos com uma virtude, e religião fóra do commum, e que com palavras, e escritos, que corem pelo mundo, vos deu a conhecer, e com suavidade fez seguir de infinito numero de homens estragados, e perdidos. Entre esta lamentações, e magoas, que dizia, punhalhe as mãos sobre o coração, e na bôca, e pelos braços, desejando entender se estava ainda vivo, ou se era fallecido. Mas em nenhuma parte lhe achou movimento, nem pulso. E na verdade elle estava tal, que nenhuma cousa tinha de homem vivo, mas tudo como quem caminhava já para a sepultura. O rosto infiado, e amarello, e a bôca negra. Neste estado esteve tanto espaço, em quanto se pudéra bem andar uma milha de Allemanha. Mas em quanto assim jazia como em exasi, estava sua alma gozando não menos objecto que o mesmo Deos, e a divindade, e aquelle que só é verdadeiro, e a mesma verdade, e a unidade sempiterna. E já antes que começasse a caír neste desfallecimento, e transportar-se, tinha entrado em brandos e devotos colloquios com Deos, dizendo desta maneira: O' verdade eterna, cujo inexhausto abysmo está encuberto a toda a cretura: Eu pobre servo vosso quanto ao que entendo de mim, e da fraqueza em que me vejo, sinto-me chegado ao derra-

deiro termo da vida. Por isso, Deos Omnipotente, fallo com vosco nesta ultima hora, com vosco a quem ninguem póde mentir a quem ninguem póde enganar, pois tudo vos é patente e manifesto. Vós só sabeis o que passa entre mim e vós. Vossa benignidade e misericordia invoco Clementissimo e Fidelissimo Pai: e se alguma hora me deviei para outro algum objecto fóra da soberana verdade, peza-me, Senhor Deos, de todo coração, pedindo-vos que com vosso precioso sangue laveis este erro, segundo vossa clemencia, e minha necessidade. Lembrevos, Senhor, como quanto foi em mim louvei, e exalcei por todo o discurso de minha vida aquelle purissimo, e sagrado Sangue, que na Cruz derramastes. Este fazei vós que me purifique e alimpe de todo o peccado agora, que vou passando desta vida. Peço-vos Santos do Ceo, e a vós em particular amorosissimo Pai e Bispo S. Nicoláo, que todos juntos de joelhos, e com as mãos levantadas façais oração por mim ao Senhor, que me dê boa morte. O' purissima e esclarecida Virgem Maria, dai-me agora a mão aquella mão, digo, piedosissima, e vossa, e nesta ultima hora recebei minha alma debaixo de vossa Fé, e amparo, pois depois de Deos não tem meu coração outro gosto nem ou-

tra consolação senão a vós ó Senhora e Mãi minha: em vossas mãos encommendo meu espirito. Ah suavissimos espiritos angelicos, lembre-vos, rogo, como em toda a vida bastou só para me alegrar e encher de gosto ouvir-vos nomear. Lembre-vos quantas vezes no meio de grandes tribulaçoens me acudistes com festas e passatempos do Ceo, e quantas me defendestes de meus inimigos. Eia espiritos gloriosissimos, agora estou em extrema necessidade e agonia, agora hei mister que me ajudeis. Por tanto acudi-me agora, e guardai-me da vista temerosa e feia de meus inimigos. Louvo-vos Deos Omnipotente, e dou-vos graças porque fostes servido darme nesta hora, em que acabo, um juizo perfeito, e uma razão e conhecimento claro, e vou deste mundo inteiro e firme na Fé Catholica sem duvida, nem arreceio: e de boa vontade perdô a todos aquelles, que alguma hora me derão desgosto, assim como vós perdoastes estando na Cruz aos mesmos, que vos matavão. Senhor meu JESU Christo, valha-me o vosso sacratissimo corpo, que hoje, ainda que fraco, recebi na Missa; e leve-me diante de vosso divino rosto: e esta ultima oração, que neste estado vos offereço, quero que seja por todos os meus devotos filhos e filhas espirituaes, que por razão

de amizade, ou de confissão tiverão trato, ou conhecimento comigo. E assim como vós, misericordiosissimo JESU estando para render o espirito com summa confiança encommendastes ao Padre Eterno vossos amados discipulos, peço-vos que com o mesmo amor os hajais por encommendados a vós para lhes dardes santo e bemaventurado fim. Agora de verdade dou as costas a todas as creaturas vís e mortaes; e faço de mim entrega á mesma divindade, fonte e origem primeira da salvação eterna. Tendo dito estas palavras, e outras muitas a este modo, que entre si com devação e amorosamente fallava, começou a caír no desmaio que temos contado, e ficou arrebatado. Mas cuidando todos, e elle tambem que morria, tornou em si; e o coração, que estava sem movimento, e mortal, resuscitou com novo alento de vida, os membros cansados e enfermos cobrárão saude, e elle suas forças primeiras.

CAPITULO XXXIII.

De como foi revelado ao Santo, em que maneira devem os affligidos offerecer a Deos suas tribulações com louvor e graças.

EStando o Santo Fr. Henrique um dia com profunda imaginação considerando seus trabalhos, e batalhas contínuas, e passando todas pela memoria, e notando nellas os escondidos, e maravilhosos juizos de Deos, virou para o Senhor com um suspiro saído d'alma, e disse: Estas cruzes, Senhor, e afflicções com que vós permittis que exteriormente eu seja perseguido, ao parecer de fóra não tem nenhuma differença de uns agudos abrolhos, e espinhos duros, que me passão a carne, e encravão os ossos. Pelo que, piedosissimo Senhor, fazei vós que sáia algum fructo saborozo, fructo de doutrina pia, e saudavel da aspereza destes espinhos, para que os miseraveis atribulados levemos com mais paciencia o peso de nossas cruzes, e saibamos tirar dellas louvor e gloria vossa. Depois que o Santo continuou um grande espaço, e muito de proposiso esta petição, transportou-se algumas vezes dentro de si, e sobre si, n'um quieto roubo da alma, e ficando alheio de todo sentido corporal, ouvio o Senhor, que

suavemente lhe dizia estas palavras: Hoje por certo te quero descobrir uma excellencia, e dignidade altissima de minha vida, e ensinar-te como todo o affligido deve offerecer a Deos com louvor e agradecimento os trabalhos, que lhe dá. Tanto que isto ouvio o Santo, começou a derreter-se-lhe o coração em grande suavidade nascida de uma abundancia sem medida de cousas, que naquelle extasi sentia communicarem-se-lhe. E estendendo os braços de sua alma pela immensidade do Ceo, e por a redondeza da terra, dava graças a Deos com entranhavel affeito do coração, e com uma inefavel devação dizendo desta maneira: Atégora Senhor meu vos louvava em meus escritos, atégora vos celebrava, e engrandecia contando, e trazendo em gloria vossa tudo quanto póde haver em todas as creaturas, que seja agradavel, e deleitoso, que seja saboroso, e aprazivel. Mas agora sou forçado a romper os ares com uma nova musica, e entoar um louvor desacostumado, e tal, que eu mesmo não tive já mais noticia delle, senão foi hoje que vim a aprender suas adversidades. Comecemos logo assim de todo coração, e com as entranhas de minha alma desejo, Senhor, que todos os desgostos, e trabalhos, que nesta vida tenho passado, e assim todos os

trabalhos, e angustias de todos os outros homens, as dôres de todos os feridos, os tormentos de todos os enfermos, os suspiros dos anojados, as lagrimas dos tristes, os desprezos e afrontas dos que andão atropellados do mundo, a miseria das viuvas desamparadas, e dos orfãos sem remedio, a seccura da fome, e sede dos pobres, e necessitados, todo o sangue que todos os Martyres derramárão, a renunciação da propria vontade de todos aquelles, que não passárão ainda da flor e vigor da idade, as asperas e rigorosas penitencias de quaesquer servos de Deos, todas as afflicções e dôres, assim publicas como secretas, que ou eu, ou qualquer outro homem sogeito a desaventuras padeceo no corpo, na fazenda, na honra, tanto nas prosperidades, como nos tempos contrarios, e tudo em fim quanto cada homem alguma hora ha de padecer até o fim do mundo, digo que todas estas cousas sejão para eterno louvor vosso, Padre Altissimo, Deos e Senhor meu, e para gloria e honra, em annos sem fim, de vosso unigenito Filho, que por mim padeceo. E juntamente eu pobre servo vosso desejo acudir, e supprir fielmente por todos aquelles, que, sendo attribulados, não souberão por ventura usar bem de suas cruzes louvando-vos com paciencia e

agradecimento; e em nome de todos vos offereço todos seus trabalhos para vosso louvor, fosse qualquer que fosse a tenção com que os passárão. E os mesmos vos offereço por elles, e louvor perpetuo de vosso Filho unigenito cruelmente affligido, e para consolação dos mesmos attribulados, ou sejão vivos, ou mortos. Com vós outros fallo todos quantos viveis tristes e desconsolados, todos quantos juntamente comigo trazeis vossas cruzes ás costas: olhai, rogo-vos, para mim, e ouvi o que vos quero dizer com attenção: He na verdade justo, é acertado que nos alegremos, e consolemos, ainda que mal tratados, olhando para Christo JESU cabeça nossa, e Senhor de todos, que primeiro que nós provou tantos, e tão varios trabalhos, que em quanto viveo na terra nunca jámais teve um dia de gosto. Certo é que se em uma familia de gente baixa e pobre não houvesse mais que um homem rico, toda a geração se alegraria por similhante senhor. Pois, ó Piissimo JESU, cabeça esclarecida de todos os que andamos sossobrados com o peso de nossas cruzes, acudi-nos Senhor. E quando por fraqueza humana faltarmos na verdadeira paciencia em qualquer adversidade, remedeai vós, suppri, e aperfeiçoai diante do Padre celestial o que nos faltar;

lembre-vos, Senhor, que já alguma hora soccorrestes a um servo vosso no meio de seus males quasi desesperado dizendo-lhe: Esforça-te filho, olha para mim. Eis-me aqui que tambem nasci de geração illustrissima, e sempre vivi pobre neste mundo, juntamente era o mais delicado delle, e juntamente o mais miseravel. Com grandes alegrias nasci nelle, e todavia sempre me cercavão dòres, e cruz. Eia pois todos os que somos soldados valorosos deste soberano Imperador, não desmaiemos; todos os que seguimos tal Capitão, armemo-nos de varonil esforço; e pois vamos traz elle, não levemos de má vontade nossa cruz, que na verdade se das adversidades se não tirára outro interesse maior, que parecermo-nos tanto mais com aquelle clarissimo espelho JESU Christo Senhor nosso, quanto mais de verdade o imitamos, era assaz grande, e muito para estimar. Antes tenho para mim que, se Deos depois desta vida houvera de dar igual premio aos que padecem, e aos que vivem contentes, ainda então haviamos de escolher os trabalhos por nenhuma outra razão senão só por nos conformarmos com Christo, porque a regra do amor é conformar-se, e unir-se o amante com o que ama como e por qualquer maneira que póde. Mas que razão póde haver, JESU

Rei invictissimo, para nos atrevermos a intentar ou desejar parecer-nos com vosco nos trabalhos? O' quanta differença ha dos que vós padecestes aos nossos! Vós, meu Senhor, só sois aquelle que passastes gravissimos males, sem nunca merecerdes nenhum. E qual será o homem que se possa gabar que não fez nunca por onde mereça um infortunio, e que se bem póde acontecer por uma parte padecer contra razão, por outra não lhe póde faltar por onde seja bem digno delles. Por onde todos os que alguma hora fomos affligidos juntos em uma grande roda vos assentamos Senhor no meio della, e diante de vós alargamos as sêccas veas de nossas almas abrasadas de sede, e desejos de beber dessa fonte perenne de vida, e de graça que sois vós. Costuma a terra quando abre fendas de seccura embeber em si muito mais aguas com que largamente a rega o Ceo, assim nós peccadores fracos sem humor de virtudes gretados de mil fontes de vicios, quanto mais vos devemos, tanto com mais ardentes desejos, e mais sequiosos corações nos abraçamos com vosco, e segundo vós mesmo por vossa sagrada bôca nos encommendastes queremos, apezar do mundo todo, lavar-nos nas correntes copiosissimas de vossas chagas, e em todas as maneiras ficar limpos, e purificados

por esta via de todo o peccado. Donde nascerá serdes perpetuamente louvado, e glorificado de nós, e nós alcançaremos de vós a graça; que tal é a virtude de vosso precioso sangue, que basta com sua efficacia para tirar toda a fealdade, que o peccado causa em nossas almas. Depois que o Santo gozou por grande espaço desta quietação em quanto as cousas, que temos dito, se lhe revelavão, e assentavão com firmeza no centro d'alma, levantou-se alegre, e contente, e deu graças ao Senhor por esta mercê.

CAPITULO XXXIV.

De como foi revelado a Fr. Henrique por que meios consola Deos neste mundo aos atribulados em seus trabalhos.

UM dia de Paschoa andando o Santo bem assombrado, e presenteiro, sentado no seu banco, em que costumava a repousar as breves horas, que tomava para o sono, desejava entender de Deos, que consolação havia de dar nesta vida áquelles, que por seu amor padecessem muito. Com esta consideração se arrebatou em extasi, e por meio de uma divina illuminação teve esta resposta: Alegrem-se de todo coração, e com animo in-

vencivel todos os que vivem em trabalhos, e levão suas cruzes com verdadeira resignação; porque podem estar certos, que lhes ha de render esta paciencia grandissimos galardões, que assim como na opinião de muitos forão miseraveis, e mal afortunados, assim muitos mais hão de receber perpetuo e celestial gosto de sua particular bemaventurança, e do louvor que para sempre hão de ter. Comigo morrerão aqui, comigo tambem alegremente resurgirão. Mas além disto ainda lhes hei de communicar mais tres gostos particulares de tanta honra e excellencia, que ninguem poderá conhecer sua valia. O primeiro é que haverão de mim licença para escolherem no Ceo e na terra o que quizerem, e sempre alcançarão o que desejarem. O outro é que lhes darei minha divina paz, que nem os Anjos, nem os demonios, nem os homens, nem creatura alguma lhes poderá tirar. O terceiro é que de contínuo estarei em braços com suas almas, e com a minha bòca na sua com tanto amor, e com tão particular e entranhavel assistencia, que sejão uma só cousa comigo, e neste estado permaneção eternamente, elles vivão em mim, e eu nelles. E assim como nenhuma cousa cança tanto a um enfermo, como, quando pede alguma cousa com instancia, não lhe fazerem a vontade, assim

pelo breve espaço, que agora padecem, não haverá jámais interpolação em nosso amor, nem de um só momento, mas começando uma vez aqui gozar-nos-hemos delle eternamente quanto puder sofrer a fraqueza humana, e mais ou menos, segundo o estado, e a natureza de cada um. Com estas novas de não pequeno gosto ficou o Santo por estremo alegre, e como tornou em acordo saío-se da cella, e entrando no oratorio começou a rir muito de vontade e de maneira, que soava toda a casa, e cheio de contentamento dizia entre si: Se no mundo ha homem algum, que passasse tantos infurtunios, appareça aqui, e ouçamos suas queixas; que eu de mim chãamente confesso e affirmo, que nunca passei nenhum. Eu de verdade não sei que cousa é cruz, nem trabalho, e tenho provado bem que cousa é gosto, e alegria. Derão-me licença larga para escolher o que quizer, cousa que de força ha de faltar a muitos, que levão errado o caminho da verdade, que quero eu mais, ou que mais posso desejar? Acabando estas palavras virou-se para Deos com todo o entendimento, e disse assim: Peço-vos, verdade eterna, JESU piedosissimo, que me deis a entender estas cousas, quanto se poderem declarar por termos humanos, porque totalmente as igno-

rão muitos destes cegos, que andão pelo mundo. Logo lhe foi dada interiormente esta doutrina. Todos aquelles que bem e direitamente se governão na mortificação, e renunciação propria, que é necessaria haver no servo de Deos primeiro que tudo, de maneira que para comsigo, e para com todas as cousas do mundo seja como morto (que ha bem poucos, que tal fação) estes taes perdem-se tanto de vista a si mesmos, e tanto se alongão de si para Deos com os sentidos, e com a alma, que quasi se desconhecem, e chegão a não saber parte de si, se não é para se acharem, e alcançarem em sua primeira origem, que é o mesmo Deos, tanto a si como a tudo o mais; e daqui lhes nasce levarem tanto gosto de todas as obras, que Deos faz, como se Deos não fôra o autor dellas, mas como se lhas mandára fazer a elles a seu modo, e por sua traça. E esta é a razão porque se lhes dá licença para escolher, e desejar, pois o Ceo lhes obedece, e a terra os serve, e todas as creaturas estão a seu mandado em tudo aquillo, que fazem, e no mesmo que deixão de fazer. Homens desta maneira com nenhuma tribulação sentem desgosto na alma, porque eu chamo desgosto d'alma quando a vontade com entendimento deliberado deseja de se ver livre da tribulação. Que quanto

aos sentidos, e ao homem exterior, tambem estes de quem tratamos sentem o bem e o mal, como os outros homens; antes alguns sentem os males mais que os outros, por terem a natureza enfraquecida e gastada; mas quanto ao interior não tem nelles nenhum lugar, e ainda quanto ao depois passão seus trabalhos sem fazer desconcertos, nem mostrar impaciencias: farta-os Deos ahi nesses corpos mortaes de bens altissimos por meio de uma extasi, quanto nesta vida póde ser. De tal maneira que em todas suas causas, e em todo successo gozão de uma paz, e alegria perfeita, e inteira e permanente; porque na divina, essencia aonde elles, se lhes vai bem, já chegárão com a alma, não tem lugar dôr, nem tristeza, mas paz e alegria, se não é em caso, que por sua culpa ou descuido cáem em consentimento de peccado, porque delle nasce logo a tristeza a quem o faz, e quanto se enlodão mais nos vicios, tanto lhes vai faltando esta felicidade, e boa ventura. Mas em quanto se guardão de peccar negando e encontrando sua propria vontade, e chegão a tal estado, que se não póde sentir nelle dôr, nem desgosto da alma (ou tem passado a termos, que não tem a dôr em conta de dôr, nem a afflicção) de maneira que em tudo achão verdadeira paz, já então as-

sento que lhes vai bem de verdade. E todo este bem nasce de cortarem por si, e mortificarem os appetites; porque assim fugindo, e saíndo de si, correm para Deos com uma sede, e desejo ardentissimo de cumprir seus mandamentos, e guardar sua lei; e fica-lhes tão saborosa esta obediencia, e levão tanto gosto do cumprimento della, que achão por suave e deleitoso tudo o que por permissão divina lhes succede, e não querem, nem desejão outra cousa. Mas não se ha de tomar isto de maneira, que cuidemos ficão por esta razão sem licença, e excluidos de fazerem oração, e pedirem a Deos remedio em seus males; porque a mesma vontade de Deos é tambem que o roguemos e importunemos: ha-se de entender segundo uma ordenada renunciação do sentimento, e do juizo proprio entregue nas mãos de Deos, como fica dito. Mas aqui fica ainda uma duvida secreta, em que muitos se embaração, perguntando-nos: E quem me disse a mim, ou quem sabe que é essa a vontade de Deos? A verdade é que Deos é um bem sobre toda a essencia, o qual está em tudo, e em cada cousa mais presencial, e entranhavelmente do que a mesma cousa, que o está em si, assim nenhuma se póde fazer, nem manter um só momento contra sua vontade. Mas impossivel e logo deixarem de pa-

decer mui gravissimos tormentos aquelles, que repugnão sempre á disposição divina, e que, se fòra em sua mão, tomárão andar sempre ao sabor de seu gosto. Estes tais não tem mais paz, que os danados do inferno; porque reina em suas almas uma perpetua melancolia. Mas bem ao contrario acontece a uma alma nua de vontade propria. Esta tem de seu a Deos perpetuamente, e possue verdadeira paz, tanto nos trabalhos, como nas bonanças, porque em effeito está sempre com ella presente o Senhor, que criou e governa todas as cousas, e que é o tudo em todas. Como será logo a estes homens molesta a Cruz e afflicção, na qual vêm a Deos, na qual o achão, na qual gozão de sua divina vontade, deixando, e negando a sua propria, como a cousa, que não conhecem? E isto é assim antes de tartarmos daquellas illustradas consolações, e celestiaes representações, e delicias, com que Deos repetidamente recrea, e sustenta os seus amigos, quando mais afflictos, e desconsolados. Na verdade estes já vivem dentro no mesmo Ceo; por quanto tudo o que lhes succede, ou não succede, todas as cousas, que Deos ordena, ou não ordena em todas as criaturas, são para seu bem, e todas os ajudão á salvação eterna. Finalmente por esta via,

ao que sofre com igualdade de animo ás adversidades desta vida, ainda estando nella, se lhe restitue parte do premio da outra, nisto que é gozar em todas as cousas paz e gozo sem perturbação, e depois da morte alcançar a bemaventurança.

CAPITULO XXXV.

De uma filha espiritual do Beato Fr. Henrique.

QUasi no mesmo tempo tinha o Beato Fr. Henrique uma filha espiritual na profissão Dominica, que vivia n'um Mosteiro encerrado, de uma villa, por nome Isabel Estaglin; cuja vida interior, e modo de proceder era assás santa, sendo na verdade o animo interior Angelico. Aquella excellente conversão, com que se tornou a Deos de todo o coração, era tão forte, tão efficaz, e tão vehemente, que em um momento se despio de todas aquellas superfluidades, e vaidades, com que muitos se prendem e embaração para não tratarem da vida eterna como convém. Todo o cuidado desta serva de Deos era procurar com grande diligencia, como seria ensinada nas doutrinas espirituaes, a fim de que fosse bem encaminhada á vida eterna, que

era o seu unico e insaciavel desejo. Porém assentava com diligencia tudo o que por alguma via aprendo, que podesse ser util a si, e aos outros, para alcançar as virtudes do espirito; imitava as trabalhadoras abelhas, que de todo o genero de flores, que ha colhem para o suave favo mel. Naquelle Mosteiro, aonde entre as outras Virgens consagradas a Deos vivia como um vivo retrato de todas as virtudes, e sendo mui enferma, e falta de forças corporaes, compoz um livro assás grande, no qual entre outras cousas, tinha escrito a santa Religiosa a conversação, o modo de viver exemplar, os grandes, e extraordinarios favores, que recceberão do Senhor todas as Religiosas defuntas da mesma casa. Cousas certo de muita edificação, e que despertão grandemente os animos devotos no serviço de Deos. Pois esta santa Virgem tendo noticia do Beato Fr. Henrique, Ministro da Sapiencia, foi movida pelo Ceo a procurar saber com muita devação, e diligencia a sua vida, e regras de espirito; o que conseguio perscrutando com muita cautela, e dissimulação a ordem, por onde elle, deixando atraz todas as cousas da vida, penetrava ao mesmo Deos, e como se negava assim mesmo do seu principio; e tudo, quanto colheo, poz em escrito, como já acima se disse, e mais adian-

te se tornará a contar. E nos primeiros principios da conversão desta serva de Deos, lhe forão reveladas muitas cousas, e muito altas, e que só pertencião ao conhecimento, difficultosas assás de perceber. Convem a saber, da singela e nua Divindade; como todas as cousas criadas são nada; da resignação de si mesma; de como se deve despejar a alma de todas as imagens, e figuras, para chegar á verdadeira pureza de espirito, e outras muitas cousas deste teor, que sendo escritas com grande concerto, e limpeza de palavras, davão grande consolação a quem as lia. Porém havia aqui escondido um perigo, e damno oculto para os simples, e principiantes na virtude, que por falta da discripção necessaria (a qual ella ainda padecia) podião torcer aquellas palavras a uma e outra parte, acommodando-as igualmente ao espirito, e á consolação da carne, segundo que o leitor estivesse bem ou mal affecto. As cousas em fim erão de grande doutrina, mas nem a Religiosa se podia bem desapegar dellas. Pelo que pedio por cartas ao Beato Fr. Henrique, Ministro da Sapiencia, com grandes instancias, que a quizesse soccorrer, e ajudar, tirando-a ao caminho real, plano, e desembaraçado. Mas porque ella estava ainda presa da suavidade, que achava naquelles seus exer-

cicios espirituaes, escreveo-lhe pedindo, que deixados por então os principios rudes dos que começão, a doutrinasse escrevendo-lhe das cousas levantadas e altas, que lhe tinha apontado. Ao que respondeo o Ministro da Sapiencia: Se desejais, filha, certificar-vos de mim nestas cousas altas pela grande admiração, que vos causão, para que conhecendo-as bem, possais com maior clareza fallar do espirito, em poucas palavras responderei, mas taes que não sejão de gosto. Por quanto, mais de pressa se podem daqui originar erros perniciosos, que edificação, e doutrina proveitosa. A verdadeira santidade, e perfeição não está em palavras bem compostas, e formosas, mas nas boas obras, e feitos da verdadeira virtude: e se vos move a fazer perguntas destas cousas altas desejo de as poder alcançar com a vida, fazei o que vos aconselho; e deixadas por ora estas levantadas questões, tratai das cousas, que mais vos servem para o aproveitamento d'alma. Como tenho entendido, sois Religiosa encerrada, e ainda moça, pouco exercitada: pelo que a vós, e ás similhantes a vós, o que mais convém é saber como hão de começar a vida espiritual, inquirindo, e aprendendo bons, e saudaveis exemplos da vida activa, convém a saber; o como aproveitou aquelle, ou aquelle

servo, e amigo de Deos, e como todos forão por este caminho, dando principio á sua vida espiritual, e exercitando-se em primeiro lugar na vida, e paixão de Christo, e que cousas padecêrão mais aturadamente, como se governárão no exterior, e interior, se forão tratados de Deos com mimos, ou com seccura, e em fim como e quando chegárão a perder as figuras, e similhanças das cousas. Estes são os meios por onde um principiante se convida, e encaminha para chegar á perfeição, e ao que mais cumpre para a salvação; que, ainda que Deos póde dar tudo isto em um momento, todavia não o costuma, e de força ha de haver trabalhar e trabalhar para se alcançar. A isto replicou a santa donzella por outra carta com estas palavras: Não é, meu Padre, minha tenção andar traz flores, e elegancias de palavras, ou subtilezas de conceitos: o que summamente desejo é aprender como hei de viver uma vida santa e pura, e para este fim tenho assentado comigo caminhar um caminho direito e ordenadamente, e ainda que seja á custa de muito desgosto e quebrantamento meu. Se é necessario fugir, se padecer, se morrer, se outra cousa maior que estas, aqui estou determinada, e offerecida a fazer chammente tudo o que puder ser parte para me levan-

tar a mais sobida perfeição do Ceo; e não vos dê pena a fraqueza de minha natureza, que em confiança do poder divino, não arreceiarei cousa nenhuma de quantas me quizerdes mandar fazer, ainda que encontrem a mesma natureza. Começai embora das cousas mais baixas, e levai-me pouco a pouco ás maiores, e tratai-me como a menino de eschola, a quem o Mestre começa ensinar primeiro o que é mais accommodado áquella idade, e logo por degráos o vai sobindo de dia em dia a cousas de mais substancia, até o dar mestre. Uma cousa vos queira pedir, que por me fazer mercè me não negueis, a qual é que não sómente sejais vós o que me encaminheis, e instruais na vida espiritual, mas que me armeis tambem de forças, e constancia para quaesquer adversidades, que me possão succeder. Perguntando-lhe o Santo que requerimento era este? Respondeo assim: Tenho, senhor, ouvido contar, que o Pelicano tem por natureza abrir com o bico seu proprio peito, e manter os filhinhos de seu sangue, obrigado da affeição natural, que lhes tem. O que nisto quero dizer é, que da mesma maneira agasalheis, e crieis esta pobre, e indigna filha vossa com o leite de vossa santa doutrina não colhida d'outrem, mas tirada de vós mesmo, e de vossa vida e experiencias, porque

aquillo por que vós passastes, quanto de mais perto o provastes, e experimentastes em vossa vida propria, tanto maior effeito fará em minha alma, e mais lhe aproveitará. A este requerimento lhe tornou o Santo a escrever com a resposta seguinte: Não ha muito tempo, que me vós mostrastes um caderno de ditos excellentes, que tinheis colhido das obras suavissimas do Santo Doutor Echardo, que guardais para vós com o amor e gosto, que é razão. Pelo que não posso deixar de me espantar grandemente de ver que mostrais tanta sede da minha pobre agua nascida de baixa e rustica fonte, depois de terdes provado da vea riquissima de tal varão, donde mana licòr celestial. Ainda que, quando cuido bem nisso, reconheço em tais desejos não sem grande gosto meu, vossa prudencia, e industria, pois buscais com cuidado, e procurais saber os principios, e entradas da vida segura e santa, ou os meios e exercicios, por onde ha de passar primeiro quem quizer chegar a ellas. Todos os Santos tiverão differente principios, uns começárão de uma maneira, outros d'outra; mas não deixarei de vos avisar qual é o mais acertado, e encaminhado para a vida mais perfeita, que é o que pertendeis saber. Eu conheci um homem, que ordenando de entrar no caminho

da virtude, a primeira cousa, que fez, foi purificar a consciencia com uma confissão geral, e antes de a fazer todos seus pensamentos occupava em a ordenar de maneira, que fosse muito bem feita, e em buscar confessor prudente e discreto, para lhe descobrir todas suas faltas, e para se levantar de seus pés limpo, e são, e com todos seus peccados perdoados, como da presença de Deos, cujo lugar tem os confessores na terra. Imitando nisto á bemaventurada Magdalena, que com o coração cheio de dôr e os olhos de lagrimas lavava os sagrados pés de Christo, e Christo lhe perdoava seus peccados todos. Tal foi o primeiro fundamento, que este homem fez, para começar a servir a Deos.

CAPITULO XXXVI.

Da ordem, que levou em seus principios a santa donzella Isabel por conselho de Fr. Henrique, e da que teve do Ceo outra donzella, para o tomar por confessor.

Esta resposta de Fr. Henrique, que temos contado, recolheo a santa donzella em sua alma com determinação de se governar pelo conselho, que nella lhe dava, e querendo pôl-o em effeito, desejou muito, que fosse

elle seu confessor, como quem era tão idoneo, tendo juntamente tenção a dúas cousas: uma a ficar dalli em diante sua filha espiritual pelo meio da confissão, outra para lhe ficar sua salvação mais encarregada para com Deos. Mas porque não podia fazer confissão verbal por certos inconvenientes, que havia, contou-lhe toda sua vida, em que na verdade não havia culpa, nem mal algum. E as cousas, em que lhe parecia que houvera peccado, escreveo todas em uma grande taboa de cera, e assignando-se ao pé, mandou a Fr. Henrique, pedindo-lhe absolvição. Leu elle a confissão, e lida achou no cabo umas regras, que dizião: Reverendo Senhor, eu pobre peccadora, postrada a vossos pés, vos peço e rogo, que por meio de vosso fidelissimo coração me torneis ao coração Divino, e consintais que seja eu, e me chame vossa filha tanto na vida temporal, como na espiritual. Moveo ao Santo até as entranhas uma tão confiada devação, e, obrigado della, tornou-se a Deos, dizendo: Que direi-a isto, piedosissimo Senhor? por ventura será razão ingeital-a? Em verdade que nem a hum cão posso fazer tal: e se o eu fizera, póde ser que fôra, meu Deos, com afronta vossa, pois esta mulher busca no criado as riquezas de seu Amo: por onde vos peço, clementissimo Se-

nhor, lançado com ella a vossos pés, que hajais por bem de a ouvir. Valha-lhe sua fé, e santa confiança, porque brada traz nós; e lembre-vos o que antigamente fizestes com a Cananea. E na verdade, misericordiosissimo Senhor, tão solemnisada é entre nós, e tão nomeada vossa immensa mansidão, que com razão deveis dar perdão a muitos mais peccados. Clementissimo Jesu, ponde nella vossos amorosissimos olhos. Dizei-lhe aquella só palavra de consolação: filha, tem confiança, tua fé te salvou. E fique isto, que peço, certo e firme, e suppri vós por mim no que lhe fizer falta, pois tenho feito de minha parte o que me tocava, outorgando-lhe em desejos plenissima e geral absolvição de todas suas culpas. Depois tornou-lhe a escrever o Santo pelo mesmo mensageiro estas palavras: Sabereis que Deos vos tem concedido o que lhe pedistes por meio deste seu Ministro, e certificai-vos, que já antes d'agora m'o tinha o Senhor revelado, porque no mesmo dia pela manhãa cedo, depois de acabar de rezar, encostando-me para dormir um pouco, e adormecidos os sentidos exteriores tive em revelação grandes vistas da bondade Divina. Entre outras cousas entendi por celestial illuminação os excessivos gostos, e summa felicidade, que Deos deu aos Anjos, e como a

cada um com particular ordem, e differença communicou particulares e differentes propriedades, que não ha palavras, com que se possão declarar. Depois que assim estive um espaço recreando-me entre aquelles bemaventurados espiritos com celestial alegria, e estando cheio de contentamento das grandes maravilhas, que alli se me descobrírão na alma, vi-vos na mesma visão, que entraveis onde eu estava assentado entre grande numero de Anjos, e vos punheis diante de mim, e logo sentada de joelhos arrimaveis com muita devação o rosto a meu coração, e ficaveis assim um espaço largo á vista de toda aquella côrte celestial. Eu espantava-me de vosso atrevimento, ainda que estaveis armada de tanta modestia, e cortezia, que sem pejo vos consentia. O que alli reclinada neste pobre coração alcançastes de graça, e favores do Ceo, vós o sabeis mui bem, e bem se deixava conhecer em vós. Quando vos levantastes, passado um pequeno intervallo, apparecestes com um rosto tão alegre, tão sereno e agraciado, que se podia entender claramente, que vos tinha Deos feito alguma grande mercê, e vos havia de fazer outras por meio daquelle coração para honra sua, e consolação vossa. Quasi pelos mesmos termos foi o que succedeo a outra donzella, que

vivia em um Castello por nome Anna, mulher bem nobre, e mui religiosa, cuja vida não foi outra cousa, senão um contínuo martyrio. Obrando Deos nella desd'os primeiros annos de sua idade até morte grandes, e notaveis maravilhas. Antes que esta donzella conhecesse a Fr. Henrique, nem soubesse novas delle, estando um dia em oração ficou rapta em extasi, e alli vio como contemplão e louvão a Deos os Santos na Patria celestial; e vendo a S. João Evangelista, que era o seu Apostolo, e com quem tinha especial devação, pedio-lhe que a quizesse confessar. O Evangelista lhe respondeo com muita brandura, que lhe daria em seu lugar um bom confessor, a quem Deos tinha dado inteiro poder e autoridade sobre ella, e que lhe poderia dar copiosamente allivio em todas suas afflicções. Perguntando quem era? satisfez bastantemente a tudo. O outro dia pela manhãa levantou-se rompendo a alva, dando graças ao Senhor, e foi-se ao Mosteiro onde a Deos mandára, e perguntou por Fr. Henrique; o qual sendo chamado veio á portaria, e perguntou-lhe que mandava delle? Contou a donzella o que passava, como temos referido, e começou a confessar-se: o que vendo Fr. Henrique, e conhecendo, que vinha a elle por ordem Divina,

satisfel-a com a confissão. Esta virtuosa donzella foi a que lhe contou, que víra em revelação huma formosissima roseira cuberta de frescas rosas, todas vermelhas, e a elle sentado debaixo dellas, e logo lhe apparecêra o Menino JESU sobre a mesma roseira com uma capella tecida das mesmas rosas vermelhas, o qual apanhando muitas rosas as lançava sobre Fr. Henrique em tanta quantidade, que o deixava cuberto dellas. E perguntando a donzella, que querião dizer aquellas rosas? respondêra o Menino, estas rosas em tanta quantidade significão muitas e contínuas tribulações, que Deos permittirá, que succedão a Fr. Henrique, que elle tomará de sua mão com alegre vontade, e sofrerá com paciencia.

CAPITULO XXXVIII.

Em que, proseguindo na doutrina conveniente aos principiantes na virtude, se contão algumas devações e exercicios, que o Santo usava em sua mocidade: e avisa como se hão de regular as penitencias com prudencia.

QUando o Santo Fr. Henrique se determinou a entrar no caminho da vida mais perfeita, depois de fazer (como temos contado)

uma confissão geral mui apurada, ordenou logo nos principios comsigo algumas cousas, que o ajudárão muito nelle. Primeiramente limitou-se no pensamento tres sitios para morar, dentro dos quaes se encerrou determinadamente, para melhor guarda de sua alma. O primeiro sitio tinha tres partes, a sua cella, o seu oratorio, e o côro. Em quanto estava neste, havia que vivia bem seguro. O outro sitio era todo o Mosteiro sem chegar á portaria. O terceiro e ultimo era a mesma portaria, aonde era forçado acudir algumas vezes, e alli entendia, que lhe era necessario ter muita guarda e vigilancia sobre si. E se alguma hora lhe acontecia por obediencia saír fóra destes limites, tinha-se por tão arriscado, como qualquer animal silvestre, que andando fóra da cova, dá entre caçadores, e ha mister saber muito, e suar muito para se salvar. No mesmo tempo tinha escolhido um lugar apartado, que era o seu oratorio, onde além de outros meios satisfazia tambem a sua devação com imagens, que nelle mandava pintar. Em particular sendo ainda muito moço fez pintar n'um pergaminho a Eterna Sapiencia, senhoreando o Ceo e a terra com tão vivas côres, e com tanta formosura, e tão amoroso gosto, que claramente abatia a maior perfeição de todas as criaturas, e que

foi causa de a tomar por Senhora, e Esposa sua nessa primeira idade. Esta imagem por estremo bem acabada costumava elle a trazer comsigo, quando o mandavão estudar a outros Conventos, e pregava-a na cella junto da janella, aonde lhe ficava mais defronte da vista, e olhava para ella muitas vezes com um mui entranhavel effeito da alma. No cabo de suas peregrinações tornou-a a trazer comsigo para o Mosteiro; e pôl-a em o seu oratorio com uma santa simplicidade de espirito. As mais pinturas, que alli tinha, erão segundo achava, que mais lhe armavão para elle, e para os principiantes na virtude, e quaes fossem facilmente se póde colligir das letras, e sentenças dos Padres antigos, que aqui irão em parte escritas, assim como as tinha no oratorio, tresladando mais o sentido, que as palavras de cada uma.

1 O Abbade Arsenio perguntou a um Anjo, que faria para se salvar? Respondeo: Foge, cala, assocega.

2 Em uma visão, que Fr. Henrique teve, recitou-lhe um Anjo esta sentença do livro que chamão *Vitas Patrum*: A fonte e origem de todos os bens é morar um homem comsigo perpetuamente sem nunca saír de si.

3 O Abbade Theodoro dizia: A pureza da alma ensina mais, que o mesmo estado.

4 O Abbade Moyses: Está-te em tua cella, que ella te ensinará tudo.

5 O Abbade João: Guarda-te no exterior com silencio, no interior com pureza.

6 O mesmo: O peixe fóra da agua, e o Frade fóra da cella igualmente desfallecem.

7 Antonio dizia: Tres cousas crião e conservão a castidade, penitencia corporal, devação do espirito, apartamento dos homens.

8 O mesmo: Não tragas vestido, que cheire a leviandade. A primeira batalha do bisonho na virtude é peleijar valentemente contra os vicios.

9 O Abbade Pastor: Jámais te indignes contra ninguem, inda que te vejas tirar o olho direito.

10 Isidoro Abbade: Todo homem subito na ira desagrada a Deos, ainda que faça milagres.

11 Ipericio: Menos pecca quem come carne nos tempos, que a tolhe a Igreja, que quem diz mal de seu proximo.

12 Pior Abbade: A maior maldade de todas é fallar nos vicios alheios, e dissimular os proprios.

13 Zacharias: Quem quizer chegar ao cume da perfeição, é necessario que seja primeiro mui abatido e desprezado de todos.

14 Nestor: He necessario que te faças animal bruto e o mais ignorante de todos primeiro, que chegues a alcançar o saber do Ceo.

15 Um velho: Nos trabalhos e na bonança não faças mais movimento do que faz um corpo morto.

16 Helias: Tres cousas estão mui bem ao Religioso, rosto amarello, corpo sêco, humildade no andar e no tratar.

17 Hilario: A cavallo rinchador, e corpo orgulhoso encurta-lhe a mantença.

18 Um velho: Tirai-me o vinho, que jaz escondida nelle a morte d'alma.

19 Pastor: Não se ha de ter por Frade quem se queixa, quem não sabe enfrear a colera: escusar muita pratica, sofrer ser tido em pouco.

20 Cassiano: De tal maneira devemos ordenar nossa vida e costumes, que imitemos a Christo posto na Cruz, e morrendo.

21 O Abbade Antonio escrevia a um Frade: Eia, irmão, tem cuidado de tua salvação, e se não, nem Deos, nem eu te poderemos jámais remediar.

22 Arsenio Abbade, pedindo-lhe certa mulher, que se lembrasse della diante de Deos: Peço-lhe eu, disse, que nunca em toda a vida me dê lembrança de ti.

23 Macario: Mortifico minha carne, avezando-me com variedade de penitencias, e affligindo-me com muitas tentações.

24 João Abbade: Nunca obedeci á vontade; nunca ensinei de palavra cousa, que não tivesse primeiro mostrado por obra.

25 Um velho: Palavras boas, formosas, e muitas sem companhia de obras, é cousa sem substancia, como arvore coberta de folha despejada de fructo.

26 Nilo: Quem trasfega muito mundo, de força ha de ser ferido muitas vezes.

27 Um velho: Se não é em tua mão applicares-te a nenhum exercicio estando na cella, ao menos acompanha e guarda essas paredes por amor de Deos.

28 Ipericio: Quem vive castamente tem honra na terra e corôa no Ceo.

29 Apollonio: Resiste e faze força nos principios, e quebra a cabeça á serpente.

30 O Abbade Agatho: Tres annos trouxe uma pedra na bòca, para aprender a não fallar.

31 Arsenio: Muitas vezes me pesou de ter fallado, nunca de ter calado.

32 Um velho, perguntado por um moço, quanto tempo havia de guardar silencio? respondeo: Em quanto não fallarem comtigo.

33 Santa Sindetica: Quando estás doente alegra-te, porque se lembra Deos de ti, não digas que o jejum causa doenças, porque tambem adoecem os que não jejuão: se padeces tentações corporaes, tambem folga, porque póde Deos fazer de ti outro S. Paulo.

34 Nestorio: Nunca o Sol me vio comer.

35 João: Nunca o Sol me vio irado.

36 Antonio: Entre todas as virtudes, a que tem o primeiro lugar é a Prudencia, a qual é necessaria para poderes acertar com o meio e guardar regra, e moderação em tudo.

37 Pafnucio: Nada aproveita começar bem, se não perseverares até o cabo.

38 O Abbade Moyses: Tudo o que empece á limpeza da alma se ha de evitar, ainda que nas aparencias seja santo e bom.

39 Cassiano: O alvo e fim de toda perfeição é quando a alma com todas suas forças está recolhida naquella altissima e unica unidade, que é Deos.

Estas letras e sentenças mandou o Santo á sua devota espiritual filha Isabel com tenção, que, vendo ella os exemplos dos Padres, fizesse tambem sua penitencia. O que ella tomou tanto a peito, que começou logo a maltratar-se vestindo-se de cilicio, cingindo cordas, aferrolhando-se em temorosas pri-

sões, magoando-se com agudas pontas de ferro, e fazendo outras cousas a este modo. Mas tanto que o Santo o soube, mandou-lhe os avisos seguintes: Já que, filha minha, determinastes seguir a vida espiritual, e governal-a por meu conselho, e assim m'o pedistes, o que agora haveis de fazer ha de ser deixar esse rigor e aspereza, porque nem diz bem com a fraqueza feminil, nem é necessaria para uma natureza bem inclinada, qual é a vossa; que não disse Christo, tomai a minha Cruz sobre vossos hombros, mas diz leve cada um sua Cruz. Não é razão que queirais imitar o desmedido rigor dos Padres antigos, nem as asperas penitencias de vosso Padre espiritual, mas basta que dellas tomeis só algumas, com que possa vossa compreição fraca, para que assim tragais sopeados os vicios e a carne, e não encurteis a vida, que este é um excellente, e que muito vos arma. Mas querendo a devota donzella saber do Santo, que razão houvera para se elle dar a tão cruas penitencias, quando nem a ella, nem a outrem as aconselhava, nem consentia; elle a remetteo aos livros das vidas dos Padres, dizendo: Conta-se, que houve antigamente alguns Padres, que fizerão vida tão fóra da commum, que quasi não tinha nada de humana, e tanto mais austera do que se póde

crer, que nem só ouvil-a contar podem os homens deste tempo, digo os que são para pouco, sem se lhe arripiarem os cabellos e pasmarem. E isto nasce de não ponderarem quanto póde fazer e passar por Deos um desejo afervorado, e um valor grande ajudado do mesmo Deos. A um homem, que assim ama, té o impossivel se lhe torna facil e chão em virtude de Deos; por onde diz David nos Psalmos: *Em meu Deos passarei o muro.* Mas tambem se acha nas mesmas vidas dos Padres, que houve outros que não seguirão este rigor de vida, e todavia uns e outros tiravão ao mesmo fim. S. Pedro e S. João ambos forão Apostolos, e não forão levados pelo mesmo modo. Quem poderá resolver, e declarar estas differenças, que na verdade são muito para espantar, senão fôr dizendo, que é Nosso Senhor espantoso em seus Santos, e que quer ser louvado por differentes maneiras, confórme ás muitas, porque é grande e poderoso. Depois disto não temos todos a mesma complexão, nem as mesmas forças. Donde vem, que o que aproveita a um, faz nojo a outro. E assim não se ha de cuidar, que quando um homem por ventura se não atreve com tanta aspereza, fica por isso atalhado para não poder subir ao mais alto gráo de perfeição. Mas tambem hão de advertir os

que são fracos, e para pouco que não ha de desprezar, nem tachar, nem lançar a peior parte as penitencias, e austeridades grandes, que virem nos outros. Cada um tenha conta comsigo só, e trabalhe por entender, o que Deos delle quer, e com isto cumpra, sem se empachar com o que fazem os outros. Pela maior parte o melhor e mais seguro é dar-se homem á penitencia regradamente, e com prudencia, antes que fazer demasias indiscretas. E porque é difficultoso acertar com este meio, é melhor conselho ficar antes áquem um pouco, que passar além mais do que é razão. Porque acontece muitas vezes quando queremos apertar demasiado com a natureza, ser depois forçado, para se restaurar, favorecel-a e animal-a com a mèsma demasia. Ainda que é bem verdade, que muitos Padres insignes em virtude e santidade passárão nesta parte os termos, obrigados de ardentissimo fervor. Esta rigorosa ordem de vida, e os exemplos de rara severidade dos Santos sirvão para aquelles que desordenadamente são amigos de si, e se tratão com muito mimo e brandura, e que determinadamente largão as redeas ao corpo furioso, e desenfreado para sua perdição. Mas não convém para vós, nem para gente composta das vossas qualidades. Tem Deos Nosso Senhor

differenças de Cruzes, com que prova e castiga seus servos; e eu cuido certo, que vos quer elle lançar ás costas uma, que não será menos trabalhosa, que a dessa penitencia corporal que vós tomais. Quando chegar não lhe façais máo rostro. Não passou muito tempo, que começou Deos a tentar com doenças compridas esta donzella, que forão continuando de maneira, que, em quanto viveo, não teve um dia de saude; o que logo escreveo ao Santo, avisando-o como se compria nella o que lhe tinha profetizado. E o Santo lhe respondeo assim: Charissima filha, não me tomou só Deos por instrumento de vos notificar d'ante mão vossas tribulações, mas tambem me castigou a mim, e me fez assás mal, dando-vol-as, visto como não tenho outrem ninguem, que daqui em diante me possa ajudar acabar as obras, que tenho composto, e fazer outras de novo com o cuidado e verdade, que vós fizestes em quanto tinheis saude. Por esta causa fez oração a Deos por vós um servo seu: pedindo-lhe de coração, que se fosse servido, vos quizesse dar saude. Mas não sendo logo ouvido como desejava, agastou-se com Deos com uma amorosa indignação, e disse-lhe, que não havia mais descrever delle, nem lhe havia mais de fazer uma devota saudação, que costumava pelas

manhãas, se vos não sarasse. E recolhendo-se assim apaixonado, e queixoso a seu Oratorio, assentou-se um pouco como tinha de costume. Aqui, ficando roubado aos sentidos, parecia-lhe que vinha um grande numero de Anjos, que entravão pelo Oratorio; e pelo recrearem, porque andava neste tempo avexado de uma extraordinaria afflicção, lhe davão uma musica celestial. E perguntando-lhe os Anjos porque estava assim triste, e não chegava a ajudal-os a cantar, confessou-lhes a paixão de sua alma, que o obrigára a agastar-se contra Deos, porque não queria ouvir as orações, que por vossa saude lhe fazia. Mas os Anjos persuadião-no que socegasse, e não podesse assim, porque se Deos permittira padecerdes indisposições, era para grande proveito vosso, e que esta havia de ser a vossa Cruz neste mundo, a qual vos renderia muita graça na vida presente, galardão mui avantajado na futura: Por onde, filha, tende paciencia, e recebei este trabalho da mão da providencia divina, com não menos boa sombra, que se fôra uma mercê de muito gosto vosso.

CAPITULO XXXVIII.

Em que o Santo conta outras devações, que fazia em seus principios, e umas visões, que teve no mesmo tempo.

UM dia foi o Santo visitar a donzella Isabel, que estava enferma, e ella pedio-lhe quizesse praticar alguma materia espiritual, que não fosse das mais subidas, e todavia alegrasse uma alma devota. Começou então o servo de Deos contar suas devações de quando era moço. E fallando de si por terceira pessoa com nome de Ministro da Sapiencia, nome que elle muito estimava, dizia assim: Sendo o Ministro da Sapiencia ainda muito moço, e de seu natural mui esperto, costumou muito tempo, todas as vezes que succedia sangrar-se, recolher-se comsigo, e imaginar-se no monte Calvario defronte de Christo posto na Cruz: então estendendo o braço ferido da lanceta, dizia com profundos suspiros: Senhor JESU Christo, a quem amo sobre todos quantos amigos tenho, peço-vos que tenhais lembrança do costume, que corre entre os homens, que é, quando se tirão sangue irem-se por casa de seus amigos, e cobrarem em sua companhia outro sadío e melhorado. E bem sabeis vós, Se-

nhor meu, que a ninguem quero eu mais que a vós. Por isso me venho aqui para que benzais esta ferida, e me crieis novo e bom sangue. Nos mesmos annos da mocidade, depois que fazia a barba a navalha como era muito gentil-homem, ficava-lhe o rostro cuberto de uma côr rosada graciosissima; vendo-se assim, fallava como Christo dizendo: Dulcissimo JESU, inda que esta face se avantajára em côr a todas as mais bem coradas rosas da terra, nunca offerecêra a ninguem senão a vós só isto, que o mundo chama formosura. E sem embargo que vos pagais mais de corações, e menos do que parece de fóra; com tudo folga minha alma de dar esta mostra do que vos ama, offerecendo-vos a vós, e não a outrem ninguem este exterior. Quando lhes acontecia vestir tunica nova, ou pôr capello novo, recolhia-se no oratorio, e fazia oração ao Senhor, de cuja mão reconhecia aquellas peças, e pedia-lhe, que houvesse por bem, que elle as lograsse com saude, e acabasse de rompel-as. Na idade mais tenra, quando entrava o Verão, e começavão a desabotoar as flores, tinha por costume não tocar, nem colher nenhuma, sem primeiro fazer uma capella alegre, e muito fresca para sua senhora espirituàl a Eterna Sabedoria, na qual a primeira, que

punha, era sempre em honra da Virgem Mãi de Deos. Depois quando lhe parecia tempo apanhava outras flores, não desacompanhadas de considerações amorosissimas, e trazendo-as á cella tecia grinaldas, e entrava no Côro, ou subia ao altar de Nossa Senhora, e posto de joelhos com grande humildade diante de sua imagem, coroava-a com ellas respeitando comsigo, que esta Senhora era a mais aprasivel flor de todas as flores, e a mesmo verão e frescura de sua alma, e rogava-lhe que não engeitasse da mão de seu servo as primicias das flores, que lhe offerecia. Um dia, tendo posto uma capella a sua amada Senhora e Eterna Sabedoria, teve uma visão, na qual lhe parecia, que via o Ceo aberto, e o Anjos voar de cima para baixo vestidos de roupas ricas e louçãas: Juntamente lhe feria as orelhas uma musica a mais suave e deleitosa de quantas jámais se ouvirão na terra, que la na Côrte celestial estavão dando aquelles bemaventurados espiritos. Particularmente entendeo, que cantavão um verso da Mãi de Deos, que dizião a vozes com tão acordada harmonia, que toda a alma se lhe derretia de gosto. Era o verso similhante a um, que se canta na festa de todos os Santos na Sequencia, que diz: *Illic regina Virginum trancendens culmen orat-*

num, etc. E o Ministro começou a cantar juntamente com elles. Alli alcançou sua alma grandes enchentes de gloria do Ceo, e ardentes desejos de servir a Deos. Outra vez na entrada de Maio tinha coroado de rosas, segundo seu costume, a Imagem de Nossa Senhora com grande devação. E no dia seguinte de madrugada desejava de dormir, que viera de fóra cançado, determinando deixar por aquella vez a salva que costumava dar á Virgem áquellas horas. Mas quando chegou á em que se costumava levantar para esta devação, parecia-lhe que se achava como encerrado em um Côro celestial, onde se estava cantando uma *Magnifica* em louvor da Virgem. A qual acabada, chegava-se a Virgem a elle, e mandava-lhe que começase a cantar o verso que diz: *O vernalis rosula, etc.* Elle ficava pensativo imaginando, que seria o que lhe queria significar nisto, e todavia querendo obedecer começou-o a cantar despejadamente. E logo de um grande ajuntamento de Anjos, que assistião no Côro, saírão tres, ou quatro, e juntos com elle forão tambem cantando, e traz estes se vierão chegando todos os que estavão na casa como á porfia, e cantavão com tamanho estrondo, e melodia juntamente, como se soárão juntos todos quantos instrumentos ha na musica.

Mas não podendo a humanidade fraca supportar aquella extraordinaria gloria, tornou o Ministro em seu acordo. Outra vez tambem alcançou chegar á vista dos gostos soberanos da Patria Celestial, e foi um dia depois da festa da Assumpção da Virgem. Mais nesta visão não se lhe consentia a elle, nem a ninguem, mais que ver de fóra, porque não deixavão entrar quem vinha descompostamente, e fazendo o Ministro força por entrar, vio que um mancebo lhe travava do braço, dizendo: Irmão meu, não ha para que cuidar, que haveis de ter licença para entrar cá desta vez. Deixai-vos estar aqui fóra, pois estais obrigado a uma divida, e convém remirdes vossa culpa com bastante satisfação primeiro, que chegueis a ouvir as musicas do Ceo. Acabando estas palavras levou-o por um caminho torcido, e dependurado a uma cova sobterranea, escura, e só, e por extremo mal assombrada. Aqui estava sem poder saír para nenhuma parte, como um preso a quem se não deixa ver Sol, nem Lua. E vendo-se assim captivo começava a suspirar profundamente, e queixar-se com pranto, e lamentações da prisão, em que se via. Pouco depois tornou o mancebo, e perguntava-lhe como estava, respondendo que muito mal, então o mancebo: Haveis de saber, disse, que a

Soberana Imperatriz do Ceo está menencorea com vosco pela mesma razão, que vos tem aqui preso. Ficava o Ministro attonito de temor do que ouvia, e dizia: Ai de mim, e em que cousa a desservi eu? toma mal, tornou o mancebo, serdes tão máo de chegar a prégar della em súas festas, que ainda hontem em uma solemnidade sua tão grande, respondestes a vossos Superiores, que não quereis subir ao pulpito. É verdade, disse o Ministro, e a razão é, porque tenho por tão altas e tamanhas as excellencias da Virgem, que me hei por indigno de fallar della em público nem uma só palavra. E por isso largo este cargo aos prégadores mais velhos e mais sabios, de quem julgo, que cumprem com tamanha obrigação muito melhor, do que o póde fazer um ignorante como eu. Mas affirmando-lhe o mancebo, que suas prégações erão muito acceitas á Virgem, e que não era razão furtar-lhes mais o corpo, desfazia-se em lagrimas de devação, e dizia: Peço-vos, charissimo espirito, que me ponhais em graça com a Virgem gloriosissima, que eu vos empenho minha fé, que não caia mais em simillhante falta. Surrio-se o Anjo, e tirando-o da prisão tornou ao lugar, onde d'antes estava, dizendo-lhe: Alegrai-vos, irmão, que eu conheci no gesto da Virgem, e em sua

mansidão, e no como falla de vós, que lhe passou já toda a paixão, que contra vós tinha, e que sempre vos ha de amar com amor de Mãi. Neste tempo tinha o Ministro tomado um costume, que todas as vezes, que saíndo da cella, descia abaixo, ou tornava a subir, fazia o caminho pelo Côro, e adorava o Santissimo Sacramento, lembrando-lhe e considerando, que todo homem, que faz alguma jornada, se sabe que junto da estrada, por onde vai, tem algum amigo de conta, torce de boa vontade, e alarga um pedaço o caminho pelo ver. Aconteceo-lhe uma vez pedir a Deos, que de sua mão lhe quizesse dar um entrudo celestial, porque o não queria de nenhuma creatura, nem tal como era o dos homens, foi logo rebatado em extasi, e parecia-lhe que via a Christo JESU na disposição, que representava na terra, sendo de trinta annos, que se vinha onde elle estava para lhe satisfazer seu desejo, e dar-lhe o entrudo Divino, que pedira, e tomava em suas mãos um copo cheio de vinho, e dava-o a tres, um traz outro, que estavão presentes sentados a uma mesa. E vio que o primeiro em bebendo caío logo cortado de pés e mãos, o segundo ficou algum tanto abalado, o terceiro não sentio nada. O segredo disto lhe declarou Deos logo, mostrando-lhe

que era a differença que havia entre os tres estados do homem principiante na virtude, do que vai aproveitando, e do que é já perfeito. E como uns e outros sentem a mesma variedade de effeitos na communicação, e abundancia dos gostos divinos. Tendo o Beato Fr. Henrique contado estas e outras muitas cousas desta qualidade á sua enferma, concluio a pratica, e despedio-se. Ido o Santo, a devota Isabel tomou tinta e penna, escreveo tudo, e fechou o papel em uma caixa, porque se não perdesse. Succedeo que alguns dias depois veio visital-a outra Religiosa, e lhe perguntou se tinha naquella arca alguma cousa, que tocasse a Mysterios do Ceo. Porque, dizia ella, vi esta noite em sonhos um menino celestial, que estava assentado sobre ella, e tinha na mão um instrumento musico por estremo suave, ao qual cantava composições espirituaes tão graciosas, e bem apontadas, que não havia quem não ficasse cheio de devoção e alegria espiritual de as ouvir. Peço-vos, irmãa minha, que me mostreis o que alli tendes guardado, para que o leamos, e tenha eu tambem minha parte. Ella cerrou-se sem querer mostrar, nem contar nada, porque assim lh'o tinha mandado Fr. Henrique.

CAPITULO XXXIX.

Em que o Santo conta, como se empregou em ganhar almas engolfadas no mundo para Deos, e como consolava os atribulados.

HAvendo muitos dias, que a devota Isabel não tinha nenhum recado de seu Mestre Fr. Henrique, mandou-lhe uma carta, em que lhe pedia, quizesse escrever-lhe alguma cousa, com que desabafasse de suas continuas afflicções. A substancia da carta era esta: Para qualquer triste é genero de consolação ver que ha outros mais tristes que elle, assim mesmo um homem atribulado cobra esforço e entra em si, quando ouve, que seus visinhos se virão em maiores afrontas, e todavia forão soccorridos do Ceo. A isto respondeo o Santo o que se segue, fallando de si em terceira pessoa com o nome, que usava, do Ministro da Sabedoria: Para que os trabalhos, que tendes de presente, vos fiquem mais leves, contar-vos-hei alguns alheios, á honra e louvor de Deos. Eu conheci um homem a quem por permissão divina sobrevierão gravissimas tormentas de adversidades, que chegárão a lhe tocar na fama e honra. Este homem todas suas forças e desejos empregava em uma cousa, que era amar de

todo coração a Deos, e obrigar os outros a entranharem-no em suas almas de maneira, que a nenhuma cousa quizessem mais que a elle, e por este meio se afastassem do amor vão e prejudicial das creaturas. O que todavia vio cumprido em muitos, assim homens, como mulheres. Mas o diabo, vendo que se lhe arrebatava das mãos, e tornava para Deos o que era presa sua, sentia-o por extremo, e apparecendo a alguns homens devotos, soltava palavras cheias de ameaças contra o Ministro da Sapiencia, affirmando que tinha assentado vingar-se valentemente delle. Neste interim passou o Ministro por um Mosteiro, onde vivião em Religião homens e mulheres juntamente, elles com regra particular sua, e ellas tambem com leis separadas. Achou aqui, que entre um Religioso destes, e uma Religiosa corria uma amizade e conversação estreitissima. E trazia-lhes o demonio as almas tão cegas, disfarçando-lhes o mal com as sombras de virtude, que de nenhuma maneira imaginavão, que havia alli culpa, antes que tinhão para isso licença de Deos: e sendo perguntado se podia manter-se tal amizade em serviço de Deos, chãamente o contradisse affirmando, que era opinião falsa e errada, e contra a verdade da doutrina Christãa. E assim acabou com elles, que se

atalhasse a conversação, e ficassem vivendo dahi em diante pura e honestamente. No mesmo tempo que nesta santa obra se occupava, uma santa donzella, por nome Anna, vio em espirito uma grande multidão de demonios, que juntos sobre o Ministro bradavão a grandes vozes: O' que malvado Frade! vinde, saltemos nelle, matemol-o. Traz isto lançavão-lhe maldições, e rogavão-lhe pragas, porque com seus conselhos e santas amoestações os lançára daquelle lugar tambem assombrado para elles. E todos juntamente fazendo gestos feios, e menecos cheios de braveza juravão, que havião de andar d'aviso sobre elle, e armar-lhe com tanta continuação até o colherem e se vingarem. E quando lhe não podessem empecer no corpo, ou na fazenda, ao menos entre a gente secular lhe menoscabarião a honra e reputação grandemente, fingindo contra elle cousas torpes e vergonhosas. E com quanto se guardava com grande cautela de todas as occasiões, não deixarião de saír com seu intento por meio de minas secretas de enganos e mentiras. Assombrada a Santa do que ouvíra rogava a Nossa Senhora, que valesse ao Ministro em perigos tão apertados. Mas a Mãi de Misericordia respondia amorosamente: Nenhum mal lhe podem fazer sem terem

licença de meu Filho. E entende, que todo o que elle permittir, que dahi lhe venha, lhe será mui importante e proveitoso para a alma. Pelo que bem lhe pódes dizer, que esteja de bom animo, e não tema. Sendo o Ministro avisado destas cousas, começou a recear a conjuração infernal, e segundo costumava fazer a miude, quando se achava em apertos, subio-se ao monte, onde tinha uma Hermida da Invocação dos Anjos, e passava nove mezes ao redor della á honra dos nove côros dos Anjos, rezando, e pedindo-lhes muito de proposito que fossem com elle, e o ajudassem contra seus inimigos: logo em amanhecendo teve um rapto da alma, e parecia-lhe que era levado a um formoso prado, onde via ao redor de si um copiosissimo ajuntamento de Anjos, que lhe vinhão acudir, e o animavão com estas palavras: O Senhor é com vosco, e sabei que em nenhum perigo, nem afronta vos ha de desamparar jámais. Pelo que o que vos cumpre é, que não largueis o cuidado em que andais de arrancar almas das vaidades do mundo, e trazel-as para Deos. Esforcado o Ministro com taes visões, fazia grande diligencia por converter todo genero de gente. E assim colheo com boas palavras, e com um santo engano ganhou para Deos um homem espan-

tosamente assomado e temeroso, que havia dezoito annos que se não confessava, o qual tocado da graça divina se lhe confessou com tanta dòr e arrependimento d'alma, que ambos juntamente chorayão. E pouco tempo depois acabou a vida bemaventuradamente. De uma vez tirou de máo viver doze mulheres públicas. E não se póde encarecer o trabalho que levou com ellas até as chegar a bom estado, e em fim só duas perseverarão nelle. No districto daquella terra, onde então morava, havia por muitos lugares grande numero de mulheres, assim seculares como religiosas, que por fraqueza e leviandade se tinhão perdido desatinadamente, e não tinhão ninguem a quem se atrevessem a confessar suas desaventuras, pela grande vergonha que em suas almas sentião; donde lhes nascia uma ancia tão excessiva, que muitas vezes entravão em tentação de se matarem. Mas como cairão na brandura e piedade, com que o Ministro tratava todos os affligidos, cobrando confiança, vierão-se a elle uma e uma no tempo, que era maior o perigo de seu estado, e com dòr e lagrimas lhe derão conta das angustias, em que vivião, e do perigo que receavão. Quando o Ministro vio estas pobres mulheres afadigadas com tanta miseria, consolava-as com muito amor, cho-

rando com todas, e em fim remedeou-as, e fez, ainda que não foi sem arriscar muito de sua reputação, que ganhassem as almas, e remediassem a honra, não fazendo caso no processo deste negocio do que as linguas dos maldizentes lhe podião levantar. Havia uma que era mulher bem nascida e nobre, que estranhamente sentia ver-se em tal estado. Appareceo-lhe a Virgem gloriosissima, Nossa Senhora, e mandou-lhe que se fosse ao seu Capellão, avisando-a que era o Ministro, para ser remediada por elle. E respondendo que o não conhecia, tornou a Mãi de Misericordia: Olha para debaixo de meu manto, que o guardo e defendo com meu amparo, e nota-lhe as feições do rostro, para que o possas conhecer depois; elle é consolação, e allivio de todos os tristes, elle te consolará. Foi a mulher ao Ministro, e pondo-lhe os olhos no rostro, conheceo-o pelo que tinha visto na revelação; e contando-lhe sua perdição, pedio-lhe que a remediasse com entranhas de misericordia. Ouvio-a o Ministro com muita benignidade, e ajudou-a quanto pôde, porque tornasse a restaurar o nome perdido segundo a Sagrada Virgem lh'o encarregára.

CAPITULO XL.

Em que Fr. Henrique, proseguindo sua narração, conta uma estranha afronta, em que se vio, procurando com muita efficacia, e cuidado a salvação das almas.

PEla maneira que temos dito salvou o Ministro um numero infinito de homens afadigados com o peso de seus peccados. Mas em pago destas obras de caridade foi necessario padecer muitas e mui rigorosas cruzes, as quaes o Senhor lhe significou primeiro em uma visão, que passou desta maneira: Indo um dia de caminho chegou já tarde a uma pousada. O outro dia pela manhãa ao romper da alva foi levado em revelação a um lugar, onde se havia de cantar uma Missa, a qual por sorte lhe cabia a elle. E os cantores, que a officiavão, começavão o Introito da Missa dos Martyres, que diz: *Multae tribulationes justorum etc.* Agastava-se o Ministro com este Introito, e desejando que a Missa fosse outra dizia-lhes: A que proposito me vindes agora com Martyres! que desconserto é cantar de Matyres, não sendo hoje dia de nenhum Martyr assignalado. Mas os cantores apontando nelle com os olhos fitos, e com dedos estendidos: Hoje tambem, respondião, tem Deos

seus Martyres, não menos que em todo outro tempo. Vós apercebei-vos, e não façais outra cousa, e ide começando a Missa. Corria o Ministro, e revolvia o Missal que tinha diante, e procurava dizer outra Missa, qualquer que fosse, ou de Confessores, ou d'outra cousa, antes que de Martyres insignes. Mas por muito que se cansava em correr o Missal, não topava com outra cousa, senão com Officios de Martyres, de que achava todas as folhas cheias. Então vendo que não podia al fazer, consintio, e foi-se cantando com elles, mas com voz cansada e triste. Dahi a um pouco tornava a fallar com elles dizendo: Em verdade que é cousa espantosa, e nova a que fazeis. Porque não direis antes um *Gaudeamus*, que é Introito alegre, e não esse que é triste e melancolizado? Não sabeis, meu amigo, o que passa? respondião os Cantores: Agora tem primeiro lugar este officio dos Martyres, depois virá esse *Gaudeamus* de festa algumas vezes, e a seu tempo. Quando o Ministro entrou em si estremeceo todo com pavor do que vira, e dizia: Ai de mim, meu bom JESU! é isto por ventura algum novo genero de Cruzes, que me esperão? Indo caminhando com rostro caído, e descontente, perguntou-lhe o companheiro, que havia,

porque ía assim melancolizado. Respondeo: Que vos posso dizer irmão: cantou-se-me neste lugar uma Missa de Martyres. Querendo significar que lhe fôra revelado por Deos, que havia de ser asperamente perseguido. Mas o Frade não entendeo, nem elle lhe quiz descobrir mais. Tanto que tornou ao Convento, que foi antes de Natal no tempo, que as noites são mais compridas, logo o começárão a saltear, segundo seu antigo costume, varias e mui pesadas tribulações por maneira que, humanamente julgando, cria que lhe havia de estalar o coração com a força do sentimento, ainda que não fôra de mais, que ver o mesmo mal em qualquer outro homem, porque o punhão em cerco tão apertado e cruel, que por meios lastimosos lhe vinha a faltar totalmente tudo quanto lhe ficava, em que poder estribar de descanso, de consolação, de honra temporal, e finalmente de qualquer outra cousa, que póde dar gosto na vida. Esta trabalhosissima Cruz passou desta maneira: Entre a muita gente, que o Ministro desejava reduzir ao serviço de Deos, veio ter com elle uma falsa femea, enganadora, e dobrada, que com capa de virtude ao que parecia, cobria um coração de loba, e sabia tambem dissimular, que por grande tempo não pòde o Ministro cair em quem

ella era. Esta se tinha perdido primeiro com certo homem; e para fazer a culpa mais feia, não se contentando com a primeira maldade, de uma criança, que delle tinha, quiz dar por pai outro homem, que totalmente a não conhecia. Mas não foi isto parte para o Ministro a lançar de si, antes a ouvia de confissão, e lhe acodia com muitas obras de caridade, com que remediava suas necessidades, e honrava e fazia por ella mais que os Frades daquella Provincia, que chamão Terminarios. Sendo passado muito tempo que o Ministro continuava com ella, veio-se a entender claramente por elle, e por outras pessoas dignas de fé, que ás escondidas era tão má e tão devassa, como o fòra no principio de sua vida. E todavia elle encubrio o que sabia, não a querendo publicar por quem era, mas foi-se desviando della, e levantando a mão dos bens, que lhe fazia. Tanto que isto entendeo a boa mulher, mandou-lhe dizer que não procedesse assim com ella, porque lhe fazia a saber, que se lhe faltava com os bons officios, e favores que atélli recebèra delle, lh'o havia de pagar a bem grande preço. Porque o menos que havia de fazer seria mandar-lhe engeitar, e nomear por filho seu um menino que tinha de um secular, com o que lhe daria tal descredito, que em toda a terra ficasse

infamado. Mui assombrado ficou o Ministro deste recado; e recolhido só comsigo, e calado, suspirava profundamente, e discorria assim entre si. Por toda parte me vejo posto em cerco, e não sei que conselho siga; que se corro mais com esta mulher, perco-me; e se o não faço, tambem me perco: e assim fico rodeado de males para não poder escapar de ser atropellado d'algum. Entretanto padecia mortaes afrontas imaginando como, e em que, e até onde permittiria Deos que se alargasse este ministro infernal em o perseguir. Em fim assentou que era melhor para si, e para Deos, e mais acertado para a saude da alma, e do corpo, quebrar com a perversa mulher escolhendo de dous males o menor, sem fazer caso do risco, a que punha sua honra, e assim o fez. Mas ella ficou tão tomada, que com uma maldade bestial, qual era a sua, quiz deshonrar-se a si, só por prejudicar ao Ministro; e correndo por entre Religiosos e Senhores, e andando de uns a outros publicou e affirmou, que tinha um filho delle. Grandemente se escandalizárão com tal nova todos os que lhe davão credito, e tanto mais, quanto em melhor conta o tinhão, e quanto mais communmente era havido por Santo em toda parte. Mas a elle chegava-lhe á alma, e atressava-lhe o cora-

ção com dôr, e assim se ía seccando, e myrrhando de pura desconsolação e agonia. As noites passava inteiras sem dormir, os dias cansados, e tristes; algum breve repouso, que tomava, era envolto em representações medonhas. Um dia levantou os olhos a Deos com rostro choroso, e magoados suspiros, e dizia: Eis, Senhor, tenho já presente aquelle desventurado tempo que temia, chegada é aquella triste hora, e hora minha O' como poderei supportar os apertos sem termo deste coração! O' quem fôra morto para que não vira, nem ouvira tal desventura! O' bom JESU, bem sabeis vós como reverenciei sempre vosso Nome Santissimo, e quanto trabalhei sempre pelo fazer amado e servido de todos, e por toda parte: e vós quereis, Senhor, que padeça o meu agora uma tamanha quebra? Bem, e com assás razão me posso eu queixar disso. Eis que a Ordem de São Domingos tão illustre no mundo terá por mim uma tamanha infamia, qual nunca já mais deixarei de chorar? O' ancias e tormentos de minha alma, já todos os devotos, que atégora me honrárão como se fôra homem Santo (cousa que me podia dar animo para o ser) não me olharáõ senão como a um falso enganador dos homens, cousa que me trespassa a alma de mortaes feridas. Tendo

passado algum tempo nestas queixas e prantos de maneira, que ía perdendo as forças, e a vida, veio ter com elle uma mulher, que lhe fallou desta maneira: Que rázão ha Senhor para vos matardes assim? tendo animo; que eu vos darei remedio a bem pouco custo, se quizerdes governar a meu modo, para que não percais nem um fio de vossa reputação. Ora fazei, rogo-vos, um coração grande, valoroso e constante. Levantando o Ministro o rostro perguntou-lhe que ordem havia de ter no que dizia. Tomarei, respondeo, esse menino, e leval-o-hei debaixo deste manto escondido, e como for noite enterral-o-hei vivo, ou o matarei mettendo-lhe uma agulha pela cabeça. Elle morto, acalmará logo toda esta tormenta, e ficará vossa honra sem quebra. Ouvindo isto o Ministro encheo-se de paixão, e disse-lhe: O' femea mais deshumana de todas quantas são nascidas, e assim te atreverias a matar um innocente? Como? e ha-se de pôr á conta do menino a maldade da mãi para pagar por ella? Vivo o querias sepultar? Não ha de haver tal, nunca Deos queira que de meu consentimento tal insulto se commetta. O maior mal, que deste me póde vir, é um total abatimento de meu credito, pois affirmo-te que se de minha honra dependêra a de um Reino inteiro, de boa vontade a largára

nas mãos de Deos, e lha offerecêra, antes que consintir derramar-se pela conservação della este innocente sangue. Elle não é vosso filho: que vos dá logo que acabe assim? replicou a mulher. E traz estas palavras arrancou de uma faca afiada; e tornou a dizer: Acabai já, deixai-mo levar daqui, tirar-vol-o-hei da vista, e logo eu o degolarei, ou lhe darei com esta faca pelo coração, e assim acabando elle, tereu os paz. Cala-te perversa mulher, disse o Ministro. Seja de quem quer for, basta que é feito á imagem de Deos, e remido com o sangue precioso de Christo; não é razão, nem quero eu, que se derrame seu sangue com tamanha crueza. Ficou a mulher com estas palavras abrazada de raiva, e respondeo-lhe: Pois não quereis que morra, convem que de duas cousas façais uma. Ou que pela manhãa o deixeis levar á porta da Igreja, como se faz aos mais engeitados, ou vos apercebais para uma despesa, excessiva para vós, até que seja criado. Eu confio em Deos todo poderoso, tornou o Ministro, que atégora teve de mim cuidado, tambem o terá daqui em diante, e nos dará o necessario a este menino, e a mim: por isso ide, e trazei-mo aqui, que o quero ver ás escondidas. Tomou-o então nos braços, e tendo-o no collo, começou-lhe o coitadinho a rir. Ao que elle,

respondendo com um gemido rancado do mais intimo do peito, disse: Havia eu matar um menino tão bello, que com o riso me está fazendo festas? Não farei tal por certo, antes tomarei muito bem todo mal que por esta causa me succeder. E virando o rosto amorosamente pera elle: O' pobrezinho, dizia, e que desaventurada orfandade foi a tua, pois quem te gerou te não quer por seu; e a traidora de tua mãi te quiz engeitar como se foras um cachoro lançado no monturo! Mas Deos permittio que me fosses dado, para que eu seja teu pai, e eu o quero assim de boa vontade: todavia não te acceitando d'outra mão, senão da do mesmo Deos. Tu estás em meus braços menino clarissimo, e aindaque não sabes fallar, olhas-me com uns olhos risonhos, e eu estoute contemplando com o coração magoado e ferido, os olhos banhados em lagrimas, e com afagos de piedade. Eis te estou lavando esta tenra face com a agua ardente, que meus olhos estilão. Tanto que a bella criatura sintio cairem-lhe no rostro as lagrimas do Ministro, começou a chorar fortemente, e assim pranteavão ambos juntos. O Ministro vendo chorar o menino, apertou-o comsigo com muito amor, dizendo, não chores filho da minha alma, que te não hei de matar, ainda que te não gerei, e ainda que por tua causa haja

de passar grande trabalhos; que não poderei eu por nenhum caso acabar comigo, fazer-te mal, pois ficas sendo meu filho, e de Deos; e em quanto o Senhor me ministrar um bocado de pão, partil-o-hei comtigo á honra do mesmo Senhor, e levarei com paciencia e gosto todo o mal, que por amor de ti me vier. Não erão bem acabadas estas lastimas, quando aquella cruel, que assentára matar o menino, toda compungida em seu coração começou a chorar agramente com grandes e altos soluços de maneira, que foi necessario fazel-a calar, por se não publicar o negocio. Depois que a deixou chorar um espaço, tornou-lhe o menino, e rogando-lhe muitos bens dizia: O Senhor Deos te dê sua benção, e seus Anjos te guardem de todo mal. E mandou, que á sua custa tivesse cuidado delle, e o alimentasse. Mas não se satisfez com isto a perversa mãi, antes continuou em infamar o Ministro, principalmente naquelles lugares, onde mais damno lhe podia fazer, de maneira, que muitos homens virtuosos lhe tinhão lastima, e chegavão a pedir a Deos, que como justo juiz tirasse tal mulher do mundo. Foi um dia vistal-o um parente seu, e disse-lhe: Guai dessa malvada, que tal ribalderia ousou accommetter contra vós; que eu tenho achado maneira

para vos vingar della á vontade, e é esconder-me em qualquer parte dessa comprida ponte, que está sobre o rio, e colhel-a como passar, e lançando-a de cabeça na agua, fazel-a afogar. Não fareis tal cousa se me amais, disse a isto o Ministro; que nunca Deos queira, que por minha causa se mate ninguem. Basta que sabe o Senhor que tudo sabe, que contra toda razão me lançou essa mulher em casa seu filho. Em suas mãos deixo esta causa. Elle a mate, ou lhe dê vida como mais for servido; que ainda que eu com lhe negociar a morte desejára, eu pudera salvar o risco, em que anda minha vida e honra, com tudo, por ser mulher, tivera respeito, e fizera cortezia nella a todas, as que são honradas e virtuosas, e deixára-a viver. Aqui tornou o parente com melancoria. Pois de mim vos digo, que quem quer que tal afronta me fizera, m'a houvera de pagar com a vida, sem me dar nada que fôra homem, ou mulher. Não digais tal, disse o Ministro; que isso é uma brutalidade desmesurada e um desatino barbaro. Assocegai-vos, e deixai-me vir quantos males Deos quizer. Crescião no Ministro os desgostos com o tempo, renovando-se-lhe cada hora com a fama do successo que se ia divulgando. E sentido-se um dia demasiadamente afadigado, vencido

da fraqueza natural desejava buscar algum genero de consolação, ou allivio. Com esta tenção foi-se em busca de dous homens, que no bom tempo o communicavão muito, e se lhe tinhão mostrado bons amigos. Aqui permittío Deos, que visse por experiencia em ambos, quamanha verdade é, que não ha cousa sãa, nem macissa nas criaturas. Porque assim elle, como os que estavão em sua companhia o tratávão com muito mais aspereza, do que o povo fazia. Um recebeo com razões pesadas, e voltando o rostro a outra parte com desdem dizia-lhe vilezas. Entre as quaes foi uma, que o não visse mais, nem o tivesse por amigo, porque se corria de ter commercio com elle. Cortavão-lhe as entranhas estas palavras, e com uma voz caída e magoada: Ah irmão meu, disse para elle, de mim vos sei affirmar, que se Deos permittira cairdes vós neste pego de lodo, e abatimento, em que hoje me vejo somido, correndo e publicando vos houvera de ir acudir, e ajudar com amor e cortezia a saír delle. E vós sois tão deshumano que não basta verdes-me atollado até o pescoço, mas ainda trabalhais por me levar debaixo dos pés, e atropellar-me. Disso só me queixarei eu sempre áquelle sobre todos atormentado coração do clementissimo JESU. Mas elle mandou-lhe que se ca-

lasse dizendo-lhe injuriosamente : Já sois acabado, já não ha que fazer conta de vós, nem vossa prégações, nem vossos livros serão vistos de ninguem, a que tudo se dará de mão, tudo se engeitará. Aqui o Ministro pondo os olhos no Ceo respondeo mansamente: Pois eu confio em Deos todo pode roso, que ha de vir tempo, em que meus escritos sejão mais amados e estimados do mundo, do que nunca forão. Taes forão as consolações que achou nos amigos, que tinha por principais, e verdadeiros. Os homens virtuosos daquelle lugar tinhão muito cuidado de o proverem com o necessario. Mas depois que se publicárão estas falsas novas, todos os que as crião levantarão mão de lhe fazer bem; até que certificados da verdade, tornárão outra vez a correr com elle. Assentando-se um dia no seu banco por ver se poderia repousar um pouco, foi logo roubado aos sentidos, e parecia-lhe que era levado a uma região representada no entendimento, onde achava um homem, que lhe fallava assim na parte inferior da alma: Escutai, escutai umas palavras que vos quero ler de consolação. Applicava-se o Ministro com attenção, e ouvidos promptos, e notava que lhe lia em Latim aquellas palavras de Isaias, que dizem: Não te chamarás já daqui em diante desamparada, e tua terra não se cha-

mará mais deserta, mas chamar-te-has vontade minha em ella, e tua terra povoada, porque o Senhor se deu por contente em ti. Acabando o homem de lhas ler uma vez, tornou-as a começar outra, e leo-lhas até quatro vezes. Do que o Ministro espantado: A que fim, perguntou, me repetis isso tantas vezes? Faço-o, respondeo, para que firmemente confieis em Deos, rimando a elle vossa alma e vossas esperanças, pois vos consta que até a terra de seus servos, quero dizer até a esses corpos mortaes acode com o necessario; e é tambem que se por uma parte se lhes tirar alguma cousa, logo lha ha de supprir por outra. E assim o fará tambem por sua piedade comvosco. Nem mais, nem menos succedeo depois em realidade, e com tanta evidencia, que muitos de contentes rião, e louvavão a Deos, cujos olhos primeiro tinhão derramado infinitas lagrimas de excessiva compaixão. Mas como vemos que acontece aos animaes mansos e pequenos, que são presa dos grandes e bravos, que se lhes cáem nas mãos são despadaçados de suas unhas, e tragados de seus dentes até lhe ficarem os ossos esbulhados e limpos, e ainda sobre esses, se tem qualquer cheiro de carne, descem enxames de vespas famintas, que os acabão de roer e escaveirar; e não

perdoando aos tutanos lhos chupão, e levão pelos ares; da mesma maneira era tratado então do mundo Fr. Henrique; e assim foi roido e infamado por toda parte, e isto por homens nas apparencias virtuosos, e que o fazião com capa e côr de um sentimento santo e discurso christão, a fim de se consolarem como amigos, que professavão ser do Ministro: mas a verdade é que em nenhum delles morava amor, nem verdade, e daqui nasceo tentarem-no alguns pensamentos máos contra estes taes, que lhe ferião a alma com agudas setas, e o fazião queixar assim: Cousa leve é meu bom JESU padecer um homem trabalhos quando forão negociados por Judeos, ou Gentios, gente de seu perversa, e inimigos publicos. Mas estes que tão seccamente me martyrizão, vendem-se por servos vossos, e parecem-no, e isto é o que me faz muito mais pesada e intoleravel esta cruz. Mas tornando sobre si, e pesando tudo na balança da razão, não lhes punha culpa, antes entendia que Deos era o que o castigava por meio delles, e que elle o estava bem merecendo, e parecia-lhe que era conselho de Deos para maior bem, e salvação mais certa de seus servos havel-os por inimigos, e tratal-os como a taes. Em particular estando um dia nesta materia mui tentado de impacien-

cia, teve interiormente esta resposta: Lembra-te Christão, que o mesmo JESU não quiz sómente trazer em sua companhia um João querido, e um Pedro fiel, mas quiz tambem sofrer um Judas traidor. Pois tu, que desejas seguir suas pisadas, porque razão te agastas com teu Judas? Contra isto o armava um pensamento respondendo assim: Ai de mim piedoso JESU, que, se este vosso atormentado servo não tivera mais que um Judas, fôra ó negocio sofrivel; mas eu vejo que todos os cantos estão cheios de Judas para mim de maneira, que em faltando um, logo se me levantão cento. A isto tambem lhe foi replicado interiormente desta maneira: Todo homem, que traz conta com sua alma, tem obrigação de não cuidar de ninguem, que é seu Judas: antes deve cuidar que é instrumento, ou coadjutor de Deos aquelle por cujo meio lhe vem trabalhos, que são para seu bem, e para o maior bem de todos que é a salvação. Isto nos insinou Christo quando entregando-o Judas com osculo de paz lhe poz nome de amigo seu, dizendo: Amigo a que vieste? Sendo passados muitos dias que o Ministro andava assim atribulado, ficava-lhe só uma consolação bem fraca, que em algum modo o alentava, a qual era não ter chegado ainda a infamia,

que delle corria, aos Prelados maiores de sua Ordem. Mas este pequeno allivio lhe tirou tambem Deos subitamente; porque o Geral da Ordem, e o Provincial de Allemanha forão ter ambos juntos em um tempo á mesma terra, onde a danada femea lhe assacou o falso testemunho. Do que tanto que o pobre Frade foi avisado em outro lugar distante, onde morava, receoso em demasia, fazia discursos em seu pensamento dizendo: Bem póde ser que teus superiores dèm credito áquella falsa, e se o fizerem não tens uma hora de vida, porque te lançaráõ n'um carcere tão terrivel, que seja menos mal acabar logo. Este cuidado o molestou doze dias contínuos, e outras tantas noites de maneira, que esperava a cada momento o castigo. Um dia saío-se pela portaria fóra, e vencido da ancia, que por então com maior excesso o afrontava, logo fugindo da gente tão lastimoso, e para haver dó no interior de sua alma, como ía nas mostras de fóra, foi se esconder n' um lugar apartado, onde ninguem o podia ver, nem ouvir. Aqui soltando a redea a seus tormentos, ora rebentava em profundos suspiros, ora se lhe rasavão os olhos de agua, ora lhe corrião impetuosamente rios de lagrimas pelo rostro abaixo. Tal era o aperto que sintia no coração, que

não podia socegar em nenhuma parte. Subitamente se assentava, e logo com a mesma presteza se punha em pé, e passeava pela casa a uma parte ea outra de corrida, como se estivera agonizando em braços com a morte. Outras vezes lançava das entranhas uns gemidos tristissimos dizendo: Ai ai, Clementissimo JESU e que determinais fazer de mim? Neste piedoso estado vivia, quando do Ceo teve uma inspiração, que dentro n'alma lhe fallava assim: Onde está agora a resignação? Onde a constante determinação de não variar pensamentos, nem por mal, nem por bem? Bem francamente aconselhavas, bem persuadias como se devia entregar cada um nas mãos de Deos resolutamente, e desapegar-se de tudo. Ao que elle chorando respondia assim: E vós perguntais-me pela resignação, pois eu vos pergunto a vós, onde se foi a misericordia de Deos infinita, e sem limite para com seus servos, eis que me vejo em estado, que me não falta mais que esperar, que o estremo de todos os males; e quanto a mim já sou bem morto, como acontece a quem está para ser condemnado á morte, e tem já perdido a saude, a fazenda, e a honra. Tinha eu a Deos por beniguissimo, por clementissimo, e mui leal para com todos aquelles, que se aventuravão

a largar-se de todo em suas mãos, e render-se a sua vontade. Mas ai de mim que só para comigo parece que faltou! Ai de mim que vejo que aquella fonte de misericordia e piedade, cuja corrente nunca houve cousa que a pudesse represar, pareceo hoje que estancou para mim. Ai que aquelle peito amorosissimo cuja brandura confessa e apregoa o mundo todo, de todo me tem desamparado, apartou de mim seus olhos formosissimos, voltou-me seu rostro serenissimo. O' face de meu Deos, ó coração benignissimo, jámais pudéra crer de vós, jámais esperar, que assim me haveis de engeitar. O' Abismo inexhausto, e sem fim, acudi e soccorrei a este triste já d'antemão acabado e morto. Vós sabeis, Senhor, que toda minha esperança e consolação está posta só em vós, e não em cousa alguma da terra. Mas escutai-me agora todos quantos viveis atribulados no mundo. Não ha para que nenhum de vós outros se escandalize desta minha sentida torvação, nem de meus desconcertos, porque em quanto eu não sabia novas da renunciação propria mais que fallando e ouvindo, era gosto tratar della. Mas agora estou todo chagado, e com o coração em carne viva. As setas do Senhor tem-me trancadas as entranhas, e atravessadas todas as veas, e até o mesmo miolo me

tem esgotado e sumido por tal maneira, que não ha membro em todo este corpo, que não esteja perdido e acabado de dôr, e martyrios. Como póde logo ser que viva resignado quem assim vive? Havendo passado o Ministro aquelles doze dias com tanto trabalho como temos contado, no cabo delles a horas de meio dia, como estava mui enfraquecido do miolo, aquietou em fim, e assentou-se. Então retirado, e esquecido todo de si mesmo, virou-se para Deos, e largando-se com verdadeira resignação nas mãos de seu divino querer, dizia: Cumpra-se vossa vontade. Estando pois assim assentado entrou em uma extasi da alma, e via nella que se lhe punha diante uma santa donzella, das que erão filhas espirituaes suas, a qual quando vivia lhe profetizou que tinha por padecer muitos trabalhos, mas que de todos o havia Deos de livrar. Consolava-o a donzella amorosamente, mas elle indignado com ella tratava-a de falsa, e de mentirosa. A santa então sorrindo-se chegou-se de mais perto, e dando-lhe a mão: eisaqui, disse, vos empenho minha fé em nome de Deos todo poderoso, e de sua santa palavra, que vos não ha de desamparar, antes com sua divina ajuda, e por sua misericordia haveis de saír bem deste desgosto, e de quaesquer outros, que vos succederem. É tão

deshumana, respondia o Ministro, a dôr, e a agonia, em que vivo, que já agora, filha, não posso acabar comigo dar-vos credito, se me não mostrardes um signal claro e certo, do que dizeis. Ao que ella, vereis, disse, que o mesmo Deos em pessoa vos desculpará e defenderá com toda a gente virtuosa, que quanto aos máos, como medem tudo por si, e por sua maldade, não tem para que fazer conta delles o homem, que é amigo de Deos e sisudo, e quanto a Ordem de S. Domingos que vós chorais havendo-a por afrontada neste caso, faço-vos saber que por vosso meio, e com vosso nome ha de ficar mais acceita assim a Deos, como a todo homem de entendimento. E para que entendais, que fallo verdade, poder-vos-ha servir de signal o que agora direi: brevemente vos vingará Deos justa e terrivelmente, soltando sua ira contra essa abominavel femea, que vos foi autora deste mal, e matal-a-ha de morte subitanea, e todos aquelles que particularmente ajudarão, dizendo e publicando males de vós, tambem acabarão brevemente. Com estas novas ficou o Ministro algum tanto mais alegre, cuidando de se ver cedo em paz, e assim estava esperando, que fim havia Deos de dar a esta tragedia. Mas não passárão muitos dias, que se vio tudo cum-

prido com effeito. Porque a mulher morreo subitamente, castigando Deos assim o peccado de sacrilegio, que commetteo: e dos outros, que mais o tinhão perseguido, fallecêrão tambem muitos abreviadamente, parte com o juizo perdido, e parte sem Sacramentos. Entre estes foi um Prelado, que o apertou bravamente, e depois de morto appareceo ao Ministro, e affirmou-lhe, que pelo mal, que lhe fizera, lhe tirára Deos a dignidade e a vida, e tinha para passar muito tempo gravissimos tormentos. Os amigos, que sabião estas historias, e vião uma vingança tão extraordinaria, e as mortes rebatadas dos contrarios, louvavão a Deos dizendo: A verdade é que Deos anda com este bom Varão, e bem parece que se lhe fez aggravo. Pelo que será razão que nós, e todos os homens prudentes o estimemos mais, e o tenhamos em melhor conta, e em maior opinião de santidade, que se não houvera passado por elle o que temos visto. Dalli por diante foi acalmando a tempestade, e por obra do Ceo cessou de todo, como lh'o disse a donzella no extasi. Muitas vezes depois considerando o Ministro este successo: Ah Senhor, dizia, quão verdadeiro é o dito do povo: A quem Deos quer bem, não lhe póde empecer ninguem. Tambem morreo pouco

depois um companheiro seu da cella, que neste trabalho se lhe mostrou pouco amigo. E sendo morto, e acabado um impedimento que lhe tolhia a visão beatifica, appareceo ao Ministro cuberto de roupas de luz, e ouro, e abraçando-o com amor chegou sua face á do Ministro, e pedio-lhe perdão das offensas, que lhe fizera, com pacto que houvesse amizade perpetua entre ambos. Mostrou o Ministro, que folgava com isso, e o defunto tornou-o a abraçar amigamente, e logo desappareceo, e se foi ao Ceo. Tendo o Ministro provado infinidade de martyrios, em fim pareceo ao Senhor, que era tempo, foi divinamente alliviado de todos, e ficou gozando de uma paz interior d'alma, acompanhada de uma quietação socegada, e de graça cheia de luz. Então louvava a Deos por se ver fóra, principalmente desta tribulação, e affirmava, que nem pelo que val o mundo todo, quizera deixar de ter passado por ella, e por todas as mais. Então por celestial illuminação, conhecia claramente, que este seu abatimento o levantára mais alto, e lhe fòra meio de maiores consolações, e o chegara mais a Deòs, que todas quantas adversidades tinha coado desd'a hora, que nascera, até então.

CAPITULO XLI.

Em que o Santo Fr. Henrique conta dous casos, que lhe passárão pelas mãos de tribulações interiores.

ACabando a santa donzela de lêr a tribulação de seu Padre espiritual, que temos contado, solemnizou-a com assás lagrimas de piedade e compaixão de tão triste historia, e tornou-lhe a pedir, que lhe quizesse dizer alguma cousa dos trabalhos do espirito. Elle respondeo, que só dous casos lhe contaria nesta materia. E começou assim: Houve em certa ordem de Frades um mui conhecido por fama, que por divina permissão padecia uma cruz interior, a qual lhe dava tanta pena, e o trázia tão desanimado, que de dia e de noite não fazia outra cousa, senão accrescentar seu mal com lagrimas e pranto contínuo. Veio-se um dia ao Ministro da Eterna Sabedoria, e deu-lhe conta de si, com grande devoção, pedindo lhe, que com suas orações lhe alcançasse remedio do Senhor. Estando o Ministro uma manhãa em oração por elle recolhido dentro em seu Oratorio, teve uma revelação, em

que lhe appareceo o demonio em figura de negro de Guiné mui azivichado, os olhos como brasas, o semblante medonho, e infernal, e com um arco nas mãos. Disse-lhe o Ministro: Eu te esconjuro por Deos vivo que me digas na verdade quem és, e que queres aqui. Eu (disse o diabo, respondendo bem como quem é) sou o espirito de blasfemia; e o que aqui quero, vós mesmo o esperimentareis. Desviando-se o Ministro para se meter pela porta do Côro, via que no mesmo tempo punha nella os pés o Religioso atribulado de que fallamos, para entrar no Côro a cantar a Missa, logo o malvado espirito armando o arco tirou um tiro de fogo ao coração do pobre Frade, com que caía por terra quasi de costas, e não podia chegar ao Côro. Escandalizado o Ministro reprendia azedamente o diabo. O que tomando mal a soberba infernal armava o arco para lhe fazer tiro com outra setta de fogo. Mas o Ministro virando-se com pressa para a Virgem dizia: Bemdiga-nos c'o filho a gloriosa delRei Eterno mãi, e filha e esposa. E o demonio perdidas as forças desappareceo logo. Como foi de dia contou o Ministro este successo ao Religioso, e ensinou-lhe remedios certos e poderosos contra o inimigo, e são os mesmos que deixou escritos

em um Sermão, que começa: *Lectulus noster floridus*, etc. Entre os muitos molestados de males do espirito, que cada dia se vinhão soccorrer ao Ministro, chegou-se uma vez a elle um homem secular, natural d'outra provincia, e disse-lhe, que padecia um mal, qual nunca ninguem tivera no mundo, em que outrem ninguem lhe podia dar conselho e remedio senão elle. Não ha muito (dizia o pobre homem) que quasi cheguei a estado de desesperar, e com a força da dôr, que sentia, desejava matar-me. Levado desta furia fui para me lançar no mar, e remettendo para acabar de ser homicida de mim mesmo, ouvi uma voz sobre mim, que me dizia: Tem-te; não te percas vilmente; busca um Frade de S. Domingos, (e logo lhe dizia o o nome do Ministro, nome, que nunca d'antes ouvira) e elle te remedeará, e ensinará o que has de fazer. Alvoraçado com estas novas sobr'estive na triste determinação, que tinha, e venho-me a vós como me foi mandado. Vendo o Ministro tão piedoso caso tratou-o com muita brandura, e tantas cousas lhe soube dizer de consolação e esforço, e tão contente e bem doutrinado o mandou, no que lhe cumpria, que pela graça de Deos nunca mais caío em similhantes tentações.

CAPITULO XLII.

Em que se declara quaes são as tribulações de mais proveito para o Christão, e de mais gloria para Deos.

DEpois do que temos contado, fez a santa donzella as perguntas seguintes a Fr. Henrique. Quizera saber, meu Padre, quaes são as cruzes, que mais servem a uma alma para se salvar, e de que maior louvor resulta ao Senhor. Muitos e mui varios são os trabalhos, respondeo o Santo, que preparão, e armão um homem pára a bemaventurança, e lhe segurão os caminhos para ella, se souber usar bem delles. Algumas vezes permitte Deos succederem-lhe terriveis perseguições sem culpa sua: aqui o intento de Deós é querer proval-o, e experimentar sua constancia, ou mostrar-lhe para quanto é, e que é, o que tem de si só, e de sua propria colheita: do que temos muitos exemplos no Velho Testamento. Ou tambem trata Deos de seu louvor e gloria, como se lê no Evangelho do Cego de nascimento, a quem Christo deu por innocente, dando-lhe vista. Alguns ha atribulados de maneira, que to-

davia o merecem bem, como foi o Ladrão, que crucificárão com Christo, a quem o Senhor prometteo o Ceo pela inteira e perfeita conversão, com que se lhe rendeo na Cruz. Alguns padecem trabalhos sem os merecerem, se tratamos da causa, porque os dá Deos na vida presente; e todavia não carecem de alguma culpa, pela qual permitte o Senhor que lhes venhão; e isto faz muito ordinariamente para humilhar soberbas demasiadas, e tornar para si, e para o caminho da verdade o homem tocado dellas, e assim abater e mortificar a inchação de um espirito altivo: o que faz em cousa, onde por ventura o tal homem não merecia nenhum mal. Outros males ha, que Deos é servido, que succedão a muitos pelo amor, que lhes tem, para por meio desses os livrar d'outros maiores, como acontece áquelles, que neste mundo tem seu purgatorio, sendo atribulados com doenças, com pobreza, e com outros males desta qualidade, para evitarem castigo mais rigoroso, que é quasi o mesmo, que acontece áquelles, a quem deixa avexar por homens de espirito diabolico, para que na morte lhes não seja necessario serem assombrados com as feias e monstruosas representações dos demonios. Alguns ha que tem sua cruz viven[illegible] abra-

zados em um amor ardentissimo. Tambem ha no mundo uns trabalhos sem fruto, nem consolação, que são os em que vivem aquelles, que, sem respeito da alma, querem cumprir c'o mundo em cousas, que totalmente são mundanas, e estes taes comprão as penas do inferno com muita dôr e trabalho: cousa que devia consolar muito a gente virtuosa em suas afflicções. Tambem ha homens a quem Deos está sempre bradando, e avisando, que de todo coração se convertão, porque deseja communicar-se-lhes, e dar-lhes muito de si; e todavia de descuidados ou resistem, ou não acabão. Estes traz Deos assim algumas vezes por meio das adversidades, ordenando que onde quer que poem o rostro, ou se acolhem por lhe escapar, ahi mesmo não achem outra cousa se não infortunios e contrariedades, e muitos dissabores de volta com os gostos do mundo, e assim faz presa nelles, como se os tivera pelos cabellos, com tanta força, que não ha fugir de suas mãos. Emfim achareis muita gente, que vive sem cruz, se não é a que ella mesma se forja, ou negoceia por suas mãos, fazendo caso de cousas, que de si não importão nada. O que já uma hora experimentou com certeza um [illegible] da fortuna. Passava este por uma

queixoso

casa onde sentio que se carpia uma mulher com lagrimas e pranto piedoso. Entrou dentro pela consolar, e perguntando-lhe a causa de sua desconsolação, respondeo, que não podia achar uma agulha que perdêra. Saio-se attonito, e foi discorrendo assim comsigo: O' mulher nescia, ó mulher tonta, eu te fico que se tomáras ás costas um dos feixes, que eu trago, não pranteáras por tão fraca perda. Taes são uns certos mimosos, que com qualquer leve causa fingem logo cruzes, onde as não ha. Mas a mais nobre e mais excellente cruz, que póde haver, é aquella sobre todas, que mais se confórma com a de Christo Nosso Senhor, que Deos Eterno seu Padre lhe poz sobre os hombros, e a põe inda hoje aos amigos, que mais ama, não porque haja alguem que totalmente seja isento de peccado, exceito Christo, mas porque assim como Christo em sua Sagrada Paixão foi um extremo de mansidão, havendo-se nella como uma ovelha cercada de lobos, assim tambem carrega com desmesurado peso de tribulações os seus mais valídos servos; e o fim é para que nós outros os mál sofridos tomemos exemplo em seu valor, aprendendo delles a ter paciencia, e á vista de um Santo avexado, tomemos bem, e vençamos com mansidão

os males que como máos merecemos. Isto, filha minha, deveis considerar, e não façaes nunca máo rosto aos trabalhos, que por qualquer via, que elles venhão, podem ser de proveito ao Christão, se os souber tomar e reconhecer da mão de Deos, e referindo-os a elle passados valorosamente por seu amor. Aqui fez pausa Fr. Henrique, e Sor Isabel começou assim: Aquella cruz, meu Padre, de que ultimamente tratastes, que é quando um homem padece sem precederem culpas, é de pouca gente. E eu tomára saber porque meio póde um homem, que é peccador, e sogeito a culpas e miserias, valer-se do auxilio Divino para com elle facilitar, e vencer suas afflicções. Porque este tal parece que vive entre dous tormentos, tendo de uma parte o de ter offendido a Deos, e da outra o exterior, que o afflige. Nisso tambem, respondeo o Santo, vos satisfarei logo. Eu conheci uma pessoa, que se lhe acontecia por fraqueza humana caír em peccado que merecesse castigo, tinha este costume: Como uma lavandeira, dextra em seu officio, lava primeiro a roupa com sabão, e depois a passa a outra agua, com que a deixa de todo limpa e alva, assim esta pessoa não descansava, até espiritualmente chegar áquella fonte e corrente caudal da

precioso sangue de Christo derramado com inefavel caridade para consolação e soccorro de todos os peccadores, fonte que nasce de suas sagradas Chagas. Alli naquelle sangue, que ferve em amor dos homens, se banhava, e somia com todas suas culpas, que são as nodoas da alma. Alli naquelle rio de verdadeira salvação se lavava e purificava toda, como se faz a um menino mettido em banho quente. Isto fazia com grande fervor, e devação da alma, junta a uma fé firme, e desenganada, que aquelle divino sangue com sua virtude e merecimento infinito a havia de deixar limpa e sãa de toda a culpa. Este termo pois usava sempre diante de Deos quando se via em algum trabalho, quer o tivesse merecido, quer lhe viesse sem causa.

CAPITULO XLIII.

Em que se trata porque maneira apartou o Beato Fr. Henrique da affeição das cousas transitorias alguns homens engolfados no mundo, e os inflammou em amor Divino.

No tempo, que Fr. Henrique de proposito se empregava em converter almas a Deos, e desapegal-as dos gostos e vaidades

do mundo, advertio que em alguns Mosteiros havia gente, que com habito e profissão monastica cobria coração e pensamentos mundanos. Em particular soube que em certo Convento havia uma Freira, que andava mui entregue a uma affeição, para em similhantes partes, não licita, que tinha, e mudava de votos, ou por melhor dizer servidores, que é a peçonha e destruição de toda a Religião. Avisava-a o Santo, que se queria viver vida descansada e quieta, e seguir a vida espiritual, que professára, désse de mão ás conversações, e em lugar dos amigos ociosos, tomasse por amiga a Sabedoria Eterna. Não se lhe podia fallar em cousa que mais a desagradasse; porque era moça e formosa, e estava já enredada neste laço do diabo mal entendido, e mui travada na amizade. Todavia chegou a termos, que lhe rendeo a vontade a estar prompta e disposta para tomar seus conselhos. Mas occupando-se outros em lha perverter, foi facil de mudar. O que visto pelo Santo, disselhe: Filha minha, deixai este modo de vida, olhai, que vos amoesto e profetizo, que se o não fazeis por vontade, o vireis a fazer por força, e mal que vos pez. Vio elle que fazia pouco caso de sua sãa e verdadeira Doutrina: fez oração ao Senhor, que por

bem, ou por mal fosse servido tiral-a daquelle estado: e foi-se um dia ao Presbyterio da Igreja, como costumava, e alli debruçado aos pés de um Crucifixo, descobertas as costas, disciplinou-se cruelmente e de maneira, que todo se banhava em sangue, e pedia a Deos que amançasse aquelle duro espirito. Em fim ouvio o Senhor sua oração. Porque recolhendo-se ella um dia para casa, começou-se-lhe a criar nas costas uma feia alcorcova, com que ficou torpe e disforme. E assim constrangida do mal, veio a largar por força, o que não quiz por bem, nem por amor de Deos. Neste mesmo Mosteiro, que não era dos que professavão clausura, havia outra donzella moça na idade, e nobre no sangue, a qual caíndo tambem na rêde deste mesmo demonio, tinha perdido o tempo, e devassado a honra muitos annos, com toda sorte de homens, e de maneira andava cega, que fogia do Santo, como a lebre dos galgos, porque receava que havia de procurar por lhe fazer mudar a vida. Tinha esta donzella uma irmãa, a qual pedio a Fr. Henrique quizesse provar a mão com ella, a ver se por alguma via a podia arrancar de tão damnoso estado, e tornal-a para Deos. Mas elle julgando-o por quasi impossivel, affirmava-lhe, que tinha por

mais facil abaixar-se o Ceo, que dobrar-se ella a deixar seus costumes, de que só a morte a poderia já retirar. Apertava-o com muita instancia a irmãa, dizendo, que tinha nelle tanta fé, que entendia não lhe havia Deos de negar cousa, que de véras lhe pedisse. Vencido o Santo destas palavras obrigou-se a fazer de sua parte o que podesse. Mas como a donzella de contínuo se desviasse delle, e assim não podesse haver uma hora para lhe fallar, em fim soube um dia, que era perto da festa de Santa Margarida Virgem, que era fóra do Mosteiro em companhia de toda a Communidade, que saíra a curar linho ao campo. Foi-se logo dissimuladamente traz ellas dando rodeios por chegar a ella em tempo, e communicação acommodada. Mas tanto, que a pobre mulher o sentio virou-lhe as costas com descortezia, saltando-lhe fogo pelo rostro de braveza, e com brados desentoados fallava-lhe desta maneira: Que me quereis Senhor? para que me buscaes? ide embora vosso caminho, que comigo não acabareis nada; que antes tomarei que me cortem a cabeça, que confessar-me comvosco, e primeiro sofrerei enterrarem-me viva, que deixar minhas amizades por vosso respeito. A isto acudio uma companheira, que lhe ficava perto, e

estranhou-lhe o que fazia, lembrando-lhe, que o que Santo pertendia era por seu bem, e para sua salvação. Mas ella abanando a cabeça furiosamente dizia: Não o hei de enganar, antes em quanto fizer e disser quero, que veja e conheça minha determinação. Espantado o Santo do despejo com que fallava, e da descomposição dos meneios que fazia, ficou tão atalhado, que não podia fallar palavra. Todas as Freiras, que erão presentes, tomárão mal o atrevimento da companheira, e todas lhe bradavão, que fazia mal, que se reportasse. Afastou-se o Santo então, e pondo os olhos no Ceo suspirava do fundo do peito, e queria de todo largar a empreza, se não fôra que dentro n'alma lh'o contradizia Deos com esta lembrança, que quem tem requerimento com Deos e com o mundo, e quer acabar alguma cousa não ha de parar logo, nem enfadar-se de importunar e trabalhar. Era depois do meio dia quando isto aconteceo. Jantárão as Freiras, e vindo a tarde, que havião de ír a uma horta para concluirem c'o linho, rogou a uma das amigas da Freira, que quando passassem por um hospital, onde elle estaria, que era caminho para a horta, pôr arte lha levasse lá, e se saísse para fóra. Fez-se assim, ainda que com tra-

balho. Tanto que entrou, e o Santo a vio assentada a seus pés naquelle lugar publico, em que estava, começou sua pratica do coração, que lhe arrebentava em conceitos, acompanhando-a com profundos suspiros, e dizendo desta maneira: Eia formosissima donzella, donzella escolhida de Deos, até quando haveis de trazer em poder do diabo a belleza desse rostro, e de vossa alma? Olhai que vos fez Deos amavel, e bem parecida em todas as cousas, só para terdes por menoscabo de vossa pessoa, sendo mulher de tão boas partes, e tão nobre, renderdes-vos a nenhum outro amor senão ao de vosso Deos, que é o melhor amigo de quantos ha na terra. A quem, dizei, se devem com mais razão offerecer as rosas desse rosto, que agora estão em sua primavera, que áquelle, cujas ellas são na verdade? Abri, rogo-vos, illustre e formosa donzella, esses claros olhos da alma, e lembrai-vos sobre tudo daquella Divina amizade, que começa aqui, e dura para sempre. Olhai a que desaventuras, a que enganos se arriscão, a que tormentos, e cruzes se offerecem, que damnos é forçado, que padeção no corpo e na fazenda, n'alma, e na fama, e mal que lhes pez todas aquellas que andão embebidas nestas damnosas amizades, das quaes vos

affirmo, que ainda que a peçonha, ou feitiço d'um falso gosto traz tontos e alienados os juizos de maneira, que lhes fez perder o respeito e a memoria de tantos, e tamanhos inconvenientes, com tudo elles abrangem nesta vida e na outra. Ora pois, filha minha, mais bella e mais merecedora de ser amada de todas quantas o são, passai todo o bom natural, que em vós ha, naquelle Senhor, que desde toda a eternidade é o mais nobre, e mais excellente sujeito que ha, nem póde haver. E acabai já com estas sandices, que eu vos dou minha fé, e me obrigo, que elle vos acceite por amiga, e vos mantenha verdadeira fé e amizade neste mundo, e no outro. Era bem escansada aquella hora. Ião-na entrando estas palavras, e abrandando aquelle peito fero de maneira, que, levantando logo os olhos ao Ceo, suspirava com entranhavel dôr: e tratando com o Santo confiadamente, e com resolução varonil dizia desta maneira: Padre, e senhor meu, não haja mais dilação: eis-me aqui rendida, e seja logo hoje, á disposição de Deos, e vossa: aparelhada estou a deixar de todo ponto, e nesta mesma hora a vida desconcertada e vãa; e com vosso conselho e ajuda entregar-me toda a Deos, e a elle só servir de hoje em diante até morte. Nenhuma

nova, disse o Santo, se me podia agora dar de maior gosto. Bemdito e louvado seja o Senhor, que a todos, os que a elle se tornão, recebe alegremente. Estando assim ambos fallando de Deos, as amigas da donzella, e companheiras de suas leviandades, estavão á porta da banda de fóra: e enfadadas de pratica tão comprida, como receavão, que o Santo a apartasse da soltura de sua conversação, começarão-lhe a bradar que acabasse. Levantou-se a donzella, foi-se com ellas, e disse-lhes: Amigas e companheiras minhas, ficai-vos embora de hoje para todo sempre: eu me hei por despedida de vós, e de todas as de nossa companhia, como de gente, com quem gastei meu tempo mal, e como não devia, de que toda a vida terei magoa. Já agora a um só Deos todo poderoso me offereço e entrego; e todo o mais engeito e largo. Desta maneira começou a evitar toda a amizade perigosa, e viver recolhidamente. E ainda que não faltou depois quem a tentou, e trabalhou pela tornar aos costumes passados, não se acabou nada com ella. Antes se havia de maneira, que acompanhando uma estremada honestidade com toda sorte de virtudes perseverou até o fim da vida, firme, e constantemente no serviço de Deos. Aconteceo de-

pois, que saíndo o Santo um dia do Mosteiro, em que morava, para a ír visitar e animar no caminho da virtude, e consolal-a de certos trabalhos, que padecia, como andava neste tempo indisposto, e o caminho era de muitos lodos, e parte delle por serras altas, e fragosas, ía mui afadigado. No meio desta afronta levantando os olhos a Deos dizia a miude: Senhor Deos Misericordioso e obrador de misericordias, lembro-vos aquelles cansados passos, que neste mundo com muito trabalho déstes por nos salvar; e e peço-vos que me guardeis minha filha. Traz isto encostava-se em seu companheiro; o qual cheio de lastima de o ver assim disse-lhe: De verdade entendo que compete a Deos, segundo sua bondade, salvar muitas almas por vosso meio. Indo mais adiante, e o Santo tão desfallecido, que já não podia dar um passo: Por certo, Padre, tornou a dizer o companheiro, que bem com razão pudera Deos agora olhar para vossa fraqueza, e com seu poder deparar-nos aqui uma cavalgadura, em que foreis um pouco até chegarmos a povoado Se ambos juntos, respondeo o Santo, pedirmos isso a Deos, bem confio nelle, que pelo merecimento de vossa virtude nos fará mercê. E estendendo os olhos vio saír do mato um bem feito cavallo

muito manso, e quieto, sellado, e enfreado, e sem dono. Então o companheiro levantando a voz com alegria disse: Olhai, Padre charissimo, como se parece que não está esquecido Deos de vós. Tornou-lhe o Santo: Alegrai, filho, os olhos por toda essa terra, que se descobre, e vêde se por ventura parece alguem, cujo possa ser este cavallo. Olhando o Frade a uma e outra parte não vio ninguem mais, que o cavallo, que mansamente se vinha chegando para elles. E disse para o Santo: Sem duvida, meu Padre, este cavallo vem para vós mandado por Deos; sobi-vos nelle, e caminhai. Isso crerei eu, respondeo o Santo, e bem fio de Deos, que nos quereria acudir nesta necessidade, se se parar quando chegar a nós. Não erão bem acabadas as palavras, quando o cavallo chegou quietamente, e parou diante do Santo. O que elle notando: Hora, disse, seja em nome de Christo. E cavalgando com ajuda do companheiro, foi assim caminhando um grande espaço até que cobrou alento e forças. Seguia-o o companheiro a pé. Mas tanto que chegárão junto de uma aldêa, que apparecia, apeou-se o Santo, e largando as redeas ao cavallo, deixou-o no mesmo caminho por onde viera, e nunca depois pôde achar nova de cujo era, nem para onde fôra. Che-

gado o Santo ao lugar, para onde ía, estava hum dia á tarde sentado com suas filhas espirituaes, e prégava-lhes do amor Divino, e trabalhava por lhes fazer odioso o das cousas transitorias. No cabo, despedidas as Freiras, ficou com a efficacia da pratica abrasado todo em fogo de Divina caridade; e estava imaginando, que só o seu amado, em quem elle tinha os olhos, e o coração, e a quem prégava e persuadia a todos, que amassem, levava infinita vantagem a todos os amigos do mundo. Nesta doce meditação foi arrebatado em espirito, e parecia-lhe que o mettião em um prado fresquissimo, onde o acompanhava, e trazia pela mão um gentil mancebo cortesão do Ceo, o qual lhe começou a cantar tão suavemente, que penetrando-lhe n'alma a melodia da voz, perdia com a força da deleitação toda a operação e uso dos sintidos; e parecia-lhe que o coração dentro em seu peito se lhe enchia de um desejo, e saudade de Deos ardentissima de maneira, que batia e saltava, como que se queria fazer pedaços com o excesso da força, que sentia. E para se valer, foi necessario acudir com a mão direita, e pôr-lha em cima. Mas entre tanto erão tantas as lagrimas, que seus olhos estillavão, que em fio lhe descião pelo rostro abaixo. Acabada a musica, representou-se-

lhe uma figura, para poder apprender o que ouvíra cantar com tal firmeza, que nunca mais lhe esquecesse. Via a Virgem gloriosissima, nossa Senhora, que tinha no collo o Menino JESU, Sabedoria Eterna, apertado com o sagrado peito, e sobre a cabeça do Menino estavã escrito o principio da canção, que ouvíra, com letras formosissimas; mas o modo, por que estava escrito, era tão subtil e escuro, que o não podião ler senão aquelles, que o tinhão estudado e alcançado por experiencia de trabalhos e penitencias. A linguagem era de Allemanha. O que na Portugueza podia signifcar, dizia: Amigo fidelissimo, como que só elle seja o que na verdade é gosto verdadeiro d'alma, e amigo singelissimo. O Santo leo logo tudo: e entre tanto o Menino JESU tinha amorosamente os olhos nelle: donde lhe nascia quasi com certeza experimentar como só este suavissimo Senhor é na verdade amigo da alma, em cuja companhia nem gostos a descompõe, nem adversidades a soçobrão. E assim o mettia todo nella; e logo com o mancebo começou a entoar a canção, e ambos a levárão té o cabo. Estando-se assim abrazando no fogo destes amores, cessou o extasi, tornou em seu accordo, e achou-se com a mão direita posta sobre o coração da

mesma maneira, que a assentou, quando lhe quiz acudir com ella na grande força com que batia.

CAPITULO XLIV.

Como por merecimentos do Santo lhe accrescentou Deos o vinho, estando assentado á mesa com muitos companheiros.

UM dia, caminhando o Santo por terra estranha, chegou tarde, e quebrantado da longa jornada, a um inclusorium, onde fizera conta de vir dormir aquella noite. Succedeo não se achar vinho no lugar, nem em uma aldêa, que era visinha; só uma honrada donzella, que era presente, disse, que em sua casa havia um pequeno jarro de vinho. Mas para entre tantos, dizia ella, que cousa é um jarro? E dizia isto porque, poucos mais ou menos, estavão alli juntos vinte homens devotos, a fóra outros, que acudírão á fama do Santo, desejando ouvil-o prégar. Mandou-lhe trazer o jarro, e pol-o na mesa. Posto o jarro, rogavão-lhe todos que o benzesse. Fel-o o Santo em virtude do nome Santissimo de JESU, e bebeo primeiro que todos, porque vinha ardendo em sêde do

caminho. Logo o deu aos outros, que todos forão bebendo. Punha-se o jarro na meza á vista de todos, e sem se lhe lançar agua, nem vinho, que o não havia, como temos dito, tornava a andar a roda e bebião todos uma vez, e outra. Mas como estavão com grande devação de ouvir a palavra de Deos, ninguem attentava no milagre do Ceo. No cabo quando entrárão em acordo, e caírão na conta da maravilha, que o poder Divino obrou no crescimento do vinho, louvavão a Deos, e querião attribuir o milagre á virtude e merecimentos de Fr. Henrique; o que não consentindo por nenhum caso; não ha, filhos meus, dizia, para que me deis por autor disso. Quiz o Poderoso Deos lembrar-se desta virtuosa companhia de gente, que aqui concorreo, e em galardão de sua fé refrescal-os com bebida corporal e espiritual.

CAPITULO XLV.

Do que aconteceo ao Beato Fr. Henrique com algumas pessoas, que com elle tiverão particular amizade.

HAvia em uma Cidade duas pessoas de muita virtude, que tinhão familiaridade c'o

Santo. As quaes, seguindo ambas o mesmo caminho do espirito, levava Deos por mui differente termo, uma da outra. Uma era conhecida e estimada do mundo, e vivia em grandes mimos e favores do Ceo. A outra ninguem lhe sabia o nome, e trazia-a Deos penitenciada com tribulações contínuas. Sendo ambas mortas, desejava o Santo saber, que differença tinhão de premio no outro mundo, pois neste fôra tamanha a de suas vidas. Um dia ao romper da manhãa appareceo-lhe a de fama, e contou-lhe como inda então estava detida, e penando no Purgatorio. Perguntando-lhe admirado, como podia ser tal? respondeo, que por nenhuma outra culpa pagava, senão porque daquella estima, que via fazer de sua virtude, lhe sobião á alma uns fumos de soberba de espirito, a que não resistíra com a destreza, que convinha; e com tudo tinha por certo haver de saír cedo daquelle trabalho. A outra, que vivia desprezada e abatida no mundo, voou sem detença para Deos. Tambem a mãi de Fr. Henrique, em quanto viveo na terra, padeceo gravissimos tormentos causados da differença de vida, que ella e seu marido fazião: ella, toda cheia de Deos, desejava conformar a vida de todo ponto com sua santa Lei; elle, todo dado ao mun-

do, encontrava-a terrivelmente. Daqui nasciáo todos os desgostos. Tinha por costume esta honrada dona, quando se via cercada de trabalhos, afogal-os todos, e sumil-os no golfo da paixão de Christo; e desta maneira ficava com victoria delles. Antes que morresse, contou ao Santo Fr. Henrique seu filho, que por espaço de trinta annos, nunca se achára no Santo sacrificio da Missa, que não chorasse agramente de piedade e compaixão dos tormentos de Christo, e de sua magoadissima mãi. Disse mais, que lhe acontecêra algumas vezes chegar a adoecer de puro amor de Deos (sem haver outra causa, tão excessivo e sem medida era o que lhe tinha) e que doze semanas estivera em cama sem outro mal mais, que saudades de Deos tão vivas e acesas, que até os Medicos lhas entendião e se edificavão assás. No derradeiro anno de sua vida, entrando a Quaresma, foi-se um dia a uma Igreja, onde havia um retabolo, em que estava figurado de relevo o descendimento da Cruz. Alli lhe foi communicada á vista daquellas figuras alguma parte da intensissima dôr, que a Sagrada Virgem sentio ao pé da Cruz por maneira, que tambem a sentia, e padecia; e foi tamanho o impeto das dòres, que desta lhe recrescerão de pura compaixão e piedade, que o cora-

ção quasi lhe estalava no peito por maneira, que de a desampararem as forças naturaes, caío por terra desmaiada, e ficou sem falla, e sem vista, e sem dar fé de nada. Neste estado a levárão para casa, e nella esteve sem se levantar da cama, nem fallar palavra, até a sesta feira da Semana Santa. No qual dia, ao tempo que se cantava pelas Igrejas a Paixão a horas de Noa, espirou. Estava então o Santo Fr. Henrique, seu filho, em Colonia estudando. Appareceo-lhe a bemaventurada mãi em revelação, e cheia de estranha alegria disse-lhe: Rogo-te, filho, que ames sempre a Deos, e tem por certo, que nunca te desamparará em nenhum trabalho, que te venha. Vês-me aqui, já vou fóra do mundo, e não sou morta, antes agora viverei eternamente com Deos. Então beijando o filho amorosamente na face, e lançando-lhe a benção de coração, desappareceo. Elle derretia-se em lagrimas, e bradando apoz d'ella dizia: O' santa, e amicissima mãi minha, sede-me boa amiga diante de Deos. E assim chorando e soluçando tornou em si. Sendo Fr. Henrique mancebo, foi-lhe forçado ir-se do Convento, em que morava, á outra terra a estudar: foi Deos servido dar-lhe por companheiro nesta mudança um homem muito virtuoso, e que lhe foi sempre ver-

dadeiro amigo. Um dia assentados ambos juntos, e tendo fallado de Deos grande espaço, tirou-o o amigo de parte, e pedio-lhe em segredo pela fé e obrigação, que um ao outro se tinhão, lhe mostrasse as letras do sagrado nome de JESU, que tinha esculpidas no peito. Defendia-se o Santo, e escusava-se. Mas em fim respeitando sua grande devoção houve de condescender com elle, e descobrindo o peito deu-lhe licença para ver bem á vontade aquella rica joia de seu coração. Do que elle não satisfeito, depois de o ter de espaço contemplado, e notado quão claramente estava escrito aquelle Divino Nome, tocou-o tambem com a mão, e chegou-lhe o rostro, e em fim pondo-lhe a bòca começou a derramar muitas lagrimas de devoção de modo, que banhava com ellas o peito do Santo. Depois disto teve o Santo tamanho segredo neste nome, que nunca mais consentio ver-lho ninguem, senão foi uma só vez um grande servo de Deos, que do mesmo Senhor teve licença para o ver. Quando o vio teve os mesmos effeitos de devoção. Havendo estes dous companheiros continuado, largos annos, sũa amizade, e conversação espiritual, quando se houverão de apartar, despedirão-se um do outro com grande amor, e con-

certárão entre si, que fallecendo qualquer delles, o que ficasse vivo, pelo fraternal amor, com que se amavão, dissesse cada semana duas Missas pelo defunto, e fosse uma de defuntos á segunda feira, outra da Paixão á sexta. Dahi a muitos annos veio a morrer o amigo, e o Santo Fr. Henrique esquecido da promessa das Missas não lhas disse; mas com tudo lembrou-se sempre fielmente delle em suas orações. Estando pois o Santo uma manhãa sentado em sua cella, e quasi em extasi, appareceo-lhe o companheiro em revelação, e com voz queixosa e magoada: Ah, disse, que pouca verdade a vossa? Ah, irmão, e como vos esquecestes de mim! Respondendo Fr. Henrique, que cada dia se lembrava delle em seus sacrificios, replicou, que não bastava, mas que lhe havia de pagar a divida das Missas, que lhe promettêra, e cumprir sua palavra, para que, descendo ao Purgatorio, o sangue innocente de Christo lhe matasse o fogo cruel, em que penava, que com isso não tinha duvida, que logo sairia daquelle lugar. Cumprio o Santo inteiramente sua obrigação com grande pezar do esquecimento, que por elle passára; e o amigo foi em breve livre da pena.

CAPITULO XLVI.

Como appareceo Christo ao Beato Fr. Henrique em figura de Serafim, e o insinou a padecer.

POz-se o Santo certo dia diante de Deos em oração mui fervorosa e de grande efficacia, pedindo-lhe que o insinasse a padecer. E appareceo-lhe em revelação uma similhança de Christo Crucificado em figura de Serafim, que tinha seis azas, duas que lhe cobrião os pés, e duas as mãos, e outras duas, com que voava. Nas duas mais baixas estava escrito: Toma a tribulação de vontade. Nas do meio se continha: Leva a cruz com paciencia. Nas duas mais altas se devisava claramente: Apprende a padecer ao modo de Christo. Contou Fr. Henrique esta visão a uma Santa Donzella, a qual, tanto que lha ouvio, respondeo o seguinte: Sabereis, meu Padre, que tendes perto novas cruzes e tormentos, que convém sofrer, pois Deos assim quer. Brevemente sereis eleito Prior, para que vossos contrarios vos possão chegar mais de perto, e offender-vos mais pesadamente: armai-vos de sofrimento, confórme

a lição, que tomastes nesse Serafim. Aconteceo pois, que no Convento, em que o Santo então era morador, não tinha entrado havia tres annos esmola de pão, nem de vinho de parte nenhuma, e assim estava mui individado. Houverão os Frades seu conselho: fazem Prior a Fr. Henrique sem lhe valerem escusas, nem a resistencia, que fazia, vendo já contra si armada a perseguição com a grande falta, e carestia, que havia de tudo. O dia seguinte chamou os Frades a Capitulo, e juntos amoestou-os, que se encommendassem a S. Domingos, pois elle promettêra aos seus Frades de lhes acudir e dar remedio, se nas necessidades se quizessem valer de sua ajuda. Estavão naquella junta dous Frades sentados perto delle, os quaes disserão algumas cousas de murmuração delle. Mas o Santo perseverando em seu preposito, tanto que amanheceo, mandou cantar uma Missa de S. Domingos, para que lhes acudisse com o mantimento de que tinhão necessidade. Estando em pé no Côro, e engolfado em muitas imaginações, veiolhe dar recado o Porteiro, que o buscava um Conego. Era o Conego homem rico, e particular amigo do Santo. Quando chegou a elle disse-lhe: Tenho sabido, Padre e Senhor meu, que estais em falta do que

cumpre para manter esta Casa; e fui avisado esta noite do Ceo, que em nome de Deos vos soccorresse. Por isso em principio de ajuda vos trago estas vinte libras de moeda de Constancia, e confiai em Deos, que não vos ha de desamparar. Ficando o Santo cheio de alegria, recebeo o dinheiro, e mandou logo comprar trigo e vinho, e assim com o favor de Deos, e do Padre S. Domingos governou, e proveo a Casa abastadamente, em quanto foi Prior, e negociou que a não obrigassem ao pagamento das dividas passadas. Este mesmo Conego, estando para morrer, deixou em seu testamento grossissimas esmolas para se distribuirem por varias partes á disposição e alvedrio do Santo. E mandando-o chamar, porque o Mosteiro, em que servia de Prior, era na mesma terra, entregou-lhe uma boa quantidade de moeda em ouro, para que elle a repartisse por outros lugares, entre pessoas pobres, e virtuosas, que por aspereza de vida penitente estivessem já inutiles, e sem forças para trabalhar. Muito contra sua vontade acceitava o Santo este dinheiro, arreceando as perseguições, que depois lhe causou. Mas em fim levou-o vencido da amizade; e pondo-se a caminho, semeou-o, como promettêra ao amigo, por onde esperava seria mais pro-

veitoso á sua alma, e teve cuidado de o fazer com testemunhas dignas de fé, e dando estreita conta de tudo a seus superiores. Mas não bastou nada para deixarem de se lhe levantar daqui grandes contrastes. Porque o Conego tinha um filho bastardo, o qual, depois que desbaratou e consumio toda a fazenda, que o pai lhe deixou, desbaratou tambem a vida e a alma. E assim deu em pertender com termo e cobiça desenfreada o dinheiro, que o Santo recebeo. Vendo-se desesperado delle, mandou-lhe affirmar com juramento, que onde quer que o topasse o havia de matar. E tal foi o odio, que lhe tomou, que nunca ninguem o pôde mitigar por mais que se tentou. Em fim elle se determinou de todo em todo matar o Santo, o qual, vendo o perigo, e vivendo em contínuos receios, não ousava saír por fóra livremente com medo da morte; e levantando os olhos a Deos dizia suspirando: Ah, Senhor, que genero é de morte o que determinais, que desestradamente me acabe? Accrescentava-lhe a desconsolação saber, que havia pouco, que em outra Cidade fôra morto um Frade honrado por causa similhante. Nunca o affligido Santo achou ninguem que se atrevesse, ou quizesse valer-lhe neste enfadamento, pelo muito que obrigava a

todos a ousadia e desatino do mancebo. Finalmente tornou-se a Deos, que o livrou, acabando com morte acelerada um corpo rijo e robusto, e na flor da idade, qual era o de seu adversario. Para este mal não ficar singelo, ajuntou-se-lhe outro bem duro de levar. Havia certo Collegio, a quem o Conego tinha dado muito de sua fazenda, com que não contentes os collegiaes pertendião o dinheiro, que déra ao Santo; e porque lh'o negou, accommetterão-no com animos danados, e pozerão-no em estado de ficar por barreira de quantos o querião maltratar. Sendo assim que o infamarão entre seculares e religiosos, publicando com sentidos torcidos e intrepretados á peior parte quanto fizera ém sua vida, e espalhando tudo pela terra entre toda sorte de gentes, por maneira, que fizerão que pelo mesmo, que para com Deos estava isento de toda culpa, andasse mal julgado diante dos homens; e se o negocio c'o tempo se ia apagando ou esquecendo, tornavão-no a atiçar de novo, e não cessárão muitos annos até deixarem o Santo bem moido, e atropellado. No tempo que assim andava perseguido, appareceo-lhe muitas vezes o Conego vestido ricamente em uma roupa verde, toda semeada de rosas encarnadas, e disse ao Santo, que estava

e

bem; e encommendou-lhe, que levasse com paciencia a cruel semrazão, que por sua causa lhe fazião, ficando certo, que por Deos seria larguissimamente consolado. E perguntando o Santo, que significava aquelle formoso vestido, que trazia, respondeo assim: As rosas vermelhas em campo verde signifieão os trabalhos, que padeceis, e o sofrimento com que os passaes, que são duas cousas, com que vós me ataviastes da maneira, que vedes, e por ellas vos vestirá Deos eternamente de si mesmo.

CAPITULO XLVII.

Em que o Beato Fr. Henrique ensina com um successo seu, quão necessario é peleijar valorosamente, quem pertende alcançar vitoria espiritual.

NOs principios de sua conversão desejava Fr. Henrique por extremo contentar a Deos, mas queria que fosse sem trabalho, nem pena sua. Aconteceo pois que, saíndo uma vez a prégar pela comarca do lugar, onde morava, entrou em uma náo no lago de Constancia, e topou nella entre outros com um mancebo mui gentilhomem, e louçãa-

mente vestido. Chegou-se para elle o Santo, e começou-lhe a perguntar quem era, e do que vivia. Ao que o mancebo respondeo, que seu officio era assistir entre fidalgos em justas, e torneios, e ensinar este, e outros exercicios. E ajuntou mais, que estes taes erão mancebos, que servião formosas damas; e o que entre todos se mostrava mais esforçado, ficava com a victoria, e se lhe dava a honra, e o preço della. Perguntando o Santo qual era o preço, respondeo: que a dama, que em graça e gentileza, se avantajava a todas, as que erão presentes, lhe mettia um annel d'ouro no dedo em premio de seu esforço. Inquirindo mais o Santo, que cumpria fazer a quem pertendesse alcançar esta honra. A honra, disse, ganha só aquelle, que sofre mais pesados golpes, e maior trabalho sem cansar, nem quebrar de animo, antes cada vez se mostra mais duro e mais inteiro, e deixando-se ferir de todos não se dobra, nem abala com nada. Dizei-me, rogo-vos, tornou o Santo, se basta saír um homem bem da primeira afronta. Não, respondeo, antes é forçado manter o jogo até o cabo. E ainda que cáião tantos golpes sobre elle, que lhe fação saír fogo pelos olhos, e rebentar o sangue pela bôca e narizes, tudo ha de sofrer, se quer ficar com honra. Replicou

outra vez o Santo desejoso de lhe não ficar nada por saber. Sofre-se, dizei-me, chorar um homem, ou torcer o rostro, em quanto dura a força desse combate? Por nenhum caso, disse o mancebo; e ainda que o coração lhe morra dentro no corpo, como a muitos acontece, convém fazer semblante alegre. Porque do contrario lhe nasceria ficar um alvo de toda a zombaria e riso, e perder a honra e o annel. Tendo Fr. Henrique ouvido as cousas, que temos contado, obrigárão-no ellas a entrar em si, e dando um suspiro saído d'alma disse: Ah soberanissimo Deos, digno só de ser servido sobre toda outra cousa, se os cavalleiros deste mundo se obrigão a padecer tanto por tão fraca paga, que em fim não é em si nenhuma cousa, quanto mais razão será, que entremos em móres afrontas por alcançar a gloria eterna! O' quem fôra merecedor, piedosissimo Deos, de estar assentado nos livros da vossa espiritual milicia! O' formosissima, ó Eterna Sabedoria, com cuja graça, e boa sombra não ha no mundo cousa, que tenha comparação. Se vós me quizesseis dar este annel, acceitára eu a essa conta padecer tudo quanto vós mandareis. E começou a chorar com grande fervor. Mas tanto que chegou ao lugar para onde caminhava, vierão sobre

elle tantas, e tão bravas tribulações, que quasi chegava a desesperar de Deos; e muita gente chorava de lastima delle. E um dia, perdida toda a memoria da valorosa e incansavel milicia, a que com tanto gosto se offerecêra com lagrimas em fio, e algum tanto impaciente contra Deos, poz-se a imaginar que razão haveria para Deos o tratar tão mal. Na manhãa seguinte, antes de esclarecer o dia, estando sua alma em um roubo dos sentidos gozando de uma saborosa paz e quietação, sentia que interiormente lhe fallava uma voz desta maneira: Onde está agora aquella excellente milicia, que professastes? aquelle valor estremado, que promettias? Assim passa soldado de palha, e homem de trapos, ou vilmente envolto nelles, grandes confianças na bonança; e em se toldando o tempo, logo espiritos quebrados, logo autos mulherís Não se alcança por certo desse modo aquelle eterno annel, que tu desejas. Verdade é, respondia o Santo; mas, Senhor, as batalhas, em que me vós metteis, e em que convém engeitar-me eu a mim, e largar-me em vossas mãos aturando o peso dellas, são demasiadamente continuas. A isto se lhe deu de improviso esta resposta: Pois tambem a honra, a gloria, e o annel dos meus soldados, a que eu

houver de honrar, é tudo perpetuo. Caindo o Santo na conta com estas palavras, e convencido dellas disse com grande humildade: Digo minha culpa, Senhor meu; rogo-vos sómente que me deixeis fartar de chorar, já que este meu coração totalmente não póde ter as lagrimas. Mas o Senhor: Ah vergonha, disse, queres chorar como mulher? Deshonrar-te-has de verdade diante de todos os Cidadãos do Ceo. Alimpa os olhos, faze bom rostro, que nem Deos, nem os homens entendão de ti, que choras de attribulado. Começou então a rir um pouco, correndo-lhe todavia as lagrimas em abundancia, e prometteo a Deos de não chorar d'alli em diante mais, para poder merecer e alcançar o annel espiritual.

CAPITULO XLVIII.

Como, prégando o Santo, lhe resplandeceo o rostro como o Sol.

PRégava o Santo Fr. Henrique uma vez em Colonia mui de proposito e com grande fervor, e estava presente um novo soldado da milicia de Christo, entrado de poucos dias no caminho da perfeição, o qual andava

assás atribulado. Estando este homem c'os olhos e attenção promptos no Santo, vio com os olhos d'alma trocar-se-lhe o rostro em uma claridade por extremo agradavel; e notou, que tres vezes ficára tão resplandecente e claro, como é o Sol, quando o ar está mais puro. De maneira, que sem nenhum estorvo se pôde estar vendo nelle, como em um espelho. Teve poder esta visão para o deixar assás consolado e animado em seu trabalho, e para o confirmar na santa vida, que começava a emprender.

CAPITULO XLIX.
e ultimo.

Da devoção, que o Beato Fr. Henrique tinha ao saudavel nome de JESU.

PAssando Fr. Henrique de Allemanha a alta para Aquisgrano em romaria a uma imagem da Virgem gloriosissima Senhora nossa, que naquella Cidade ha de muita devoção. No tempo, que se tornava, appareceo a mesma Senhora a uma santa donzella, e disse-lhe: Eis que é vindo o Ministro de meu Filho, e deixa espalhado por toda parte

seu suavissimo Nome com fervor admiravel, como antigamente fizerão seus Apostolos. Que assim como elles desejavão persuadir ao mundo todo a fé Christãa, e dar-lhe a conhecer aquelle Santo Nome; assim Henrique se occupa, e emprega todo em o entranhar em todas as almas frias com um novo ardor e caridade, e em fazer, que esteja vivo e aceso nellas. Pelo que depois de sua morte tambem terá seu galardão com os Santos Apostolos. Passado isto, tornando a donzella a pôr os olhos na Senhora, vio que tinha na mão uma formosa candea, que ardia com tanta claridade, que allumiava toda a terra, e toda em roda estava semeada de umas letras, que continhão o Nome de JESU. Disse então a Mãi de Deos para a donzella: Esta candea acesa significa o Nome de JESU, nome, que na verdade é luz de todos os corações, digo daquelles, que devotamente o agasalhão e venerão, e o trazem comsigo com affectos de amor e piedade Christãa. E a este fim escolheo meu Filho a Henrique por seu Ministro, para que por seu meio e cuidado tome seu nome fogo com chammas de alvoroço, e devoção em muitas almas, que ganhem dahi avantajarem-se no caminho de sua salvação. Esta mesma donzella, depois que notou

em muitas cousas, ter o Santo, que era seu Padre espiritual, uma maravilhosa fé e devoção neste suavissimo Nome de JESU, como quem o esculpíra com suas mãos na propria carne sobre os peitos, começou tambem a amal-o vehementissimamente; e tomando um pequeno panno, bordou-o nelle com uns fios de seda carmesim, querendo trazel-o comsigo secretamente. E por este modo fez um numero infinito de nomes, e acabou com o Santo, que os tocasse todos em seu peito. E depois lançando-lhe a benção os mandasse por toda parte a seus confessados. Teve depois esta Santa uma revelação, em que foi avisada da parte de Deos, que toda a pessoa, que por aquella ordem trouxesse comsigo o sacratissimo Nome de JESU, e á sua honra rezasse cada dia a oração do *Pater noster*, o mesmo Senhor a trataria com amor nesta vida, e usaria de misericordia com ella na outra. Sirva-se Christo JESU nosso bem de nos fazer a todos esta mercê. Amen.

SERMÃO I.

DO

Santo Fr. HENRIQUE SUSO,

DA ORDEM DOS PRÉGADORES:

De como se venceráõ algumas tentações molestissimas aos que de novo se tornão de véras a N. Senhor.

Traduzido de Allemão em Latim

POR

Fr. Lourenço Surio,

CARTUSIANO:

E agora de Latim em Portuguez por um Religioso da Ordem dos Prégadores.

Lectulus noster floridus.

ALguns ha que são vexados de perplexos escrupulos de consciencia, e grandemente atormentados não admittem remedio, nem querem seguir conselho; com o que não dão lugar, a que o Senhor JESU faça em seus corações morada, pela sua grande in-

quietação, a qual deveráõ lançar de si muito longe. Quer o Senhor JESU ser agasalhado em consciencia pura, variada de diversas flores de virtudes: e com quanta rasão; porque quão dissimilhante é um leito, ou prado cuberto de rosas, lirios, e varias flores para se nelle descansar suavemente, do campo inculto cheio de espinhos, cardos, e abrolhos, tanto differe da consciencia de um animo desordenado da de uma alma bem concertada. As dilicias do Senhor são descançar em morada de flores; o que bem o entendeo a Esposa Santa nos Cantares quando desejando gozar dos amorosos abraços do Esposo disse: *Lectulus noster floridus.* Como se dissera: O thalamo está fechado e perfeito, o leito de nosso amor é cuberto de flores: vinde pois amigo desejadissimo, que já não falta mais, que fazerdes, que esta alma descance nos braços de vosso immenso amor.

Porém alguns homens ha, cuja consciencia não é ornada de flores, mas tem o coração feito um mortorio de esterco, e immundicias; estes são aquelles, cujos vicios se desaforárão, gente entregue aos vãos pensamentos e honras do mundo, dos quaes não ha que tratar em este lugar.

Outros ha que padecem tentações occultas dentro no interior de suas almas, as quaes

ainda que sejão muitas, entre todas com tudo ha tres tão molestas e pesadas, que outras se lhe não podem comparar. A primeira é desordenada tristeza, a segunda demasiada afflicção, a terceira grande e vehemente desconfiança de remedio.

Quanto á primeira é necessario saber, que o homem ás vezes é opprimido de tão grande melancolia, que nem vontade tem para obrar cousa boa, nem ainda forças, e o que mais é, que nem conhece o que lhe falta, nem percebe a causa da dòr que padece, inda que faça muito pela descobrir. Este sentimento parece que quiz em si declarar o Santo Rei David quando disse: *Quare tristis es anima mea, et quare conturbas me?* Como se dissera: Alguma cousa te falta, mas nem tu, alma, sabes o de que necessitas. Espera em Deos, e melhorarás, porque ainda lhe hei de cantar louvores com gosto. Esta tristeza muitas vezes nasce da complexão natural, o que é para sentir, porque a muitos faz deixar o bem que começárão. Pelo que é certo, que a nenhum dos nascidos é mais necessaria uma invencivel constancia e fortaleza de coração, que áquelles que se apostão a entrar em batalha com os vicios, com animo da alcançarem delles victoria: porque se o homem estiver

no animo bem firme, ajudado da graça do Espirito Santo, que molestia corporal haverá, que o possa enfraquecer? e pelo contrario, como poderá viver se continuamente trouxer o coração apertado de afflicções, e carregado deste deleixamento? Pelo que deve cada um procurar com todo o cuidado livrar-se deste mal. E se me perguntarem como se poderá ver livre delle, notem bem o exemplo, que se segue :

A um Ministro da Sabedoria Eterna no principio de sua conversão accommetteo com tanta força este desordenado affecto de tristeza, que nem podia ler, nem orar, nem fazer alguma outra obra boa. Este pois um dia, estando sentado na sua cella, grandemente opprimido deste mal, e com grande dôr e magoa, ouvio uma voz de cima, que lhe dizia intelectualmente: Que estás aqui assentado ocioso consummindo-te em ti mesmo? levanta-te, e põe-te a meditar com devação na minha morte e paixão; e com a memoria das dôres, que nella padeci, se te alliviará este tormento. O que ouvindo aquelle Religioso levantou-se, e pôz-se a meditar na Paixão de JESU; e do ponto, que começou este exercicio, lhe foi mezinha tão saudavel que nunca mais sentiò similhante aflicção, que, valendo-se do remedio Divino, não fosse alliviado.

Outra tentação interior é uma agonia, e aperto do espirito: os que padecem este mal chegão a conhecer que lhes falta alguma cousa, isto é, que não estão bem confórmes com a vontade de Deos. Nasce este vicio do fazerem mais caso, do que convém, daquillo de que se não deve fazer conta, especialmente da afflicção, que por permissão Divina interiormente padecem. Quatro são as afflicções, que podem molestar o coração humano, as quaes ninguem póde crer quão duras sejão, senão quem as experimentou, ou a quem nosso Senhor deu espirito para as entender.

Por quanto no em que devião estes miseraveis sentir algum allivio, que é em se tornar a Deos, ahi são mais gravemente atormentados, vindo-lhe então os mais perversos e abominaveis pensamentos contra Deos: porém estas tentações não são pesadas porque causem algum mal grande na alma, mas por causa da grande molestia, que dellas se recebe, com que atravessão o coração.

São pois estas tentações duvidas, e pouca firmeza na fé, desesperação da Divina Misericordia, pensamentos de blasfemia contra Deos, e seus Santos, e sobre tudo desejos de se tirar a vida por suas mãos: de todas as quaes não determino tratar, mas só

da que está em segundo lugar, da desesperação da Divina Misericordia.

Esta desesperação póde nascer de tres causas, de não saberem bem considerar, que cousa é Deos, que cousa seja peccado mortal, e que cousa seja contrição verdadeira.

Deos é fonte de Misericordia, que não se póde esgotar; e de natural tão benigno, que nunca póde haver mãi tão pia, que vendo um filho de suas entranhas no meio de uma fogueira lhe acuda com mais pressa, nem maior vontade ao tirar do fogo, do que Deos acode a receber um peccador arrependido, ainda que, se fôra possivel, tivera cada dia muitos milhares de vezes commettido todos os peccados do mundo. Donde vem logo, ó benignissimo Senhor, que sejais para alguns tão amavel, e que algumas almas tanto sem par se alegrem em vós, e recebão de vós tantos jubilos espirituaes? Por ventura attribuir-se-ha isto á sua innocencia? não por certo: mas como conhecem bem suas culpas, e quão indignos são de pôrdes os olhos nelles, e que sem embargo de tudo, sem terdes necessidade de ninguem, vos communicais tão liberalmente, dando-vos a vós proprio, conhecem que esta é a causa, por que vos sentem em seus

corações Senhor tão grande e tão suave. Porque na verdade tão facil vos é perdoar um, como mil talentos; dar perdão a um só, como a innumeraveis peccados mortaes. Vence sem falta esta vossa benignidade e clemencia a toda a liberalidade e mansidão, porque nem estes, que isto conhecem, poderáõ nunca dar-vos as devidas graças; por isso derretem suas almas, e corações em vossos louvores: estes sem falta são para vós de maior honra e louvor, do que se nunca peccárão, vivendo com frieza e com menos amor, como se póde bem provar com as Escripturas, porque não attentais (como diz S. Bernardo) o que o homem foi, senão o que deseja ser com affecto de seu coração. Pelo que todo aquelle, que vos negar o perdoardes peccados, ainda que seja por tantas vezes, quantos são os momentos do tempo, sem falta é roubador e ladrão de vossa grande honra. Porque o peccado vos trouxe do Ceo á terra, a vós, digo, Redemptor tão piedoso, e tão amavel, que em todos os momentos com grande promptidão estais aparelhado para nos receber á vossa graça.

Quem por esta razão souber ponderar o quem Deos é (dê-se David por fiador) não poderá desconfiar de Deos, nem desesperar de sua Divina Misericordia.

O segundo, que não sabem considerar, é, que cousa seja peccado. Na verdade aquillo só se ha de ter por peccado no que o homem com deliberação certa, com advertencia, e vontade, sem reclamar a razão se quer apartar de Deos, e passar á maldade.

Mas se uma alma ainda em todos os momentos lhe vem máos pensamentos, posto que sejão tão encerrados, que nem o coração humano os possa formar, e tão feios, que nem a lingua os possa pronunciar, do que quer que sejão, ou de Deos, ou das creaturas: e posto que este homem ande um e outro anno, e muitos annos neste estado, sem os poder nunca lançar de si, como os aparte com a razão superior, e lhes resista e repugne de sorte, que nunca lhes dê consentimento com plena deliberação, e inteira vontade: e posto que ande a braços com o peccado quando a natureza padece este trabalho, seja certo que nunca commette peccado mortal: o que se póde provar com as Sagradas Letras, e sentenças da Igreja Catholica, pelas quaes nos ensinã o Espirito Santo.

Mas fica aqui escondido um aperto, que é um subtil fio, que aqui póde haver: este é, de aquelle a que vem um máo pensamento destes lhe dá olhos com alguma deleitação,

a um pouco esquecido de si não tira delle tão de pressa o animo, porque cuida que por isto só consentio deliberadamente, e que sem temor do mal, que se faz, assim commetteo peccado mortal: o que estamos mui longe de crer, por quanto é parecer de muitos Santos Padres, que sobrevindo-nos grande importunação de pensamentos máos, muitas vezes a razão se move com a deleitação, e não por pouco espaço, mas por tempo largo, primeiro que a propria razão possa fazer inteira deliberação errada, e que então, se admittir, ou rejeitar os taes pensamentos se dirá que póde commetter peccado mortal, ou resistir.

O que como seja certo, não ha para que tenhão estes para si, que commettêrão peccado mortal, se é que querem dar crédito interior á doutrina catholica. S. Agostinho diz: que o peccado é tão voluntario, que se não fôr voluntario, não será peccado, d'onde affirmão os Doutores, que se só Eva comera, sem Adão consentir com ella na culpa, nenhum damno se nos seguíra. Da propria maneira, por mais pensamentos máos que se levantem na parte sensitiva, se a razão lhes não der seu favor, e consentimento, nunca podem fazer peccado mortal.

A terceira cousa, que lhes empece a estes, é que não sabem ponderar, que seja verdadeira contrição. É a contrição uma virtude, que livra o homem de seus peccados, se for junta com a discrição devida. Porque a contrição indiscreta (como diz S. Bernardo) desagrada a Deos. Judas que vendeo a Christo Senhor nosso, e Caim que matou seu Irmão, ambos se confessárão peccadores, mas desesperárão, e assim não lhes faltou penitencia e dôr de seus peccados, mas foi sem o modo e ordem, que convinha. Um disse: Pequei entregando o sangue do justo. Outro: É tamanho o meu peccado, que não merece perdão, é maior o meu peccado que todo o perdão. Assim dizem muitas vezes estes, de que imos fallando, com desordenada contrição. Mal é vivermos: ó se já acabaramos? E muitas outras cousas deste genero, com que mais offendem a Deos, que com os proprios peccados, que temem commetter.

Aquelle pois, que deseja alcançar verdadeira contrição e penitencia de suas culpas e peccados, por mais torpes e inormes, que lhe pareção, seja em si humilde, aborreça-os de todo coração, e tenha firme confiança em Deos nosso Senhor, que elle como verdadeiro medicó de nossas almas só lhos póde

curar. Daqui veio dizer a Sebedoria Eterna: Filho, na tua fraqueza não te desestimes a ti, mas roga ao Senhor, que elle te curará: não será grande fatuo aquelle que, porque vê lhe falta um olho, se arrancar o outro por suas proprias mãos?

Seis cousas porém se podem e devem considerar nestes medrosos corações, que nelles se soem achar. A primeira, que tendo o juizo mui errado e alheio da verdade, não querem dar crédito a quem devem seguir, e muito menos áquelles, que lhes dão razões, com que puderão receber consolação e allivio, dando pelo contrario inteiro crédito áquelles, que lhes dizem cousas, com que se lhe agrava o mal e a molestia, que padecem; o que lhes succede por causa da dôr, que trazem na alma quasi continuamente. Tambem em outro mal, que declarão facilmente todos os seus trabalhos e a causa, com pretexto de pedir consolação e ajuda, e não convém ser assim, pois é certo que pouco, ou nenhum proveito tirão de aqui; antes quando buscão muitos mais remedios para seu mal, tanto mais força toma a afflicção, que padecem, fôra-lhes bom conselho buscar algum varão temente a Deos de letras e experiencia, a quem se entregassem de todo o coração, dando-lhe

inteiro credito sem replica, nem genero algum de duvida, porque no juizo fina'a este, e não a elles pedirá Deos conta de suas almas, se pelo menos de sua parte fizerem o que nelles é, para seu remedio.

O segundo, que os inquieta, é um medo continuo e vão de nunca lhes parecer que se confessão bem, por mais letrado que seja o confessor, que os ouve: tambem estes, por mais que trabalhem quanto em si é, nunca chegão a ter a verdadeira tranquilidade de animo, e paz de coração: a causa é, porque não sabem muitas vezes que peccados hão de confessar expressa e distinctamente. Certo é que só os peccados mortaes se hão de confessar, digo, é necessario confessar expressa e distinctamente; dos mais basta fazer uma mensão geral. E como quer que nas tentações, de que temos dito, não ha peccado mortal, não é necessario, nem convém que os confessem todos pelo miudo expressamente; basta dizel-os em geral segundo a prudencia do confessor; porque esta escrupulosidade de confessar tudo pelo miudo é traça do demonio para tirar a paz da consciencia e quietação da alma; e por tanto se lhe deve resistir com todas as forças; pois vemos que quanto mais se obedece a estes escrupulos, tanto mais crescem, e tanto mais embaraçada fica a consciencia.

O terceiro erro d'estes, que muito penoso se lhes faz, é que querem ter sciencia, e certeza igual das cousas, em que a não póde haver; querem saber de certo se tem, ou não tem peccado mortal, sendo cousa averiguada segundo nossa fé, que ninguem, por mais Santo que seja, póde nesta vida saber se está em graça, se Deos lh'o não revelar. O que basta nesta parte é, que feito diligente exame de consciencia, não se ache nella peccado mortal certo. Assim que querer saber isto com maior certeza, nasce de ignorancia, como se um menino quizer saber o que o Rei tinha no seu coração. Por tanto assim como o doente tem obrigação de crer ao medico do bem, ou mal de sua enfermidade, como aquelle que melhor entende a doença do proprio enfermo, assim os homens desta laya tem obrigação de crer, e obedecer em tudo a um confessor prudente.

O quarto erro destes é que são tentados de impaciencia contra Deos, a qual procede da mesma afflicção, que padecem; porque como não são provados em outros trabalhos, acontece-lhes o que a um cavallo duro do freio, indomito, atado ao coche, o qual, depois de muito coucear por se livrar, de cansado vem a se sogeitar, e pouco a pouco

amansa das primeiras furias. Assim estes em quanto se oppõem ás suas afflicções trabalhando muito por se livrar dellas sem acabarem de se sogeitar, e resignar de todo á divina vontade, confórmes em sofrer estas cousas quanto for ordem de Deos, são por isto gravemente atormentados; nem se podem livrar dellas, porque não póde ser menos que padecel-as, até que Deos ponha os olhos em seu trabalho e sofrimento, o qual só sabe quando lhes convém serem livres dellas. Pelo que nenhuma cousa é mais necessaria para remedio deste mal, que resignar-se e offerecer-se uma alma com grande humildade, para as sofrer em quanto for vontade do Senhor, e pedir-lhe ajuda com paciencia, valendo-se das orações dos bons.

O quinto erro, e o maior engano em que andão, é querer responder a todos os máos pensamentos, crendo-os, e respondendo-lhe, e com razões procurar convencel-os, vindo a disputa com elles. O que se deve evitar com grande cuidado; porque pelo mesmo caso que se põe a lutar com os taes pensamentos, se embaração, e deixão perder de sorte, que lhe não fica saída por onde lhes possão escapar.

Pelo que o mais acertado e seguro conselho é, tanto que vier um pensamento

destes, sem contenda, nem argumento, e sem pôr algum esforço por lhe resistir, o mais de pressa que puder divertir-se, e pôr o sentido em a primeira cousa que acertar de ver, ouvir, ou conhecer. Como se dissera: lá te havém com teus susurros, que a mim me não tocão; não é a tua maldade para alguem te querer responder. Porque na verdade quanto menos caso se faz destas importunações, tanto mais de pressa se desfazem; e assim se deve repetir este remedio uma, e outra vez, até que fique em uso. Porém estas cousas só as alcanção os que em si as experimentão.

O sexto engano é, quanto mais sagrados são os tempos, e quanto elles de melhor vontade se chegão a Deos, tanto é maior a sua afflicção, de sorte que nem um *Pater noster*, ou *Ave Maria* podem dizer sem estes susurros diabolicos: d'onde os pobres, vindo como em desesperação, deixão a reza, e dizem comsigo: Que me podem aproveitar orações tão cheias de torpezas? No que errão grandemente, e fazem a vontade a seu inimigo, cujo intento não é outro, que fazer com que tenhão pouca estima dos exercicios espirituaes, lhes pareção de nenhum proveito, e por isso os deixem; sendo assim, que a tal oração, ainda com todas aquellas

trovoadas de tentações, e de máos pensamentos, que tanto os atormenta, não é pouco agradavel ao todo poderoso Deos; porque, como diz S. Gregorio, muitas vezes o coração do homem é tão gravemente perturbado, que se não sabe livrar da tribulação, mas no meio dessa afflicção o mesmo trabalho está intercedendo devotissimamente diante dos Divinos olhos pelo proprio coração, que a padece. A mesma amargura da tribulação do coração afflicto, reluzindo nos olhos de Deos, mais de pressa, do que outro exercicio qualquer espiritual, inclina a sua Divina Magestade a este coração afflicto, fazendo-se-lhe força para que mais cedo lhe acuda com seu favor. Por tanto não se interrompa por esta causa obra nenhuma boa, não se deixem orações, nem o ir á Igreja, que é uma das cousas que mais molestia dá aos demonios. Porque o que falta ao assim perseguido na pureza da oração, isso se suppre com a molestia da afflicção, a qual por isso grandemente contenta ao piedoso Senhor. Porque muitas vezes ouvimos melhor, e com mais tenção, aquelles, que por fraqueza escassamente podem lançar uma palavra pela bôca, que aquelles, que com inteiras forças, e voz nos pedem; sendo assim que quanto mais largamos o exercicio

da oração, tanto mais nos accommodamos com o inimigo de nossas almas.

Porém sendo certo, como temos provado, que nestas afflicções não ha peccado, é para perguntar a causa, por que Deos nosso Senhor deixa atormentar tão gravemente os que as padecem; aos quaes não apontareis pena, ou tormento corporal, que de boa vontade não acceitem por se ver livres desta tentação de desesperação. Na verdade estes e alguns simplices sem experiencia persuadem-se, que isto não é sem culpa sua: mas o contrario se mostra bem claramente, advertindo que tambem padecem este trabalho muitas pessoas de grande virtude, e santidade conhecida, como se vê por experiencia, além do que os Santos escrevem e testificão. E pelo contrario vemos homens de consciencias perdidas e torpes, sem nenhuma perturbação, nem inquietação interior, sendo assim que até nos meninos muitas vezes acontece verem-se estes trabalhos, antes de poder haver nelles peccados graves.

Pelo que se alguem depois de haver tomado o habito de alguma Religião, ou depois de conhecida a verdade, por culpa sua vier a padecer estas tribulações, deve dar por ellas muitas graças a Deos: porque, como as Sagradas Letras nos ensinão, é grandissimo

signal, e prova do amor Divino não deixar por muito tempo succederem as cousas á vontade dos peccadores, mas applicar-lhe logo em continente o castigo.

A causa por que o sapientissimo Senhor com esta tenção de desesperação queira antes abater a soberba destes, quebrantando-os e domando-os mais com esta tribulação, que com outras, isso é segredo de sua alta providencia, o que tambem devem entender, e confessar os que as padecem; porque como o Senhor tenha bem conhecido os corações dos homens, almas e costumes, como medico fiel applica a cada um a mesinha que mais lhe convem. E se me perguntar alguem de que utilidade póde ser esta tentação de desesperação, com grande certeza digo, que della se tirão muitos e grandes bens espirituaes.

Primeiramente os homens por natureza soberbos, por nenhuma outra via melhor, e menos sem elles o entenderem, podem ser trazidos á humildade verdadeira, mãi de todas as virtudes; porque os que são opprimidos desta tentação pela torpeza e suavidade de seus pensamentos, vem a conhecer a fealdade e enormidade dos peccados mortaes; o que d'antes não conhecião, como provámos ao principio. Cousa certa é, que ter um

homem um só pensamento de vangloria o fará mais disforme diante de Deos, que mil pensamentos, tribulações, e angustias, que declaramos, o que se vê claramente em Lucifer, o qual sem padecer tentação alguma torpe caío feiamente. Permitte pois Deos, que seja um homem vexado desta molestia, para que aquelle, que fôr causa de inchação de seu coração, não se queria conhecer, pelo menos com esta afflicção venha em conhecimento proprio.

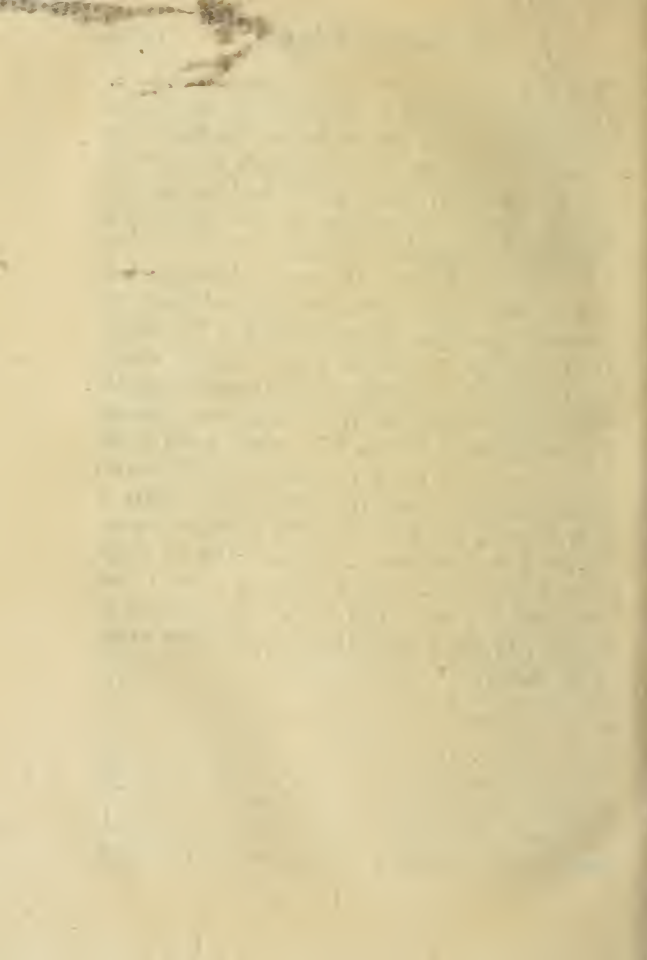
E assim succede que aquelle, que d'antes desprezava os outros, já se tenha por merecedor que todos o desprezem; que cousa lhe pode ser mais proveitosa que esta? ou que cousa o póde mais de pressa tornar a Deos? Porque é impossivel que Deos deixe perder o verdadeiramente humilde.

Pelo que os que padecem esta cruz, assim pelo que nos ensinão as Escripturas, como pelo que consta da mesma verdade, devem, prostrando-se aos pés do Todo Poderoso Deos, dourar esta tão execravel tentação com piedoso fazimento de graças; porque esta afflicção não só tira a um homem da bôca do inferno, mas o levanta até o pôr no Ceo, guardando-o de innumeraveis peccados com lhe dar tanta guerra, que se esqueça de todas as vaidades do mundo; o

que na verdade lhe é o maior proveito, e de grandissima ajuda para se abraçar com as virtudes: porque os que padecem esta tentação são tão vexados della, que vem a tomar por remedio de sua necessidade seguirem a virtude, e nada lhe parece impossivel, com que possão alliviar sua cruz ou esquecer-se do mal que padecem, o que ainda que fação mui de preposito, nem por isso levanta logo nosso Senhor a mão, antes os deixa mais atormentar com a mesma miseria, até que depois de ajuntarem grande celeiro de boas obras, sejão ricos da graça, e de virtudes.

Daqui se deixa bem ver quão suave, e beniguamente a Sabedoria Eterna dispõe todas as cousas, pois se converte por ordem divina em salvação propria, o que muitos tem por sua destruição; além de que se allivia com esta afflicção grande parte das penas do Purgatorio, e não só tira a pena dos que o sofrem com paciencia, mas grangêa merecimento para grande prémio: porque ainda que se conheção culpados em grandes peccados diante de Deos, serão contados entre os martyres singulares, que não póde haver duvida ser esta vexação continua, mais difficultosa de sofrer que o ferro do algoz, que

de um golpe aparta a cabeça dos hombros. Finalmente é cousa averiguada nas Escripturas Santas, e por experiencia consta ser esta vexação argumento de grande amor de Deos a quem o padece, o qual se seguirá grande graça, e revelações de muitos, e mysteriosos segredos divinos.

Por tanto devem as pessoas, de que fallamos, levar este trabalho, não só com paciencia, mas com muito animo e boa vontade, certos que este breve rigor, este, como diz o Apostolo, leve momento de tribulação obrará grande e soberano prémio na gloria. Do que seja boa prova uma Religiosa, que havendo em vida padecido muito nesta parte, appareceo depois de morta a um devoto, dizendo, que lhe servíra de purgatorio tão perfeito, que sem mais se deter fôra logo em morrendo recebida a ver a face de Deos, o que nos dê a nós o Senhor JESU, sendo engrandecido para todo sempre. Amen.

EXERCICIO

DA

ETERNA SAPIENCIA,

NA REALIDADE DULCISSIMO,

REVELADO POR DEOS

AO

Beato Fr. HENRIQUE SUSO,

DA ORDEM DOS PRÉGADORES.

Traduzido de Latim em Portuguez por um Religioso da mesma Ordem.

TOdo aquelle, que deseja ser discipulo amado da Eterna Sapiencia, que é JESU Christo nosso Senhor, e juntamente aproveitar no amor de Deos, guardar-se dos males, sentir os effeitos da graça e benção familiar de Deos, viver bem, morrer ditosamente, de qualquer estado, e condição que seja, ob-

serve com diligencia e cuidado as cousas seguintes, as quaes são tão moderadas e temperadas, que sem difficuldade alguma qualquer pessoa as póde exercitar sem prejuizo do seu estado e condição, porque não contém preceito algum, mas só despertão ao amor de Deos aquelles, que estão como atados de floxidão e perguiça d'alma.

Em primeiro lugar o discipulo da Eterna Sapiencia não só deve apartar de si todo o amor proprio, mas procurar com todas suas forças de lançar de si, e arrancar d'alma todo o affecto desordenado, e torcido a quaesquer cousas da terra, e com isto eleger, e tomar por esposa a Divina Sapiencia: mas se algum se vir tão embaraçado e preso do amor proprio, que lhe pareça muito arduo apartar-se delle, este tal forme um proposito e desejo na sua alma, de que se apartará deste amor nocivo, tanto que em qualquer occasião se sentir tocar da graça e auxilio de Deos efficazmente, e com este proposito comece este exercicio.

Porém aquelles, a quem não tem presos o tal amor proprio, e com tudo são ainda negligentes, e frios no amor divino, estes tomem de novo por esposa a Divina Sapiencia, renovando em si o seu divino amor com fervorosos affectos, de sorte que, se dantes

a servião como a Senhor pelo temor da pena, já daqui em diante estudem agradar-lhe, como a esposa mui querida, unindo-se com ella por ferventissima caridade. Pesando e pensando muitas vezes a grande excellencia, benignidade e formosa presença desta divinissima esposa, ou esposo, confórme lhe for mais suave nomeal-a, pois em Deos não ha differenças de sexos, sendo, como é, espirito purissimo, e simplicissimo. O'uma, e muitas vezes ditosos aquelles, que forem dignos de ser admittidos á sua amizade e trato familiar. Porém este desposorio, não só se deve fazer interiormente n'alma, senão tambem exteriormente, para despertar o fervor da devoção: mas em secreto, por meio de certos signaes devotos na fórma seguinte.

Primeiramente todo aquelle, que quer ser recebido á Irmandade da Eterna Sapiencia, dizendo tres *Patres nostres*, e outras tantas *Ave Marias* em secreto, prostre-se outras tantas vezes em terra, offerecendo-se, resignando-se, e deixando-se todo á Eterna Sapiencia. Peça-lhe as arras do desposorio divino, sc. nova graça em signal de mutua amizade, e fidelidade perpetua, a qual nem a morte, nem a vida, nem alguma creatura possa nunca jámais quebrantar.

Devem os discipulos, que devéras venerão a Eterna Sapiencia, dizer todos os dias as mui devotas horas e officio, que se chama vulgarmente o Curso da Eterna Sapiencia, as quaes estão nas horas de Nossa Senhora dos Frades Prégadores. Porém os que não sabem, nem podem rezar estas horas, digão em seu lugar sete vezes a oração do *Pater noster* com outras tantas *Ave Marias*, sc. por cada hora um *Pater Noster* e uma *Ave Maria*, e isto com tenção de que a Eterna Sapiencia guarde suas almas e corpos de serem presas e enlaçadas das vaidades e perigos deste mundo; mas que andando nelle com cautela, sejão defendidos de todos os males, e por caminho direito sejão dirigidos do Senhor á salvação.

Na mesa depois da benção commua digão um *Pater Noster* e *Ave Maria* por esmola espiritual ás almas, que tem necessidade no fogo do Purgatorio, lembrando-se quão grande perigo é comer de esmolas sem agradecimento, e quão piedosa cousa seja ajudar os miseraveis que se não podem valer a si mesmos. E outrosi considerem com que graças as pobres almas e necessitadas do Purgatorio receberáõ as minimas migalhas, que cáem da mesa de seus senhores para seu refrigerio, e allivio.

Digão tambem um *Pater noster* e *Ave Maria* ao dulcissimo e saudavel nome da Eterna Sapiencia, que é o Senhor JESU, para que o mesmo Senhor defenda, e ampare todos os discipulos da Eterna Sapiencia, e a Igreja Catholica de todos os contrastes e ciladas dos inimigos, ajuntando estas palavras: Bento seja o doce nome do Senhor JESU, e da gloriosa sempre Virgem Maria sua mãi para sempre jámais. Amen.

E isto para que o Senhor JESU (que nestes tempos miseraveis anda tão desterrado dos corações de muitos, porque todos buscão só o que é seu, e não o que é de JESU Christo) havendo nos seus corações o seu amor, inspirando nelles o seu nome suavissimo, e melifluo, e conservando-o para sempre.

Além disto os discipulos da Eterna Sapiencia devem em certos dias do anno veneral-a como a Senhora, e Esposa d'alma com algum particular affecto, e obsequio determinado.

O primeiro dia é a primeira Dominga de Agosto, em que se começão a lêr na reza da Igreja os livros da *Sapiencia*. O segundo dia é o septimo antes da Vigilia do Natal, em que se começa a Antiphona: O' *Sapientia*. Neste dia, e nos que se seguem até áquella noute gloriosa, em a qual a Eterna Sapiencia se

dignou entrar corporalmente neste mundo, fação uma especial commemoração à Eterna Sapiencia por Antiphona, e Collecta, ou por um *Pater noster*, confórme a devoção de cada um; o que fôr Sacerdote, se nestes dias disser Missa da Eterna Sapiencia, far-lhe-ha um agradavel serviço.

O terceiro dia é da Circumcisão do Senhor, no qual se começa o anno novo, em o qual os amigos deste mundo se mandão presentes e dadivas uns aos outros, com imprecações de bons annos. Da mesma sorte o discipulo da Eterna Sapiencia, por afervorar em si o amor, visite a Eterna Sapiencia, pedindo-lhe bons annos para si, e para toda a Igreja Catholica.

O quarto dia é Dominga da Quinquagesima, que o mundo chama de Entrudo, o qual é tão celebrado dos mundanos com se ajuntarem em festas e banquetes profanos, em que se contaminão os costumes com muitas maldades a troco das vãas consolações e gostos do corpo. Mas o discipulo da Eterna Sapiencia, para que mostre com sinaes certos como da Eterna Sapiencia é todo o seu gosto e consolação nesta vida, e na por vir, faça o que abaixo se diz.

O quinto dia é o primeiro de Maio, quando a alegre Primavera se mostra a to-

dos agradavel, brotando em toda a parte flores, e verduras. Na noute antes deste, costumão os mancebos dados a amores, em algumas partes enramar as portas das casas, onde tem seus amores com ramos verdes, e flores em demonstração e testemunho da fé, e amor, que guardão a suas damas.

Para que se tire de tão máo costume algum fructo bom, e para que os filhos deste mundo o que fazem a um sujeito corporal e mundano, como elles, seja melhor empregado espiritualmente pelos filhos da Eterna Sapiencia ao Creador de tudo, e isto com tanto maior cuidado, quanto mais sem comparação esta Divina esposa e amiga excede a todos os mortaes, offereção-lhe neste dia, ou um lirio, ou alguma oração particular.

Cada um destes cinco dias apontados celebrem cada anno todos os discipulos da Eterna Sapiencia com singular e devota renovação, dizendo em cada um cem *Pater nostres*, e outras tantas *Ave Marias*, ou qualquer oração ou serviço, como é ouvir Missa; se forem Sacerdotes a digão, ou acendão um cirio, ou fação alguma boa obra, que é a Eterna luz, em testemunho e prova evidente de que, como fieis discipulos, toda a sua

salvação neste tempo, que passa, sómente reconhecem ter só de sua divina esposa, e della só a querem pedir, a que só o seu divino amor se ha de ver arder em seus corações. E peção-lhe que, se por algum acontecimento este divino amor está apagado em seus corações, tão benigna e fielmente seja outra vez nelles encendido, que nunca já mais se apague.

O sexto dia será o seguinte ao dos finados, no qual os que forem Sacerdotes digão Missa por todos os Irmãos desta sociedade e união, e por todos os seus amigos defunctos, ou a fação dizer, ou cem *Pater nostres*, e outras tantas *Ave Marias*, ou quaesquer outras orações equivalentes.

A todas estas cousas que nos dias determinados se apontão, em cada um delles accrescentem depois dellas esta oração:

Piedosissimo Pai nosso, todo poderoso, peço-vos pela coeterna a vós, a vossa Sapiencia, N. Senhor JESU Christo, que soccorrais a vossa afflicta Igreja, e a ponhais em paz, união e tranquillidade confórme vossa honra, e altissimo beneplacito. Amen.

Tambem os discipulos da Eterna Sapiencia tragão sempre comsigo o nome da Eterna Sapiencia s. o salutifero nome de JESU, ou impresso, ou insculpido, ou de qualquer

sorte, confórme sua devoção, estampado, ou debaixo do vestido, ou como melhor puderem, e digão pela manhãa de cada um dia a saudação seguinte, para que o piedoso JESUS os guarde de todo o mal, e leve a bom fim.

A minha alma vos desejou na noite, e no espirito de minhas entranhas, mui de manhãa despertejava, ó excellentissima Sapiencia, pedindo que a vossa amada presença aparte de mim todas as cousas contrarias; penetre vossa graça o intimo de meu coração, afervorando-o grandemente em vosso amor. Agora dulcissimo Senhor JESU Christo eu me levanto cedo só para vós, e vos saúdo de todo meu coração. Milhares de milhares de Angelicos espiritos, que continuamente vos servem, e assistem, vos glorifiquem por mim. A universal armonia de todas as creaturas vos louve por mim, e digão: seja o vosso gloriosissimo Nome, que é escudo de nossa protecção, bemdito, e louvado para todo sempre. Amen.

Além destas cousas os disciplulos da Eterna Sapiencia devem venerar com grande affecto a mãi gloriosissima da Eterna Sapiencia como aquella, que está sempre prestes para os amar a todos como filhos, e curar delles com entranhas de piedade maternal. Pelo que cada um dos discipulos saúde

cada dia com nove Ave Marias á Virgem Mãi, s. uma vez pela manhãa logo, em se levantando, pondo os joelhos na terra, offereça todas suas boas obras daquelle dia á Rainha dos Ceos, para que ella, como Mãi tão agradavel e acceita, as apresente a seu Unigenito Filho, ao qual serão sem duvida agradaveis, se quer por reverencia da Mãi, que as offerece como medianeira, ainda que sejão em si cousas de muito pouco porte, e substancia, e muito menos gratas como forão se immediatamente as offerecêra como as obrou um peccador talvez muito grande.

O mesmo faça á noite quando se recolher a dormir depois de ter rezado todas as suas devoções, pedindo que tudo o que naquelle dia houvesse tido de negligencia, o suppra a Senhora com sua caridade; o que fosse mal feito, a Senhora o emende, e o que houver de bem a Senhora o appresente diante dos olhos divinos. As outras sete advertencias offereça ao coração dulcissimo da Mãi de Deus, refugio piedosissimo de todos os peccadores, para que a Senhora, assento e morada suavissima da Eterna Sapiencia, depositario de todas as misericordias divinas, corrente manancial dellas, as applique sobre os corações de todos os discipulos da Eterna Sapiencia, que estão na derradeira hora, e nella os de-

fenda com entranhas de piedade, e della os não largue mais, até os meter de posse de Bemaventurança.

Finalmente se alguns, ou por fraqueza de espirito, e de forças, ou por occupações não poderem dar-se a estes exercicios em alguns dias, ou se por dureza de coração, e ignorancia, não souberem cumprir todas, e cada uma destas cousas apontadas, digão cada dia nove *Pater nostres*, e outras tantas *Ave Marias* fazendo a sobredita petição com a mesma tenção implicita, ou explicitamente que o fazem os outros expressamente, e basta.

Tambem se alguem tiver devoção de mudar as Ave Marias em Salve Rainhas, e a oração do *Pater noster*, que se ha de dizer na meza, em o psalmo *De profundis*, bem o póde fazer em honra da Eterna Sapiencia, que seja glorificada para todo sempre jámais. Amen.

CONSIDERAÇÕES

DAS

LAGRIMAS,

QUE

A

VIRGEM N. SENHORA

DERRAMOU

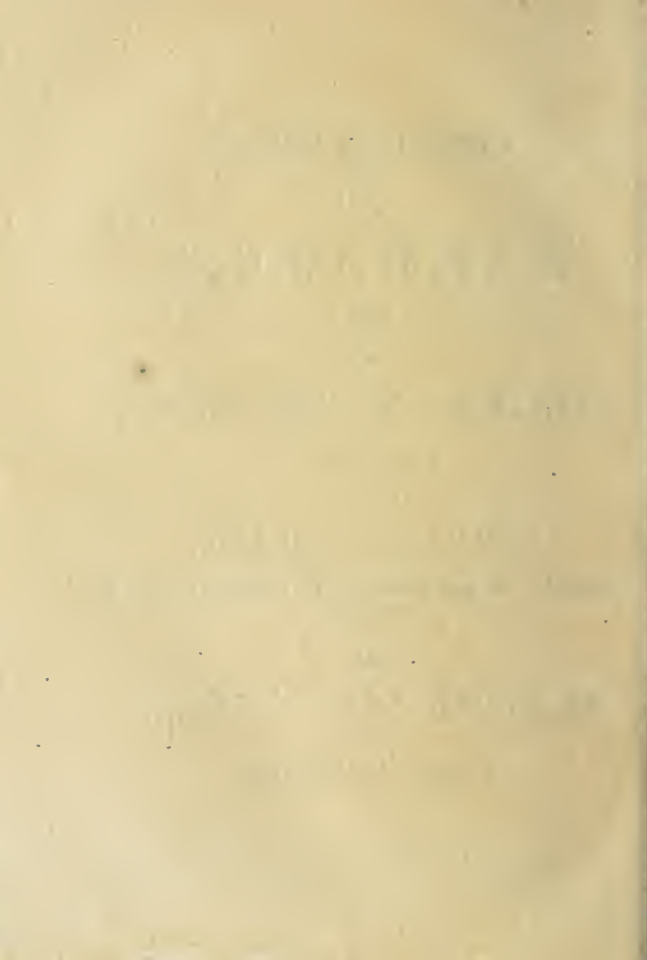
NA

SAGRADA PAIXÃO,

Repartidas em dez passos, para a devação do dez Sabbados.

PELO

Padre Fr. Luiz de Sousa,

da Ordem de S. Domingos.

SABBADO I.

Despede-se o Senhor da Virgem para ir a padecer.

COmeção hoje, purissima Virgem Mãi, vossos devotos a considerar, e sentir comvosco aquelle abismo de dôres, aquelle mar de lagrimas, que vos custou a Paixão do vosso unigenito Filho, Filho vosso, e verdadeiro Deos, e Senhor meu. Atrevimento é, tão grande peccador, como eu, chegar-me a tal companhia, tentar vossas portas, quanto mais entrar por ellas. Mas lembrando-vos, Senhora, que vosso Filho disse, que não vinha buscar justos, senão peccadores; dai-me licença, que se quer de longe, como o Publicano, ponha os olhos em vós: para que vendo neste affligidissimo semblante a graveza dos tormentos, que cercão vossa alma, reverbere sobre a minha uma luz do Ceo, que me faça digno de vos ajudar a senti-los.

Hoje, Senhora, é o dia, que começa a entrar por vossa casa aquella espada, que tantos annos ha ouvistes ao Santo Simeão,

que atravessaria vossa alma. Hoje é o dia, que começa o vosso Divino Abél a caminhar para o campo, em que o espera a maior traição, que jámais se commetteo; traição, não só de irmãos, mas de filhos, que dóe mais; e filhos creados com tantas misericordias. Hoje manda a obediencia do Padre Eterno, que comece o innocente Isaac a sobir ao monte para ser sacrificado, e não virá Anjo, que detenha o cutello; mas juntar-se-hão infinitos algozes a dar pressa ao sacrificio; algozes de vossas penas, executores dos fios da espada de Simeão, fios tão agudos, que cortão por alma, e espirito. E porque este Senhor, que ha de ser sacrificado, quer, que venhão sobre elle todas as desconsolações juntas, que o mundo póde dar, acceita tambem ser para comvosco o mensageiro de tão tristes novas; e entra hoje por vossas portas a avisar-vos dellas, despedir-se de vós, e dar-vos os ultimos abraços de obediente filho, qual sempre o experimentastes. Magoa é sem fim, que cheguem voando as profecias tristes para matar, e que as legres tardem, como se forão fingimentos, para enganar. Tinheis ouvido, que havia de ser grande, que havia de reinar eternamente em Jacob; e elle mesmo vos faz a saber, que vai a padecer, que vai para o não verdes

mais em sua vida alegre. O' acerbissimo desengano! ó cruelissima troca! n'outro tempo vos disserão os Anjos, que estaveis cheia de graça, que estava o Senhor com vosco: hoje vos diz o mesmo Senhor dos Anjos, que se vai, e vos deixa, para ficarem com vosco em seu lugar todos os maiores tormentos, e martyrios, que o mundo póde dar.

Mas que sentiria vossa alma, Virgem bemdita, neste passo, que sentiria o filho na sua? Não bastão entendimentos de Serafins para o poderem penetrar. Creio eu, que vos acodiríão aos olhos não menos aguas, que as do rio Nilo para chorar, e ao coração os tremores e abalos do monte Etna para suspirar. Mas se é verdade, que isto de alguma maneira descança e consola; creio tambem, que vos quizestes privar de tal allivio, tanto para começardes a padecer com o filho, quanto para lhe não accrescentardes magoa, sabendo certo a grande parte, que tinha nas vossas: cresce a dòr reprimida, morre por arrebentar, como em mina, suspiros reprezados. Assim me persuado, que o mesmo Senhor para dar lugar a vossas lagrimas, começou primeiro a declarar, e deixar correr as suas, que se elle as não negou na tristeza de duas irmãas, que uma vez o agazalhárão, nem na destruição antes vista da Cidade,

que em sua morte se alegrava; como não choraria, vendo o que passava em vosso coração, que o paristes, e creastes, e tantos annos tão fielmente servistes, e que por lhe alargar a vida uma hora, dereis mil vezes de boa vontade a vossa. Chorou, e chorastes, e misturou com vossas lagrimas as suas. E assim foi bem, para que da mesma maneira que á perdição do mundo, se juntárão duas creaturas a procural-a, assim na restauração, começasse por lagrimas das duas mais puras almas, que nelle havia. Devia eu, Virgem sagrada, pois meus peccados forão causa destas lagrimas, acompanhal-as, e acompanhar-vos com pranto perpetuo. Mas offerecer-vos-hei em lugar delle, o que ainda me não tirou minha maldade, que são desejos de poder chorar toda a vida, e com elles vos peço que acceiteis estas Ave Marias em lembrança do amor, que o Eterno Pai nos teve, fazendo-vos Mãi de tal filho.

Cem Ave Marias.

SABBADO II.

Como soube a Virgem da prisão, e o mais que o Senhor passou aquella noite.

CErcada estais de angustias, Virgem Santissima, fazendo discursos entre lagrimas e gemidos sobre o sacrificio, que vos foi denunciado, imaginais sacrificio, imaginais morte. Mas triste de mim, menos mal é morte, que o modo, e circumstancias da que se aparelha para o bom JESUS. Ouvi a João seu amado, que chega desalentado, e tremendo das cruezas, que seus olhos virão executadas contra elle. Quem crera, que para prenderem um Cordeiro sejão necessarias manhas, e cautelas? Sejão necessarias armas? Peita-se o Discipulo infiel: comprão-se a dinheiro, meu bom JESUS, vossas injurias: busca-se a noite para crescerem em despejo e soltura: paga-se uma companhia de gente armada para haver mais executores della.

Assim começa S. João a contar: mas para o que resta, como tereis ouvidos Virgem Santa? Como tereis coração? Pouco é lagrimas: novo genero convem de sentimen-

to: maiores causas pedem maiores effeitos. Houve, Senhora, cordéis para atar rigorosamente aquellas mãos, que fizerão o Ceo e a terra, e soou uma voz do maldito traidor, que o arrecadassem bem. Houve mãos para afear as rosas do rosto mais formoso, que quantos nascerão das mulheres: para arrepelar o ouro da sagrada Cabeça. Houve pés para empuxar, e atropelar os membros santos. Houve linguas para afrontas, vozes para falsos testemunhos, varas para cinco mil açoutes. E porque antes querem por senhor um Cesar Gentio, que o Filho de Deos vivo; dão-lhe por escarneo ceptro, e corôa, ceptro de canna, e corôa de espinhos, e em fim põe-lhe um pesado madeiro sobre as costas, que de muito chagadas dos açoutes, erão todas uma só chaga. Mas se cada cousa destas per si só basta para quebrar corações, que tempestades de afflicção levantarião nesse virginal peito todas juntas? Cheia está minha alma de terror, e cheia de compaixão: de terror, porque forão minhas culpas causa de tanto mal: de compaixão vendo o que padeceis vós igualmente, Virgem bemdita, sem teres jámais offendido o Creador, e por isto merecestes ser Mãi sua, e ouvir a saudação do Anjo, que vos offereço nestas Ave Marias.

Cem Ave Marias.

SABBADO III.

Como a Virgem encontrou o Senhor na rua da Amargura.

COstuma o inverno frio esforçar as fontes, e accrescentar os rios: mas se cresce em rigor, ata, e endurece as aguas, suspende as correntes dos rios, e até o mar salgado congella. Assim creio, Virgem sagrada, que crescêrão tanto vossas magoas, com o que ouvistes a João, que seccarão a veia das lagrimas, cerrarão o peito, prenderão os suspiros, e ficando toda trocada, ficastes por novo modo mais atribulada. Logo tomais o manto, deixais a casa, e com passos apresurados saís a a buscar (como n'outro tempo vos representou o Espirito Santo) aquelle, a quem amava vossa alma. Mas dai-me licença para vos dizer, que accommetteis temeraria jornada: que se na outra vos não guardárão respeito, perdestes o manto, e fostes maltratada dos que vigiavão a cidade: que esperais agora de gente conjurada contra o maior bem da mesma cidade, que era o bom JESUS? Vejo, que me dizeis, que isto é o mesmo, que buscais, morrer com elle, ou diante delle; que

não deveis menos ao amor, que lhe tendes, e ao que sabeis, que vos elle tem.

E em fim chegastes animosa Mãi ao Filho atribulado, vistes o Filho; mas como o vistes? O' que chagado! O' que vista! Bem proprio foi o nome, que ficou a tal rua (rua de amargura) pelo que no Filho vistes, e em vós sentistes. Virão vossos olhos aquelle Rosto, que alegra os Anjos do Ceo, pizado de bofetadas, e banhado do sangue, que desce da Cabeça, atravessada de espinhos: liado todo de cordas, para que fosse arrastos, quem com peso da Cruz, e martyrio dos açoutes estava tão quebrado, e falto de forças, que não podia levar os pés. Neste estado, Senhora, vos virão tambem seus olhos, e compadecido de vossa pena, em meio de tantas suas, falla com vosco, e com vossas companheiras: com ellas em voz, com vosco em espirito; diz-vos dentro no Coração, que alli vai feito valente Sansão com as portas da cidade ás costas para ficar aberta a celestial Jeruzalem a todos os peccadores: leva o ceptro verdadeiro de David para senhorear o mundo; porque estava escrito que do madeiro havia de reinar. A's companheiras diz, que chorem sobre si; porque se o vingar dá gosto, duro castigo espera aos que esta pena lhe de-

rão. Ah Virgem purissima, não vos póde faltar consolação daquelles Divinos olhos em quanto o tendes presente, em qualquer estado, que o vejais; pois sempre vivestes da luz delles. E para isto vos lembro a gloria, que sentistes com as novas de serdes sua Mãi na saudação Angelica.

Cem Ave Marias.

SABBADO IV.

Como vio pregar o Senhor na Cruz.

MAs é grande a pressa, grande a violencia, com que vos arrebatão o bom Senhor; se vossos passos não podem ser iguaes, remedio tendes para não errar o caminho; tal rasto fica do precioso Sangue, que elle vos guiará, onde seus inimigos o levão. Ao monte vão, e lá vos convem ir, Virgem bemdita; se tendes animo para ver a ultima e maior de todas as maldades e cruezas, que com elle se usárão: *Nudus egressus sum de ventre matris meae*, dizia Job, *nudus revertar etc.* Qual o vistes na cova do Presepio, sem mais testemunhas, que vossos purissimos olhos, e os de S. Joseph: tal querem

os malvados, que o vejais na corôa de um monte á vista de infinito povo: lá festejado dos Anjos, adorado e servido de Reis: cá cercado de opprobrios, e pregoado por menos merecedor da vida, que um publico homicida: lá reclinado em pobres palhinhas, mas agazalhado, e abrigado com vosso bafo e vossa presença: cá estendido sobre um aspero madeiro, e logo pregado nelle com quatro cravos. Já soão os golpes dos martellos, já crescem novas dôres, confrange-se a sagrada Humanidade; reconhecendo sua fraqueza, arrebenta o Sangue em rios, regão quatro fontes a terra. Quem podera, Virgem soberana, levantar tanto a consideração, que alcançára os effeitos, que nesse Santo peito fazião aquelles golpes, e aquelles cravos! A vós a peço, que m'a podeis alcançar; porque sei, que na gloria que hoje possuís vos agrado muito lembrando-nos de vossos trabalhos, os que somos causa de os passardes, para que assim como forão principio de nosso remedio, assim da lembrança delles, comece a emenda de nossas vidas.

Cem Ave Marias.

SABBADO V.

Como vio o Senhor levantado na Cruz.

JA' parecia, Virgem affligidissima, que não podia haver cousa, que accrescentasse vossas penas, quando de novo se mostra, que nem em vossos inimigos se tem esgotado as invenções de affligir ao meu bom JESUS, nem faltão ao vosso peito occasiões de mais dòr, e mais merecimento; bem se diz, que todos os Martyres juntos não padecêrão tanto, como elle só; e que vós sem morrer, padecestes tanto, como todos elles. Levantão a Cruz em alto, assentão-lhe o pé della na cova, em que ha de ficar arvorada: estremeceo todo o Corpo Sagrado, e ao mesmo passo se abalárão vossas entranhas, Virgem Santa, não tenho dúvida, que vos estalára o coração no peito, se para mais merecerdes vos não desse força o mesmo Filho, como verdadeiro Deos, que é. Rasgão-se de novo as feridas dos pés e mãos, e começa a correr de todas uma celestial chuva de Sangue, que sendo infinito no preço, faz crescer quasi infinitamente as dôres em todas.

Já está arvorada a serpente do deserto,

que dava saude com sua vista. Já o Filho do homem está em alto para trazer tudo a si: já seu divino Sangue rega os ossos delidos com antiguidade de nosso pai Adão neste monte sepultado; para que lavadas assim suas culpas, se torne em benções a maldição, que por ellas mereceo a terra. Pois, Senhora, como não tem allivio vossas desconsolações, onde todo o mundo espera verdadeiro remedio ás suas miserias? Mas se hão de alliviar, se só para vós crescem cada hora novas rasões de magoa? Não querem, que baste morte de Cruz, morte de infamia, e maldição; querem fazer culpas, onde nenhuma podia haver. Com dois ladrões acompanhão o meu bom JESUS, e a elle põe no meio para que seja julgado por maior. Virgem Sagrada, onde tudo se junta contra vós, junto eu em vosso serviço e honra estas pobres orações.

Cem Ave Marias.

SABBADO VI.

Como lhe deu o Senhor por filho a S. João.

EM fim, meu bom JESUS e Senhor da minha alma, dado tem remate vosso inimigo a tudo o que podia executar contra vós o odio e maldade: já despejão o monte: já vos fião da Mãi sagrada. Mas é em estado, que vos não póde ser boa mais, que com a vista: o madeiro alto, e seus braços fracos para nos livrar. Chega-se ao pé delle, que é tudo o que póde fazer, e posta em pé para mais visinhança, préga seus olhos nas estrellas dos vossos, que em todas as tempestades da vida lhe forão sempre fiel norte. Alli está toda embebida na consideração das crueldades, com que vos tirárão a vida: espanta-se como lhe dura a sua, vendo-a de tantos generos de morte accommettida, quantos são os que vos estão atormentando. Neste passo mostrastes, meu bom Senhor, que não sentís menos seus tormentos, que os que estais padecendo: e lastimado mais do estado, em que a vedes, que de vós mesmo, ordenais com ella, como obediente e verdadeiro filho, vosso testamento. Quem não tem nada

de seu; pois nem vestidos vos deixárão, e até a tunica interior foi jogada aos dados, assaz é, que dê alguma cousa para prenda, e sinal de amor. Dois penhores tinheis na terra, que muito amaveis: a sagrada Mãi, e o Discipulo João: a elle com amor de Filho, e a ella com amor de Mãi: e porque morrendo vós, fica ella sem Filho, e João sem Mãi, ordenais, que tenha ella a João por Filho, e João a ella por Mãi. Isto foi o que naquella ultima hora lhe dissestes. Mas dai-me licença, Senhor, para vos dizer, que a não desconsolão só os inimigos, tambem vós, que sois todo o seu bem, lhe dais nisto muito que sentir. Mas se desengana quem ama de verdade, em quanto vos tem vivo, deixai-a, Senhor, enganar com vossa presença. Não se publicão os testamentos em vida, nem se acceitão legados, senão depois que acaba o testador. Quanto mais que nem para depois que vós faltardes, é a troca de receber: trocar o Rei pelo vassallo, o Senhor pelo escravo, o amo pelo criado, em nenhum estilo póde ser genero de consolação: antes creio, que uma das mais crueis setas, que em vossa Paixão lhe ferírão a alma, foi este desengano. Vós morto não podeis deixar de ser seu Filho, e mais lhe valeis morto, e sepultado, que quantos lhe

podeis dar na vida, por puros, e santos, que sejão, qual he João. Se quereis muito a João, não seja tanto á custa da Mãi, que vos deis já por não Filho seu, e que ella sabe mui bem, que vós sois por natureza; e vivo e morto vos quer por Filho, e em todo o estado não ha mister outro, senão a vós: quanto mais, que bem sabeis vós, Senhor, que não póde haver nenhum, que encha o vosso lugar. E sendo assim, occasião lhe dais de lagrimas sem remedio todas as vezes, que olhar para o adoptivo com lembranças do natural: e mortais saudades, quando vir, que lhe deixastes a sombra em lugar de verdade.

Cem Ave Marias.

SABBADO VII.

Como ouvio dizer ao Senhor, que tinha sede.

ELevada estais toda, Virgem Santissima, no vosso Crucificado: notando os termos porque transpondo o Sol daquella vida, de que depende a vossa. Já nadão os olhos em ondas de morte, quebrando-se sua luz. Caida está a cabeça sobre o peito, arruxadas e grossas as feridas com o rigor do frio; e trespassado

delle o corpo todo. Neste estado levanta a voz o affligidissimo JESUS, publicando um tormento interior de seccura, que aquella humanidade sentio, causado dos muitos exteriores, que tinha passado, e disse, que tinha sede: mas a quem vos queixais, meu bom Senhor, ou a quem pedís agua: se á Mãi, ella não vos póde valer no estado em que está e vós estais, se não fôr com a de seus olhos; se aos que passão, todos são inimigos, uns zombão de vós, outros fazem zombaria da vossa afflicção, sendo filhos daquelles (ó gente ingratissima) que vós antigamente acompanhastes com uma fonte perenal, que os seguia por meio das areias seccas do deserto. Sede foi esta só para martyrio da pobre Mãi: a vós cança, mas a ella mata; porque não a podendo remediar por si, vê, que houve peitos tão deshumanos, que em fel e vinagre embebem uma esponja, e vol-o offerecem por agua na ponte de uma cana. Que mudanças são estas tão estranhas? Vós sois, Senhor, o que a Elias acodistes com o bolo e vazo de agua na sua necessidade, e a Daniel no lago dos Leões, com o jantar dos Cegadores do outro Profeta? Vós sois, o que na fome do vosso jejum fostes servido de Anjos, que vos pozerão meza nos matos do ermo? Vós sois o que ha pouco tempo susten-

tastes muitos milhares de homens com poucos pães, e o que offerecieis á Samaritana fontes vivas no fervor da calma? E hoje por uma pouca de agua, de que estais necessitado, não achais quem vos acuda, se não com fel. Mas que fizestes, meu doce JESUS, quando tal bebida vos foi presentada? provastes o fel, para mostrardes, que nenhuma pena recusais por meus peccados. E tomada a salva, deixais o mais á Mãi sagrada, que sem dúvida ainda primeiro que vós o bebeo todo em dôr e angustias, senão foi em sustancia.

Cem Ave Marias.

SABBADO VIII.

Como lhe vio dar a lançada.

EM fim chegou-se o termo daquella vida, que para tão perseguida, tinha durado muito. Acompanhão vossas dòres, Virgem Mãi sobre todas as Mãis a mais atribulada, e sobre todas as Virgens a mais pura, que todas as cousas creadas. Cobre-se o Ceo de escuridade, perdem sua luz o Sol e a Lua, treme a terra, abalão-se os montes, correm as serras, quebrão-se os penedos uns com outros,

respondem os vales com eccos e roncos tristes; tudo em fim mostra brandura de sentimento, só vossos inimigos estão ainda mais duros e encarniçados, que a primeira hora. O odio mais entranhavel, a maior raiva, e indignação do mundo dura até matar o inimigo, e cessa com sua morte; mas nestes não é assim, tomão as armas contra os membros defuntos, e diante de vossos olhos passão com uma lança o peito frio. Abanou-se a Cruz com a força do encontro, tremeo o Corpo Sagrado, que já não sentia; mas o que elle não sentia, padecêrão vossas entranhas, Virgem purissima. Odio e vingança fôra de homens, matal-o, e deixal-o; mostrão braveza de bestas, que depois de espedaçar o corpo, bebem o sangue. E disto dá signal o Peito Sagrado, despedindo da ferida um rio de sangue, como reprehendendo sua deshumanidade, e dizendo: Para a minha sede, não tivestes, gente avara e cruel, uma gota de agua, eu para fartar a vossa, não quero que fique nestes membros, nem uma só gota de Sangue, e ahi vai todo. O' lança cruel, ó crueza sobre todas as cruezas! Em comparação della, doces ficárão os cravos, brandos os espinhos, leve o peso da Cruz.

Cem Ave Marias.

SABBADO IX.

Como lhe puzerão o Senhor nos braços, descendo-o da Cruz.

CUmprido está, Virgem Santissima, quanto da morte de vosso Filho tinhão escrito os Profetas, e o mesmo Senhor tinha dito de si. Eclipsado está de todo aquelle Sol Divino, e posto em estado, que nem de homem tem figura. Mas novos cuidados combatem vossa alma. Temeis, e com razão, se quererão os vossos inimigos, que fique ainda o Corpo Sagrado para dar segundas vistas ao povo, e ser alvo de novos opprobrios. E logo vos faz temer e tremer um tropel de gente, que sentís vir demandando o monte. Porém são Discipulos nobres e secretos de vosso Filho, que como o ouvião de noite, tambem o buscão nas trevas de seus trabalhos: chegão a vós, pedem-vos licença para lhe darem sepultura, descem o Corpo Sagrado, depositão-no em vossos braços: nelles teve o primeiro descanço depois de morto, como no primeiro, que começou a viver no mundo. O que aqui sentistes, Virgem bemdita, os rios de lagrimas, que derramastes, e com que banhastes o rosto e peito Sa-

grado, e lavastes as feridas dos pés, e mãos: as lastimas, que em cada uma dissestes, e as razões, que de novo pranto achastes em cada uma, só os Anjos, que forão presentes, as podem referir, e a elles peço, que mas dêm a sentir com tal affecto, que nenhuma hora da vida deixem de ser presentes nesta alma. Grande cousa foi, Virgem Santa, poderdes sustentar a vida á vista de tal espectaculo. Mas não morrestes, porque não podia morrer quem vivendo já estava morta, e queria o Senhor que vivesseis para consolação dos Discipulos, e remedio da sua Igreja, que foi, Senhora, o que vos quiz significar, dando-vos a João por filho.

Cem Ave Marias.

SABBADO X.

Como o acompanhou á Sepultura, e o deixou nella.

MAs é tempo, Senhora, de largardes o Sagrado deposito para se entender no officio da sepultura; que é entrada a noite, e convem fazer-se antes do Sabbado. E vós Virgem Santa, não podeis acabar com vosco desapegar-vos delle. Antes quasi defunta com o defunto, pedis, que vos juntem a si na

sepultura, que pois para vós houve Cruz, como para elle, ao menos haja para ambos a mesma terra. Cubra vossos olhos a que cubrir os seus, e fiquem vossas dôres com as suas sepultadas. No meio destas lastimas levão-vos o Filho, e a pouco espaço vedes o Sepulchro cerrado de um grossa lage. Aqui, Virgem piedosissima, caío sobre vossa alma uma noite escurissima de tristeza, montes de ancia, e tormento sobre o coração, e cerrou-se para vós o Ceo, e a terra, o Ceo com a falta do Filho, que ainda assim morto era genero de consolação sua presença: a terra com a lage, que o cobre. Bem pagais, Senhora, agora e com crescidas vantagens as dôres, que no parto não tivestes. Bem pagais os gozos de vos ouvir chamar bemdita entre as mulheres. Por um filho, que tinha por espedaçado de féras, não admitia consolação um Jacob, tendo vivos outros muitos: que fareis Virgem, por um só, que verdadeiras féras vos tirárão? Desfazia-se em pranto o Santo Rei David por um filho muito culpado; que será razão, que façais vós por um innocentissimo, e que conheceis por verdadeiro Deos? Com lagrimas irremediaveis chorava uma Mãi saudosa a ausencia do seu unico Tobias; quais hão de ser as vossas na morte, não só ausencia de

vosso Unigenito, unica consolação, refugio e remedio de vossa vida, que a força de ferro e afrontas vos matárão seus inimigos? Virgem sagrada, se vossas magoas crescem á medida da razão, que tendes, nem as dôres podem ter fim, nem todas as aguas do mar igualar vossas lagrimas. Maiores são vossas dôres, que todas as grandes, que houve no mundo; porque as padece a mais pura e mais santa creatura de quantas puras creaturas nelle nascèrão, que sois vós, e vós as padeceis pelo melhor Filho, que quantos nascerão das mulheres, e tal, que só elle vos póde dar remedio.

Cem Ave Marias.

Dia de Pascoa se dirá uma Missa da Resurreição.

VARIAS COMPOSIÇÕES

DO

Padre Fr. LUIZ DE SOUSA,

Assim em prosa, como em verso, que andavão dispersas por diversos livros, e aqui se ajuntão para satisfazer a curiosidade, e gosto dos Leitores, que facilmente não as poderião alcançar.

No principio das Obras Poeticas de Jaime Falcam, impressas em Madrid no anno de 1600 por diligencia de Manuel de Sousa Coutinho vem esta Dedicatoria, e Prologo.

PHILIPPO TERTIO, Hispaniarum, atque Indiarum Regi Catholico, clementissimo, augustissimo, invictissimo salutem, et continentem felicitatis cursum.

CUm Reges in terris praepotentis Dei providentiam exercere, vicem agere, et quasi quamdam personam sustinere, ipsae sacrae Literae pluribus locis attestentur, non immerito, Regum potentissime, opem tuam in beneficium amici fato functi imploratum accedo. Ecce oblata jacent ad pedes tuos ossa arida Falconis Valentini; scripta, inquam, Falconis Poëtae quondam disertissimi apud Valentinos, in volumen, quasi in corpus integrum compacta: quibus, ut tui favoris afflatu vitam inspires, efflagitamus, non brevem, non communem, non ad interitum praecipitibus ruentem spatiis, sed diuturnam, et immortalem, atque in perpetuum duraturam; id est, aeternam, nullisque finibus circumscribendam famam. Qua ut nihil homini liberali in vita optabilius, sic post fata nihil gloriosius. Hanc tu cumulatissime prae-

stabis, si ad scripta, quae offerimus, inclinata tantisper Regia majestate, oculos demittere non dedignaberis. Ita enim fiet, ut statuam, quam nos amico pro viribus, papyraceam ponimus, tu in orbis theatro marmoream, tu auream reddas. Si enim veteres Poëtae solo Musarum favore, quasi aura afflati nominis immortalitatem sibi ausi sunt augurari, quid nos Falconi cum veteribus aequo jure de poëticâ laude certanti audebimus polliceri, si illum Musarum jam gloriâ evectum, Regius tuus favor benignius complectatur? Accipe igitur, Rex augustissime, Falconis poëmata, in quae afflatu tuo viventem animam introducas, ut Rempublicam literariam augeas, tuosque populos in bonarum artium studia incendas: restabunt hae olium non ultimo loco in regiae tuae virtutes laudem. Honora Falconem, quo Valentiam, urbem tuam, ejusdem patriam, multisque tibi nominibus devinctam immortali beneficio denuò astringas. Honora cum Falcone omnes illi Musarum studiis conjunctos, ut maiores tuos, duosque ipsos Alfonsos, quanvis sapientum cognomen literarum gloriâ adeptos, non solùm imiteris, verùm, uti speramus, longissimè antecellas. Vale. Datum idibus Martiis, Mantuae Carpentanorum.

Emmanuel Sousa Couttignus.

STUDIOSIS LECTORIBUS

S.

HIc locus est, ubi qui suos edunt libros, pauca de instituto, vel judicio suo praefari solent. Ego vero, studiosi Lectores, cui alienos in lucem proferre contigit, jure meo agere videar, si non pauca solum dicam, sed librum etiam meum alieno libro praelegendum offeram. Multa mihi dicenda incumbunt, multorum accusationes praeoccupandae. Quis porro multa paucis complectatur? Plerosque mihi sic occurrentes video. Quid Lusitano cum Valentino? Quid exuli cum sepulto? Praeterea. Quid tu in opere alieno laudem quaeris? Quid indigenam laudem à Valentinis extorques? Insuper qui lectitare incipiunt. Quid nobis non Virgilii centones obtrudis? Quid Aristotelem poëtam reddis? Ad extremum. Quid in medico libello plures libros distrahis, et connectis? Haec sane est gratia, qua omnium fere scriptorum labor rependitur: nec me latet antiquam esse vulgi consuetudinem, veteremque invectivam, ut plane credamus, omnes, qui se ad studia bonarum artium confe-

runt, et publicae utilitati serviunt, nulla spe humani praemii aductos, sed divino instinctu agitatos id facere. Unde non jam prologium, sed apologiam mihi in limine constituendam video. Omnes ergo mortales in primis persuasos velim, nullum me inanis gloriae stimulum huic oneri suscipiendo adegisse. Officium est veteris, et bene fundatae amicitiae. Si qui simili vinculo animum aliquando obstrinxisti, facile apud expertos fidem inveniam. Sed ut singula dilucidius explanentur, pauca mihi de Falcone nostro praemonenda erunt. Jacobus Falco Valentiae Edetanorum (urbs est in Hispania tam amoenitate soli, quam ingeniorum ubertate notissima) natus est nobili quidem, et antiquo loco. Prima aetate humanis literis incubuit: in iis eam de se expectationem dedit tum ingenii acumine, tum judicii profunditate, ut magistri Poëtam natum assererent. Adhuc syllabarum naturas vix perceperat puer, jam justa mensura carmina scandere, claudicantia nosse, et restituere, totum Virgilium memoriter recitare. Cum tale à natura ingenium accepisset, primis humanitatis rudimentis vix excoluit. Vitium est Hispaniae nostrae peculiare. Coelum habemus ingeniorum minimè avarum, homines disciplinarum avarissimos. Unde quos

clarissimos habuimus viros, ii magna ex parte sunt, qui apud exteras nationes ingenium exercuere liberi à parentum seu incuriâ, seu avaritiâ. Ita Falco plus naturae, quam arti et parentibus debitor adolescentiam sane importuno tempore ad otium convertit. Hinc lusoriis artibus, aleae, et talorum, animum adjecit, plus quam decet, literarum amatorem. Unum illi hoc vitium in illâ aetate objicitur: in quod paulo post satyris duabus ita invectus est, ut possis conjicere satis ipsum malè impensae operae poenituisse. Sed cum egregiae indolis esset, suopte ingenio, tanquam pondus ad centrum, ad studia literarum deferebatur. A' Musarum aulis absens domi multa sibi et difficilia discenda imponebat. Suo ductu, nulliusque auspiciis totam Aristotelis philosophiam, librosque Platonis percurrit. Mathematicas artes, Geometriam, et Astrologiam ita penetravit, ut in utrâque insignis evaserit. At ne animum laboriosae scientiae studio semper contunderet, vel coaetaneis, et civibus suis minus videretur humanus, lusui quidem inter amicos successivis horis indulgebat, sed tali lusui, qui ingenium ejus profundè, et non sine virtute exerceret. Audierat Sacerdotem vulgo Abbatem Safrae nominatum ingentem nominis famam la-

trunculorum ludo consecutum, quòd omnes aetatis suae homines non solum artis calliditate vinceret, sed quòd memoriter, absensque ab alveolo cum praesentibus luderet (dictu quidem mirabile). Floret is in Hispaniâ ludus praecipue inter nobiles, et bene moratos viros. Contentio est judiciorum, examen ingenii: minoris fit in eo lucrum, quàm victoria: ipsa potius victoria pretium est, e praemium victoriae. Mirum narrabo praestantissimi ingenii exemplum. Cum antea ne latrunculos quidem agere nosset, parvo temporis intervallo non tantum cum dexteritate ludere, victoriamque de spectatissimis lusoribus reportare, sed etiam memoriter ludere, et cum Abbate ipso de laude certare. Certo scio multis hoc futurum incredibile: sed cum inter vivos testes loquar, mirabilia narrare non erubesco: incredulosque omnes oratos velim, fidem mihi non prius adhibeant, scrupulumve animo deponant, quam testes ipsos oculatos, qui plures adhuc supersunt, percontentur. Is erat Falco, qui sibi semper difficillima arrogabat; ut ipse eleganter disserit lib. 2. Ode 24. Unde accusatus venustatis, et facilitatis, qua in satyra utebatur (quasi nomen Poëtae amitteret, qui a Persiano illo tetrico, et obscuro scribendi genere

abhorreret) satyram integram data operâ composuit, ubi sententiam Horatianae illius, quae incipit: *Qui fit Maecenas* etc. ad unguem exprimens, singulos versus à monosyllabis orsus, monosyllabis clausit. Persium etiam eadem de causâ imitatus est satyra 2. *O studia, o mores* etc. Sed qui clarissimum ingenium à natura acceperat, nullo modo adduci poterat, ut obscurè animi sensa depromeret. Legerat apud Gellium, ut ipse mihi saepius affirmavit, difficillimum existimatum fuisse priscâ illa aetate carminis Jambici genus, quod Jambis pedibus merè constaret. Hinc ansam arripuit edendi epigrammata, odesque non paucas meris Jambis summo cum labore, sed non minore cum laude. Omitto retrogradorum carminum varia genera, quae primo patent libro: qui quidem labor, quanvis sterilis, et tanto viro indignus videatur, subtilitatem tamen ingenii non contemnendam arguit. Sed maximè Falconem ad opinionem industriae, et sagacitatis commendavit novus occultè scribendi modus (*cifram* Hispani vocant) ab eo inventus. Cum audivisset literas Regias, quae ad exercitum mittebantur, saepiùs interceptas consilia nostra hostibus retexisse, quamvis obscuro satis scribendi genere exaratas; novum excogitavit

tam inextricabili ambage perplexum, ut merito labyrinthus (quod illi nomen Auctor dedit) appellari possit. Id nos in publicam utilitatem Geometricis ejus lucubrationibus subnectimus. Cum his artibus in urbe sua omnibus charus esset, incredibile est, quam intrinseca familiaritate, quam solidà amicitiâ animum sapientissimi viri Petri Borgiae sibi devinxerit. Erat is Montesianae militiae in eo regno clarissimae Magister, fraterque Francisci illustrissimi Gandiae Reguli: utque erat solertissimo ingenio praeditus, nec minus insigni liberalitate illustris, cum Falconis fidem, industriam, integritatem animi maximis in rebus expertus esset, eum summo cum honore in collegium Montesianum cooptavit, et vertente tempore honoratissimo stipendio cumulavit (*Commendam* Hispani dicunt). Erat haec in oppido Perpuciente sita. Ad Regem semel, atque iterum pergens de gravissimis rebus disceptaturus eum secum duxit, omniumque consiliorum suorum participem fecit. Oranum etiam in Africam trajecit, quo à Rege missus est munitissimi illius propugnaculi imperator destinatus. In omnibus ita hominis prudentiam, constantiam, gravitatem admirabatur, ut nihil in otio, nihil in negotio, Falcone inconsulto, ageret. Interim Falco nunquam libros deponere, prae-

sertim poëtas; semper aliquid meditari: nunc epigramma, nunc hymnum pangere: partem etiam noctibus furari, quam in diem transcriberet, literisque impenderet. Per id tempus libros Georgicorum Virgilii imitaturus compendiariam Ethicorum Aristotelis descriptionem aggressus est (jucundissimum opus, si, ut proposuit, absolveret, tantoque Georgicis utilius, quantò animorum cultus agriculturae praestat). Praecipuus ejus labor fuit opus epicum texere, quo Hispanorum facta celebraret. Saepiùs dicentem audivi solos poëtarum nomine dignos esse, qui opus epicum componere auderent: idque in expositione Artis poëticae plane affirmat. Mirum est quam intentà operà huic se meditationi addixit. Platonis, Aristotelis, Horatii libros de arte poëtica saepius revolvit, et enucleavit: Graecas literas tentavit, ut sensa Homeri, quem Latinè legerat, penitus investigaret. Cum multa jam animo concepisset, instar pictoris lineas primas trahentis fundamenta jacere incepit, constructionem operis formare, partes nunc medias, nunc posteriores ita pertractare, ut facile fiat legentibus conjicere ex fragmentis, quae inter libros annumeramus Falconem cum primis antiquitatis viris aemulationem assumpsissè. Ab utroque

opere feliciter absolvendo variae hominem occupationes retardarunt, quibus à Maecenate Borgia ferè semper implicabatur, cum sua nunquam commoda amicitiae officiis anteponeret. Quod magis doleo, non pauca utriusque operis periere membra, quae sane studiosos delectarent, auctori gloriam parerent. Numquam mīnus appetentem gloriae poëtam Apollinis scholae protulerunt. Ubi novum partum mens illa conceperat, protinùs iniquus pater non umbilicis inauratis, non minio distinctis, sed vilibus chartis, vel epistolae dorso commendabat, vel in calce libri cujusvis exponebat. Unde illum amici eisdem versibus plerunque compellarunt, quibus Sybillam Aeneas apud Virgilium: *Foliis tantùm ne carmina manda, ne turbata volent rapidis ludibria ventis.* Certum est, nisi per amicos stetisset, vix potuisse conflari parvulum hoc volumen: quod tamen in duplum excresceret, si omnia ejus scripta extarent: vel ipse rebus suis eo amore indulgeret, quo multi indocti Narcissi suas admirantur. Ego quidem plura ab amicis accepi: non pauca meo labore, et industria, veluti aucupio collegi, quae vel in discrimine pereundi, vel mutandi patris versabantur. Posquam Borgia à publicis muneribus obeundis ad otium, et quietem se convertit

jam senescente aetate: ipse etiam, qui pari annorum passu Maecenatem suum sequebatur, in urbem patriam se recepit. Ibi cum amicis conversari, animum omnibus pietatis officiis excolere, à Musis tamen nunquam recedere. Eo nos prorsus tempore hominem novimus. Valentiam veni anno á partu Virginis septuagessímo septimo supra millessimum, et quingentessimum. Hanc mihi sedem elegeram agitandae redemptionis nostrae, et fratris: qui in Melitensi triremi adversa tempestate pene eversa à piratis ad Sardiniam capti, Algeriumque in Africam trajecti cum Praetore barbaro conveneramus, ut ego in patriam demitterer, cum statuto pretio libertatis utriusque rediturus. Cum urbem adiissem, nihil mihi potius fuit, quam ut Falconem convenirem, cujus fama omnes regni illius sinus peragrabat. Conveni, audivi, amavi. Minor enim erat fama homine ipso. Duobus annis ut patrem colui, ut magistrum veneratus sum. Utraque ille officia et patris, et magistri indulgentissime praestitit. Inter alia Artem Poëticam Horatii mihi sedulo explanavit, eademque ipsa scholia dictavit, quae his libris subjunximus. Ad studia literarum penè jam Musarum oblitum excitavit, languentem ad Poësim impulit, et quasi futuri praesagus omnibus me

amicitiae vinculis obstrinxit. Fatigabatur tunc gravissima Geometriae parte. Cum non solum res magnas suscipere, sed vehementer arduas, plenasque laborum à mente indefessa cogeretur, imposuerat sibi circuli Quadraturam invenire. In quod studium tanta animi contentione incubuit, ut saluti ejus ab amicis omnibus timeretur. Noctes integras insomnes agere, saepius coenae, saepius sui esse immemorem, vigilantem, et dormientem inter circinos, et lineas versari, aliquandò non firmae mentis videri. Fama est operis magnitudine deterritum voluisse se tam gravi oneri subducere, in eamque mentem auxilium Dei, hominumque religione insignium invocasse: contracto tamen habitu assuetudine meditandi nullo modo potuisse curam exuere. Sed de his latius agemus in ipsis Geometriae commentariis, quae propediem edituri sumus, ubi Quadraturas circuli pluribus modis feliciter tentatas exhibebimus. Id tantum in amici commendatione addam, quod refert Arnoldus Union Belga in eo opere, cui nomen dedit *Lignum vitae* tom. 2. cap. 40. pag. 2. Frater Jacobus Falco Hispanus Valentinus, ordinis Montesiae miles, admirabilis ingenii vir. Quod enim ante ignotum, suo nobis manifestavit ingenio: paucis nempe abhinc annis Qua-

draturam circuli noviter adinvenit, et de ea insignem tractatum scripsit, qui excussus est Antuerpiae apud Joannem Bellerum anno 1591. Haec ille. Cùm Falco his curis tam graviter urgeretur, nullo modo ad humaniora studia revocari potuit: cum jam abundaret otio, vel ad incohata opera perficienda, vel imperfecta saltem expolienda. Ideo multa hic imperfecta, multa inornata damus, aliqua minus correcta: quae vos boni consulturos speramus, praesertim cùm intellexeritis quo casu, qua fortuna haec penè jam extincta monumenta è tenebris in lucem venerint. Animam egerat Falco extra patriam. Dispersa erant ejus scripta inter multorum manus. Plura Valentiae habebat Franciscus Beneitus, vir nobilitate, et religione clarus: illa, ut erat Falconis amicissimus, memoriae tradere summoperè optabat. Adversabantur aliqui levibus quidem de causis, partim viri graves, partim grammatici: haud scio an gloriae suae, et patriae, an Falconis invidentiores. Ita ingrata Patria scripta vitâ dignissima cum auctore suo sepeliebat: et honore fraudabat non eos solum, qui in hoc libro laudantur, sed qui in satyris accusantur. Scitè meo judicio Hetruscus quidam, pluris, inquit, facerem a Dante Aligerio, gravissimo illo poëmate Inferis ac-

signari, quam ipsius Hetruriae Reguli opibus, copiis, dignitate frui. Magnifica verò vox, et homine Romano digna. Si enim impius ille Dianae Ephesinae hostis, vel per incendia nominis famam quaerere non dubitavit, quanto gloriosiùs immortalitatem sibi vindicabunt illi, quorum nomine ab homine sapientissimo leviter joco praestricta aeternum victuris carminibus posteritati commendantur. Novus casus litem diremit. Almadae in Lusitaniâ agebam, qui locus Ulisiponi imminet, brevi freto interfluente Tago, saluber coelo, fontibus exuberans, Musarum otiis commodissimus. Vita erat curis libera, et pene rusticana, practerquam quòd praefecturam mihi imposuerat Rex septingentorum peditum, equitum ferme centum, qui nobis ad signa, si quando res postulabat, praesto erant. Ad fuerunt Gubernatores Regni, curiam Almadam transferentes. Aedes oppidi sibi in hospitium distribuunt: cum plures, nec incommodae superessent, meas etiam sibi postulant: quae postulatio iniqui plena imperii contra morem patrium, et morum instituta, Regumque leges mitissimas satis indicabat, nova illos veteris in me offensae recordatione, jam diu compressum odii virus opportunè evomere, nequaquam in memoriam revocantes, dede-

cere principes viros, quales ii essent, in privatam vindictam potentiâ publici magistratûs abuti. Cum vehementer animo commotus essem, nova, et inaudita metamorphosis indignantes parietes injuriae subduxi; in fumum, et cineres abiere. Ad Regem deinde Mantuam Carpentanorum festino, Regem indulgentia in nostros, aequitate in omnes Lusitanorum Regum vere successorem. Ita quinqueviratus ille invidiam sibi non levem conflavit, mihi inopinatum exilium peperit, Falconi gloriam attulit. Ubi Mantuam veni, nihil potius duxi, quam ut amici memoriam consecrarem. Scripta ex omni parte collegi, disposui, in libros distribui, laborem ingentem suscepi. Ita erant omnia dispersa, et involuta, et sibi dissidentia. Multum mihi addit animi Comes Ficalii, Joannes Borgia, Mariae Imperatricis domûs Praefectus, Magistri nepos ex fratre, vir gravissimus, cujus exstant monumenta doctrinae, et eruditionis plena. Multum acuit Venerabilis Thomas Malacensis Episcopus, Magistri frater. Non parum attulit adjumenti Beneitus, qui a Falcone haeres ex testamento nuncupatus, scripta omnia, quae potuit, tam Poëtica, quam Geometrica cogere, diligenterque ad me mittere curavit. Vixit Falco annos duos, et septuaginta. Obiit

Mantuae Carpentanorum: in templum Societatis JESU tumulo receptus, anno 1594. Ad extremum usque spiritum, cum per occupationes licebat, studiis vacavit. Caelibem vitam perpetuò egit. Amicos officiosissime coluit. Qua etiam de causa extra Patriam diem clausit: cum septuagenarius non dubitaret Maecenatis sui vitâ jam defuncti causâ curiam adire, Regem convenire, et de amici rebus constantissimè agere. Constans est fama, Regem sapientissimum hominis constantiam admiratum Regio oraculo colaudasse: nullum se in tota Republica meliorem Falcone hominem habere. De immortalitate animorum, de solutione naturae ubicunque occurrebat, avidè, et jucundè disputabat acerrimus immortalitatis demonstrator: quippe cui omnia bona in morte sita esse judicanti proprium pondus animi solertiam acuebat. Cum ad me scriberet, haec ferme fuere verba: de communibus amicis, ut scribam, oras: Gombaum scito fatis concessisse; paucis post diebus Christophorum. Clemens in Maioricam missus est, in Sardiniam Moncada, ambo magistratum acturi: verum, si mihi credis, melius cum mortuis actum esse opinor. Haec ille. Plures in Falcone virtutes excelluere, comitas, liberalitas, continentia, laborum tolerantia,

contemptio fortunae. Ea fuit modestia, ut cum ad unum universa ordinis Montesiani administratio deferretur, Praefectus a Rege ipso loco, ac nomine Regio nuncupatus, tanto se honore dignum constanter negaret: nec prius provinciam susciperet, quam vi Regii imperii compulsus est. Ne plura dicam, ita pium se in omnibus, ita philosophum gessit, ut Christianum Platonem posses dicere. Talis vobis hominis, studiosi Lectores, lucubrationes offero: vaticiniumque non Delphicum, sed verum praecino, nemini quidem, qui virtutis viâ insistat, et memoriâ digna connetur, defuturum, qui laudes ejus celebret, nomenque posteris mandet.

Valete.

No principio do primeiro tomo da Monarchia Lusitana, vem a obra que se segue.

D. EMMANUELIS SOSAE COTTIGNI Carmen Heroicum in laudem Fratris Bernardi de Brito.

DIscute luctificâ squalentem fronte capillum,
O qui turbato jam pridem volveris amne,
Necte sacras lauros, et priscum crinibus aurum,
Amissosque animos iterum, Tage, nubibus aequa.
Magna, quod optanti nostrûm permittere nemo
Auderet, rerum series jam nascitur: ecce
Ripis, ecce tuis genuit tibi Patria civem
Illustri egregium partu, quo clarior orbe
Jactabit nullo tellus se Lysia tantùm.
Arte potens, opibusque animi Bernardus ab alto
Ducet Lysiadum famam, et monimenta tuorum,
Ex quo prima novis Aurora invecta quadrigis

Splenduit humano generi: dehinc arma triumphis.
Inclyta, tunc sanctos repetens ab origine mores,
Longa vetustatis, rerumque arcana movebit.
Vela sed in ventos jamjam fluitancia pandit.
Adsis ò propiùsque juves, da Nerëa mitem
Eurumque, et Zephyrum, Hesperii Rex maxime fluctûs.
Mirificum tibi furgit opus, quo vulnera nostra
Obnubi tandem potuerunt, licèt impia Parca,
Dum res ambiguae, dum spes erat ulla futuri,
Insultare dedit, fatoque incumbere tristi
Venales Italûm calamos, quos ater in iras
Exacuit livor, fellisque immane venenum.
Lege tamen stabili succedunt laeta dolori.
Ascipe ut inducant primam haec in litora gentem
Semina Pyrrhaei lapidis, durum genus unde
Decidimus, primam ut nobis Tubal optimus arcem
Erigat, Hesperiae caput, imperiumque futuram.
Ut Lenaeus agens Nysae de vertice Tigres
Orbe triumphato, primùm his consedit in oris

Nomina Lysiadis socii de nomine signans.
Admiranda quibus, post longum scilicet aevum,
Vertere claustra datum Oceani, et nova sidera mundi,
Indûmque, atque suam ratibus transcendere Nysam
Occultâ fati signatum lege sciebat.
Addit Ulyssaeis fundatam viribus urbem.
Ostentat raptas Aquilas, fractumque Quirinum,
Multatosque Gothos, atque agmina Vandalorum,
Marte levem quoties armavit Lysia pubem.
At geminas hùc flecte acies: nova gentis origo,
Religione potens, cerne, ut se tollit Olympo,
Et numerum sanctis altaribus auget, ut inde
Vera fides longos nitet intemerata per annos.
Exin gentem Arabûm, pugnataque in ordine bella,
Nostra jugo quorum nunquam se colla dedere.
Testantur multae servatis maenibus arces.
O quantos Reges! Quam fortia pectora! Magnos
Alphonsos, et Joannes, Petrosque severos.

Aspice Cottinos, genus insuperabile bello.
Aspice Iberorum vulnus, stragemque Pereiras,
Almeydas Indi cladem, Libyaeque Meneses,
Noronias, Sylvasque, et belli fulmina Sosas,
Heroasque alios natos melioribus annis,
Martia quos stabili decorarunt vulnera famâ.
Sed quid ego annale, tantarum stringere laudum
Versibus exiguis tentem? Non si mihi Phaebus
Et citharam, et vim sufficeret, vocisque, melosque.
Ergo unde Hesperiae rector, dominator Eole,
Laudibus ingentem gratus fer ad aethera alumnum:
Aurea quo tandem componas tempora, reddens
Serta tibi, luctumque hosti, Patriaeque salutem.

Epigramma de Manoel de Sousa Coutinho, *que elle mandou pôr em publico no dia da collocação das reliquias dos Santos Martyres, que se leváräo á Igreja de S. Roque a 25 de Janeiro de 1588, entre os mais versos da festa com o titulo seguinte.*

Cumanae Sybillae oraculum, quod Astrologorum vanitas in deterius mutaverat.

Postquam ter Phoebus quingentis cursibus, actos
A nato in terris numine, tollet equos.
Octogessimus octavus venerabilis annus
Lysiadum genti gaudia summa feret.
Si non hoc anno pravae mala semina sectae,
Si non cum Libyco Thrax ferus hoste ruit.
At supplex manibus vinctis post terga Britannus
Hispano subdet perfida colla jugo.
Prisca fides, et religio, pietasque, pudorque
Aurifero referent aurea secla Tago.
Parva loquor, Divis toto procul orbe fugatis,
Ipse Tagus sedes, et pia templa dabit.
Tantus erit profugis honor, atque triumphus, ut inde
Jam coelo incipiant ossa beata frui.

Vida do Patriarca S. Domingos, dividida em 17 disticos, que se achão debuxados em o azulejo, que cobre as paredes do claustro do Convento de S. Domingos de Lisboa.

VEra vides, gentrix; coelestem condis in alvo,
Qui mundum accenso personet ore, canem.

Fax in ventre latens jam sacro fonte lavatus
Aurora est, ardens postmodo Plaebus erit.

Absumens parvum pia litem flamma diremit.
Et sanctum innocuum ter repulère faces.

Accipe ab aethereo missum tibi munus Olympo,
Orbis tutamen, diliciasque meas.

Pro Christo certans, scutum Crucis objicit hosti,
Hanc solam, illaeso milite, tela petunt.

Qui potuit quondam templi cohibere ruinam,
Per sobolem verus nunc quoque fulsit Atlas.

Nate, quis in miseros tantus furor? Aurea terris,
Hoc duce, restituet saecula prisca fides.

Quas saepe coeli praenuncia signa probârunt,
Aeternâ leges consecro lege tuas.

Lustret, et illustret mens aemula Solis ut orbem,
Legis Evangelicae est rector hic, ille viae.

Arte laboratam nostrâ tibi suscipe vestem,
Reginalde, mei stigmata Dominici.

Prodigus ad poenas renuitque, horretque Tiaras:
Omnis anhelanti sidera sordet honos.

Ferrea vincla diu, terque horrida verbera noctu
Aeterna repetunt conditione vices.

Quae non monstra tibi, quae non miracula cedent,

Cui toties spoliis mortis onusta manus!

Felix paupertas! Quid non speremus egeni?
Coelicolûm, o socii, pascimur ecce penu!

Corpoream excedit molem super aëra raptus,
Nec pavet insidias, hostis inique, tuas.

Qui potuit pluvias cohibere, et claudere nubes,
Hunc mirâ populi religione colunt.

Ergo triumphales, victor, fer ad aethera passus;
Sacra manus oneret palma, corona caput.

No principio do livro intitulado Cazamento Perfeito, *auctor Diogo de Paiva de Andrade, vem de* Manoel de Sousa Coutinho *este*

SONETO.

Os meios de louvar-te me negaste,
Buscados, mas em vão, do obedecer-te;
Que de chegar, Senhor, a conhecer-te
Admirações sómente me deixaste.

Deste perfeito assumpto, que tomaste,
Quiz devidos elogios escrever-te;
Mas vejo que o louvor chega a offender-te,
Por não poder chegar ao que chegaste.

Mas ainda assim isento de aggravar-te
Só devia louvar-te justamente,
Pois te julgo o mais digno de louvar-te.

No que do mundo illustra Phebo ardente
Que parte em teu louvor não terá parte?
Que siente sem ti será siente?

No principio do livro intitulado Gigantomachia, *auctor* Manoel de Gallegos, *vem de* Manoel de Sousa Coutinho *este*

SONETO.

UNicos son dichosos vuestros males,
Pues que gozais vencidos grave empleo:
Si aspirasteys deyad, ya tanta os veo,
Que con los mismos dioses soys iguales.

La ciega presuncion de los mortales
Ha consiguido el fin de su desseo;
Con Jupiter se iguala el gran Typheo,
Uno, y otro en tu canto ya immortales.

Y tu por màs que Jove poderoso,
Bive gloriosamente en la memoria
A pezar de la embidia, y tiempo avaro.

El vence un esquadron por licencioso,
Tu le dàs fulminado tanta gloria,
Que Jupiter trocara el poder raro.

No livro intitulado Discursos Varios Politicos, *auctor* Manoel Severim de Faria, *impresso em Evora em 1624 vem de* Manoel de Sousa Coutinho *este*

EPIGRAMMA.

QUod Maro sublimi, quod suavi Pindarus, alto
Quod Sophocles, tristi Naso, quod ore canit.
Maestitiam, casus, horrentia praelia, amores,
Juncta simul cantu, sed graviore, damus.
Quisnam auctor? Camonius. Unde hic? Protulilit illum
Lysia in Eoas imperiosa plagas.
Unus tanta dedit? Dedit, et maiora daturus,
Ni celeri fato corriperetur, erat.
Ultimus hic choreis Musarum praefuit: illo
Plenior Aonidum est, nubiliorque chorus.
Flos veteris, virtusque novae fuit ille Camenae:

Debita jure sibi sceptra Poësis habet!
In Lusitanos Heliconis culmína tractus
Transtulit antra, Lyras, serta, fluenta, Deas.
Currere Castalios nostra de rupe liquores
Jussit, ab invito prata virere solo.
Çerne per incultos, Tempe meliora, recessus,
Cerne satas sterili cespite, veris opes.
Omnibus Occidui rident tibi floribus horti,
Non ego jam Lysios, credo, sed Elysios.
Orpheüs attonitas dulci modulamine cautes
Traxit, et ab stygio squalida monstra foro.
Thessalicos, Lodoice, sacro dum flumine montes
Pieridumque trahis, Coelicolumque choros.
Sunt maiora tuae Orpheis miracula vocis:
Attica, quid faceres, si tibi lingua foret.

Na Biblioteca Lusitana, tom. 2. *Art.* Fr. Luiz de Sousa, *vem de* Manoel de Sousa Coutinho, *feito na occasião, em que deitou o fogo ás casas da sua quinta de Almada, este*

EPIGRAMMA.

INvide, quid nostris insultas aedibus? aut quid
Exilio causas nectis, alisque moras!
Molire, expone, implora, minitare, reposce
Vindictam, laqueos, jura, pericla, necem
Conjurent tecum fortuna, occasio, leges;
Longe aliò nobis lis dirimenda foro est.
Quos flama absumpsit, redolet mihi fama Penates;
Ponet et aeternam non moritura domum.